

# THE X-FILES™

**JONATHAN MABERRY**  
Autor best-seller do New York Times

**ADVOGADO DO DIABO**

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO  
ARQUIVO X

 Harper  
Collins

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

67-Wfo-72016

## AGÊNCIA DE FEDERAL DE INVESTIGAÇÃO — FBI

Data 1º de abril de 1979

Relatório de Campo

30 de março de 1979

Seguindo realocação de Martha's Vineyard para Washington, BILL MULDER e o filho estão sob vigilância para garantir obediência. O trabalho de Mulder no projeto [REDACTED] [REDACTED] é crítico a esta altura. Trabalho na DE, no QG, no Pentágono e no [REDACTED].

FOX WILLIAM MULDER, 17 anos de idade, apresenta memória fotográfica e alto nível de inteligência. Ele não tem conhecimento das circunstâncias em torno do desaparecimento de [REDACTED] — o agente pode [REDACTED] para mantê-lo desinformado, a seu critério. Avaliar futuro recrutamento para [REDACTED] dentro da DE.

Observar também seu relacionamento com [REDACTED]; pai [REDACTED] trabalhou na Base Aérea de [REDACTED]. Esposa foi [REDACTED].

A esposa/mãe TEENA MULDER permanece na antiga casa da família e não está sob vigilância.

— X

Relatório de campo

1o de abril de 1979

CAPITÃO SCULLY recentemente foi realocado com a família da Base Naval de Miramar de volta para Annapolis, MD. Possível promoção para almirante em discussão. Transferência foi iniciada pelo [REDACTED]. Filha mais nova, DANA KATHERINE, nascida em 23 de fevereiro de 1964. Vacina contra [REDACTED] no 29510 administrada em [REDACTED].

Aos 15 anos, exibe sinais de ver [REDACTED] e/ou pós-morte. Considerar observação e teste pelo departamento de pesquisa e inovação. Tais [REDACTED]

podem ajudar departamentos a se comunicarem com [REDACTED] com que  
firmamos acordo em 13 de outubro de 1973, na Base Aérea de [REDACTED].  
Prosseguir com vigilância. Testar usando protocolo de [REDACTED].

— Agente Gerlach

Data 10 de abril de 1979 Em Washington, Maryland Arquivo nº

Agentes      X      Data do arquivo

THE X FILES™  
ORIGENS

# ADVOGADO DO DIABO

JONATHAN MABERRY

Tradução de André Gordirro



Harper  
Collins

Rio de Janeiro, 2017



Título original: The X Files Origins: Devil's Advocate  
The X Files (TM) & (c) 2017 Twentieth Century Fox Film  
Corporation. Todos os direitos reservados.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela HarperCollins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Citação de The Space Between de Brenna Yovanoff; usado com permissão da autora.

Rua da Quitanda, sala 218 — Centro — 20091-005  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil  
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M111a

Maberry, Jonathan

Advogado do diabo: the X files: origens / Jonathan Maberry ; tradução André  
Gordirro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.

320 p. : il.

Tradução de: The X-files origins: devil,s advocate

ISBN 9788595080959

1. Ficção americana. I. Gordirro, André. II. Título.  
17-39409

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3



# SUMÁRIO

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

## **[PARTE UM | ANJOS E DEMÔNIOS](#)**

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

## **PARTE DOIS | O MUNDO MAIOR**

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

## **PARTE TRÊS | A IDADE VERMELHA**

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça a história de Fox Mulder](#)

[Ficha técnica](#)

"Dedicado a Catherine Rosenbaum, minha amiga e irmã de espírito."  
Ela sempre acreditou...

E, como sempre, para Sara Jo.







# PARTE UM

## ANJOS E DEMÔNIOS

O diabo também é um anjo.

— Miguel de Unamuno

# CAPÍTULO 1

Residência dos Scully

Craiger, Maryland

1º de abril de 1979, 19h29

— Eu quero acreditar — disse Dana Scully.

Melissa Scully olhou para a irmã. Dana estava sentada perto dela, com o cabelo ruivo emaranhado pelo vento e os olhos azuis fixos no céu que escurecia. Acima da folhagem da copa, as primeiras estrelas de um abril novinho em folha se acendiam. A lua crescente, cada vez mais brilhante, estava baixa e abria caminho até o campanário da igreja vazia do outro lado da rua. Na grama alta, um grilo solitário trinava, chamando por outros que ainda não haviam nascido.

— Acreditar no quê? — perguntou Melissa, enroscando um cacho do próprio cabelo ruivo no dedo.

— Em tudo — respondeu Dana. Ela estava sentada com os joelhos erguidos, abraçando as canelas, com a bochecha apoiada em um joelho. — Nas coisas que você não para de falar. Nas coisas que a vovó sempre fala. — Dana deu de ombros. — Em tudo isso.

— Então acredite — disse Melissa, também dando de ombros. — O que te impede?

Dana não falou nada por muito tempo, e o grilo era o único som no ar. Os últimos fogos do crepúsculo estavam se apagando, e as faixas de vermelhos, dourados e lavanda pintadas no céu se misturavam, transformando-se na cor uniforme de uma ameixa podre. Escura, roxa e feia. Um maremoto de nuvens tempestuosas vinha rolando do sudeste, e a brisa tinha cheiro de maresia e ozônio. Embora o calor estivesse fora de época para o início de primavera, a tempestade trazia o ar frio e úmido com ela.

Quando Dana finalmente falou, a voz saiu baixa, distante, mais como se estivesse falando consigo mesma do que com Melissa.

— Porque eu não sei se são realmente visões ou apenas sonhos.

— Talvez sejam a mesma coisa.

Dana disparou um olhar para a irmã.

— Sério? Porque, na semana passada, eu sonhei que o Bo, de *Os Gatões*, me pegava na escola e a gente dava um passeio naquele carro idiota dele e depois ficava loucamente no estacionamento da igreja.

— Você nunca ficou com ninguém.

— Essa é a questão. E quando ficar... *se* ficar... você jura que vai me dizer sério que vai ser com um adulto qualquer de uma série de TV? Ele é velho. Tem uns vinte anos ou algo assim, então também seria ilegal. Você não pode dizer que estou vendo meu próprio futuro.

Melissa riu.

— Ok, talvez nem *todos* os sonhos sejam profecias, mas alguns são. E às vezes esses sonhos são realmente importantes.

— Como você *sabe* disso? — perguntou Dana.

— Todo mundo sabe disso. Sonhos... ok, *alguns* sonhos... são nossos olhos internos se abrindo para as possibilidades do infinito.

Dana suspirou.

— Você sempre diz coisas assim.

Elas ficaram sentadas e viram o céu cor de hematoma ficar preto. Bem longe, ao sul, um clarão de relâmpago formou veias no interior das nuvens tempestuosas que se aproximavam. O trovão resmungou em um ponto distante. As primeiras brisas saíram rodopiando pela noite, açoitaram as folhas e levantaram as pontas do cobertor das irmãs. Melissa fechou os olhos e se inclinou na direção do vento, sorrindo quando ele fez carinho em seu rosto.

O vento sumiu aos poucos e tudo ficou quieto novamente, a não ser pelo grilo solitário, que começava a parecer desesperado.

— Talvez, se você me contasse sobre o que era o sonho — disse Melissa, ao se voltar para encarar a irmã —, eu poderia te ajudar a entender se foi um sonho ou uma visão.

Dana fez que não com a cabeça.

— Ora, vamos... Você está de mau humor o dia inteiro. Isso obviamente está te chateando, então por que não me conta?

Lá no alto, em algum ponto no escuro e invisível do céu, elas ouviram uma súbita batida de asas e o grito solitário e melancólico de um corvo. Dana sentiu um calafrio.

Melissa estendeu a mão e tocou no braço da irmã. A pele de Dana estava toda arrepiada.

— Cruzes, você quer entrar e pegar um agasalho?

— Não estou com frio — disse Dana.

Melissa franziu a testa.

Dana disse, finalmente:

— Eu sonhei... Eu vi... uma coisa ruim.

A voz estava baixinha. Mais jovem do que seus quinze anos. Melissa se aproximou e passou o braço pelos ombros de Dana.

— O que você viu? — perguntou ela.

Dana se voltou para a irmã, e o luar revelou duas linhas pálidas em suas bochechas. Rastros prateados de lágrimas que desciam sinuosos, correndo dos olhos para o queixo.

— Eu sonhei que vi o diabo.

# CAPÍTULO 2

Lado de fora da residência dos Scully

22h07

O carro estava parado discretamente no meio-fio, com as luzes e o motor apagados.

Havia duas silhuetas sentadas nos bancos da frente. O ar estava frio, e os dois homens estavam com as golas levantadas e chapéus bem baixos na cabeça. A rua estava em silêncio e uma chuva fina batia no capô do carro, pingava nas poças e pesava na grama. O asfalto molhado parecia um rio de óleo que serpenteava e envolvia as casas às escuras.

As duas silhuetas observavam o lar da família Scully, primeiro na escuridão, depois iluminada por um último clarão de um relâmpago distante.

— Ela serve — disse o passageiro, rompendo o silêncio.

— Tem certeza? — perguntou o motorista.

— O tempo dirá.

Ouviram um som do banco de trás, e ambos se voltaram para ver outra silhueta ali, corpulenta e ensopada pela chuva. A terceira figura, um grandalhão em um uniforme azul-escuro, estava curvado, com o rosto nas mãos trêmulas, soluçando baixinho.

— Por favor — sussurrou ele. — Por favor, não...

Os dois homens na frente se entreolharam e viraram o rosto.

Um raio lampejou mais uma vez e contornou o desenho da casa com um brilho branco-azulado.

O homem ao volante sorriu com dentes tão brilhantes quanto o relâmpago.

— Ela serve.



# CAPÍTULO 3

Residência dos Scully

22h09

Dana rezou para que não tivesse o sonho outra vez naquela noite.

Rezou fervorosamente, de joelhos, mãos e dedos entrelaçados, tentando se concentrar na prece, apesar da música que vinha do quarto ao lado.

O quarto de Melissa ficava do outro lado de uma parede fina. Ela estava num daqueles estados de espírito em que tocava o mesmo álbum sem parar. Hoje era a vez do disco do *Fleetwood Mac* lançado quatro anos antes, quando Melissa tinha treze anos. Às vezes a irmã punha álbuns inteiros para tocar, sem parar, a não ser para virar o disco; e aí havia longos períodos em que ela tocava e repetia a mesma canção. Ultimamente era “Rhiannon”. Melissa estava relendo *Triad: A New Novel of the Supernatural*, de Mary Leader, o livro que inspirou a canção. A irmã acreditava que ela, como a personagem da música, era a reencarnação de uma bruxa galesa.

Aquela era Melissa.

Dana respirou fundo, fechou os olhos com força, levou a mão à pequena cruz que usava em uma corrente dourada — igualzinha à de Melissa — e tentou novamente recitar a prece à Virgem.

— Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na nossa hora de nossa morte. Amém.

Dana não era tão zelosa quanto queria ser. A fé, como a crença em qualquer coisa que fizesse parte do mundo espiritual, exigia esforço da parte dela, mas ao mesmo tempo a interessava. Dana gostava do método e da estrutura de rituais e preces; eram como fórmulas para ela. Dana ia à igreja, mas não tanto quanto a mãe queria. Ela sabia que havia respostas ali, mas talvez não para suas perguntas. Ou talvez fosse o instinto que dizia para Dana que a igreja não responderia a todas as questões. Ela não tinha certeza.

Dana terminou a prece, levantou, sentou na beirada da cama e abriu a Bíblia, onde colocou uma pena como marcador de livro. Era uma pena de corvo que havia encontrado no último degrau da varanda. Usou a ponta macia e reluzente para afagar as palavras enquanto lia a passagem. Segunda epístola de Coríntios, capítulo onze, versículo catorze.

— “Isto não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz.”

Essas palavras atormentavam Dana.

Desde que se mudara para a cidade de Craiger, Maryland, há alguns meses, Dana começou a ter sonhos mais frequentes e realistas. Lá em San Diego, os sonhos ocasionais eram estranhos, mas meio divertidos. Ela sonhava com o fim de um filme antes de a família assisti-lo. Sabia o nome de alguém antes de ser apresentada. Os sonhos eram como uma espécie bizarra de *déjà vu*, porque ela geralmente só se lembrava deles quando a essência dos sonhos se tornava a realidade do momento. Não que Dana tivesse muitos sonhos assim. Eram poucos, que vinham dispersos em alguns meses. Eles só ficaram estranhos e sombrios ali em Craiger. E ela estava tendo aqueles sonhos com uma frequência muito maior. Talvez fosse a cidade. Talvez fosse porque Dana se sentia excluída ali.

Ela ainda não tinha amigos. Não de verdade. Melissa, que era dois anos mais velha e veterana do ensino médio, conseguia fazer amigos em qualquer lugar. Ela era esse tipo de garota. Dana, não. Ela sabia que era uma pessoa difícil de se gostar porque passava muito tempo dentro da própria cabeça. Ter deixado nove anos de colégio católico para começar o primeiro ano do ensino médio em uma escola pública não ajudava. Dana estava nervosa com a falta de estrutura ali — ela estava acostumada a uniformes e regras. Estava se esforçando para se adaptar à escola, enquanto Melissa agia como se tivesse se libertado da prisão.

Dana colocou a Bíblia de lado e, como se levantou sentindo-se tensa e dolorida, desenrolou o tapete de ioga. Isto era uma novidade para testar. Melissa se viciou em ioga lá em San Diego e jurava que era o caminho para a iluminação. Dana se contentava em ter algo para desfazer os nós dos músculos. A postura da montanha era um ponto fácil para começar. Ela se empertigou com os joelhos juntos, ombros relaxados, peso distribuído igualmente nos pés, braços nas laterais do corpo. Depois, respirou fundo e ergueu as mãos acima da cabeça, com as palmas voltadas uma para a outra, de braços esticados. E manteve as mãos ali, se concentrando na respiração e em deixar que os músculos relaxassem.

Ioga provavelmente era outra coisa que as garotas no colégio achariam esquisita.

Havia uma hostilidade clara e distinta na escola que todo mundo aceitava como normal. Era como uma linha divisória invisível entre filhos de militares, como elas, e os locais. Dana vira essa hostilidade em San Diego e com certeza estava presente ali em Craiger — embora nunca parecesse afetar Melissa. A irmã sempre foi capaz de transitar entre os dois grupos, e as pessoas pareciam simplesmente aceitá-la. E gostar dela. Nunca era tão fácil assim para Dana.

Se alguém ali no colégio soubesse o que Dana vinha sonhando ultimamente, eles realmente se afastariam. Não a tratariam apenas como uma estranha... Teriam certeza de que ela era uma aberração.

Era por isso que Dana não falava dos sonhos para ninguém.

Afinal de contas, como ela conseguiria explicar que viu o diabo?

Dana também não contou toda a verdade para Melissa, naquela noite. Não contou que vinha tendo aqueles sonhos desde que eles se mudaram para lá — não apenas uma vez, mas quase todas as noites. Havia algo naquela cidade. Não era normal, de uma forma que Dana simplesmente não conseguia descrever. Ou compreender.

Ela se cansou da postura da montanha e se deitou com o rosto virado para o tapete para fazer a postura da cobra. Espalmou as mãos com os polegares diretamente embaixo dos ombros e estendeu as pernas com as pontas dos pés no tapete. Depois, contraiu a região pélvica — um gesto que sempre causava estranheza e vergonha —, baixou os quadris e retesou os glúteos. Então, muito lentamente e de forma constante, Dana empurrou o piso para erguer a cabeça, os ombros e a parte superior do tronco, enquanto mantinha a barriga e pernas no lugar. No ponto máximo de elevação, ela tentou apontar o peito para a parede do outro lado. A ideia era realizar o movimento, relaxar e repetir, mas Dana manteve a postura e sentiu os músculos da lombar se desatarem. Houve dois pequenos estalos quando alguma coisa na coluna se encaixou. Aquele movimento esvaziou uma bola de tensão que esteve em cima de sua lombar o dia inteiro.

Ok, talvez aquele lance de ioga tivesse algo de especial, afinal de contas.

Ela relaxou e repetiu o movimento, novamente mantendo a postura.

Do outro lado da parede, Melissa cantava junto com o vocalista de voz estridente. Ela cantava sobre ser levada pelo vento. Sobre ter recebido a promessa do céu. Aquilo provocou outro vislumbre dos sonhos que Dana vinha tendo. Eles eram diferentes e vinham em fragmentos, como se ela estivesse tentando ajeitar uma antena de TV um pouco fora de sintonia. Havia trechos de imagens, pedaços de palavras, mas nenhuma história de verdade em qualquer um deles. Uma coisa, porém, era constante, e fez Dana se sentir estranha, confusa e até um pouco culpada: nos sonhos, o diabo sempre se parecia com um anjo. Tão puro e lindo. Dana sabia que Lúcifer fora o Anjo da Luz. Era uma coisa confusa, porque no colégio católico ela sempre imaginou o diabo como medonho e feio. E se ele não fosse assim? E se fosse lindo? Talvez, pensou Dana, isso explicasse por que era tão fácil algumas pessoas serem seduzidas por ele.

O anjo com que ela sonhava tinha olhos bondosos, mãos delicadas e um sorriso meio triste. Ele se sentava na beirada da cama e sussurrava segredos para Dana, segredos que ela não conseguia lembrar quando acordava.

Mas Dana sabia que era importante para o diabo que ela acreditasse nele. Que acreditasse que ele não era mau. Que era incompreendido. Que o diabo era, na verdade, bom.

No fundo, Dana se perguntava se a maldade realmente existia. Afinal de contas, se Deus criou o universo e tudo contido nele, então Ele também criou a maldade e o diabo. E por que teria feito isso? Não fazia mais sentido que o diabo estivesse ajudando Deus ao perseguir as pessoas confusas e levá-las na direção da fé e da salvação?

Dana tinha certeza de que as freiras no velho colégio ficariam furiosas com ela por causa desse tipo de raciocínio.

Ela se deu conta de que tinha ficado na postura por tempo demais e agora a tensão liberada nas costas tinha voltado. Dana baixou o corpo até o chão, depois rolou de costas e encarou o teto. Do lado de fora, veio um estrondo de trovão que pareceu com uma risada.

Não uma risada ruidosa de uma festa ou a própria gargalhada rouca do pai quando estava em um dos seus raros momentos de bom humor. Não, aquilo foi diferente. Mais sombrio. Era uma risadinha cruel. Como se a noite estivesse rindo de um segredo que não queria contar. O vento sibilou pelas árvores como uma cobra.

No quarto ao lado, a canção recomeçou, a irmã cantou e o tique-taque do relógio avançou noite adentro.

# CAPÍTULO 4

Craiger, Maryland

23h59

— Calma — disse o homem. — Eu não vou te machucar.

Ele tinha o rosto de um anjo e, para ela, era o que tinha sido por meses. Seu anjo. Tão real quanto qualquer anjo em que ela acreditava.

A voz do homem era suave e jovem, mas os olhos eram antigos, e eles fizeram a garota estremecer. A cabeça dela doía, e a sala parecia cambaleiar e se inclinar. Havia algo de errado com sua cabeça — pelo menos isso a garota sabia, embora não conseguisse lembrar exatamente o que aconteceu.

O carro? Algo com o carro? Sim, não... talvez?

Ela estava dirigindo?

A garota se lembrava de ter saído da festa e de não ter gostado da forma como um cara estava pegando nela. Ou da maneira como os outros garotos olhavam para ela e riam. Ela se sentiu como um pedaço de carne em um espeto de churrasco, virando sem parar, sendo assada nas chamas quentes dos sorrisos dos garotos.

Ela tentou pensar, desanuviar a mente, mas era tão difícil. Pensar doía. Havia uma dor constante e incômoda, como se apertassem as laterais de seu crânio, e uma pulsação forte atrás dos olhos. Era quase tão ruim quanto uma enxaqueca, mas a sensação era diferente. Ela sentia algo diferente. Não era enjoo, como da vez que sentiu cólicas tão fortes que provocaram uma enxaqueca. A dor de hoje era ruim, mas parecia em estado bruto; parecia nova. Mais intensa.

A garota teve um sobressalto ao perceber que os pensamentos estavam fugindo daquele momento e saiu de um estado de semitorpor. Estava encurralada, sem ter para onde ir. Os ombros bateram na parede, que estava fria. Havia poeira e lixo no chão.

— Calma, irmãzinha — disse o homem, o *anjo*, e ela teve que piscar várias vezes para desanuviar a visão e enxergá-lo. Enxergar os olhos com aparência antiga e o sorriso cruel.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, e a voz era o rangido de uma corrente enferrujada que nem sequer parecia com a dela.

A garganta doía também. Será que ela estava gritando? Era por isso que sua voz saía assim? Talvez. Gritar parecia com algo que ela



queria fazer. Algo que talvez ela devesse fazer.

— Não estou fazendo nada — respondeu o anjo. — Foi você quem ofereceu este presente para mim. É você que está ajudando a viabilizar o começo da Idade Vermelha.

— N-não! — vociferou ela.

— Os braços do paraíso estão escancarados para recebê-la, para agradecê-la, para aceitar um presente tão maravilhoso, dado de tão boa vontade.

— Por favor... — disse a garota, que então se deu conta de que as pernas estavam se dobrando, de que os joelhos traidores haviam cedido.

Ela desmoronou diante do anjo enquanto ele se aproximava. Atrás do anjo, através do vidro rachado da janela, ela viu o clarão de faróis de carro. Parados. Estacionados. O carro da mãe? Será que ele trouxe o carro até aqui ou foi ela quem dirigiu? A garota não tinha certeza. Tudo que sabia era que, se o carro estava ali, então ela estava muito enrascada. Era tarde demais.

Não em relação à hora, embora, sem dúvidas, também fosse tarde demais.

Não. Era tarde demais para qualquer coisa.

O anjo se agachou à sua frente, estendeu as mãos e pegou as dela. Ele juntou as palmas e segurou-as diante do peito como se a garota estivesse rezando. Depois, dobrou o corpo e beijou as pontas dos dedos dela. Delicadamente, as pálpebras do anjo tremeram e fecharam.

— Obrigado — disse ele na voz mais suave de todas.

— Por favor — implorou ela.

Foram suas últimas palavras.

Depois, tudo que conseguiu fazer foi gritar.

# CAPÍTULO 5

Residência dos Scully

2 de abril, 12h01

Dana acordou gritando.

Um grito pequeno, contido, doloroso. Irrompeu do peito, passou da garganta e depois morreu no escuro e no silêncio do quarto.

Não foi um grito aleatório e sem sentido.

Foram duas palavras.

*"Por favor!"*

Foram berradas com toda a necessidade, horror e desespero que quaisquer duas únicas palavras eram capazes de enunciar.

Dana se sentou, ofegante, banhada em suor, vendo fogos de artifício espocarem como magia nas sombras ao redor enquanto o som do próprio grito foi sumindo, sumindo, sumindo...

... e sumiu.

O grito levou a memória do sonho com ele.

Grande parte da memória. Não toda.

Ela viu um clarão de luz sobre metal. Sentiu uma queimadura na pele. Não uma, várias, mas quando Dana tateou e examinou os pulsos, a lateral do corpo e a cabeça, não havia nada. Nenhum corte, nenhum hematoma persistente, nenhum traço do calor úmido de sangue.

Nada.

A não ser a memória da faca.

A não ser a sensação de morrer.

A não ser a sensação de estar morta.

E mais alguma coisa. Um rosto. Um adolescente ou jovem. Alto, pensou ela, embora estivesse agachado. De ombros largos. Forte. Mas o rosto era indefinido. Não estava exatamente oculto pelas sombras; estava mais para um rosto *feito* de sombras. Ele não tinha um rosto de verdade. Havia apenas escuridão no lugar em que deveria haver um rosto.

*Por favor...*

Ela tentou recapturar as palavras e ouvi-las novamente, porque tinha certeza absoluta de que não foram proferidas pela própria voz, embora tivessem saído da sua boca.

A noite ficou quieta. As luzes piscantes sumiram e levaram com elas as silhuetas, os sons e a estranheza, deixando apenas o quarto de Dana. Ela colocou os pés para fora da cama e avaliou a

escuridão, tentou senti-la, mas foi como tentar arrancar uma faísca de uma bateria gasta.

Conforme o sonho desaparecia, ia junto a convicção de que ele um dia aconteceu.

Dana ficou sentada na beirada da cama por um bom tempo, imaginando se aquilo tinha sido um sonho ou um pesadelo. Imaginando se foi uma visão.

Imaginando se talvez fosse um pouquinho maluca.

# CAPÍTULO 6

Residência dos Scully

6h29

— Cruzes — disse Melissa enquanto mexia na bolsa de livros de brim —, o que deu em você nesta manhã ensolarada de segunda-feira?

Dana enfiou os livros de matemática e ciências na mochila, que era rosa com acabamento azul, e evitou os olhos da irmã.

— Nada. Por quê?

— Hã... você se olhou no espelho hoje? Você não está com olheiras; suas olheiras estão com olheiras. Você não conseguiu dormir?

Dana fechou o zíper da mochila e a colocou nas costas. A mochila estava pesada, cheia de livros do colégio, do *gi* branco que ela usava na aula de jiu-jítsu e algumas coisas de que, Dana sabia, provavelmente não precisava. Ela ajustou as alças, mas ainda pesava uma tonelada. A de Melissa parecia estar praticamente vazia, porque ela quase nunca trazia os livros para casa a não ser que tivesse que meter a cara e estudar para um teste no dia seguinte. Dana gostava de se antecipar, preparando-se para qualquer coisa que os professores exigissem. Um de seus maiores medos era estar despreparada para um teste-surpresa. Pensar naquilo fazia Dana literalmente suar frio. Não que os professores ali em Craiger se importassem muito com testes-surpresa, não como as freiras lá em San Diego.

Não foi aquilo que fez com que Dana se revirasse na cama a noite inteira, mas ela não queria falar sobre os sonhos.

— Fiquei acordando toda hora por causa das trovoadas — mentiu Dana, que espiou a irmã de rabo de olho e viu a descrença.

— Aham. Trovoadas.

— Estava um barulhão.

— Aham.

Ouviram um som como o de uma lancha a toda velocidade, e um borrão passou por elas. Dana vislumbrou o cabelo mais ruivo da família, as bochechas sardentas, uma camisa listrada e tênis gastos quando o Scully mais jovem passou por ela, irrompeu porta afora, pulou da varanda e desapareceu. Charlie, de dez anos, era daquele jeito. Era quase um fantasma na família, raramente interagia com alguém e vivia constantemente dentro da própria cabeça, perdido em sabe-se lá que fantasia solitária ele representava. Charlie

acrescentava efeitos sonoros e às vezes até murmurava uma trilha sonora para suas aventuras internas. Papai não aprovava os devaneios de Charlie e sua enorme devoção às revistas em quadrinhos e filmes de ficção científica. Mamãe o tolerava com uma irritação amorosa, mas sem compreendê-lo realmente. Melissa e Dana amavam o irmão, mas quase nunca conversavam de fato com ele. E o irmão mais velho, Bill Jr., tratava Charlie como um filhotinho brincalhão.

A vida era complicada no lar dos Scully.

Dana saiu para a varanda e viu Charlie pular dentro do ônibus escolar. Ele nunca andava para lugar algum; ele corria, pulava, saltava, quicava, mergulhava e dava cambalhotas. Quando o ônibus passou, Dana vislumbrou o rosto branco de Charlie sorrindo para a irmã, de uma das janelas. Ele ergueu dois dedos para ela no sinal da paz, gesto que Dana obedientemente devolveu.

Ela ficou parada no degrau de cima e olhou para a grande igreja do outro lado da rua. Era uma mistura esquisita de tijolos vermelhos, pedras cinzentas e telhas de madeira cobertas com manta asfáltica desbotada. Era alta, gasta, gótica e vazia. A igreja assustava Dana e intensificava o frio da manhã pós-tempestade.

E não era o que ela queria ver após ter sonhado com anjos caídos.

Era irritante ver um local de culto parado sem propósito, cheio de nada além de sombras. A vizinha, sra. Cowley, disse que antigamente era a Igreja de Santa Joana, uma igreja católica, mas um incêndio grave acontecera dois anos antes. Várias pessoas morreram, incluindo duas freiras, o padre e cinco pessoas da congregação. O prédio foi parcialmente restaurado, mas a sra. Cowley disse que não seria mais a Igreja de Santa Joana. Outro grupo estava se mudando para lá. Foi esse termo que ela usou. Outro "grupo". Ninguém na vizinhança sabia dizer se eram católicos ou protestantes, embora a sra. Carmody, lá do fim da rua, tenha dito que ouviu dizer que era algum grupo sem denominação.

O pai de Dana desdenhou daquela hipótese e descartou-a, dizendo que provavelmente era uma daquelas coisas de hippies "fanáticos por Jesus", e quando a mãe comentou que a época dos

hippies havia acabado anos antes, o pai apenas resmungou. Era assim que se desenrolavam muitas das conversas no lar dos Scully.

Dana ajustou as alças da mochila e pensou no que significava para uma igreja estar vazia. Se os católicos não estavam voltando, então a igreja teria sido oficialmente desconsagrada, o que significava que não era mais uma casa de Deus. Aquele pensamento assustou Dana e fez o prédio parecer não apenas vazio, mas abandonado. Pelas pessoas e por Deus. Ela nunca viu os trabalhadores que deveriam estar restaurando a igreja. Às vezes, Dana ouvia marteladas e motosserras, mas nunca via as pessoas. Tão estranho. Tão assustador.

“Você é uma idiota”, disse Dana para si mesma. “Pare.”

Melissa surgiu na varanda. Ela usava um suéter azul metálico que fazia o cabelo ruivo brilhar.

— Vamos de ônibus?

— Hoje não, Missy — respondeu Dana.

Ela usava um suéter pesado, bege, tricotado com ponto trançado, um presente de Natal. Embora fosse o início da primavera, Dana estava com frio. Ela sempre sentia frio, mas naquela manhã havia um frio mais intenso do qual Dana parecia não conseguir se livrar.

— Nós temos tempo — completou.

Eram mais ou menos um quilômetro e meio até o colégio e, embora houvesse um ônibus, as duas gostavam de andar.

Craiger era uma cidade estranha. A população total era pequena, mas a cidade cobria uma área enorme por causa das grandes fazendas. Ficava apinhada de gente durante o dia e virava uma cidade fantasma à noite. Peões que trabalhavam nas fazendas chegavam de ônibus às centenas, todas as manhãs, vindos de Baltimore e outras cidades, e iam embora ao pôr do sol. As escolas de ensino fundamental e médio eram ímãs que atraíam estudantes do país inteiro, mas a maioria deles desaparecia em frotas de ônibus amarelos toda tarde. O pequeno “centro” da cidade era levemente agitado, mas à noite e durante os fins de semana, Craiger poderia muito bem estar no lado escuro da lua.

Era, no entanto, uma cidadezinha muito bonita. Muito verdejante. San Diego tinha todas as suculentas e palmeiras, mas não muita



grama e pouquíssimas árvores frondosas. Abril em Craiger era um mês viçoso com dez mil tons de verdes, da grama-batatais arroxeadas à grama-azul brilhante e ao azevém escuro. Dana lera um livro sobre a fauna e flora de Maryland quando o pai anunciou que estava sendo transferido para o outro lado do país. Identificar plantas, flores, árvores, pássaros e insetos era divertido para ela. Tudo que fosse regular e preciso acalmava Dana, ajudava a firmar seus pés no chão, não importando o quanto os sonhos ficassem estranhos.

Ela se perguntou como Melissa conseguia se manter calma, porque parecia que sua irmã encarava tudo flutuando sobre a grama e sendo levada pela brisa. Encarava as mudanças constantes de cidades, escolas e amigos, ser filha de um militar da Marinha, as brigas em casa e as longas refeições em silêncio. Encarava tranquilamente o fato de nunca conseguir criar raízes.

— Você teve outro sonho, não foi? — perguntou Melissa quando elas atravessaram a rua Elk e passaram por uma casa estilo rancho cujo jardim era uma explosão de colômbinas e campânulas.

— Foi a tempestade... — começou Dana, mas Melissa a interrompeu.

— Você. Teve. Outro. Sonho — disse Melissa, pontuando cada palavra com um cutucão no braço da irmã. Com força, inclusive.

— Ai — reclamou Dana.

Elas andaram meio quarteirão.

— Tudo bem, eu tive um sonho. Grande coisa.

— Então me conte como foi.

Dana realmente ficava irritada porque a irmã parecia pensar que tudo aquilo era algo delicioso e incrível. Como se fosse divertido.

Dana não queria conversar a respeito do sonho. Olhou para trás e viu o campanário da igreja vazia desenhado contra o céu matinal.

— Fala logooooo — insistiu Melissa. — Você sabe que eu vou te atazanar até me contar tudo.

As duas atravessaram a rua e desviaram de um par de crianças do ensino fundamental arrastando os pés na direção do ponto de ônibus.

— Se eu contar — disse Dana cuidadosamente —, você tem que prometer que não vai fazer uma tempestade em copo d'água.

— E quando eu faço isso?

Dana olhou francamente para a irmã.

— Ok — falou Melissa —, é justo. Mas não vou desta vez, ok?

— Promete?

Melissa chegou até a fazer o sinal da cruz no peito e ergueu a mão.

— Que um raio caia em mim.

— Não diga isso.

Melissa balançou a cabeça.

— Você está estranha hoje.

— Eu sei.

Melissa tirou um pirulito da mochila, colocou na boca e começou a chupar fazendo muito barulho.

— Conte.

Dana contou. E se surpreendeu ao contar tudo para a irmã. Cada detalhezinho. Melissa não riu. Não debochou de Dana. Nem fez uma tempestade em copo d'água. Ao contrário, duas pequenas rugas se formaram entre as sobrancelhas, e ela caiu em um silêncio pensativo. Elas andaram por três quarteirões sem dizer uma palavra.

Quando o silêncio durou por mais alguns momentos do que achou que deveria, Dana se voltou para a irmã e perguntou:

— Missy... você acha que estou pirando?

— Não — disse Melissa imediatamente. — Não acho mesmo.

— Então... o que você acha que isso significa?

Melissa mordeu o pirulito com vontade. Ela fazia isso quando estava contente e quando estava nervosa. Ela não estava contente naquele momento.

— Eu não sei — respondeu Melissa. — Talvez signifique que...

Antes que ela pudesse terminar, alguém gritou:

— Ei, Ruiva e Ruivona!

Elas se viraram enquanto dois outros alunos do colégio atravessaram a rua depressa. O garoto que falou era Dave Minderjahn, um calouro do primeiro ano que fazia parte da legião de caras que queriam sair com Melissa. Estava acompanhado da irmã,

Eileen, que era do segundo ano e frequentava algumas das aulas de Dana. Ambos eram elegantes, atléticos, tinham cabelo escuro e olhos castanhos. Eileen era uma líder de torcida muito bonita, mas não fazia parte do grupo das esnobes maldosas. Era uma rata de biblioteca que, por acaso, também praticava esportes. Dave estava no time de futebol da escola. Ambos usavam agasalhos idênticos do colégio FSK. Dave usava o dele com calças de veludo cotelê, e Eileen usava o dela sobre calças jeans de grife, novas e muito justas. Dana não fazia ideia do motivo de Melissa nunca sair com Dave. Ele era gatinho, e ela não se incomodava com o apelido dado por Dave para as irmãs Scully — Ruiva e Ruivona.

— Nossa — disse Dave —, barra pesada, né?

— Hã? — falou Dana.

— O negócio da Maisie.

— Quem?

Dave olhou estranho para ela.

— A Maisie, do colégio? Ela foi morta ontem à noite.

# CAPÍTULO 7

Craiger, Maryland

6h42

— *O quê?*

Dana quase berrou.

Dave e Eileen pararam de andar por um momento e encararam Dana com um olhar de surpresa.

— Ela era sua amiga? — perguntou Eileen, subitamente parecendo preocupada, e depois disparou um olhar sério para o irmão. — Esse é o seu problema, seu grosso. Você solta as coisas em cima das pessoas assim, sem avisar.

Dave ergueu as mãos como se estivesse tentando fugir da bronca.

— Opa! Como eu ia saber que a Dana e Maisie eram amigas? Cruzes, Ruiva, foi mal.

— Não — disse Dana —, tudo bem. Eu... isso só me pegou desprevenida.

Eileen tocou no braço dela.

— Você está bem?

— Foi mal — falou Dave rapidamente. — Vocês eram próximas?

— Não — respondeu Dana. — Eu nem mesmo a conhecia. É só que...

Melissa interveio.

— Tudo bem. Eu duvido que Dana já tenha cruzado com ela.

— Não — disse Dana. — Não sei quem ela é.

— A Maisie era uma veterana — explicou Melissa. — Eu *fazia* ... estudos sociais e educação física com ela. Foi apenas o choque, sabe? Alguém na nossa escola ser...

— Como aconteceu? — Dana exigiu saber. — Onde? Pegaram quem fez isso?

— Espere... o quê? — perguntou Dave, ainda sobressaltado. — Pegar quem? Pelo quê?

— Pegaram o cara que matou a Maisie?

Eileen balançou a cabeça.

— Ah... não, não foi isso. O grosseirão aqui falou errado. A Maisie não foi morta *morta*. Não do jeito que você quis dizer. Meu Deus! Não foi isso. Ela morreu em um acidente de carro.

— Ah...

Dana não tinha certeza se aquilo era um alívio ou não. Não parecia ser. Aí ela se deu conta de que todo mundo a encarava.

— Ah — repetiu Dana, mudando o tom. — Que *horrível*, eu quis dizer. O que aconteceu?

Eles começaram a andar juntos, Eileen ao lado dela, Dave perto de Melissa.

— Pelo que eu ouvi — disse Eileen em tom sigiloso —, ela estava doidona.

— *Doidona?* — falou Melissa. — Maisie Bell? Impossível.

— Você a conhecia? — perguntou Dave.

— Não muito bem, só via a Maisie nas aulas. Mas ela não me parecia o tipo de garota que usava drogas.

— Bem, foi o que eu ouvi — disse Eileen de maneira afetada. — Que ela estava em uma festa qualquer fora da cidade, com o carro da mãe. A Maisie saiu tarde e bateu em uma árvore.

— Bateu sozinha — falou Dave, concordando com a cabeça. — Não se pode culpar mais ninguém. Apenas a si mesma e várias escolhas ruins.

Dana imaginou se ele estava citando alguém. Provavelmente. Aquilo parecia o tipo de coisa que um pai ou mãe diriam durante o café da manhã, em casa.

— É tão triste — disse Melissa. — A Maisie devia ter uma dívida cármica para pagar e, assim que pagou, decolou do planeta.

Ninguém comentou. Poucas pessoas comentavam quando Melissa dizia coisas assim. Dave e Eileen acenaram com a cabeça seriamente, como se concordassem com a essência do que ela disse, mas Dana notou o breve olhar que os irmãos trocaram. Um olhar tolerante, carinhoso, que achava graça e se irritava um pouco, e que obviamente não acreditava naquilo. Dana compreendia, de certa forma. Embora compartilhasse de algumas convicções *new age* da irmã, Melissa parecia viajar cada vez mais, falava de jornadas espirituais, de canalizar entidades antigas, de mapas astrais, desse tipo de coisa — e tudo aquilo era difícil de acompanhar.

— É tão estranho — falou Dave.

— O quê? — perguntou Dana. — Ela ter morrido assim?

Dave balançou a cabeça.

— Não apenas ela. Parece que um monte de gente está batendo as botas recentemente. A Maisie é, tipo, a quinta pessoa neste ano.

— Do que você está falando? — indagou Dana, chocada.

— Você e a Melissa são bem novas aqui, Dana — disse Eileen. — Vocês se mudaram para cá quando? Por volta do Natal?

— Depois do Dia de Ação de Graças, mas só entramos no colégio após o feriado do Natal. Mamãe nos deu aulas em casa durante um tempo e...

— E por isso vocês não sabem o que está acontecendo — interrompeu Dave. — Vejam bem, a Maisie não foi a primeira adolescente de Craiger que morreu em um acidente de carro. Com ela, são cinco.

— *O quê?* — Melissa e Dana levaram um susto ao mesmo tempo.

— É — falou Dave concordando com a cabeça. — Cinco adolescentes desde que o ano letivo começou. Duas do FSK e três do Colégio Oak Valley, logo depois da divisa do condado.

— O quê? Isso é horrível! — sussurrou Melissa.

— Imaginem como *a gente* se sente — disse Eileen.

— Eu só conhecia a Maisie e o Chuck Riley, porque eram do FSK — disse Dave.

— Sinto muito — falou Dana, sem saber mais o que dizer.

— Disseram que todos eles estavam doidões — disse Eileen. — Bêbados ou doidões, tanto faz.

Dana franziu a testa.

— Você parece não acreditar nisso.

— Talvez a respeito do Chuck — respondeu Eileen enquanto afastava o cabelo do rosto. — Ele andava com o irmão mais velho e alguns caras de faculdade, mas a Maisie? De jeito nenhum. Não estou dizendo que era santinha, mas quanto a esse tipo de coisa, ela era careta. Ninguém nunca vai dizer o contrário. E ouvi gente dizer a mesma coisa em relação aos outros. Ninguém acredita que eles estavam chapados. Pelo menos nenhum de nós acredita. É só o que a polícia diz. E os professores. — Ela suspirou. — O que quer dizer que vamos ter outra daquelas reuniões idiotas sobre o perigo das drogas, blá, blá, blá, mas é tudo uma besteira. A Maisie com certeza não estava doidona. Sem a menor chance.

— Esse lance todo de estar morto é que está mexendo com a minha cabeça — falou Dave. — Eu tenho dezessete anos, e nós não

devemos ter um prazo de validade, sabe?

— Todo mundo morre — comentou Eileen, no tom casual de sempre.

— A morte é uma passagem — contra-argumentou Melissa.

Dave balançou a cabeça.

— Talvez seja. Mas se for, o que há do outro lado?

— Nós nos transformamos e reencarnamos — respondeu Melissa.

— Voltamos para a fonte e depois assumimos uma nova forma a fim de continuar nossa jornada até a iluminação.

Dana resistiu à tentação de revirar os olhos. Eileen virou o rosto por um momento, e Dana imaginou que *ela* estivesse revirando os olhos.

— Talvez — repetiu Dave —, mas isso é apenas uma teoria. E, olha só, eu tento manter a mente aberta e coisa e tal, mas nenhum de nós realmente *sabe* como é estar morto.

— Acho que todos nós descobriremos — falou Eileen.

— Isto não torna mais fácil digerir o que aconteceu ontem à noite — disse Dave. — A Maisie frequentava o nosso colégio, morava por aqui. Nós a *conhecíamos*. Não muito bem, mas o suficiente. O suficiente para ela estar *viva* em nosso mundo... se é que isso faz sentido.

Dana olhou para Dave com surpresa e deu alguns passos em silêncio, reavaliando o garoto. Ela sabia o que ele queria dizer, e sabia que aquela era uma questão muito profunda. E também assustadora. Quando era pequena, Dana acreditava na versão do paraíso contada no catecismo. As convicções evoluíram conforme ela ficou mais velha, leu mais, pensou mais profundamente e levou as coisas em consideração com uma mente séria.

A conversa continuou, e Dana acompanhou os demais, mas não prestou atenção a eles enquanto ouvia os próprios pensamentos. Dave tocou em uma ferida. “Nenhum de nós realmente *sabe* como é estar morto.” Será que a consciência de Maisie, a alma dela, ainda estava lá, lá no alto, onde quer que fosse, se lembrando da batida, do metal retorcido, da dor, da morte? Era um pensamento horripilante.



Eles conversaram sobre Maisie até chegar ao colégio. Para Dana pareceu que a Morte os acompanhara pelo caminho inteiro.

# CAPÍTULO 8

Colégio Regional Francis Scott Key

7h06

A escola era como outra qualquer.

As aulas começavam com o toque do sinal. Os corredores se enchiam e se esvaziavam, se enchiam e se esvaziavam. O diretor fazia anúncios incoerentes através de alto-falantes ruins presos às paredes das salas de aula. Os professores tentavam ensinar, e os alunos — a maioria, mas não todos — tentavam não aprender. O normal.

Só que não.

Havia uma onda de conversas, especulações e fofocas abaixo da superfície. As garotas que eram amigas ou quase amigas de Maisie se cercaram de bajuladores e foram extravagantemente dramáticas. Dana observou tudo aquilo, mas não participou do jogo. Ela não conhecia Maisie, nem sabia como era sua aparência. E, de alguma forma, se sentia culpada por não conhecer uma colega que morreu. Parecia, de certa forma, desrespeitoso, embora Dana não conseguisse descobrir o motivo. Ela decidiu que iria à igreja no domingo e acenderia uma vela para Maisie.

Conforme o dia se desenrolou, Dana se deu conta de que se envolveu muito pouco com aquela escola. Ela não fazia parte de nenhuma panelinha; não tinha um círculo de amigos. Nem mesmo Dave e Eileen teriam lhe contado sobre Maisie se Dave não estivesse a fim de Melissa. Dana se sentia invisível, às vezes. “Como um fantasma”, pensou ela, mas a ideia a assustava.

Entre as aulas de língua inglesa e educação física, Dana tinha um tempo vago, que ela passou em parte na biblioteca, procurando livros sobre visões religiosas (não havia nenhum), danos psicológicos (mesma coisa) e sonhos (nada). Frustrada, ela saiu da biblioteca e foi para o ginásio, trocar de roupa mais cedo. Ela não gostava de trocar de roupa quando todas as outras garotas estavam presentes. Ao contrário da irmã, Dana ficava tímida até mesmo se estivesse usando apenas roupa de baixo com alguém por perto. Ela era miúda, magricela e não tinha lá muitas curvas. Ainda não. A mãe dizia que a puberdade às vezes demorava, mas sempre chegava. Melissa parecia ter vinte anos quando tinha doze. A mãe tentou dizer para Dana que parecer uma mulher adulta naquela idade não era uma benção, mas ela sempre invejou a silhueta de Melissa.

“Charme, uma personalidade extrovertida, um grande senso de humor e peitos”, ponderou Dana ao catalogar os trunfos da irmã. “E o que eu tenho? Melancolia? Notas melhores? Uma grande dose de esquisitice? É, isso vai conquistar todos os garotos.”

Como a última aula de educação física ainda estava em andamento e o vestiário estava vazio, Dana abriu o armário, despiu-se rapidamente e vestiu o macacão feioso azul, sem mangas e curto, que era o uniforme de educação física das meninas. A única coisa boa sobre aquela peça era que ninguém — nem mesmo Donna Bertram, que parecia a Farrah Fawcett — ficava bonita naquilo. Dana achou que estivesse completamente sozinha quando uma porta de armário se abriu atrás dela com um clique suave. Dana se virou, assustada, e viu uma garota que não conhecia parada ali, olhando para o armário lotado.

— Ai, desculpe — disse Dana, embora não tivesse ideia sobre pelo que estava se desculpando.

A garota tentou tirar alguma coisa do interior do armário.

— Tudo bem. Eu pensei que estivesse sozinha.

— Eu também.

A garota tinha mais ou menos a mesma altura de Dana, mas era mais parruda e tinha um cabelo negro volumoso. Usava uma blusinha azul bonita e uma saia tão curta que Dana se perguntou se um dos professores deu bronca nela por causa da roupa. Meia-calça também, o que era igualmente estranho para a escola. E sapatos realmente bonitos. No pescoço, a menina usava um pingente fora do comum — um disco negro de ônix cercado por chamas estilizadas feitas de ondulações douradas, como um eclipse solar total. Embora Dana nunca tivesse visto aquela bijuteria antes, havia algo impressionantemente familiar a respeito dela.

Dana virou de costas e começou a abotoar a roupa de ginástica. O silêncio no vestiário pareceu enorme, e a sensação era a de que ele devia ser preenchido por alguma coisa. Dana era péssima em puxar assunto e geralmente recorria ao mau hábito de comentar sobre o tempo. Hoje era diferente, porém, e Dana recorreu ao grande assunto do momento por absoluta falta do que dizer.

— Uma pena o que aconteceu com a Maisie, né?

Os sons da garota procurando por alguma coisa parou.

— A Maisie? Por quê? O que aconteceu com ela?

— Ah... você não ficou sabendo?

Dana olhou para trás, mas a garota ainda estava voltada para o outro lado, com a mão dentro do armário.

— Não. O que aconteceu?

— Houve um acidente de carro — respondeu Dana — e ela morreu.

— Acidente de carro? — disse a garota.

— É o que estão dizendo. Ela estava em uma festa e bateu em uma árvore. Tão triste. Você a conhecia?

A garota retirou a mão do armário e ficou com os braços pendentes ao lado do corpo, com os ombros caídos e a cabeça baixa.

— Foi assim que a Maisie morreu? — perguntou, ainda sem se virar.

— Foi o que disseram.

— Quem?

— O quê? — perguntou Dana.

— Quem disse que foi isso que aconteceu?

— Eu não sei... Todo mundo, acho. A escola inteira sabe.

Ela viu os ombros da garota começarem a tremer antes de ouvir o primeiro soluço. A garota cerrou os punhos e pareceu se contrair como se tivesse levado um soco no estômago, o corpo quase dobrado pela notícia.

— Eu sinto muito — choramingou Dana. — Ela era amiga sua?

Os soluços eram horríveis de se escutar. Profundos, interrompidos, inesgotáveis. Dana deu um passinho na direção dela, estendeu a mão e quase tocou na garota, mas foi contida pelo próprio incômodo. Melissa saberia o que dizer, mas ela, não.

Tudo que conseguiu pensar em fazer foi dizer “eu sinto muito” sem parar.

Uma fração de segundo depois, uma dor súbita e inesperada deu uma pontada no peito de Dana, bem em cima do coração. Foi intensa como uma queimadura, mas no momento em que ela tocou no ponto, a dor desapareceu. Depois a garota se virou e *berrou*.

Foi o som mais alto que Dana ouviu na vida. Ele preencheu o ambiente inteiro e atingiu Dana como uma onda, acertou seus ouvidos como socos, empurrou-a para trás e para longe, até a fileira de armários. Ela colidiu com o metal frio e levou as mãos aos ouvidos.

E ficou paralisada.

A garota estava parada ali, encarando Dana, ereta, com a cabeça erguida, braços escancarados, mãos espalmadas e dedos abertos. Os olhos estavam tão arregalados que o branco do olho aparecia por completo em volta da íris marrom. O cabelo volumoso pendia como flâmulas, encobria parcialmente o rosto, e as pontas se mexiam como se houvesse uma brisa forte no ambiente, o que, sem dúvida, não era o caso.

Dana não era capaz de se mexer. Tudo que conseguia fazer era olhar fixamente, de queixo caído e olhos tão arregalados quanto os da garota.

Dana viu o rosto pálido, a pele branca, mas agora estava tudo diferente, alterado.

A blusa da garota estava rasgada, assim como a saia. A meia-calça tinha fios repuxados, e os sapatos caros estavam gastos e sujos. O pingente sumiu, e havia uma marca vermelha no pescoço como se a corrente tivesse sido arrancada à força. E a garota estava sangrando.

Começou com uma única gota que escapou do emaranhado escuro do cabelo, desceu pela testa e molhou uma sobrancelha. O sangue era vermelho-escuro, espesso e reluzente.

— Você está... — Dana começou a falar, mas qualquer outra coisa que pudesse ter dito morreu na garganta quando a segunda gota de sangue caiu daquela testa pálida. Uma terceira. Uma quarta. Mais gotas pesadas escorreram pelo rosto da garota. — Ah, não... o que aconteceu? Você está bem...?

As palavras se perderam quando Dana viu os pulsos da garota. De início, eles estavam sem marcas, lisos... e então a pele pareceu se contrair como se tivesse sido cutucada por alguma coisa.

Alguma coisa afiada.

A pele ondulou, depois estourou, e sangue jorrou de cada pulso.

Dana sentiu uma pontada de pânico no peito quando o choque, o medo e a necessidade desesperada de fazer alguma coisa, *qualquer coisa*, lutaram uns contra os outros.

— Socorro... — sussurrou a garota, e agora a voz estava tão baixinha, quase distante, mas tomada por uma dor em estado bruto.

— Tenho que levar você para a enfermaria — disse Dana enquanto se livrava da paralisia do choque e corria na direção da garota ferida.

— Não! — guinchou ela. — Não toque em mim!

Então a garota estremeceu quando o tecido da roupa se rasgou na lateral esquerda, e saiu mais sangue de uma perfuração profunda e violenta.

Dana derrapou e parou, enojada e chocada.

— Preciso te levar para a enfermaria. Você consegue andar?

Foi aí que ela viu o sangue no chão. Ele escorria de feridas horríveis na parte de cima dos pés da garota, entrava nos sapatos e transbordava para formar uma poça no piso. O estômago de Dana deu um nó, o café da manhã subiu e a bile queimou a parte de trás da garganta. Ela engoliu em seco e recuou da poça vermelha que se espalhava.

— Por favor — implorou Dana —, como posso ajudar?

A garota estava se curvando novamente, a cabeça pendendo de um pescoço mole, mas os braços permaneciam abertos como se algo prendesse suas mãos aos armários. Não, não as mãos... os pulsos. As mãos tremiam, os dedos se crispavam como aranhas morrendo, mas os pulsos estavam pressionados com força e imóveis no metal. Como se estivessem soldados ali, como se estivessem presos. Dana tentou pegar o braço dela, achando que a garota estivesse presa em alguma coisa, em um pedaço de metal partido, algo...

— NÃO! — urrou a garota. — Por favor... pare... não faça isso... por favor...

As palavras provocaram um sobressalto em Dana novamente, as mãos se ergueram para tocar, para ajudar.

— Eu posso ajudar — disse ela.

Mas a garota fez que não com a cabeça.

— Por que você está fazendo isso? Eu não falei com ninguém a respeito da Idade Vermelha, juro. Por favor, meu Deus, *não*...

— Eu vou chamar ajuda! — gritou Dana, sem saber mais o que fazer. — Agente firme... por favor, apenas agente firme.

E foi naquele momento terrível que Dana percebeu que a garota não estava apenas machucada. As feridas na cabeça, lateral do corpo, pulsos e pés não eram ferimentos aleatórios.

Eram os estigmas.

Eram as feridas de Jesus Cristo. A coroa de espinhos, a estocada de lança na lateral do corpo, e os cravos que seguraram Jesus na cruz. Tudo aquilo estava bem ali. Tudo aquilo era real e muito além do horrível.

Dana deu meia-volta e correu, berrando por ajuda, pelos professores, pela enfermeira, por qualquer pessoa. Atrás dela, a garota balbuciava, ainda mandando Dana não tocá-la, não machucá-la. Implorando.

Dana irrompeu no ginásio, onde outras sessenta garotas estavam divididas em times jogando queimado, sob o olhar afável e entediado da sra. Frazer, a professora de educação física.

— *Socorro!* — berrou Dana.

Tudo parou, todo mundo se virou, uma bola lançada atingiu uma garota no ombro e foi embora quicando, emitindo uma série de baques cada vez mais baixos que foram os únicos sons no ginásio além do eco do grito de Dana.

Então todo mundo entrou em ação, correndo, berrando, e a sra. Frazer, pequena e atarracada, correu mais do que todos. Dana deu meia-volta novamente, e elas a seguiram como uma onda para o corredor entre o grande ginásio e o vestiário.

— Ali dentro — gritou Dana, apontando. — Ela está sangrando. Está ferida.

— Me mostre — vociferou a sra. Frazer. — As demais, fiquem para trás.

A ordem foi ríspida e completamente ignorada quando as garotas se enfiaram no corredor e depois irromperam no vestiário.

— Na próxima fileira — ofegou Dana, sem fôlego e com muito medo de ter feito a coisa errada.



Será que deveria ter ficado e prestado primeiros socorros? Ela sabia como fazê-lo. Tanto ela quanto Melissa foram certificadas por um dos marinheiros do pai lá em San Diego. E se ter abandonado a garota fez com que ela sangrasse até morrer?

Essas perguntas ficaram martelando na cabeça de Dana quando elas deram a volta na primeira fileira de armários até o lugar onde deixou a garota ferida.

A sra. Frazer passou por Dana, mas parou imediatamente. Dana se chocou com a professora e voltou para trás com força, como se tivesse dado um encontrão em um hidrante. As outras garotas colidiram umas com as outras, deram solavancos e pararam como um todo. Todo mundo olhou espantado.

Para nada.

Para uma fileira completamente vazia de armários.

Para um chão limpo.

Não havia uma única gota de sangue em frente aos armários. Nenhuma poça vermelha no linóleo. Não havia absolutamente nada ali.

— Mas... mas... — gaguejou Dana.

Ela saiu correndo e verificou a próxima fileira, embora tivesse certeza de que tinha sido ali que viu a garota. Embora o próprio armário estivesse aberto, com a manga do suéter pendurada para fora, a próxima fileira estava vazia, assim como a seguinte. A professora veio a passos largos atrás de Dana, observou cada fileira, verificou o banheiro, cada cabine. A lavanderia. O saguão que levava de volta para o corredor principal do porão da escola.

Nada.

As garotas se amontoaram, assustadas e confusas, olhando com expressões intrigadas para as fileiras vazias de armários.

A sra. Frazer se virou muito lentamente na direção de Dana.

— Se isto foi uma brincadeira — disse ela na voz mais fria da cidade —, não teve graça e nem foi boa.

As outras garotas se afastaram de Dana e se reagruparam em volta da professora. Havia dúvida em alguns rostos, raiva em outros. Algumas aproximaram as cabeças para sussurrar e dar risadinhas.

— Mas eu *vi* a garota — insistiu Dana. — Ela estava ferida. Sangrava por todos os cantos. Estava bem aqui.

— Aqui onde?

Dana voltou correndo para a fileira de armários onde a garota esteve e colocou a mão em uma porta fechada.

— Bem aqui. Ela abriu este armário.

A sra. Frazer ficou rígida, e Dana ouviu várias garotas contendo gritinhos. Dana olhou para elas. Nenhuma estava rindo agora. Algumas cobriam a boca com as mãos, de olhos arregalados. Duas estavam com lágrimas nos olhos. Algumas pareciam realmente furiosas, como se quisessem bater nela.

A sra. Frazer se aproximou de Dana. Ela era apenas um centímetro mais alta, mas parecia se agigantar diante de Dana, com um olhar intenso, bochechas coradas e um dedo pairando como uma cobra a centímetros do rosto da aluna.

— Se esta for alguma espécie de pegadinha cruel, menina... — disse a professora, e deixou o resto da frase no ar, com o significado bem óbvio.

— O que a senhora quer dizer?

Subitamente, a sra. Frazer bateu no armário com tanta força que pareceu o disparo de uma arma de fogo. O barulho fez todo mundo ficar em silêncio pelo susto e arrancou um gritinho de medo e surpresa de Dana.

— Aquela pobre garota pode ter cometido alguns erros — disse a sra. Frazer. — Talvez não devesse ter ido àquela festa e talvez estivesse fumando maconha. Não sabemos o que aconteceu... mas isso não lhe dá o direito de fazer uma brincadeira horrível como essa.

— Brincadeira? Eu não... Espere, *que* garota? De quem é esse armário?

Mas Dana já sabia.

Ela olhou para a porta de metal, fechada e trancada, depois para o chão onde o sangue formara uma poça e, finalmente, para os olhos severos da sra. Frazer.

— Maisie...? — sussurrou Dana.

# CAPÍTULO 9

Craiger, Maryland

14h19

— Histeria? — perguntou Melissa. — Sério?

— Sério — rosnou Dana.

Elas estavam do lado de fora do colégio, andando pela rua na direção do centro da cidade.

— O que eles fizeram?

Dana deu um muxoxo de desdém.

— Primeiro, me levaram para a diretoria, para que o diretor pudesse vociferar na minha cara.

— O sr. Sternholtz é um ogro. Acho que ele nunca sorri. Acho que nem consegue.

— Depois me fizeram ficar deitada por uma hora na enfermaria. E ligaram para a mamãe, é claro. Não sei o que ela disse, mas quando ele desligou, o sr. Sternholtz parecia ter sido assaltado em um beco.

— Essa é a mamãe.

Ambas concordaram com a cabeça. A mãe delas era uma mulher tranquila, quase passiva na maioria das vezes, mas não quando alguém falava alguma coisa a respeito dos filhos. Ela nunca erguia a voz, jamais xingava, nunca fazia ameaças, mas de alguma forma a mensagem era sempre passada. *Afaste-se.*

As irmãs chegaram ao destino, que se tornara o centro de suas vidas nos últimos meses. Era um prédio velho, cor de pêssego, que ficava isolado na esquina do que se dizia ser o centro de Craiger. O nome ALÉM DO ALÉM havia sido pintado na madeira acima da janela da frente, as letras tinham as cores do arco-íris e brilhavam com glitter. Havia duas portas. A maior, na rua principal, levava a uma loja que vendia incensos, cristais de cura, álbuns de cânticos de monges tibetanos, instrumentos de música folclórica como berrantes australianos e flautas de pã chilenas, bijuterias de contas da África e Costa Rica, e imagens de todas as religiões do mundo e algumas, suspeitava Dana, que foram inventadas recentemente. Havia grandes cristaleiras nas paredes, e as várias mesinhas de mostruário criavam um labirinto irregular para os clientes. Uma porta lateral menor na avenida Calliope era usada principalmente por alunos e participantes dos vários grupos e aulas que ocorriam ali, que iam de ioga à meditação, à massagem *reiki* e até mesmo a reunião local dos Alcoólatras Anônimos. As duas metades da loja eram separadas por

uma passagem em arco, sobre a qual estava pendurada a placa CAFÉ, flanqueada por dezenas de criaturas voadoras da Malásia, pintadas a mão — esfinges, dragões e morcegos.

As irmãs entraram pela lateral e foram direto para a cabine favorita, que ficava logo depois do arco. Havia duas registradoras, uma na frente da loja e outra embaixo do arco, separada da cabine delas por uma cortina fina, de maneira que o barulho das caixas pontuava tudo o que Dana e Melissa diziam.

A Além do Além era geralmente um lugar muito cheio para uma cidade tão pequena, com pessoas que vinham regularmente de todos os cantos da região. Tirando o colégio, que servia ao condado inteiro, a loja era o único lugar “agitado” na sonolenta Craiger.

Dana adorava a loja, embora muitos de seus elementos fossem *new age* pós-hippie demais para seu gosto. Mas as pessoas ali eram legais. O foco delas era voltado para energia positiva, paz e o progresso da alma, e era difícil ver algo de errado nisso.

As duas ficaram sentadas por um tempo, dissecando todo o acontecimento bizarro na escola e tentando achar algum sentido naquilo. Melissa fez Dana entrar nos mínimos detalhes.

— Crucificada como Jesus? — perguntou ela quando Dana terminou. — Isso é tão doentio.

— Você não faz ideia. E ela disse algo a respeito de uma coisa chamada Idade Vermelha.

— Idade Vermelha? — refletiu Melissa. — O que é isso?

— Não faço ideia. Eu não faço ideia do que nada disso significa.

Dana notou que, várias vezes durante a conversa, Melissa tocou a frente da blusa, bem em cima onde ficava a pequena cruz que ela usava sob as roupas. Ela imaginou se a irmã percebia que fazia muito isso. Era um hábito que ambas as irmãs desenvolveram desde que a mãe lhes dera as cruces. Melissa usava um cordão de cristais sobre a blusa, cada um em um tom pastel diferente, e cada um teoricamente representando alguma espécie de poder espiritual. Dana se perguntou o que era mais importante para a irmã, a cruz ou aqueles cristais.

Atrás delas, a caixa registradora fez barulho novamente. Pareceu quebrar o encanto do momento. Havia um quadro negro em um

cavalete bem ao lado da porta lateral que anunciava quais aulas estavam sendo dadas naquele dia. Naquele momento, só havia uma, e Dana apertou os olhos para ler.

— Emergência psíquica...?

— Ah, sim — disse Melissa concordando com a cabeça. — Dizem que é ótima. A aula é dada por aquele cara, o Luz do Sol.

Dana ergueu uma sobrancelha.

— Luz do Sol? O nome dele é Luz do Sol?

— É como ele se chama. Você não o viu, Dana? É tão misterioso e lindo. Ele é sócio da Corinda e coproprietário da loja, embora ela administre. Ai, meu Deus, ali está ele.

Um homem saiu do salão e parou para falar com outras duas alunas que chegaram, ambas do colégio FSK.

— Ele não é demais? — perguntou Melissa, sonhadora.

Dana teve que admitir que a irmã tinha razão. O homem chamado Luz do Sol era alto e magro, tinha cabelos bem escuros e olhos claros, cinzentos. Dana achou que ele parecia um poeta, tipo Percy Shelley ou Lorde Byron. Tinha lábios carnudos e sensuais, e um ar intelectual e aristocrático. À primeira vista, ela pensou que ele tivesse quarenta anos, mas se corrigiu. O sujeito provavelmente tinha cerca de trinta anos, mas havia uma sensação de idade e autoridade em sua postura e jeito de andar. Todos os alunos que saíam da aula sorriam para ele e o cumprimentavam com a cabeça, parecendo fascinados de forma geral apenas por estar na presença dele.

— Ele não é maravilhoso? — falou Melissa, entusiasmada.

Dana apontou com a cabeça para um segundo homem, ligeiramente mais baixo, que saiu e ficou parado ao lado de Luz do Sol por um momento. Era mais jovem, talvez uns dezoito anos, com cabelo negro volumoso e olhos escuros. Enquanto Luz do Sol era magro como um dançarino, o homem mais jovem era musculoso como um ginasta.

— Quem é aquele? — perguntou Dana.

Melissa deve ter percebido algo na voz da irmã, porque lhe deu um sorriso espartano.

— Ah, ele? É só o Angelo. Ele ajuda em algumas aulas daqui. Eu o vejo pela escola às vezes. Acho que trabalha aqui em meio período também. Por quê?

— Ele é meio gatinho.

— Não comparado ao Luz do Sol.

— Ah — refletiu Dana —, não teria tanta certeza.

— Ah — disse uma voz —, minhas duas rainhas ruivas favoritas. Sinto muito por ter feito vocês esperarem.

Elas se viraram e ergueram o olhar para ver a coproprietária parada ali. Vê-la sempre deixava Dana feliz. Corinda Howell era criança órfã superdesenvolvida, com uma massa de cabelo louro ondulante e um corpo esbelto com quase um metro e oitenta de altura. Havia faixas e ondas de cabelo castanho e ruivo naquela juba, embora Dana nunca soubesse dizer se o efeito era natural ou causado por uma boa tintura. Havia mechas finas misturadas de forma irregular com as ondas naturais, e os fios mais soltos eram tão delicados que até a brisa fraca da entrada dos clientes na loja fazia com se erguessem e esvoaçassem. Corinda tinha um rosto pálido com sardas provocadas pelo sol, olhos verdes que ela realçava com muito delineador e lábios finos que tentava engrossar pintando por fora do contorno deles. As pernas eram compridas, e Corinda usava muitos braceletes nos pulsos e tornozelos. Brincos grandes, colares e às vezes um *bindi* autocolante com glitter. Ela não era especialmente bonita, mas era muito simples, e um monte de homens que vinham ao Além do Além pareciam muitíssimo atraídos por ela. Corinda usava saias longas e esvoaçantes e blusas que eram de batique, tingidas ou tinham imagens serigrafadas de deuses hindus. Hoje era dia de batique, e as cores eram tons fechados de dourado, ameixa e marrom.

— Ei — disse Melissa.

— Ei para você também. Então, o que vocês querem? Esperem... Deixem-me ver se eu lembro. Um café com dose tripla de creme e leite para você, Melissa, e um pouco do meu chá especial para a irmãzinha.

— Certo — falou Melissa. — E bolinhos. Nunca esqueça os bolinhos, ou é o fim do mundo livre.

— Volto já — disse Corinda.

Ela foi embora e deixou para trás uma mistura de aromas, de perfume de qualidade, incenso e baunilha. Melissa observou Corinda sair com uma espécie de adoração idealista, como se a mulher fosse tudo que ela desejava conseguir ser ao crescer. A mulher voltou quase que imediatamente segurando duas canecas com pratos em cima, onde se equilibravam bolinhos imensos. Ela pousou tudo sem deixar escapar mais do que algumas gotas, pegou talheres e guardanapos, e uma tigela onde havia uma pequena pirâmide de creme e leite.

Corinda começou a dar meia-volta, mas parou.

— Sinto muito pelo que aconteceu com a amiga de vocês. Que perda. Uma vela apagada cedo demais.

— Obrigada — disse Dana —, mas ela não era realmente uma amiga. Eu nem a conhecia.

— Você não precisa conhecer alguém pessoalmente para estar espiritualmente conectada com ela — falou Corinda. — Você a *conheceu*.

— Não, não mesmo — começou Dana, e aí parou quando uma coisa lhe ocorreu. — Espere, como você sabe o que aconteceu com a Maisie?

— Você quer dizer como sei que você falou com ela em seus sonhos? E que ela apareceu para você hoje na escola?

Dana ficou boquiaberta ao olhar para Corinda.

— O-o quê...?

Corinda endireitou o corpo, ergueu uma sobrancelha e abriu os braços para indicar tudo no Além do Além — os cristais para harmonização da alma, o mostruário de cartas de tarô, os conjuntos de ossos para adivinhação do futuro, os sacos de runas, as varinhas e centenas de outros objetos.

— Eu não quero parecer pretenciosa, meninas, mas saber essas coisas é literalmente o meu trabalho.



# CAPÍTULO 10

Dojo Kakusareta Taiyou

17h23

A faca veio tão rápido que Dana não teve tempo para pensar, bloquear ou mesmo se mexer. Um vislumbre prateado e depois a sensação do gume frio na garganta.

— Você morreu.

A sala estava em silêncio, a não ser pelo som da sua respiração.

Ela tentou girar os olhos o suficiente para conseguir ver a faca embaixo do queixo. Em vez disso, enxergou uma mão bronzeada, com calos nos nós dos dedos e cheia de cicatrizes, e acompanhou o braço até o ombro e o rosto do japonês que segurava a faca. Ele era quase trinta centímetros mais alto do que Dana, com cabelo preto curto e um olhar penetrante que a encarava com a confiança suprema de um predador natural.

Dana não se mexeu.

O homem abaixou a arma e deu um passo para trás. Dana o encarou por um momento e depois se curvou. Ele devolveu o cumprimento.

— Morreu, morreu, morreu — disse a pessoa que fizera a declaração alguns segundos antes.

Não era o homem da faca, mas uma mulher. Também japonesa, com trinta e poucos anos, elegante, vestida com o mesmo *gi* branco de todos os alunos. Apenas a mulher e o homem da faca usavam faixas pretas. Os trinta alunos usavam uma variedade de cores, do branco ao marrom. Dana usava uma faixa verde, embora fosse nova e rígida, sem ainda ter sido amaciada pelo uso.

— Morreu com a garganta cortada.

Dana também se curvou para a mulher.

— *Hai, sensei.*

A mulher deu um sorrisinho tolerante e devolveu o cumprimento com um aceno de cabeça. Não muito formal. Era assim que ela era. A *sensei* Miyu Sato gerenciava o *dojo* com muito — mas não todo — do rigor formal das artes marciais tradicionais do Japão. Todos usavam uniformes e um punhado de palavras e frases — principalmente *hai* para sim e *iye* para não —, mas não havia nada da rigidez severa e exageradamente séria que Dana vivenciou no *dojo* de caratê em San Diego.

Obviamente, o *dojo* Kakusareta Taiyou não ensinava caratê. O estilo Sol Oculto do jiu-jítsu era uma arte composta, desenvolvida pelas mães e tias da *sensei* e algumas outras mulheres que viveram no Japão durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Ela contou para Dana que, após o fim da guerra e o começo da ocupação americana, houve uma série de ataques a mulheres japonesas. As artes marciais foram proibidas e todos os *dojos* foram fechados, mas as mulheres que eram guerreiras experientes e também descendentes das antigas famílias de samurais se reuniram para formar o Kakusareta Taiyou, que ignorava muito da perda de tempo que era a formalidade das artes marciais tradicionais e se concentrava em habilidades que realmente salvavam vidas. As técnicas eram baseadas na defesa, em vez de no ataque.

Miyu fez um gesto para Dana se afastar, e ela se curvou, saiu do tatame e se ajoelhou em seu lugar. Quase todos os alunos naquele *dojo* eram garotas ou moças, havendo apenas alguns garotos no meio.

— Sei que você está enfrentando uma barra pesada — disse Miyu.  
— Não, não faça cara de surpresa. Está é uma cidade pequena e as pessoas falam. Nada disso importa. Nada importa quando sua vida está em jogo. Assaltantes e estupradores não marcam horários convenientes para atacar. Não é assim que o mundo funciona. O perigo é real, e seu potencial é constante. Temos que estar sempre preparados.

— Mas, *sensei* — disse Dana —, como isso funciona? Se o Saturo... ou um bandido de verdade, quero dizer... acabou de me atacar, como vou conseguir me preparar imediatamente?

Miyu sorriu, como se aquela fosse exatamente a pergunta a ser feita.

— A defesa não uma questão de estar preparada no momento — disse ela ao andar calmamente pelos tatames. — É uma questão de estar preparada *antes* do momento.

Saturo mudou de posição e começou a acompanhá-la, com olhos fixos na tia, a faca frouxa na mão, enquanto o corpo se deslocava com a agilidade azeitada de um grande felino caçador. Perseguiu Miyu, que era bem menor, com o rosto rígido, sem sorrir, intenso.

Dana observou os dois andando pelo tatame e tentou prever como Saturo atacaria. E quando. O pai havia falado muitas coisas sobre ângulos de ataque e aproveitar a oportunidade, mas a maioria das lições era mais abrangente, mais sobre táticas militares do que sobre combate pessoal.

De repente, a imagem de Saturo pareceu ficar indistinta quando ele avançou em um ângulo à direita do que vinha andando. A faca rombuda de alumínio, usada para treino, estava quase invisível quando ele cortou em um arco fechado e violento.

“Ele realmente está tentando acertar a *sensei*”, pensou Dana, horrorizada.

Miyu estava bem no caminho do golpe, foi pega desprevenida, de calças curtas.

Só que...

Só que, subitamente, Miyu se tornou parte do ataque.

Foi bizarro. A faca rasgou o ar na altura do rosto, e em vez de tentar recuar do ataque, Miyu se voltou na direção dele, executou uma pirueta dentro do braço de Saturo, de maneira que o corte circular passou em volta dela e a errou por centímetros. A seguir, Saturo cambaleou, tombou e caiu, e veio o eco dos baques secos da sequência de golpes que Miyu aplicou no estômago, virilha, garganta e rosto. Saturo desabou sobre o tatame, e a faca saiu voando, caiu, quicou e finalmente deslizou até parar a dez centímetros dos joelhos de Dana.

Foi tudo rápido demais.

Rápido demais para acompanhar. Quantas vezes ele foi atingido por Miyu? Seis? Oito? Mais?

A *sensei* estava parada com as pernas afastadas, as mãos abaixadas e abertas, o corpo agora virado na direção do agressor caído, posicionada para oferecer todas as oportunidades de continuar o ataque, ao mesmo tempo em que não permitia nenhuma abertura real ou útil. De repente, ela se moveu novamente, com a velocidade de um felino, e deu um chute na cara de Saturo.

Tão rápido.

E depois veio silêncio.

Miyu suspirou baixo e deu um passo para trás, seu corpo instantaneamente passando do combate à tranquilidade.

Saturo rolou e ficou de joelhos, depois deu um pulinho e ficou de pé. Ele se curvou bastante, e Miyu devolveu o cumprimento. Só então Saturo sorriu. Ele estava completamente ileso, porque os golpes tocaram levemente nas áreas mais densas e apenas roçaram na pele do rosto e garganta. Aquilo era o *kime*, o foco, a capacidade de precisão absoluta que permitia que artes letais fossem praticadas a toda velocidade.

E aquela velocidade foi *sensacional*.

— Se você esperar até que um ataque aconteça para planejar uma defesa — disse Miyu —, então já foi derrotada. Nós treinamos a vida inteira para estarmos preparadas para um ataque, de maneira que no momento nós reagimos corretamente, usamos a memória muscular, os reflexos e o desenvolvimento de uma habilidade repetitiva arraigada profundamente. Havia um ditado entre os samurais que dizia que treinamos dez mil horas para um único momento que pode nunca acontecer. Ah, mas se *acontecer*, então todo aquele treinamento valeu a pena. E... se não acontecer, então aquelas horas foram bem gastas, porque um samurai não é julgado pela agudeza de sua espada, mas pela agudeza da mente.

— *Osu* — falou Saturo, usando o termo geral para concordância enfática.

— Agora — disse Miyu enquanto andava até a frente de Dana —, tente de novo.

— *Hai, sensei* — respondeu Dana ao ficar de pé novamente.

— Ah, e desta vez tente não acabar com a garganta cortada.

Dana olhou para Saturo, que ainda sorria.

— *Hai, sensei* — disse ela com a voz fraca.

# CAPÍTULO 11

Craiger, Maryland

17h24

A faca veio tão rápido que ele não teve tempo para pensar, bloquear ou mesmo se mexer. Um vislumbre prateado e depois a sensação do gume frio na garganta.

— Você morreu.

A sala estava em silêncio, a não ser pelo som da sua respiração.

Então o gume desapareceu quando o homem da faca recuou. O garoto deu meia-volta para correr, tropeçou, caiu feio, ficou de pé às pressas novamente e procurou por alguma saída.

Mas não havia saída.

A sala era grande e escura. As portas estavam fechadas e trancadas. Havia tábuas de compensado pregadas em todas as janelas. Ele estava preso ali. Ele e o homem alto com a faca terrível.

— Eu esperava mais de você, Todd — disse o anjo, ao baixar a faca. A voz era suave, gentil, comedida. — O surgimento da Idade Vermelha está próximo, e eu pensei que pudesse confiar em você para ajudar a trazê-la e torná-la realidade.

— Me deixa sair daqui.

O anjo subitamente disparou à frente e a ponta da faca se projetou, rápida e reluzente como um raio. Todd berrou e tentou bloqueá-la, tentou socá-lo. Fracassou em ambas as tentativas porque o sujeito era simplesmente rápido demais. Assustadoramente rápido. Todd sentiu uma queimadura na bochecha e a tocou, depois berrou de novo quando os dedos voltaram pegajosos com sangue.

— Eu não vou contar — insistiu ele, odiando que a voz tenha cedido no meio e demonstrado a fraqueza que Todd nunca soube que vivia dentro de si. Seu corpo era forte, musculoso, enrijecido por anos de jiu-jítsu no *dojo* e de luta greco-romana no colégio, mas nenhuma daquelas lutas o preparou para aquilo.

— Você não pode mentir para mim, Todd. Eu estou na sua mente. Estou nos seus pensamentos, suas preces, seus sonhos e esperanças. Sei que você contou para a garota a meu respeito.

— E você a *matou*, porra.

— Você contou meus segredos para ela. Você contou para ela, portanto o sangue da garota está marcado na sua alma.

O anjo começou a andar novamente, desta vez indo na direção oposta.

— Você a matou — repetiu Todd.

O sangue escorreu quente pela bochecha e desceu pela lateral da garganta.

— Não,  *você* a matou. Com um sussurro para ela, você condenou aquela garota à morte neste mundo e à maldição no próximo — disse o homem. — A culpa é sua, e isso é tão triste, um desperdício tão grande. Você nos trouxe a este momento.

— Você é um maníaco.

— Diga-me para quem mais você contou, Todd. Diga-me quem mais sabe sobre a Idade Vermelha.

— Eu... eu...

— Calma. Diga-me e aí você terá permissão para ascender.

— Eles vão... Eles vão te pegar... Vão te impedir...

O anjo se debruçou tão perto que Todd sentiu o cheiro de seu hálito. Era um fedor de carne podre. Um bafo de carnívoro. Feio e cheio de promessas horríveis.

— Vão me impedir? Como? — perguntou ele baixinho. — Eu não sou algo que  *possa* ser detido. Certamente você, mais do que qualquer outra pessoa, sabe disso. Você viu o que posso fazer. Olhou na minha mente e testemunhou o que me tornarei. Sabe que não há nada nem ninguém que possa me impedir.

Todd se sentiu indo embora. O que quer que tenha acontecido já era ruim. Ruim demais. Talvez uma porta tenha sido aberta a chutes para ele, afinal de contas. Se ele conseguisse sair por ela antes que a situação piorasse...

— Vá... para... o inferno — disse ele, ofegante, forçando a saída de cada palavra, pagando o preço para torná-las audíveis, para enchê-las com seu sofrimento e raiva.

— Não — falou o anjo ao erguer a faca. — O inferno está esperando por  *você*.



# CAPÍTULO 12

Residência dos Scully

19h54

A avó estava dormindo quando Dana chegou em casa.

— Não a acorde — disse a mãe, ao interceptar Dana do lado de fora do quarto da avó. — O médico passou aqui mais cedo e receitou algo para ajudá-la a dormir.

A mãe estava sorrindo, mas Dana notou como o sorriso era fraco. Como papel mantido no lugar por dois pedacinhos de fita adesiva.

Melissa saiu da cozinha com uma tigela de uvas.

— Ei — disse ela com a boca cheia.

— Ei — falou Dana, que pegou uma única uva gorda e comeu.

— Por que vocês não sobem, meninas? — sugeriu a mãe. — Vamos fazer silêncio aqui embaixo, ok?

— Ok — concordou Melissa enquanto puxava o braço da irmã.

Charlie desceu a escada usando um balde de plástico preto na cabeça, no qual havia cortado dois pequenos buracos para os olhos. Usava um saco de lixo preto preso aos ombros como uma capa e empunhava um bastão que havia pintado com tinta fluorescente laranja. Charlie se aproximou de mansinho das irmãs, com uma respiração pesada e audível, parou por um momento, apontou para Dana e falou:

— A Força é poderosa nela.

Depois ele se afastou, cantarolando um tema musical sinistro. As irmãs observaram Charlie ir embora.

— Ele é completamente pirado — disse Melissa.

— Aham — concordou Dana.

— Mas ele provavelmente vai ser um zilionário algum dia.

— Aham.

As duas subiram e pararam no fim do pequeno corredor onde ficavam seus quartos. Uma pequena janela dava vista para a rua, e Melissa espiou por ela e resmungou.

— Você viu aquilo quando chegou?

Dana olhou e viu um par de trabalhadores pregando uma placa acima das grandes portas duplas da velha igreja. Melissa afastou a cortina para ver melhor o que dizia.

— “Igreja da Luz Pura” — leu ela. — Parece que alguns hippies estão se mudando para cá. Bacana. — Melissa deixou a cortina cair. — Ei, quer ir para o meu quarto e matar o tempo um pouco?

Podemos encher o saco da mamãe para pedir comida chinesa e vermos algum programa ruim na TV.

— Eu tenho dever de casa.

— O bom de programas ruins na TV é que a pessoa consegue fazer dever de casa e não perde muita coisa. Além disso, parece que você precisa descansar. Está com os olhos saltados.

— Só estou cansada.

— Aham.

Dana pensou a respeito.

— Bem, talvez. Hoje foi um pesadelo. Acho que preciso desligar a cabeça um pouco.

— Ótimo — disse Melissa. — E, já que a ideia foi minha, eu escolho o primeiro programa.

# CAPÍTULO 13

A Sala de Observação

23h03

— Ele realmente está a toda esta noite — disse Malcolm Gerlach.

O outro sujeito na salinha, um técnico chamado Danny, não disse nada além de fazer um pequeno som de concordância. O ambiente estava escuro e era iluminado apenas pelo brilho tênue de uma dezena de pequenos televisores coloridos. Cada tela mostrava imagens ao vivo de uma parte diferente da cidade e, nas telas, pequenos dramas se desenrolavam. Era óbvio que nenhuma das cobaias sabia que estava sob vigilância. Aquilo fazia parte do processo. Eles aprenderam da maneira mais difícil que a observação direta muitas vezes criava reações psicológicas que limitavam o desempenho. A ciência exigia precisão e uma atmosfera de esterilidade.

Eles assistiam.

Em uma tela, um menino de doze anos estava sentado no piso do banheiro, com os braços em volta da cabeça, choro e ranho sujando o rosto, o peito arfando enquanto soluçava, pés martelando o chão em pânico. Diante dele, havia uma toalha de mão molhada. De vez em quando, o menino erguia a cabeça e olhava para a toalha com tanta ferocidade que parecia que ele tentava socá-la com o olhar.

— Mexa-se — rosnou ele, mas havia um tom de súplica na voz. De desespero e medo.

A toalha não se mexeu.

Na maior parte das vezes.

Em outra tela, uma garota de dezessete anos estava deitada na cama, vestida com calças grossas para neve, uma *parka* e luvas de lã de cordeiro. O corpo sofria um espasmo forte a cada quinto batimento cardíaco. As luzes do quarto estavam desligadas, mas a câmera escondida tinha filtro de imagem térmica e captava o vapor de cada respiração. Um medidor na câmera registrava a temperatura. Quando a garota vestiu o casaco, estava vinte graus. Agora o termômetro registrava seis graus negativos. Houve outro espasmo, e a medição caiu mais um grau.

Em uma terceira tela, uma garota loira estava sentada no chão do quarto olhando para um espelho de corpo inteiro pendurado na parede. Ela usava um pijama listrado e o cabelo preso em um rabo de cavalo.

A imagem no espelho mostrava um menino parecido com ela, mas o cabelo era preto e a pele, marrom-claro. Quando a garota sorria, ele sorria. Quando ela piscava, ele piscava. Quando ela baixava a cabeça e chorava, ele fazia o mesmo.

Os homens na salinha se entreolharam. Ontem havia sido uma menina chinesa no espelho. Na semana passada, um homem adulto com feições russas.

Na quarta tela, um adolescente estava sentado à escrivaninha fazendo dever de casa de cálculo. Ele trabalhava com uma régua de cálculo e uma calculadora de bolso. Havia livros e papéis espalhados à volta do adolescente, que escrevia furiosamente.

A câmera estava posicionada para mostrar os olhos do rapaz. Eles eram completamente negros. Não havia pupilas, nem íris, nem esclera. Preto puro e profundo. Ele não olhava para o papel mas, em vez disso, estava voltado diretamente para frente, encarando o nada. A caneta se mexia rapidamente enquanto o adolescente preenchia página após página com uma caligrafia pequena e bonita. Um pouco daquilo era cálculo — os especialistas do Sindicato tinham certeza disso, pelo menos. O resto, porém... Provavelmente era matemática de alguma espécie, mas nenhum tipo de matemática conhecida pelo homem. De vez em quando, símbolos estranhos surgiam no meio dos números e fórmulas. Aqueles símbolos eram conhecidos por todos os especialistas da organização, desde que a primeira nave caiu em Roswell.

Na quinta tela, dois adolescentes estavam se beijando em um tapete ao lado de uma cama vazia. Estavam vestidos, mas os amassos seguiam um caminho óbvio. Os dois estavam tão completamente perdidos nos beijos e na pegação que nenhum deles notou o que acontecia no quarto. Nunca viram as fotos da mãe da garota se virarem, mudando de posição sutilmente nas prateleiras. Nunca viram a película de tom branco leitoso se formar por cima do quadro de Jesus na parede. Nunca viram o crucifixo brilhar conforme se aquecia e começava a derreter.

Nunca viram nada daquilo, mas a câmera gravou tudo.

Gerlach se curvou à frente para examinar o que acontecia na sexta tela.

Um adolescente estava se debatendo nas garras de um pesadelo incontrolável. O quarto estava vazio, a não ser por cinco itens. A cama onde ele estava deitado, uma cômoda remendada com fita isolante, uma cadeira velha, um crucifixo de metal maciço que fora pregado no teto acima da cama e um canivete com trava. O garoto se virava e se contorcia dentro do pesadelo, enquanto falava em alguma língua desconhecida para os dois homens que assistiam. Eles despachavam fitas com tudo que o adolescente dizia para os linguistas que trabalhavam para o Sindicato. Os relatórios preliminares daqueles especialistas foram extremamente perturbadores. Eles acreditavam que, quando o garoto estava preso em alguma espécie de sonho, ele falava frases completas, mas os componentes daquelas frases eram feitos de palavras de várias fontes. Apenas algumas palavras foram traduzidas e eram de um dialeto do aramaico antigo. Aquela não apenas era uma língua morta, mas também era um dialeto falado especificamente na região da Galileia, que se diferenciava de maneira substancial do dialeto usado mais comumente em Jerusalém. Os linguistas do Sindicato acreditavam que o dialeto usado pelo garoto adormecido era a versão específica do aramaico que teria sido usada por Jesus e seus discípulos.

Mas havia apenas poucas palavras daquele dialeto. Também havia palavras na versão do grego conhecida como coiné e uma versão muito antiga do hebreu que continha elementos de fenício.

Palavras daquelas línguas representavam cinco por cento do que o garoto dizia. Do que ele gritava. O resto eram palavras sem sentido ou oriundas de uma língua desconhecida para os sábios que trabalhavam para o Sindicato. Algumas daquelas palavras eram tão estranhas que claramente o rapaz se machucava para falá-las. Mais de uma vez ele acordou engasgado com o sangue da laringe ou da língua feridas. Como se tais palavras nunca tivessem sido feitas para serem proferidas por gargantas e bocas humanas.

Na noite de hoje, porém, o adolescente continuava repetindo a frase em aramaico que os especialistas haviam decodificado meses antes. Uma frase que Danny e Gerlach sabiam de cor agora, mesmo que não compreendessem seu significado ou sua consequência. A

tradução daquela frase estava escrita em uma faixa de fita cirúrgica branca que fora colada na parte debaixo da sexta tela.

ELA MUDARÁ O MUNDO.  
O CÉU CAIRÁ.

Podia não ser uma frase de grande importância, a não ser pelo fato que, quando o garoto dizia aquelas palavras, ele berrava com terror absoluto.

A imagem da sétima tela era de uma ruiva bonita de quinze anos, vestida em um pijama bem modesto, esparramada na cama e coberta de suor. Ela se debatia enquanto dormia, e agora os lençóis e a manta fina estavam embolados em volta do corpo. Acima da cama, luzes coloridas brilhavam e espocavam como fogos de artifício minúsculos, mas não vinham de lugar algum e desapareciam sem deixar qualquer rastro. Ninguém do Sindicato compreendia aquelas luzes.

— Não... — disse ela, gemendo como um lamento prolongado. — Por favor... não...

— Algum deles sabe o que está acontecendo? — perguntou Danny.

— Alguns sabem — respondeu Gerlach. — A maioria, não. Por quê?

— Bem, porque eles parecem estar sofrendo. Como sabemos que isto não vai matá-los?

Gerlach e o outro homem se entreolharam.

Mas nenhum deles disse palavra.



# CAPÍTULO 14

Residência dos Scully

3 de abril, 0h33

O sono não era uma fuga.

De maneira alguma.

Na alta madrugada, Dana pareceu acordar dentro de um sonho, sabendo que estava sonhando, mas com medo de que aquilo fosse tão real quanto o mundo acordado. Ela sabia que não detinha o léxico para sequer colocar aquilo em palavras que fizessem sentido. As muralhas entre a fantasia e a realidade estavam quebradas, desmoronaram, eram irrelevantes.

E era aterrorizante.

Aquilo não era o que acontecia quando a mente se desfazia? Não era a definição de enlouquecer?

O sonho se desenrolou como um filme.

Dana acordou no quarto, mas não estava de pijama. Em vez disso, usava um *tailleur* escuro que parecia quase masculino. Calças e paletó azul-marinho e blusa branca — um visual suavizado apenas pela presença de um fino cordão de ouro onde estava pendurada a cruz minúscula e pela ausência de gravata. O cabelo estava mais armado, mais curto e penteado de uma maneira sóbria que ela jamais usaria. Sapatos com saltos grossos.

As roupas não eram nada do que ela possuísse, mas combinavam com Dana. Ela se sentiu natural dentro delas. Mas, quando ficou de pé, houve uma coisa estranha. Um peso na cintura. Dana foi ao espelho enquanto desabotoava o *tailleur*, e quando jogou a barra do paletó para trás, ela viu a arma.

A.

Arma.

Uma pequena pistola automática enfiada em um coldre de couro preso ao cinto.

— O quê...? — murmurou ela.

Dana conhecia armas. Filhos de militares sempre conheciam. Os irmãos e o pai levavam Melissa e ela para o estande de tiro em qualquer cidade em que moraram.

— Você não pode tocar em uma arma a não ser que seja esperta, Starbuck — disse o pai na primeira vez que eles foram para o estande de tiro.

Era assim que ele a chamava: Starbuck. E o pai era Ahab. Começou quando os dois leram *Moby Dick* juntos pela primeira vez. Um livro que ela adorava e Melissa odiava. Um livro que criou uma conexão com o pai que Dana nem sempre sentia. Uma conexão que parecia ser interrompida muito frequentemente. Às vezes ele era severo, distante, frio; e a frieza do pai provocava calafrios e afastava Dana. Mas aí ele sorria e havia um brilho secreto ali, tão intenso quanto a Estrela Polar, e o pai a chamava de Starbuck e ela o chamava de Ahab e tudo ficava bem.

A arma no coldre não era um modelo que Dana tivesse visto antes. Ela olhou para o reflexo da pistola, mas não tocou na arma.

*Não é sua*, disse uma voz dentro da mente. *Ainda não*.

Então Dana percebeu que o reflexo estava errado. Diferente. O rosto que devolveia o olhar estava com a mesma expressão com a boca retraída, mas era mais velho. O rosto de uma mulher, não de uma garota. Não muito mais velho, porém. Dez anos? Um pouco menos. Era um rosto suficientemente velho, porém, para demonstrar que os anos não foram fáceis. Havia uma rigidez na expressão, um lampejo de dúvida e de raiva submersa nos olhos.

E de medo.

Havia medo real ali também. Escondido, comprimido, reprimido, contido, jogado no chão, empurrado. Mas estava lá.

— Eu estou com medo — falou o reflexo.

A voz era diferente também. Mais velha, não tão suave, mais controlada.

— Com medo de quê? — perguntou Dana ao reflexo, falando como se aquela fosse uma pessoa diferente.

— Estou com medo de acreditar — respondeu o reflexo.

Dana umedeceu os lábios.

— Eu também.

O reflexo pareceu triste, como se aquela fosse a resposta errada.

— Do que você tem medo?

— Tenho medo de que Deus esteja falando e ninguém esteja escutando — disse Dana.

— Eu sei — falou a outra Dana.

Partículas de poeira nadaram no ar em ambos os lados do espelho, se movendo em perfeito sincronismo, embora as duas Danas fossem tão diferentes.

A mulher com o rosto dela se aproximou e sussurrou:

— Ele está vindo atrás de você.

— O quê? Quem?

A mulher subitamente arfou e sacou a arma. Foi tão rápido, com uma agilidade azeitada que só podia ser possível após anos de treino. Ela pegou a barra do paletó para trás com os dedos, jogou-a para trás, usou o polegar para soltar a trava de segurança do coldre, fechou os dedos em volta da coronha nodosa de plástico rígido, puxou a arma para fora, ergueu-a e segurou a pistola, firme, com as duas mãos, um dedo posicionado do lado de fora do guarda-mato. Tudo muito, muito rápido. Um segundo e então a pistola estava erguida. Apontada para Dana... não, apontada para trás dela.

O cano da arma era um olho negro, firme e mortal, mas o rosto atrás da pistola estava contorcido em uma máscara de horror.

— *Ele está aqui!*

Dana girou na direção da escuridão que subitamente tomou conta do quarto. Por um segundo, não havia nada para ver.

E aí *ele* saiu das sombras.

Um homem.

O anjo da luz.

Demônio ou monstro ou homem normal, ela não sabia o que ele era.

Era alto, tingido de um tom de azul frio pelo luar que entrava pela janela. Estava vestido com roupas tão escuras que era como se usasse vestimentas feitas de sombras. Havia asas dobradas atrás das costas largas.

Mas ele não tinha rosto algum.

O cabelo negro cacheado enquadrava um rosto com maçãs do rosto pronunciadas e um maxilar anguloso, mas onde deveria haver olhos, um nariz e uma boca, não havia nada. Não era uma máscara, Dana tinha certeza. Nada.

E, no entanto, ela *sabia* que o anjo podia enxergá-la. Que estava sorrindo com o tipo errado de fome. Que estava completamente

ciente da presença de Dana — tanto a verdadeira quanto a versão fantástica mais velha, no espelho.

O anjo ergueu as mãos, e Dana notou que ele estava levantando coisas que queria que ela visse.

Na mão direita, o anjo segurava vários cravos de ferro longos e terrivelmente afiados.

Na mão esquerda, ele segurava um malho bruto, feito de madeira de lei e aço.

Os dedos de ambas as mãos estavam sujos de sangue.

— Corra — sussurrou a Dana mais velha. — Vou tentar segurá-lo aqui. Corra... *corra!*

Dana não conseguiu correr. Não conseguiu se mexer. Mal conseguia respirar.

As asas nas costas do anjo se agitaram subitamente e depois se abriram, enormes, amplas, preenchendo o ambiente atrás dele. O luar as mostrou para Dana com a clareza de um cristal. Elas não eram as asas lindas e com penas macias de um anjo do céu.

Eram as asas negras, de couro mosqueado, de algo que saiu do poço do inferno.

Dana berrou até acordar.

# CAPÍTULO 15

Craiger, Maryland

3h58

O anjo estava sentado de pernas cruzadas no chão, cercado por milhares de cacos de espelho quebrado, cada um refletindo uma versão diferente de seu rosto.

Alguns mostravam como o mundo o via, e o anjo desconsiderou aqueles reflexos com um sorriso malicioso. Ele sabia que as pessoas adoravam máscaras porque a verdade era muito assustadora para mentes tacanhas e ordinárias.

Alguns cacos do espelho mostravam o rosto do anjo. Não um rosto, mas muitos, porque um anjo é diferente para cada pessoa que vê a entidade. A *entidade*, não *ele*. Anjos estão acima de gênero, acima de identidade sexual. Estão acima de tudo que define um ser como humano. E ele, pela própria definição, não era humano.

Havia outros rostos nos estilhaços. Rostos de monstros, rostos de grande beleza, rostos de pedra, metal e madeira. Rostos de formas tão abstratas que apenas um olho extremamente perspicaz seria capaz de identificá-los como rostos.

E então havia o rosto que devolvia o olhar para ele no maior dos estilhaços. O rosto verdadeiro. Um rosto que ninguém jamais viu ou sequer vislumbrou, a não ser quando o anjo o revelava para eles.

Geralmente, porém, as pessoas para quem o anjo mostrava sua verdadeira face estavam tão ocupadas berrando que não conseguiam apreciar a grandiosidade de quem ele era.

O anjo imaginou se a garota seria capaz de ver sua verdadeira face quando chegasse o momento. Ele torcia que sim.

O anjo queria que ela visse. Assim como queria trazê-la para se juntar à família, para compartilhar com ela os segredos da Idade Vermelha, dos anjos vigilantes e dos nefilins. Ele tinha certeza de que a garota abraçaria a verdade assim que a ouvisse.

Uma foto dela estava caída no chão ao lado daquele fragmento especial do espelho. Era uma foto colorida, muito nítida. Nela, a garota estava no quarto, abotoando a blusa do pijama. Ela tinha lindos cabelos ruivos. Era tão vermelho quanto o cabelo de Judas, o Traidor. O anjo esticou a mão, passou o dedo pela foto e parou brevemente na jovem garganta macia.

Em volta dele, as sombras se agacharam nos limites da luz da vela.



# CAPÍTULO 16

A Sala de Observação

4h01

Danny, o técnico, tirou o fone de ouvido e o jogou no console. Acendeu um cigarro, apoiou os pés na beirada do equipamento, cruzou os tornozelos e soprou um jato de fumaça azul no ar. Gerlach estava sentado em uma mesa atrás dele, alimentando lentamente uma caneca de café com sachês de açúcar. Havia oito sachês vazios sobre a mesa, e Gerlach esticou a mão para pegar um nono.

— Alguns deles conseguem vê-lo de verdade, certo? — pergunto Danny.

— Alguns — disse Gerlach.

— Não é potencialmente perigoso? Quer dizer, é uma cidade pequena.

Gerlach deu um muxoxo de desdém.

— Isto faz parte do conjunto de habilidades dele.

— Não entendi.

— Ele controla como as pessoas o veem — explicou o agente.

— Ah... isto é...

— Assustador? — sugeriu Gerlach.

— Ou algo assim — admitiu Danny. — Bizarro. Estranho. Inimaginável. Não sei que tipo de definição se encaixa.

O agente olhou para o nada por um momento, depois balançou a cabeça lentamente.

— Pessoalmente, cara, eu duvido que haja qualquer definição para o que estamos fazendo. Ninguém foi tão longe assim antes.

— Nem mesmo os russos? Eu ouvi falar de umas coisas bem loucas — disse o técnico.

— Os russos estão dois anos atrás da gente — falou Gerlach. — Talvez quatro. Quando eles chegarem ao ponto onde estamos agora, nós teremos avançado ao próximo nível.

— Qual é o próximo nível?

Gerlach olhou para ele.

— Isso está acima da sua alçada.

— Desculpe.

— Não peça desculpas; só não seja enxerido.

— Sim, senhor.

— E pare de me chamar de senhor, eu odeio isso.

— Sim, senhor... hã, quero dizer, claro — disse Danny, que depois começou a desligar as transmissões. — Você ficou sabendo? Arrumaram um novo motorista para você hoje.

Gerlach concordou com a cabeça.

— Eu sei.

— O cara de sempre disse que teve intoxicação alimentar.

— Aham.

— Você acredita nele?

O agente rasgou o nono sachê de açúcar, jogou seu conteúdo na caneca e voltou a mexer.

— Nem todo mundo nasceu para esse serviço — respondeu Gerlach.

# CAPÍTULO 17

Residência dos Scully

6h43

Quando Dana foi descalça até a cozinha, ela viu que a avó estava à mesa, segurando as laterais de uma xícara de chá fumegante, e uma torrada com manteiga esfriando em um prato. Era raro que a avó estivesse de pé tão antes do meio-dia. O rádio estava ligado e tocava algumas canções velhas da Segunda Guerra Mundial que Dana não conhecia.

— Ei, vovó — disse Dana ao se aproximar e beijar a bochecha da avó.

Embora o rosto dela fosse enrugado, era sempre macio. A avó cheirava a sabonete e pó-de-arroz da marca Dorothy Gray.

— Tem café pronto — disse a avó, embora não fosse verdade.

A cafeteira estava vazia. Dana não comentou, porém. A chaleira ainda estava suficientemente quente, e ela preparou uma xícara para si. Hortelã-pimenta. A avó tinha um ditado para isso: “camomila para acalmar; hortelã-pimenta para agitar.”

Dana levou o chá à mesa e se sentou. A avó sorriu para ela e empurrou a torrada.

— Você está deixando a torrada esfriar.

Dana concordou com a cabeça como se aquilo fizesse sentido, pegou um pedaço, mordeu a ponta e mastigou. Ela empurrou o prato de volta para a avó. Lá fora, parecia haver mil pássaros nas árvores, todos eles cantando em uníssono para proclamar que a primavera ia bem e estava realmente ali. Era bonito. Barulhento, mas bonito.

— Vó...? — perguntou ela.

— Sim, meu doce?

— O que são anjos?

Os olhos da avó raramente estavam nítidos e geralmente pareciam vagar, sem foco, como se ela tivesse esquecido como olhar para as coisas. Mas agora eles pestanejaram para examinar a neta e estavam tão nítidos e azuis quanto o céu após uma boa chuva.

— Por que você quer saber sobre anjos?

— Eu não paro de sonhar com eles.

A avó tomou um gole do chá. Seus olhos estavam intensos e não piscaram por um longo tempo. Então ela baixou o olhar para a xícara.

— Você está com medo desses anjos?

— Um pouco — disse Dana, abrandando a verdade.

A avó concordou com a cabeça.

— Você deveria ter medo.

— O quê?

Aqueles olhos azuis se ergueram novamente.

— O que você acha que os anjos são?

— Hã... mensageiros de Deus, eu acho.

— Você acha.

— Foi o que nos disseram no catecismo.

A avó fez uma careta. Ao contrário da filha e dos netos, ela raramente ia à igreja.

— Bem, então deve ser verdade.

— É por isso que estou perguntando para a senhora — disse Dana.

O relógio de parede tiquetaqueou por meio minuto antes que a avó dissesse alguma coisa. Dana conhecia aquele padrão de comportamento. Quando a avó estava lúcida, era melhor esperar por ela, deixá-la raciocinar o que queria dizer. Falar cedo demais ou interrompê-la parecia acionar um interruptor e mandá-la de volta à confusão mental longe do mundo onde a avó passava a maioria dos dias.

Ela assentiu como se concordasse com os próprios pensamentos.

— Há todo tipo de anjo — começou a avó lentamente. — O nome significa “mensageiro”, e muita gente acha que eles são apenas os meninos de recados de Deus. Rá! Longe disso. As pessoas acham que eles passam o dia inteiro berrando “hosana”, tocando harpa e parecendo hippies em vestidos. Mas isto é bobo, não é? As pessoas rezam para os anjos como se eles existissem apenas para ajudá-las a sobreviver a um dia ruim. Elas rezam para os anjos como se eles fossem santos, mas os santos, pelo menos, eram gente. Os anjos nunca foram.

— O que eles são? — insistiu Dana.

— Perigosos, é isso que eles são — respondeu a avó, com a voz nítida e incisiva. — Pense, garota. O primeiro anjo mencionado na Bíblia ficava de guarda na entrada do Jardim do Éden com uma

espada flamejante. Ele não estava ali para proteger Adão e Eva, pode acreditar. Anjos vigilantes estão na Bíblia, mas não para nos proteger. Na Bíblia inteira, os anjos agem como os matadores de Deus, aparecendo para punir, para destruir. — Ela balançou a cabeça. — Não se esqueça que Lúcifer foi um anjo.

— Ah... certo...

— E também não são bonitos. São monstros.

— Monstros?

— Os serafins são cobras de seis asas que voam. Os querubins não são aqueles bebês fofinhos de bochechas rosadas que se vê nos quadros. Longe disso. São leões alados. Não são exatamente o tipo de criatura que se quer vigiando o berço de um bebê. Por que você acha que sempre que um anjo aparece para um humano nas Sagradas Escrituras, eles dizem “não tenha medo”? Deixe-me pensar agora. Havia uma citação a respeito disso em Ezequiel, mas não me pergunte o capítulo ou versículo. Algo a respeito de eles terem dois conjuntos de asas e cascos... Como era? ‘O rosto de um homem e o rosto de um leão, no lado direito: e eles tinham o rosto de um boi no lado esquerdo; e também o rosto de uma águia.’ Não é bem isso, mas é parecido o bastante para a nossa conversa.

O azul dos olhos dela pareceu muito intenso na luz do sol matinal, e não havia indício de uma mente atormentada. Isso, tanto quanto o que a avó estava dizendo, esfriou a cozinha inteira.

A avó balançou a cabeça.

— Se você está sonhando com anjos, Dana, então precisa tomar cuidado. Nem todos os anjos feios são maus, e nem todos os bonitos são bons. Eles não são humanos, e você não pode julgá-los da forma como julga um humano. É assim que as pessoas se machucam. Tudo a respeito deles é diferente do que parece. — Ela riu. — Talvez tenha sido por isso que o diabo veio a ser chamado de príncipe das mentiras. Se ele for um anjo, então nada a respeito dele é a simples verdade.

— Como posso saber se é real ou apenas um sonho? — perguntou Dana.

A avó considerou a questão, mas enquanto pensava a respeito, o rosto começou a mudar, e Dana se desanimou. Ela viu as nuvens da

confusão roubarem a clareza daqueles olhos azuis como se a mortalha de uma tempestade tivesse se estendido diante do sol. Aconteceu rápido. No espaço de alguns segundos, a avó recuou outra vez para as sombras da própria mente.

— Vó...? — perguntou Dana com cautela.

A avó sorriu.

— Ah, bom dia, Melissa — disse ela animadamente. — Tem café pronto.

Dana se levantou e deu a volta na mesa para beijar a avó na bochecha. Naquela bochecha macia.

— Eu amo você, vó — murmurou ela.

— Eu também te amo, Margaret. Não deixe de arrumar seu quarto antes de sair com aquele garoto Scully. Ele é um cafajeste.

Margaret era o nome da mãe de Dana.

— Pode deixar — respondeu ela.

— Dana...? — chamou a mãe lá do corredor. — A vovó está com você?

— Estamos na cozinha.

A mãe entrou, e o pai veio atrás alguns momentos depois. Charlie entrou também, mas ele claramente não estava plenamente acordado e ainda usava a máscara de super-herói com a qual obviamente tinha dormido. O menino se sentou e encarou, sem pestanejar, a tigela de cereal. Era raro que a família Scully tomasse café da manhã reunida, mas Dana não comentou a respeito disso. Havia uma tensão palpável no ar. A mãe e o pai começaram a fazer o café e preparar a refeição, mas nenhum dos dois falou muita coisa. A avó se retraiu mais ainda para seu interior, e Dana voltou à cadeira. Melissa entrou bocejando também, vestida para a escola, mas com o cabelo ainda desgrenhado. Ela deu gemidos ininteligíveis e se serviu de um pouco do café fresco, adicionou quatro colheres de açúcar e desmoronou na cadeira. O café estava pela metade quando ela pestanejou e olhou em volta.

— O que deu em vocês hoje de manhã? — perguntou Melissa.

A mãe colocou um prato de ovos e torradas na frente dela.

— Prontinho. Ande rápido e coma ou você vai se atrasar.



Melissa olhou para o pai, cuja boca estava crispada, e depois para a irmã. Elas não precisaram trocar uma palavra para saber o que estava acontecendo. A mãe e o pai brigaram novamente. Aquilo parecia estar acontecendo com cada vez mais frequência desde que eles se mudaram para lá.

O café da manhã prosseguiu com uma frieza do Ártico.

Apenas a avó sorria enquanto passava manteiga nos dois lados da torrada.

# CAPÍTULO 18

Colégio Regional Francis Scott Key

7h27

— Que bom que eles não te suspenderam — disse Eileen.

— Pensei que fossem te expulsar — falou Dave. — Era o que todo mundo estava dizendo.

Os Minderjahns interceptaram as irmãs no corredor, e os quatro estavam reunidos em volta do armário de Melissa.

— Bem, então todo mundo é idiota — rosnou Melissa, vindo instantaneamente em defesa de Dana.

Adolescentes iam e vinham como correntezas pelo corredor, e muitos deles encaravam Dana. Raiva, diversão, curiosidade e desprezo, tudo em igual quantidade.

— Vai passar — disse Eileen com confiança.

— É — concordou Dave. — Todo mundo está sofrendo e com medo neste momento, então você ter surtado deu outra coisa para as pessoas se concentrarem. Do contrário, eles teriam que encarar os próprios problemas. Como se chama? Transferência? Algo assim.

Melissa concordou com a cabeça.

— Certo. E qualquer um que não supere essa situação, qualquer um que continue te culpando... Bem... acho que dá para dizer que não são amigos de verdade.

— Eu não tenho amigos de verdade — falou Dana.

Depois ela arfou ao perceber como aquilo soou ofensivo, mas Eileen lhe deu um sorriso maternal e um tapinha no braço.

— Nós somos seus amigos — garantiu ela.

— É — disse Dave, embora estivesse olhando para Melissa ao falar.

A campainha tocou para a aula, e cada um foi embora em uma direção diferente. Dana tentou ser invisível, mas sentiu os olhares sobre si. De início, todo mundo a tratou exatamente como ela esperava, e Dana estava convencida de que tinha um letreiro em neon piscando sobre a cabeça com a palavra ESQUISITA. Mas o teor do desprezo pareceu diminuir após a primeira aula. Não que todo mundo tenha corrido para abraçá-la mas, em vez disso, eles simplesmente pareceram se afastar e se concentrar nas próprias vidas em vez de tacar pedras mentais em Dana. Dave estava certo, pelo menos em parte.

A caminho do armário após a aula de álgebra, duas garotas foram até ela e bloquearam a passagem. Dana reconheceu a dupla, que esteve no ginásio. Karen alguma coisa e Angie alguma coisa.

Dana se preparou, esperando...

Esperando o quê? Um soco? Ouvir que é escrota? Ser ameaçada de alguma forma?

Nada disso aconteceu.

Ao contrário, Karen disse:

— Você estava dizendo a verdade?

— O quê? — perguntou Dana.

— Ontem — falou Karen. — Sobre a Maisie. Você estava dizendo a verdade? Realmente a viu?

— Eu...

Os olhos de Karen estavam furiosos, mas também úmidos. Ela parecia estar contendo as lágrimas, embora os punhos estivessem cerrados.

— É melhor você me dizer ou Deus me... — disse Karen em um sussurro nervoso.

A outra garota, Angie, era mais baixa e gorda e usava um suéter de hóquei sobre grama. Parecia ser capaz de quebrar Dana ao meio e parecia querer fazer isso.

— *Diga* — implorou Karen.

— Sim — respondeu Dana, e a própria voz foi um sussurro.

Karen pegou Dana pelos braços.

— Ela estava sofrendo?

Dana não soube como responder. A verdade parecia capaz de lhe render uma surra. Assim como a mentira. Ela se preparou, ficou pronta para usar um pouco do jiu-jítsu que vinha aprendendo ou o caratê que treinara com os irmãos. Dana não era muito boa, mas morreria brigando.

— Acho que sim — respondeu ela. — A Maisie estava sangrando e... gritando.

As duas garotas olharam fixamente para ela, com olhos arregalados e lágrimas caindo. Dana notou que elas acreditavam no que disse. Subitamente, Karen a empurrou, deu meia-volta e disparou pelo corredor. A garota mais parruda permaneceu por um

momento, presa entra a necessidade de seguir a amiga e a vontade de dizer alguma coisa.

— Maisie era prima dela — falou Angie, sem jeito. — A Karen tentou convencê-la a não ir àquela festa.

— Eu... eu sinto muito — disse Dana sem ser muito convincente.

Angie balançou a cabeça.

— Não é...

Ela parou e começou a ir embora, mas Dana foi atrás e tocou em seu braço.

— O que foi? O que você ia dizer?

A garota não respondeu. Ela balançou a cabeça e foi embora para encontrar a amiga. Dana quase a seguiu.

— O que foi aquilo?

Dana se virou rapidamente e viu outra garota mais velha parada ali. Uma das amigas de Melissa. Anne Hassett. Uma líder de torcida, como Eileen. Ela tinha cabelo castanho curto e um nariz pequeno tipicamente irlandês. Esta foi a primeira vez que Dana viu Anne sem que ela estivesse sorrindo.

— Ah, oi. Seu nome é Anne, certo?

— E você é a Dana — disse Anne.

Ela usava calças jeans justas e uma camiseta com um rato de desenho animado. O rato era o único que sorria naquele momento.

— O que aquelas garotas queriam?

— Por quê? — perguntou Dana.

Anne se aproximou e parou perto dela. Era da mesma altura que Dana e olhou bem em seus olhos.

— Porque eu perguntei.

Dana pensou em um motivo para não contar para Anne e não conseguiu. Não era um dia daqueles.

— Uma delas era prima da Maisie Bell e...

— Eu sei quem ela é. O que ela queria?

— Bem... ela me perguntou sobre uma coisa que aconteceu ontem.

— Você quer dizer no ginásio?

— Você ouviu falar disso?

— Todo mundo ouviu falar disso — disse Anne. — O que ela queria saber?

— Ela, hã, queria saber se Maisie estava sofrendo.

Os olhos de Anne vasculharam os de Dana.

— E estava?

— Sim.

— Você contou isso para ela?

— Sim.

Anne olhou para trás de Dana.

— Ai, cara...

Elas ouviram um som, e ambas se viraram e notaram um adolescente de costas para elas. Dana reconheceu que era Angelo, que trabalhava no Além do Além. Ele estava vestido com as calças e a camisa azul de um zelador. Ela não tinha visto Angelo pelo colégio antes. Ele tirou a tampa de uma lixeira do corredor e começou a esvaziá-la em outra maior, de plástico e com rodinhas. Angelo não olhou para as duas, mas Anne mexeu a cabeça e se afastou um pouco pelo corredor. Dana foi atrás.

— Olha, o que está acontecendo? — perguntou ela. — Todo mundo está me tratando como se eu tivesse feito algo errado aqui, mas não estou inventando isso. Talvez esteja enlouquecendo, mas eu vi a Maisie no vestiário.

— Por que foi *você* que viu a Maisie?

— Eu não sei. Não sei mesmo.

Um monte de emoções diferentes pareceram entrar e sair dos olhos de Anne. Raiva, indignação, mágoa e outros que Dana não sabia categorizar.

— Você sabe o que todo mundo está dizendo sobre a Maisie, certo? — vociferou Anne. — Que ela era uma “jovem burra” e detonou o carro, e todos fazem suposições. É sempre assim. Qualquer coisa que alguém da nossa idade faça que não seja careta é porque estamos agindo impulsivamente ou sendo irresponsáveis. Como se não fôssemos capazes de pensar por nós mesmos. Como se não fôssemos importantes. Maisie está morta, e eles sempre dirão que ela foi a culpada porque usou alguma coisa, e isso é errado. É... é uma mentira, um insulto. É simplesmente errado.

Dana concordou com a cabeça.

— E aí surge você — disse Anne —, que nem sequer conhece a Maisie, e ela aparece para você por um motivo qualquer. Aquilo surtou todo mundo. É tipo uma espécie de sinal. É o que eu acho. Foi ela tentando dizer para o mundo que não morreu da maneira que as pessoas pensam.

— Você... acredita que eu a vi?

Anne concordou com a cabeça.

— Sim. Um monte de gente acredita. Eu até ouvi uns dois professores falando a respeito disso. Todo mundo acha que você é uma espécie de aberração, mas... com certeza.

A informação de que os outros alunos acreditavam nela provocou um choque, e Dana não soube como lidar com aquilo.

— Craiger é uma cidade esquisita — falou Anne. — Sempre foi esquisita. Maisie era esquisita também. Ela frequentava todas aquelas aulas esquisitas naquela loja hippie idiota.

— A Além do Além?

— Seja qual for o nome, mas sim. Sempre fazendo aquela merda de meditação e dizendo que andava entre os véus e... como foi que ela descreveu?... entrando em contato com energias planetárias. Falando com Gaia, o espírito da terra. Dizendo que fazia parte de um movimento para levar todo mundo a uma nova era. Eu não sei. Ela não parava de falar nessas coisas, e eu geralmente não prestava atenção. Tudo que importa é que, quando a Maisie morreu, ela foi até você.

— Mas por que eu? — implorou Dana. — Nós nunca sequer nos encontramos. Por que vir até mim, logo eu?

Anne observou Dana por um momento, com olhos cerrados e calculistas.

— Tudo o que sei é que, se aconteceu, tem que haver um motivo.

— Mas *que* motivo? Isso está me deixando totalmente louca.

— É, como eu disse, aqui é Craiger. Bem-vinda ao clube.

Anne balançou o braço em um gesto de indignação e depois simplesmente foi embora, deixando Dana sozinha no corredor. Angelo também havia ido embora, e Dana se sentiu como se

estivesse a quilômetros de qualquer conhecido ou de qualquer coisa que fizesse sentido.

Ela abraçou a mochila e correu para a próxima aula, para a qual já estava atrasada.



# CAPÍTULO 19

Craiger, Maryland

8h57

O anjo se agachou nas sombras. O rosto e o corpo estavam sujos de tinta, sangue e graxa, os olhos ardiam na cabeça, e os lábios se moviam em uma prece constante que era tão amorfa quanto seu deus.

Ele rezava para o anjo vigilante. Para seu pai sanguíneo, um anjo verdadeiro nascido no céu que agora procurava uma forma de voltar para a Terra. Para salvá-la. Protegê-la.

Governá-la.

O anjo ouvia o que seu deus tinha para lhe dizer. Segredos. Promessas. Profecias.

Lá fora, havia o som de uma sirene berrando, a caminho da cidade. Ele não se importou. Não era o tipo certo de grito.

# CAPÍTULO 20

Colégio Regional Francis Scott Key

8h59

O professor de biologia parecia o Albert Einstein — se Einstein tivesse passado um péssimo fim de semana em um beco após ter sido violentamente assaltado. Era assim que ele parecia aos olhos de Dana. O sr. Newton tinha o cabelo desgrenhado de Einstein, sobrancelhas mais desgrenhadas ainda, e um bigode que parecia estar prestes a pular do rosto e cavar uma toca na floresta. Ele sempre usava um terno feio, verde ou marrom, e todo mundo tinha certeza de que o sr. Newton só tinha aqueles dois ternos. No entanto, ele sempre alternava uma série de gravatas com cores berrantes. A de hoje tinha engrenagens de relógio em vinte tons de ouro, bronze e prata. Todo mundo o chamava de Newton Dois Ternos.

Dana achava o professor sensacional. A maioria dos outros alunos achava o sr. Newton um esquisito, mas Dana não se incomodava com esquisitos. Especialmente esquisitos da área de ciências. Ela também estava começando a pensar em uma carreira científica. Talvez pesquisa. Talvez medicina. Talvez outra coisa qualquer. Ela amava matemática e ciências, e o sr. Newton desafiava sua mente.

Ir à aula dele após o confronto duplo no corredor era como pisar na praia de uma ilha após cair de um navio afundando. Aquilo era terra firme. Ela sabia quem era ali.

Por outro lado, Dana estava dez minutos atrasada. Newton parou o que estava dizendo e a espiou por baixo das sobrancelhas desgrenhadas. Todo mundo também se virou, e havia muito alívio em seus rostos por qualquer interrupção. O quadro negro estava repleto de anotações sobre os passos necessários para dissecar um sapo. Uma grande caixa térmica de plástico estava no chão entre as fileiras de mesas de laboratório, sem a tampa, com dezenas de sapos mortos lá dentro. Alguns alunos já pareciam tão verdes quanto os sapos.

— Existe o tempo real — disse Newton em tom grave —, existe o tempo não-ligo-para-a-aula-de-ciências do Colégio Francis Scott Key, e aí existe o tempo da Dana Scully.

— Desculpe — falou ela.

— Não estamos tentando fugir do exercício de hoje de controlar o reflexo nauseoso, estamos?

Newton segurava um bisturi e brandiu o instrumento de um lado para o outro.

— Não... não, só me atrasei. Sinto muito, não vai acontecer de novo — murmurou Dana enquanto corria para achar um lugar.

O parceiro de laboratório de sempre não estava lá hoje, mas ele também esteve ausente na aula anterior. A única pessoa que não tinha um parceiro era um garoto alto, magro, com cara de estudioso, cabelo louro-areia e olhos verdes inteligentes. Ethan alguma coisa, pensou Dana. Ela se sentiu ficando vermelha como uma lagosta ao se sentar no banco ao lado dele.

— Posso? — perguntou Dana.

— À vontade.

Ela recebeu alguns olhares ambíguos dos outros alunos, mas todos eram alunos do segundo ano como Dana. Não havia veteranos e provavelmente ninguém íntimo de Maisie. Tudo que os colegas de turma teriam ouvido seriam rumores por fontes secundárias. Então nenhum dos olhares era abertamente hostil. Uma pequena bênção.

O sr. Newton continuou a lição em andamento e explicou o que eles teriam que procurar assim que abrissem os sapos. Ele parecia gostar daquele tópico e estava bem animado. A seguir, os sapos foram distribuídos e o processo começou. A turma ficou barulhenta com conversas e muitos sons de mal-estar e repulsa.

— Se vocês sentirem a necessidade de vomitar — disse Newton casualmente —, por favor, façam o favor de usar a lixeira. Não vomitem nos seus sapos.

— Podemos vomitar no parceiro de laboratório? — perguntou um dos garotos do time de futebol americano. Ele era um *fullback* ofensivo, e o parceiro, um *wide receiver*.

— Só se você quiser limpar — respondeu Newton. — Mas, pela minha experiência, se você vomitar em alguém, a pessoa invariavelmente vai devolver com entusiasmo.

Todo mundo riu ao ouvir isso, e os jogadores trocaram um high five.

Ethan se aproximou de Dana e murmurou:

— Talvez eu esteja sendo cruel, mas não vejo um Prêmio Nobel de ciências no futuro dos dois.

Dana tentou conter uma risada.

— Ok, meus pequenos Frankensteins e Frankenstonas — falou Newton —, vocês podem começar com a ciência maluca. Mas, por favor, vão com calma. A ciência exige paciência e atenção aos detalhes, não pressa.

Ethan e Dana começaram a trabalhar com doses iguais de cuidado, interesse e empenho. Aquilo impressionou Dana, porque um monte de caras na turma estava tentando bancar os machões, como se nada daquilo os incomodasse, ou exagerando sobre o quanto iriam vomitar. Ethan, não. Ele mantinha uma energia serena e uma expressão séria. Usava óculos de armação metálica, camisa social e tênis Keds, e contraía os lábios enquanto trabalhava, mas não havia sinal de incômodo ou hesitação ao prender o sapo e usar uma caneta hidrográfica para desenhar um traçado e guiar os cortes.

Ethan sorriu para Dana. Foi um sorriso bonito, e ele tinha dentes muito bons, a não ser por uma pequena lasca no incisivo esquerdo. Ethan passou o bisturi para ela.

— Primeiro as damas — disse ele.

— Tem certeza?

— Por que não? Se você achar que consegue.

— Por que não conseguiria? Por que sou menina?

Ethan pareceu sinceramente surpreso.

— Hã... não, porque você perdeu a explicação do Dois Ternos de como se faz.

— Está no quadro — argumentou Dana.

— Certo. Foi mal.

Ela pegou o bisturi, olhou novamente para as anotações e diagramas no quadro negro, depois encostou a lâmina na pele pálida e frouxa e fez o corte. Ethan observou Dana executar duas incisões laterais na garganta e na virilha e depois conectá-las com um longo corte vertical. Ela pousou o bisturi e afastou as abas da pele para expor os órgãos internos.

— Uau. Belo trabalho — disse ele. — Você já fez isso antes?

— Não.

— Você nem mesmo tocou em nada interno.

Dana ergueu os olhos para Ethan, esperando que houvesse algum tipo de deboche ou complacência ali, mas ele simplesmente parecia impressionado.

— Obrigada — disse Dana timidamente.

— Não, é sério — falou ele. — Você perdeu o filminho que o Dois Ternos nos mostrou, mas fez exatamente certo. Você tem um talento natural.

Dana notou novamente que Ethan tinha um sorriso muito bonito.

Ela queria se enfiar debaixo da mesa porque tinha certeza de que as bochechas estavam tão vermelhas quanto semáforos.

— Quer que eu retire o coração? — perguntou Ethan e, da forma mais bizarra possível, em um dia que já estava mais do que estranho, aquilo pareceu a coisa mais bonita que um garoto disse a ela na vida.

“Eu enlouqueci completamente”, pensou Dana. Mas estava sorrindo ao passar o bisturi para o garoto.

# CAPÍTULO 21

Craiger, Maryland

9h46



— Você ouviu uma única palavra que eu disse? — insistiu o motorista.

O homem sentado ao lado dele estava com o assento reclinado para trás, deitado com o chapéu tapando o rosto. Eles mantinham o motor desligado, o que significava nada de ar condicionado e, mesmo naquele início de primavera, o sol estava quente. As janelas estavam abertas, e o passageiro obviamente andou cochilando.

— Ei, Gerlach — rosnou o motorista. — Estou falando contigo. Você por acaso está me escutando?

— Não — disse o passageiro.

— Eu falei: *lá* está ela.

O passageiro, Malcolm Gerlach, não removeu o chapéu, não se sentou, nem se incomodou em olhar.

— Não — disse ele.

— Como assim “não”? Estou vendo com meus próprios olhos. Ela está do outro lado do pátio da escola, bem ao lado do...

— Não é ela — falou Gerlach.

— Claro que é. Cabelo ruivo, blusa azul.

Gerlach tirou o chapéu e olhou. Ele era magro, tinha um rosto contemplativo, olhos azul-claros e cabelo ruivo escuro. Gerlach não olhou pela janela, mas em vez disso, fixou o olhar no motorista.

— Você é novo, moleque, então vou te dar um desconto, *capisce*?

— Moleque? Você é, tipo, cinco anos mais velho do que eu. Quem você está chamando de...?

— Shhh. Só preste atenção — disse Gerlach com um tom de voz sereno. — A garota que você está vendo é a irmã, Melissa. Mais velha, cinco centímetros mais alta, com cabelo ruivo encaracolado. Ela tem dezessete anos. Não se parece em nada com a irmã. Não se você se deu ao trabalho de estudar as fotos de vigilância. Há um motivo para nós tirarmos fotos de ângulos e distâncias diferentes, sabe? É para que vocês, malandros, identifiquem um alvo a qualquer distância, dia ou noite, faça chuva ou faça sol. E cá está você, identificando um alvo errado e perturbando meu sono de beleza. Está a um passo de me deixar mal-humorado. Lembra daquele seriado de TV com o cara que ficava verde e quebrava as coisas? Lembra da fala que dizia que você não gostaria de vê-lo irritado?

Pois é, é assim comigo também. E *o que me deixa irritado?* Trogloditas com mais bíceps do que cérebros e que não sabem fazer seu serviço, mesmo quando o serviço é sentar em um carro e procurar por uma garota de quem se viu trinta fotos.

O motorista rangeu os dentes por um momento. Aquele era seu primeiro turno, após ter assumido o posto do condutor regular. O condutor regular comeu rolinhos de camarão estragados e não conseguia se afastar cinco passos de um banheiro. O motorista, cujo nome era Matt, foi avisado a respeito deste passageiro — foi informado que ele era excêntrico e um babaca. Foi avisado também de que o homem era perigoso, embora ninguém dissesse exatamente como. Matt tinha 1,88m de altura e era faixa preta em *tae kwon do*. Estava acostumado a ser o sujeito com quem as pessoas tomavam cuidado. O cara no banco do carona era um palito que parecia que não conseguiria escapar de um saco de papel molhado lhe dando socos. E cá estava o sujeito, dando bronca nele.

Matt abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Gerlach virou a cabeça e sorriu.

Era o tipo errado de sorriso.

Era um sorriso cruel. O formato da boca estava contente demais para o momento em que os dois se encontravam. Os dentes estavam úmidos. Os olhos não mais pareciam verdes, como antes, e sim negros, como se as pupilas tivessem se expandido para consumir a cor da íris. Tudo a respeito do homem subitamente pareceu sussurrar promessas de coisas terríveis. O passageiro ergueu um dedo e mexeu-o de um lado para o outro.

— Agora não seria o melhor momento para ver qual de nós, cachorros, tem a melhor mordida — disse Gerlach baixinho.

Matt ficou sentado ali, com a boca ainda aberta, mas o corpo não quis se mexer. Era como se os músculos tivessem se rebelado contra a possibilidade de tomar qualquer atitude. A garganta foi cúmplice da rebelião e não puxou ar para formar palavras de qualquer tipo.

— Você receberá este único aviso, e depois iremos a um lugar diferente — falou Gerlach. — Estou sendo claro? Basta balançar a cabeça.

Matt balançou a cabeça.

— Bom menino — disse Gerlach, que recolocou o chapéu no rosto.  
— Agora, fique de olhos abertos e boca fechada. Olhe para todas aquelas colegiais bonitinhas lá fora. Aproveite a visão, mas tenha em mente que você realmente não quer me acordar até ver a garota certa.

Alguns momentos depois, veio o som de um ronco leve e intermitente.

Matt engoliu em seco.

Se o outro motorista estivesse se sentindo melhor amanhã, então ele devolveria a função para o sujeito. Talvez Matt pedisse uma transferência também. Para algum lugar bem longe dali. Para uma das Dakotas, talvez.

Ele pegou um lenço de papel do bolso e usou para secar o suor frio do rosto.

# CAPÍTULO 22

Colégio Regional Francis Scott Key

11h28

Embora fosse uma aula de dois tempos, Dana estava triste por ter acabado. A aula de ciências a acalmava. Quando começaram a limpar as mesas de laboratório como preparativo para o fim da aula, Ethan disse:

— Foi maneiro.

Ela concordou com a cabeça.

— Foi divertido.

— Abrir um sapo e mexer nos órgãos internos com uma ruiva bonitinha — falou ele enquanto ela pousava o bisturi na autoclave.

— Quem diria que o dia de hoje seria assim?

A palavra *bonitinha* pairou como sinalizador entre os dois, e Dana tentou não olhar para ela. Pela expressão de Ethan, ficou claro que ele não tinha notado o que havia dito ou não sabia que efeito surtiria um comentário como aquele. Ethan estava concentrado no serviço.

Dana abriu e fechou a boca oito vezes, mas em momento algum fez um comentário que teria saído em um inglês coerente. Ela se tornou interessadíssima em limpar a mesa de trabalho com spray desinfetante.

— Que aula você tem agora? — perguntou Ethan.

— O horário de almoço mais cedo e idiota do mundo — respondeu ela rapidamente.

— Ah, bacana. Eu também. Quer ir junto?

Dana olhou fixamente para ele.

— O quê?

— Almoçar?

— O quê? — repetiu ela.

— Você sabe, no lugar onde nos dão uma comida horrível que é, tenho certeza, onde vão parar todos esses sapos mortos. Delícia. — Ethan sorriu para ela, mas o sorriso desapareceu. — Terra chamando Dana.

— Sim — disse ela. — Sapos. Delícia.

Ethan riu.

— Você é um pouco esquisita. Alguém já te disse isso?

— Eu...

— Ser esquisito é bom. Vamos, pegue os livros. É melhor comer aqueles sapos enquanto ainda estão quentinhos.

Ele pendurou a bolsa de livros no ombro e foi em direção à porta. Dana levou um longo momento para se lembrar para que serviam as pernas e como usá-las.

— O que acabou de acontecer? — perguntou ela em voz alta.

Como não havia ninguém para responder à pergunta, Dana seguiu Ethan até o corredor. Os dois foram imediatamente levados pela maré de alunos indo para aulas, mas Dana e Ethan conseguiram rumar na direção do refeitório. Mas conversar no meio do caminho era impossível, e eles não falaram muito durante o processo de arrastar os pés pela fila de mesas de bufê de aço inoxidável. Ethan rompeu o silêncio quando foi a vez de eles escolherem a comida.

— Ah, que beleza — disse ele. — Temos gororoba laranja, gororoba verde e gororoba marrom. Qual você prefere?

— Aquilo é um filé à moda Salisbury? — perguntou Dana, apontando para o troço marrom.

— Apenas teoricamente. Não estou convencido de que tenha origem na natureza.

— Quero aquilo.

A servente atrás do balcão estava entediada, indiferente e muda. Ela serviu a carne com uma concha em um prato de cerâmica inacreditavelmente pesado, adicionou feijão verde picadinho cozido demais e um bocado de maisena granulosa.

— Obrigada — disse Dana, mas a servente lhe deu o tipo de olhar que um açougueiro daria a um bezerro gordo, e depois virou de costas.

— Vamos fugir — falou Ethan.

Eles levaram as bandejas para o canto mais distante do refeitório lotado. Dana tinha certeza de que Ethan estava olhando para ela, mas se concentrou no ponto aonde estava indo e não olhou para trás. Os dois ficaram sozinhos em uma ponta de mesa, e na outra havia uma pilha alta de caixas com filipetas para a campanha de caridade da primavera.

Quando eles se sentaram para encarar o desafio de comer aquela comida e ainda demonstrar apetite, Ethan disse:

— Então... você vê fantasmas.

Dana quase espertou o garfo com a carne no rosto. Ela parou, baixou o garfo e olhou feio para Ethan.

— Então esta é a questão? — Dana exigiu saber. — Que ótimo.

Ethan recuou com as mãos para o alto.

— Epa! Desculpe — disse ele rapidamente. — Eu não quis começar nada. — Ele pegou o guardanapo e estendeu a mão para limpar molho da bochecha de Dana. — Desculpe mesmo.

— Estou falando sério. É para isso que serve todo esse “ah, ei, vamos fingir que somos amigos e almoçar juntos”? — Dana exigiu saber. — Você foi todo gentil comigo apenas para me emboscar com uma pergunta como essa?

— Não — respondeu ele com firmeza. — Não foi isso. Eu pedi desculpas duas vezes e vou continuar pedindo se isso ajudar. Sabe, Dana, eu não sou muito bom em falar com garotas, e você me assusta demais.

Ela fez uma expressão de surpresa para Ethan.

— *Eu* assusto *você*? Por quê? Pelo que aconteceu ontem?

Ele ficou com o rosto corado, e os olhos não paravam de evitar os de Dana, para depois encará-los de novo.

— Bem... não, não exatamente.

— Então por quê? Porque sou a garota nova na escola e sou filha de militar da Marinha e esquisita e...

— Não — insistiu Ethan, recuperando a cor. Ele fez uma expressão engraçada. — É porque eu... Bem, acho que nunca realmente conversei com uma garota tão bonita quanto você.

— Ah, por favor. Isso é mentira e você sabe. Eu te vi conversando com a Corky Capriotti outro dia.

— A Corky é minha prima — disse Ethan. — Nós crescemos juntos. Eca.

— Ah.

Eles se entreolharam.

— Se preferir — falou Ethan —, estou disposto a sair daqui de mansinho e só te ver nas aulas.

Ela não disse nada.

— Ou eu poderia sair e voltar de novo, e nós podemos fingir que a conversa mais vergonhosa do mundo jamais aconteceu.

Ela não disse nada.

— Ou você pode me espetar com o garfo — falou ele. — Qualquer coisa funciona. Apenas me dê uma diretriz tática.

Dana abaixou os olhos e se surpreendeu ao ver que tinha pegado o garfo novamente e o segurava com o punho cerrado.

— Coma sua carne misteriosa — murmurou ela, e os dois comeram em silêncio por vários minutos.

— Desculpe — repetiu Ethan.

Ela concordou com a cabeça.

— Eu também.

— Por que você está pedindo desculpas? — perguntou ele.

— Por ter feito você ser parceiro de uma esquisitona.

Ethan se recostou na cadeira e observou Dana.

— Por que você diz isso?

Ela evitou o olhar de Ethan.

— Basicamente porque todo mundo acha que sou esquisita. Todos eles não podem estar errados.

— Grandes coisas. Então você não é normal — disse ele. — Quem se importa? Quer dizer, por que se importar com o que os outros pensam? Você é inteligente e não tenta ser popular, e não anda com uma panelinha.

— Você quer dizer que eu sou basicamente uma solitária e uma pária.

Ethan sorriu.

— Eu prefiro pensar em você como um indivíduo.

— Sabe — disse ela, pensativa —, você é um pouco esquisito também.

— Os iguais se reconhecem.

— Por que você me perguntou sobre ter visto o fantasma da Maisie? — indagou Dana.

— Um jeito tosco de puxar uma conversa? — sugeriu ele.

— Não, sério.

Ethan deu de ombros.



— Eu... Acho que estou interessado no que aconteceu com a Maisie.

— Você a conhecia?

— Só de nome — respondeu Ethan. — Mas ela não é a primeira a...

— Morrer, eu sei. Cinco, certo? Foi o que ouvi.

— Certo. Então... você acha que é verdade?

Dana franziu a testa.

— *O que* eu acho verdade? Do que você está falando?

— Dos cinco adolescentes mortos.

— O que tem eles? Ah, você quer dizer se eu acho que todos usavam drogas?

— Não — disse Ethan em um tom baixo e intenso. — Você acha que todos eles foram assassinados?

# CAPÍTULO 23

Colégio Regional Francis Scott Key

12h01

— *Assassinados?* — falou Dana, tão alto que dois adolescentes em outra mesa se viraram para olhar.

Ethan fingiu uma risada.

— É — disse ele suficientemente alto para a dupla escutar —, nós destruímos aqueles projetos de laboratório. Nota dez, fácil, fácil.

Os outros alunos perderam o interesse, e Ethan se curvou e ralhou.

— Por que você não fala um pouco mais alto? Tenho certeza de que meu avô surdo lá na Filadélfia não te escutou.

Dana cutucou com o garfo na direção dele.

— Por que você não dá um aviso antes de dizer uma coisa dessas?

— Achei que a gente estivesse falando sobre isso — retrucou ele.

— Não, a gente *não* estava falando sobre isso — disparou Dana.

— Estávamos falando sobre adolescentes ficando chapados e batendo com seus carros. A gente não estava tendo nenhum tipo de discussão que envolvesse “assassinato”, nem de longe. Qual é o seu problema?

Ethan se recostou na cadeira e franziu os lábios por um momento, ponderando.

— Ok — disse ele após um instante —, talvez eu não tenha interpretado você direito.

— Você acha?

— Desculpe. É que *eu* acho que tem algo muito errado acontecendo em Craiger.

— Sim. Pessoas da nossa idade estão morrendo.

— E você está vendo os fantasmas dessas pessoas. A Meghan, amiga da minha irmã, estava lá e ouviu o que você disse para a sra. Frazer. Você disse que viu a Maisie sangrar como se tivesse sido esfaqueada.

Dana não disse nada.

— Ser esfaqueada não é o que acontece em um acidente de carro — disse Ethan. — Ser esfaqueada é assassinato.

— Eu estava alucinando.

— Aham. Pelo que eu ouvi, você descreveu a Maisie exatamente, até as roupas que ela usava quando morreu. Como você teve essa alucinação?

Dana sentiu uma taquicardia, e dessa vez não foi porque um cara gatinho estava dando atenção a ela. Aquelas palavras provocaram um sobressalto como choques elétricos.

— Eu acho... Quer dizer, devo ter ouvido alguma coisa.

— Tipo o quê? O que a Maisie era pra você?

— Eu não a conhecia. O que a Maisie era pra você? — contra-argumentou Dana.

Ele pareceu genuinamente surpreso.

— Maisie? Nada. A não ser alguém que estudava na nossa escola. Era uma de nós, e agora está morta. Era como a gente, mas alguém a matou.

— Como é que você é capaz de sequer fazer uma declaração como essa? Ela morreu em um acidente de carro. Talvez eu não tivesse lido a respeito antes, mas li o jornal ontem. A polícia disse que foi um acidente. Que foi culpa dela ter feito uma estupidez e ter morrido. Não... ter se matado, mesmo que por acidente. Ninguém fez aquilo com a Maisie. Se houvesse sequer um indício do contrário, a polícia teria falado.

— Nem tudo que a polícia faz chega aos jornais, Dana — falou Ethan. — Eles mantêm um monte de detalhes longe da imprensa quando há uma investigação em andamento. É assim que conseguem notar a diferença entre alguém que alega saber detalhes de um assassinato e alguém que realmente sabe.

— Ah, e você aprendeu isso como? Vendo seriados policiais na TV?

— Não — respondeu ele. — Eu sei disso porque meu tio é da polícia. E também praticamente metade da minha família, desde os anos 1930.

— E todos eles estão dizendo que foi assassinato?

Ethan fez uma pausa.

— Todos não...

— E isso significa?

— Ok, meu tio Frank acha que tem mutreta aí.

— “Mutreta”?

— Algo errado. Ele não acredita que possa haver tantos adolescentes assim dirigindo da mesma forma se fosse apenas uma

questão de usar drogas e dirigir. Cinco, Dana? A polícia coleta estatísticas, e essa seria suficientemente alta até mesmo em Baltimore, Filadélfia ou Nova York. Tio Frank convenceu o capitão a armar um disque-denúncia para que as pessoas possam ligar, caso saibam de alguma coisa.

— Alguém ligou?

— Sim, cerca de uns mil malucos alegando qualquer coisa, de um culto secreto de suicídio a alienígenas, a alguma espécie de governo paralelo, uns lixos de teoria conspiratória.

— Que beleza — disse ela, desanimada.

— Calma — disse Ethan. — Pode até haver algo de útil em todos aqueles telefonemas. Só leva tempo para fazer uma triagem das ligações e analisar as informações.

Dana comeu umas pequenas garfadas enquanto ponderava.

— Você também planeja se tornar um policial?

— Eu? Não exatamente. Eu quero ser um cientista forense.

— O que é isso?

— É alguém que trabalha para o departamento de polícia coletando e analisando provas. Manchas de sangue, impressões digitais, todo tipo de coisa. Há um ditado que diz “o contato sempre deixa um rastro”, e é isso que os peritos forenses procuram. Sabe nos seriados policiais quando o policial diz que está mandando algo para o laboratório? É o departamento forense. É ali que o verdadeiro trabalho policial ocorre.

O entusiasmo e emoção de Ethan eram evidentes, e Dana ficou impressionada.

— E seu tio Frank acha que foi assassinato? — perguntou ela.

Ethan fez uma pausa antes de responder.

— Eu *acho* que é o que ele acha.

— O quê? Está falando sério?

— Ok — disse Ethan. — Ele não veio e *disse* na minha cara que os adolescentes foram assassinados, mas as estatísticas o incomodam. Meu tio mora comigo e com meu pai, e tirou cópias dos autos de cada acidente e não para de analisá-los. Ele com certeza acha que eles estão conectados. Às vezes meu tio passa a noite inteira revendo o relatório do médico legista e as fotos da cena do crime.

— Fotos? — Dana quase engasgou.

— É.

— Você as viu?

— Não... — respondeu Ethan de uma forma que fez Dana acreditar que ele as tinha visto. — Meu tio guarda as fotos na escrivaninha. Disse que me dariam pesadelos, mas não é verdade. Bom, eu não tenho cinco anos, certo? Além disso, eu já vi fotos de autópsias em livros. Tenho um estômago forte. A pessoa precisa ter um estômago forte se quer ser um cientista forense. — Ele disparou um olhar para ela. — Você também é bem durona. Nem pestanejou quando abrimos aquele sapo.

— Acho que sim. Esse tipo de coisa não me incomoda.

— O que te incomoda? — perguntou Ethan.

— Tudo a respeito dessa conversa.

A campainha tocou.

— Eu tenho educação física — disse ele. — Olha só, podemos nos falar mais tarde? Depois da escola?

— Eu tenho ioga depois da escola.

— Você pratica ioga?

— É, e jiu-jítsu, mas só amanhã à noite.

Ethan olhou espantado para ela.

— Uau. Você é maneira demais.

— Cala a boca.

— Almoço amanhã, então, ok? Não, espere, eles provavelmente nos darão meio dia de folga amanhã por causa do velório de Maisie. Por que você não dá um pulo no clube de ciências antes de ir para a ioga? Somos quatro agora. Eu sei, não é maneiro. Somos um bando de nerds, mas você pode, sei lá, curtir.

— Porque sou uma nerd?

— Há coisas piores para se ser — disse Ethan dando um sorriso para Dana. — Além disso, você faz ioga e jiu-jítsu. Pode ser a nossa garota maneira simbólica.

Os dois saíram juntos e pararam no corredor. A aula de educação física ficava à esquerda, e a aula de artes de Dana ficava à direita.

— Você realmente acha que a Maisie foi assassinada? — perguntou ela, tentando enfiar a ideia na cabeça.

— Eu espero estar errado — respondeu Ethan e parou por ali. Ela o observou ir embora.



Assim que a última aula acabou, Dana encontrou Melissa e só faltou arrastá-la para o Além do Além. As duas encontraram a mesa favorita, e Dana contou para a irmã o que Ethan dissera. Tudo, incluindo o fato de que o tio dele, um detetive de verdade, achava que as mortes podiam ser suspeitas. Quando ela terminou, Melissa encarou a irmã com os olhos esbugalhados. Depois pestanejou e olhou para o relógio.

— Droga, eu tenho que fazer a aula de meditação — disse ela. — Não. Saia. Daí. Nós realmente precisamos conversar.

— Eu tenho ioga em uma hora — falou Dana. — A gente conversa depois.

— Eu tenho ioga avançada depois disso. — Melissa grunhiu. — Não importa. Espere por mim. Quero todos os detalhes.

— Mas... eu já te disse tudo.

A irmã ficou de pé e sorriu para Dana.

— Eu quero todos os detalhes sobre você e o Ethan.

— O quê? Não, eu...

Mas Melissa foi embora. Após de Dana, a caixa registradora fez barulho, os alto-falantes tocaram uma música estranha, e o dia, que já estava estranho, continuou a girar sem parar.



# CAPÍTULO 24

A Sala de Observação

14h37

O agente Gerlach recebeu uma ligação no telefone do carro.

— Ele não estava apenas mexendo com as mentes dos moleques ontem à noite — disse quem ligou. — Ele saiu para se divertir também. Acabamos de descobrir.

— Certo — falou Gerlach, apertando a ponte do nariz e fechando bem os olhos cansados. — O que ele fez desta vez?

Houve um silêncio pesado do outro lado da linha.

— Você ainda está aí? — perguntou Gerlach. — Diga-me o que ele fez.

— É melhor o senhor vir ver pessoalmente.

— É grave?

— Não, senhor — respondeu quem ligou. — Infelizmente é muitíssimo pior do que isso.

# CAPÍTULO 25

Além do Além

15h44

— É importante se concentrar em um ponto fixo dentro da mente — disse o professor. — A ioga tem a ver com saúde, paz e uma mente calma.

“É”, pensou Dana ao lutar para manter o corpo alinhado na postura do guerreiro, “boa sorte com isso.”

A mente dela estava tudo, menos calma, e a paz parecia ser nada mais do que uma ilusão. Menos real do que a visão no vestiário, em todos os aspectos. Menos real do que o anjo nos sonhos.

Dana fez meia dúzia de posturas aos trancos e barrancos, ficou para trás na aula e chamou tanto a atenção do professor que alguns dos outros participantes “pacatos” começaram a soltar suspiros audíveis de frustração e irritação. Felizmente, a aula terminou com uma longa meditação sentada. Aquilo foi bom. Deu a Dana a chance de tentar reconstituir tudo, de recuar e olhar tudo que estava acontecendo do jeito que as pessoas faziam quando queriam captar a mensagem de um quadro, em vez de espiar de perto as pinceladas.

Ela se sentou na postura de pernas cruzadas, se inclinou levemente à frente, com as mãos apoiadas nos joelhos, de palmas para cima e olhos fechados, respirando lentamente, inalando pelo nariz e exalando pela boca.

Ethan queria ser uma espécie de policial, um agente de ciência forense. Aquilo atraía Dana, de certa forma, embora nunca tivesse pensado nisso antes. Não que ela realmente quisesse seguir naquela direção, mas aquilo ajudou a organizar os pensamentos sobre tudo o que vinha ocorrendo. Nos últimos dois dias, Dana se sentiu como se estivesse flutuando de um momento estranho para outro.

Maisie estava morta. Foi como aquilo começou.

Só que... “Não”, ela se corrigiu. Aquilo começou com os sonhos. Começou com o anjo nos sonhos. E com as coisas estranhas que ele sussurrava. A maior parte do que ele dizia desaparecia quando Dana acordava, mas algumas coisas, aqui e ali, começaram a flutuar de volta, a atíçar a memória. Coisas estranhas, porém. Sombrias e bizarras.

Apesar do que aconteceu no vestiário e da realidade aparente do anjo nos sonhos, Dana não tinha certeza se alguma coisa daquilo

tudo era real. Ou, se fosse real, o quanto daquilo era verdade? Ela sempre teve sonhos estranhos, mas alguns dias após ter se mudado para Craiger, Dana teve o primeiro sonho com o anjo sombrio. Será que era alguma espécie de clarividência? Ou talvez telepatia? Ela não sabia e teria que perguntar para alguém. Melissa, talvez. Ou Corinda. De qualquer forma, foi ali que tudo começou. Era o Primeiro Ponto.

O Segundo Ponto foi o que o aconteceu no vestiário. Alucinação, aparição, seja lá o que fosse. Dana não tinha um vocabulário que incluísse palavras para algo daquele tipo. Maisie falou sobre a "Idade Vermelha". O que era a "Idade Vermelha"? Não havia contexto, nenhuma chave para decifrar o que significava a expressão, se é que significava alguma coisa.

O Terceiro Ponto era o anjo sombrio. O que era ele? Às vezes, Dana pensava que ele era um diabo ou o diabo; em outros momentos, ela pensava que ele era um anjo. Em sonhos anteriores, o anjo não foi violento e nem de longe tão assustador. Embora Dana achasse que o anjo pudesse ser Lúcifer, ele não tinha sido tão assustador assim. Aquilo já era suficientemente estranho por si só, mas por que a opinião de Dana mudou? Será que foi por causa de Maisie? Talvez, mas ela achava que não. Não completamente.

O Quarto Ponto...

Havia um Quarto Ponto? Ela tinha que brigar com os pensamentos para colocá-los em ordem. Sim. O Quarto Ponto eram os cinco adolescentes mortos. Cinco. Cinco acidentes de carros. Cinco vidas encerradas. Será que foram realmente cinco acidentes ou cinco assassinatos? Dana não fazia ideia. Parte dela desejava ansiosamente descobrir, agarrar Ethan e tirar dele todos os detalhes. Parte dela estava absolutamente assustada só de pensar naquilo. Dividida ao meio.

O Quinto Ponto?

Ela torcia para que não houvesse um Quinto Ponto.

— Dana... *Dana!*

Ela abriu os olhos de estalo e percebeu que todos os outros estavam de pé, com os tapetes de ioga enrolados. O instrutor estava

diante de Dana, oferecendo um sorriso tolerante e ligeiramente zombeteiro.

— Durante a aula, eu achei que você não conseguisse se concentrar, e aí você vai e entra numa meditação tão profunda que não ouve sequer o próprio nome quando eu te chamei quatro vezes. Você foi bem fundo, não foi?

— Ah — disse Dana. — Fundo. Certo. Bem profundo.

Ela ficou de pé, pegou o tapete e saiu correndo.

Corinda estava bem do lado de fora da sala de ioga, com o rosto carrancudo e os olhos repletos de luzes estranhas.

— Acho que precisamos conversar — disse ela.

Dana fez uma pausa.

— Conversar sobre o quê?

— Sobre seus sonhos — respondeu Corinda. — Sobre cinco jovens assassinados, e sobre o fato de o diabo estar visitando você.

# PARTE DOIS

## O MUNDO MAIOR

Quando mais perfeita a pessoa é no exterior, mais demônios ela tem no interior.

— Sigmund Freud

# CAPÍTULO 26

Craiger, Maryland

16h08



O agente Gerlach estava sentado no último degrau e olhava para a coisa dentro da sala. Pelado, pintado de sangue, sorrindo como se o mundo fosse uma piada e só ele compreendesse o ponto alto da graça.

Gerlach soltou um longo suspiro e se sentiu mais velho do que seus 31 anos. Sentiu-se cansado. Estava ciente do peso da Colt .45, modelo 1911, que usava em um coldre axilar de náilon. Ele até pensou em quantos de seus problemas seriam resolvidos ao colocar o cano da arma na nuca daquele maníaco e puxar o gatilho.

Do outro lado da sala, diante de Gerlach, o louco estava sentado de pernas cruzadas, pelado, sujo de sangue, com os olhos repletos de luzes estranhas. Entre o assassino e o agente, havia centenas de fotos Polaroid que mostravam coisas vermelhas destruídas que um dia foram adolescentes. Gerlach viu aqueles corpos pessoalmente e fez o que foi necessário. Era um trabalho sujo e difícil, mas havia uma ciência para realizá-lo. Acidentes de carro eram úteis. Toda aquela compressão do esmagamento, todos aqueles fragmentos afiados de vidro, plástico e metal voando para todos os lados. Ninguém conseguiria juntar as peças da balística de cada um dos pedaços dos destroços. Era possível esconder quase tudo, a não ser um ferimento de bala. Havia uma longa história de batidas de carro que resolveram problemas para o Sindicato e tantas outras agências secretas. Gerlach não tinha certeza de que sequer conseguiria contar o número de problemas que fez desaparecer nos últimos anos. Aquelas mortes eram diferentes. A última apresentou um desafio singular de esconder um conjunto diferente de ferimentos.

Mas as fotos no chão contavam a história verdadeira. E ali estava o louco responsável, com o corpo pintado de vermelho, cercado por provas suficientes para encarcerá-lo por cem anos.

— Se você quer que eu peça desculpas — disse o anjo —, você terá que esperar muito, mas muito tempo.

— Não — falou Gerlach. — Desculpas não servem para limpar cocô de cachorro do meu sapato, especialmente vindas de você.

— Você quer que eu explique?

— Não. Eu sei por que você fez isso.

— Por quê? — perguntou o anjo.

Gerlach cutucou a Polaroid mais próxima com a ponta do sapato. Era a foto de uma garota negra berrando.

— Porque você é um psicopata.

— A questão é muito maior do que isso.

Os dentes do anjo pareciam muito brancos. Raios interrompidos de luz entravam pelo que sobrou do vitral e pintavam o rosto com a imagem de soldados romanos pregando cravos no pulso de Jesus. O vidro estava quebrado e, portanto, os soldados pareciam não ter cabeças.

— Sem dúvida — disse Gerlach —, mas me pergunte se eu me importo. Pergunte se eu passo um minuto sequer de qualquer dia pensando sobre o funcionamento interno da sua mente.

O anjo ergueu os olhos para a tinta descascada e rachada do teto, para a argamassa exposta nas paredes. Para uma teia de aranha complexa em uma janela, onde estavam penduradas cascas vazias de mariposas mortas que a aranha comera.

— Talvez você devesse — falou o anjo.

— Talvez. Mas se for o caso, eu me preocuparei com isso amanhã — disse Gerlach. — Meu problema hoje é se você vai matar o serviço.

— Matar — repetiu o anjo, curtindo o gosto da palavra.

— Muita coisa depende disso aqui, *compadre* — falou o agente. — Você ao menos imagina quanto dinheiro é necessário para trazer todas essas famílias para esse lixo de cidade? Novas obras, melhorias na infraestrutura, um sistema escolar refeito, sem falar em criar empregos para todo mundo que *não* faz parte do programa. Creches também. Tudo isso custa dinheiro, e todo dia que temos que esperar por você, estamos gastando algo acima de um milhão de dólares. Todo santo dia.

— Dinheiro faz parte do mundo humano — disse o anjo.

— É, é, e você não é humano, e pela luz da Idade Vermelha você será revelado em toda glória como um nefilim. Certo. Eu já ouvi isso uma centena de vezes. Entendo como você vê a situação. Mas deixe-me dizer uma coisa: eu não sei o que você é ou como está se transformando no que você acha que vai se transformar. Anjo, diabo, mutante, aberração de circo, qualquer coisa. Não significa nada para

mim. É um efeito colateral. O responsável pelo seu estado, seja ele qual for, é um subproduto da genética fazendo uma curva acentuada à esquerda em algum ponto da história da sua família. Ou, ei, talvez a causa *seja mesmo* sobrenatural e você realmente esteja se transformando em um demônio do inferno. Eu não sei e, francamente, não me importo. A única coisa com que me importo é o programa.

— E com seu serviço.

— *Nosso* serviço, animadinho — pontuou Gerlach. — Você que se alistou para isso. E não me diga que *nós* somos um meio para o *seu* fim. Este não seria o melhor rumo para essa conversa, entendido?

O anjo não disse nada, mas seu sorriso brilhou como o sol.

— Você eliminou muitas cobaias — disse o agente. — Eu tive que realizar o trabalho detalhado de garantir que tudo parecesse limpo e arrumado.

— E palmas por encenar os seus draminhas. É uma ótima obra teatral.

— Vá se catar — falou Gerlach, mas sorriu. — Eu preciso saber de duas coisas agora. Primeiro, preciso que você me garanta, e me faça acreditar completamente, que esses moleques não tinham utilidade para o programa.

— Eu já lhe disse isso antes — respondeu o anjo, com o primeiro sinal de irritação surgindo na voz. — Eles eram fracassos, becos sem saída em termos de refinamento. Todos, menos dois, atingiram um teto intransponível no desenvolvimento de suas habilidades. A garota Bell e *esta* porcaria foram uma promessa inicialmente, mas quando os talentos surgiram, eles começaram a olhar para a direção errada. Pensaram que entendiam o que estava acontecendo, e cada um planejou fazer algo a respeito da situação. Aquilo não podia ser permitido.

— Aham — disse Gerlach, que deixou o ceticismo aparente no tom de voz. — Não havia outro jeito de cuidar disso?

— Nenhum jeito melhor.

Gerlach tirou uma embalagem de goma de mascar do bolso, desembalhou duas e começou a mascá-las. Não ofereceu nenhuma para o anjo.

- Qual é a sua outra preocupação? — perguntou o anjo.
- Você não preencheu um relatório de avanço.
- Está saindo.
- Está atrasado.
- As coisas estão se tornando decisivas — falou o anjo. — Eu não tenho tempo a perder. Esta reunião, na verdade, é inconveniente.
- Que pena. — Gerlach mascou a goma.
- É, será uma pena se esta distração resultar em outra de nossas cobaias perdendo o controle.
- Controle — disse o agente — exige concentração.

# CAPÍTULO 27

Além do Além

16h09

— Não surte — disse Corinda.

— Acho que é meio tarde para isso — falou Dana. — Eu já estou muito além do surto.

Elas estavam juntas na mesa onde Dana e Melissa costumavam se sentar. Corinda disse que precisava estar perto da registradora do bar e onde pudesse ver a registradora da frente, caso tivesse que ajudar a garota que trabalhava em meio expediente. Havia xícaras de chá fresquinho e um prato de pães de minuto sobre a mesa, mas que não foram tocados por Dana. O coração batia tão rápido quanto uma metralhadora e ela suava horrores. Dana também se sentia zozona, como se tudo aquilo fosse uma espécie de sonho e ela não estivesse plenamente acordada.

— Como você sabe sobre os assassinatos? — perguntou Dana. — Como sabe sobre os sonhos? Como sabe de *qualquer coisa* sobre tudo isso?

Corinda pegou a xícara, soprou a superfície do chá quente e tomou um gole com cuidado. Depois se inclinou à frente e inalou profundamente os vapores, com os olhos fechados por um momento.

— Ahhh, que delícia. Esta é a minha própria mistura especial. Chá de flor de lótus. O lótus é um símbolo sagrado de vida eterna em todas as culturas espirituais importantes, do kemetismo egípcio moderno ao budismo e hinduísmo antigos. Ele ajuda a cultivar a iluminação espiritual, a transcendência e o amor devoto. É possível usar qualquer parte do lótus, mas eu gosto com os estames e as pétalas.

Dana olhou espantada para Corinda.

— Você está falando sobre chá e a minha cabeça está a ponto de explodir.

Corinda indicou a xícara de chá diante de Dana com a cabeça.

— Eu fiz para você um chá especial de camomila para acalmar seus nervos, e com pétalas de rosas, que são uma maneira maravilhosa de ajudar a abrir o coração, acalmar a mente, relaxar o corpo e estabilizar sua aura.

— Estou indo embora — disse Dana, mas Corinda disparou a mão e pegou o braço dela.

A mulher era surpreendentemente rápida, e a pegada era forte.

— Não — falou Corinda. — Você precisa ficar e nós precisamos conversar. Eu sei que você o tem visto à noite, no seu quarto.

Dana pensou em se afastar, e quase fez isso, mas tinha que saber. Ela soltou um suspiro eloquente e se recostou.

— Beba seu chá — disse Corinda.

Surgiu um som grave e estranho dos alto-falantes, e Dana levou um momento para se dar conta que não era retorno ou distorção, mas sim música folk sendo tocada com um berrante australiano. Havia um mostruário inteiro daquelas cornetas de madeira compridas, pintadas e ocas, na entrada na loja. Melissa os adorava, mas Dana achava que seu som parecia o tipo de música que as baleias tocariam em funerais.

Ela tomou um gole do chá e olhou para Corinda.

— Diga-me como você sabe o que está acontecendo comigo.

Corinda inclinou a cabeça de lado e avaliou Dana com o olhar.

— Você sabe onde está, não sabe? Digo, você sabe o que é este lugar, quem eu sou e *o que* eu sou? Olhe em volta. Diga como você acha que eu sei essas coisas.

Dana realmente olhou em volta. Para as prateleiras com cartas de tarô, bolas de cristal e runas. Para a estante com livros sobre comunicação espiritual, revolução solar, modos de vida alternativo, exploração interior e autodescoberta, sobre como libertar a mente e transcender o corpo. Olhou para as bijuterias em forma de talismãs e para as imagens enfileiradas em cima de todas as mesas. Para os pôsteres na parede anunciando aulas de ioga, *tai chi*, meditação, alinhamento de chakras, terapia de luz, renascimento, terapia primal, técnica de respiração *pranayama*, *Qi Gong* e mais. Quando Dana se voltou novamente para Corinda, a mulher alta estava com um sorriso astuto.

— Sim — disse ela. — É assim que eu sei.

Dana balançou a cabeça em um gesto de teimosia.

Corinda tomou um gole do próprio chá, depois pousou a xícara com firmeza.

— Na noite de ontem, quando eu estava meditando, deixei minha consciência se livrar do meu corpo. Você sabe o que é projeção

astral?

— Acho que sim. Sair do corpo? Algo do gênero?

— Sim. Seu eu espiritual deixa o eu físico para trás e consegue cobrir grandes distâncias sem assistência. O espírito realiza uma experiência extracorpórea intencional, que nós chamamos de projeção de consciência, ou PC e, uma vez livre do corpo, ele expande os limites dos cinco sentidos. O espírito pode ver mais, saber mais, compreender mais.

— E está me dizendo que é isso que você faz?

— Durante a minha vida inteira — disse Corinda com um sorriso triste. — Não é o jeito mais simples de crescer. Já era bem ruim ser mais alta do que todos os caras na minha turma e tirar dez em todas as matérias, mas além de tudo eu tinha que ser muito esquisita. Por outro lado... você sabe o que é isso, não sabe?

— Eu sei? — perguntou Dana, mantendo a guarda alta.

— Claro — respondeu Corinda, que escolheu um pão de minuto, bateu as migalhas de cima, deu uma mordida e falou enquanto mastigava. — Você só tira dez nas suas matérias. Sempre tirou.

— Como você sabe disso?

Ela olhou feio para Dana.

— Eu já lhe disse. Não faça essa cara de quem está chocada. Você está na minha casa e é isso que eu faço. Agora... dê-me suas mãos. Deixe-me ler você. Calma, eu não mordo. Vamos.

Corinda pousou o pão de minuto e esticou os braços sobre a mesa para pegar as mãos de Dana. Ela resistiu por um momento e depois permitiu o toque. As mãos de Corinda estavam quentes nos dedos frios de Dana.

— Como... como isso funciona? — perguntou Dana. — O que devo fazer?

— Apenas olhe nos meus olhos — murmurou Corinda. — Concentre-se em mim e me permita entrar no seu campo de energia.

— Como?

— Basta permitir, querida. Só isso. Eu faço o trabalho pesado.

— Hã, ok? — A frase saiu como uma pergunta.



Corinda encarou Dana com olhos verdes salpicados de dourado. Ela massageou os dedos de Dana sem parar, com delicadeza, como se trabalhasse para amolecer tabletes duros de argila para modelagem. Inicialmente, Dana estava plenamente ciente das pessoas e do movimento ao redor e tinha certeza de que parecia uma completa idiota, sentada ali de mãos dadas com uma mulher duas vezes mais velha. Mas a pressão suave e constante dos dedos de Corinda nos dela era estranhamente calmante. Era como uma espécie de massagem, e o calor pareceu se espalhar, subir pelas mãos, passar pelos pulsos e atingir os músculos dos braços. A música folk australiana acabou e um novo álbum começou a tocar, um que Dana reconheceu de aulas anteriores de ioga. Uma flauta lúgubre tocada por Paul Horn, gravada dentro da Grande Pirâmide de Gizé, e que tinha um tom hipnótico. Devagar, sutil e muito profundo.

— Estou vendo seu eu espiritual, Dana — disse Corinda em uma voz baixa e controlada. — Sua aura é laranja-amarelado. Isso significa que você tem uma mente científica. Você tende a analisar demais todas as coisas. É perfeccionista. Adora resolver charadas e problemas e encontrar a ordem quando tudo parece caótico.

Dana abriu a boca.

— Shhhh. Apenas escute. Apenas exista. Deixe-me ver o que posso ver e compartilhar o que puder ser compartilhado. — Corinda diminuiu e aprofundou os movimentos de massagem. — Minha aura é azul. Meu dom é ser espiritualmente intuitiva e clarividente. É por isso que enxergo tudo dentro de você. Vejo raios amarelos sendo disparados de você, Dana. São como explosões solares. O amarelo significa que você está à beira de um grande despertar espiritual, e há um círculo de violeta acima da sua cabeça, sobre o seu chacra da coroa. Isso me diz que seu eu superior se tornou bem ativo. Seu olho interior está lutando para se abrir. Permita! Permita que seu terceiro olho enxergue o que os olhos humanos não conseguem! Eu vou lhe ajudar, Dana, porque eu já enxergo. Meu terceiro olho está aberto desde antes de eu nascer.

Dana se sentiu sendo levada à beira do sono. Tentou pestanejar para acordar plenamente, mas o toque quente e constante era muito

calmante.

— Essas visões não são novas para você. Já as teve antes, mas agora elas estão ficando mais intensas; agora estão ocorrendo com mais frequência, e isso é assustador. Você viu alguma coisa e não sabe se é um anjo ou um demônio. Não sabe por que está tendo essas visões e tem medo do que está vendo. Porém, tenha calma. Deixe-me ser sua guia. Nada pode te machucar enquanto estivermos juntas. Tenho meus escudos, meus guias e protetores espirituais ao meu redor. Aqui é um lugar seguro.

— Seguro... — murmurou Dana.

— O ser que anda visitando você nos sonhos é um anjo, Dana — disse Corinda. — Ele é um mensageiro que deseja intensamente compartilhar informações importantes com você. Acene com a cabeça se compreende.

Dana acenou. Ela também acreditava naquilo.

— Às vezes ele é lindo, da forma como você imagina que seria a aparência de um anjo. Puro, perfeito, repleto de glória.

Outro aceno de cabeça.

— Mas às vezes ele tem outra aparência. Mais sombria, estranha, assustadora. Um monstro.

— Sim — falou Dana muito, muito baixinho.

— Sim — concordou Corinda. — Eu vou lhe contar o motivo, irmãzinha. O ser que está se manifestando para você é um ser angelical, mas não é um anjo como lhe ensinaram a imaginar. Eles não são homens altos e louros com asas felpudas. Não são bebezinhos. Anjos são muito poderosos e muito diferentes de tudo que se possa imaginar. Eles não são humanos. Só têm aparência humana quando nós, humanos, lhes damos essa forma. Não têm manifestações físicas de maneira alguma. São seres de pura energia cósmica. Mas quando você olha para eles com seus olhos humanos, mesmo em sonho, então sua mente humana e orgânica fica confusa e exige que você vista os anjos de uma maneira que faça sentido. É por isso que os anjos têm sido representados como humanos majestosos e lindos. É por isso que os pintores têm criado imagens de Deus como um homem de barba branca. Eles vestem o *Todo-*

*Poderoso cósmico* na forma de um rei porque é assim que imaginam que os reis se pareçam.

Dana continuou concordando com a cabeça.

— Você escolheu a forma de um anjo que parece lindo, sereno e seguro — continuou Corinda. — É uma figura paterna. Sei que ama e respeita seu pai, mas também sente um pouco de medo dele. Seu pai é forte, severo e distante, e, portanto, seu anjo aparece diante de você com todas essas qualidades. Entretanto, você dá ao seu anjo um rosto diferente, porque você quer amá-lo de maneiras que não pode amar o próprio pai, e isso é bom, isso é saudável e seguro. Mas é você que está escolhendo essa forma.

As palavras de Corinda a acalmaram tanto quanto o toque dela, e Dana se sentiu sendo levada, como se saísse do corpo. Ela até imaginou que seria possível olhar para baixo e se ver sentada diante da outra mulher.

— Aí as mortes começaram a acontecer na cidade — disse Corinda. — Mortes horríveis. Vidas roubadas. Assassinatos. Isto ofende a harmonia de sua natureza espiritual, Dana, e como você é sensitiva, você se conectou à negatividade que está no próprio ar. E como você ainda não está ciente de seus dons, não tem controle pleno sobre eles, a negatividade turva sua visão. Ela influencia o modo como você percebe os seres celestiais em seu espaço espiritual. Conforme é coberta pela negatividade, você pode alterar o modo escolhido de ver o ser angelical. Você o enxerga como o diabo, como Satanás, porque não consegue entender por que os inocentes se prejudicam na presença do poder cósmico. Para isso acontecer, só podem ser os próprios seres angelicais que estão prejudicando os inocentes. Mas, Dana... preste atenção, isto não é verdade. Não é a entidade angelical que está causando tudo isso. Não é o que eles fazem. Os seres angelicais estão aqui como guias; estão aqui para nos proteger e nos elevar.

Dentro da mente de Dana, a silhueta do anjo sombrio de seus sonhos subitamente ganhou forma. Ele estava de costas para ela, alto e poderoso, com as asas negras recolhidas, braços musculosos soltos e dedos crispados com unhas negras nas pontas. Estava parado como se estivesse escutando o que Corinda dizia e então

começou a se virar. As asas tremeram, e Dana ouviu o barulho estridente de membranas de couro.

— Dana — falou o anjo com uma voz que retumbou como trovoada de verão. — Dana, cuidado. Tenha muito cuidado. Se você abrir os olhos, jamais poderá esquecer o que vê.

O anjo sombrio se virou e por um momento — por uma fração de segundo, interrompido e oscilante —, ele tinha o rosto do pai dela.

Dana berrou e se afastou dele com um pulo para trás e, ao fazer isso, soltou as mãos de Corinda. Os ombros bateram na divisão entre a cabine e a caixa registradora, com força suficiente para derrubar alguma coisa. Um calendário, talvez. Ela ouviu o objeto descer pela divisão e cair no chão. A conexão foi cortada com a imagem do anjo sombrio e Corinda, e a mulher alta arfou e recolheu as mãos, como se tivessem sido picadas.

As duas ficaram sentadas ali, ambas paralisadas, olhando uma para a outra. Inicialmente, Corinda parecia chocada, mas recompôs as feições muito rápido, e até conseguiu dar um sorriso.

— Bem — falou ela —, isso foi demais, não foi?

# CAPÍTULO 28

Além do Além

16h31

— Do que vocês estão falando?

Dana levou um susto e se virou para ver Melissa parada ao lado da mesa. Ela sequer havia ouvido a irmã se aproximar.

— Meu Deus! Você me deu um baita susto — arfou Dana.

Melissa ergueu as sobrancelhas.

— Para mim, parece que você já estava assustadíssima. Está branca como um fantasma. Sente-se para lá. Esses são pães de minuto frescos? Estou morrendo de fome. — Melissa se sentou, empurrou Dana no banco com os quadris, pegou um pão, deu uma grande mordida e depois fez um sinal para Corinda com a cabeça. — Você estava assustando minha irmã caçula?

— Só um pouco — respondeu Corinda. — A Dana está se saindo bem em se assustar sozinha.

— Ah, eu já passei do ponto de estar assustada — disse Dana com uma risada nervosa. — Estou muito, muito, *muito* surtada.

— Conte-me *tudo* — falou Melissa, ao pegar a xícara de Dana e terminar o último gole de chá frio.

— Eu tive visões de algumas coisas perturbadoras que andam acontecendo na mente espiritual da Dana — disse Corinda. — Mas você já sabe disso, não é? Sim. Dá para ver que ela compartilhou isso com você.

Melissa nem sequer piscou quando Corinda falou aquilo. Em vez disso, ela concordou com a cabeça.

— A Dana me conta tudo. Como você soube? Cartas? Bola de cristal?

— Meditação e projeção astral — respondeu Corinda.

— Que maneira. E você entrou na cabeça da Dana?

— Eu estou aqui, sabe — disse Dana.

Melissa deu uma cotovelada de leve na irmã.

— Contem tudo.

Elas contaram. Ou pelo menos Corinda contou, e Dana grunhiu e concordou com a cabeça nos trechos apropriados. Corinda se expressou de maneira diferente para contar parte da história para Melissa, usando ainda mais daquela linguagem *new age* geralmente difícil de acompanhar. A essência foi a mesma, contudo.

Melissa se debruçou à frente, com os olhos arregalados e brilhando.

— Você acha que a Maisie foi *assassinada*? — disse ela em um sussurro chocado. — Ai, meu Deus!

— Isto é o que o Ethan acha — falou Dana. — O tio dele também parece pensar assim. A Maisie e os outros adolescentes.

— Você acha que eles estão certos? — perguntou Melissa. — Quer dizer, isso *não pode* ser verdade, pode?

— É verdade — respondeu Corinda. — Dana sabe disso em um nível espiritual. Os jovens assassinados estão se comunicando com ela, usando sua sensibilidade para compartilhar a história. Para revelar a verdade. É por isso que a Maisie apareceu para ela no colégio.

— Temos que contar para as pessoas — declarou Melissa. — Temos que contar para o xerife e, bem... para todo mundo.

— Não — disseram Dana e Corinda ao mesmo tempo.

— Por que não?

— Porque eles vão pensar que sou, de fato, uma louca varrida — respondeu Dana.

— Isso não importa — falou Corinda. — As pessoas pensam que sou maluca desde os meus três anos de idade. Quem liga? É apenas prova de suas mentes tacanhas e dos antolhos que elas escolhem usar. Não, meninas, a razão para não contarmos a ninguém sobre isso, pelo menos ainda não, é que não sabemos quem é o assassino.

— É por isso que temos que contar para a polícia — insistiu Melissa.

— Não — disse Dana, entendendo aonde Corinda queria chegar.

— Por que não? — perguntou a irmã.

— Porque — explicou Dana —, se a gente contar para polícia, o assassino saberá que nós sabemos.

— Novamente, e daí? — disse Melissa. — Não sabemos quem é o assassino, então não é como se estivéssemos dedurando alguém em especial. Não estamos dando o nome de ninguém.

— O assassino não saberá disso — falou Dana. — Se vazar que sabemos disso porque eu tive alguma espécie de vislumbre psíquico esquisito ou porque o Ethan me contou sobre os autos do tio, então

o assassino vai imaginar o que mais eu devo saber. Vai imaginar o que acontecerá se eu sonhar com o rosto ou o nome dele, e vai fazer algo a respeito.

— Sim — concordou Corinda baixinho. — Ele concentraria toda a atenção em você, Dana.

— Eu queria que você *conseguisse* tirar mais detalhes de suas visões — disse Melissa. — Tipo um nome, talvez, ou um endereço. Qualquer coisa.

— Isso leva tempo — falou Corinda —, até mesmo para mim. Tem que haver um alinhamento adequado de fatores universais para que essas coisas venham a mim.

— Eu gostaria de entender o que está acontecendo comigo — respondeu Dana.

— Visões geralmente não são assim tão precisas — disse Corinda. — Geralmente são obscurecidas por simbolismo e todo tipo de elementos enigmáticos.

— Elas estão me enlouquecendo — falou Dana.

Corinda mexeu o chá frio na xícara.

— Você brinca, mas as visões enlouqueceram várias mentes ao longo dos séculos.

— E fez com que algumas fossem queimadas vivas, aposto.

— Isso também. E embora a gente não tenha que se preocupar com esse tipo de coisa, a reação dos não iniciados geralmente é negativa e hostil. Você viu um pouco disso no ginásio ontem.

Dana olhou para Corinda.

— O fato de você saber disso é realmente assustador.

Corinda pareceu atormentada.

— Eu sei. Eu venho assustando as pessoas a minha vida inteira. Não é divertido. Muitas vezes, as pessoas fazem com que aqueles de nós que têm dons se sintam como se fôssemos maus, pecadores ou falsos porque é parte do que somos. No entanto, eu não me lembro de ter pedido por esse fardo, e suspeito que você também não pediu.

— De modo algum — respondeu Dana. — Não mesmo.

— O que nos deixa na estaca zero — disse Melissa.



Elas ficaram sentadas pensando um pouco a respeito daquilo por um tempo, enquanto o fluxo de gente que entrava e saía do Além do Além continuava com a regularidade de uma maré. Angelo passou carregando uma caixa de ferramentas de metal vermelho. Ele deu uma olhadela para as três, e o olhar de Dana encontrou o de Angelo. Foi por apenas um breve momento, mas houve uma conexão elétrica que ela sentiu até a ponta dos dedos do pé. O rosto do rapaz estava sério, sem sorrir, quase atormentado, e assim que notou que Dana olhava para ele, Angelo desviou o olhar. Por quê? Ele ficou com vergonha? Ele não gostou do que viu? Será que havia algo de errado com ela? Dana não sabia. Seja o que for, Angelo se afastou rapidamente e desapareceu nos fundos.

— O que devemos fazer? — perguntou Melissa, sem ter notado a troca de olhares.

Corinda estalou os dedos.

— Já sei — falou ela. — O Luz do Sol.

— Certo — concordou Melissa imediatamente.

— O quê? — indagou Dana. — O que ele tem a ver com isso?

— Com os assassinatos? — perguntou Corinda. — Nada, mas ele também tem um dom.

— E qual é?

— Sabe aquela série de aulas que o Luz do Sol está ministrando? Emergência psíquica? É para pessoas que têm, ou pensam que têm, dons como o seu. Ele tem um talento para ajudar pessoas a cultivar esses dons, a desenvolvê-los. Aposto que o Luz do Sol pode te ajudar.

Dana sentiu a apreensão aumentar no peito. Ela não tinha certeza se *queria* que os "dons" se tornassem mais fortes. Mas e se Luz do Sol *pudesse* mesmo ajudar? E se, ao ajudá-la a se concentrar nas visões, Dana pudesse prevenir o assassinato de outro adolescente?

— Ok — disse ela, em dúvida —, vamos tentar.

Havia uma fila se formando na caixa registradora da frente, e Corinda ficou de pé.

— Vocês, meninas, vão encontrar o Luz do Sol. Eu tenho que trabalhar; depois, tenho leituras de mão, uma atrás da outra.

— Mas... — começou Dana, mas foi interrompida por Corinda.

— Após ver o Luz do Sol, vá para casa e medite a respeito. Eu também meditarei, e depois volte amanhã para nós compararmos nossas impressões e traçarmos um plano.

Elas concordaram. Corinda tocou a bochecha de Dana.

— Seja forte, irmãzinha. Você está se tornando poderosa, e isso é sempre um processo assustador. Tenha fé no seu próprio poder e confie no mundo maior. Ele tem todas as respostas.

E, dito isso, foi embora.

# CAPÍTULO 29

Residência dos Scully

17h54

Quando foram procurar por Luz do Sol, as irmãs descobriram que ele já havia encerrado o dia de trabalho. Então Dana e Melissa voltaram para casa a pé, conversando sobre tudo, mas não chegando a lugar algum que já não houvessem alcançado. Era tão enlouquecedor que, com o tempo, as duas caíram em um silêncio atormentado e compartilhado que as acompanhou até a porta de casa.

Dana foi para o quarto e estava fazendo o dever de casa quando o telefone tocou, e um momento depois ela ouviu a mãe gritar seu nome.

— Dana! É para você.

Havia um telefone em uma mesinha no topo da escada, e ela correu para atender à ligação. Dana não tinha o próprio aparelho de telefone, mas quase ninguém ligava para ela. Dana não tinha amigos de verdade ali e nenhum de grande importância em San Diego. Às vezes, o pai pedia para falar com ela quando estava fora, mas geralmente pedia para chamar ambas as filhas. Dana ergueu o receptor.

— Sim?

— Ei — disse uma voz conhecida. — Tem um segundo?

Ela levou um momento para reconhecer a voz.

— Ethan...?

— É, eu estava pensando...

Dana cobriu o bocal e berrou bem alto:

— *Já atendi, mãe!*

Após um momento, houve um clique discreto quando o telefone do andar de baixo foi colocado de volta no gancho.

— Eu não interrompi o jantar ou algo assim, foi? — perguntou Ethan.

— Não — respondeu Dana rapidamente. — Eu estava estudando.

— Sapos? — perguntou ele.

— Sapos — concordou ela, e se recostou na parede.

— A melhor coisa para se pensar antes de dormir. Entranhas de sapos.

— Como você conseguiu meu número? — perguntou Dana abruptamente.

— Hã? Ah, eu peguei com a Eileen, que pegou com o Dave, que pegou com sua irmã. Tem problema eu ter ligado? — perguntou Ethan. — Eu não estou, tipo... passando dos limites ou algo assim?

— Não tem problema nenhum — garantiu Dana. — Como vai? É sobre o trabalho de dissecação?

— Não. — A voz de Ethan subitamente assumiu um tom mais confidencial. — Eu andei pensando sobre o que a gente conversou durante o almoço. Sobre a Maisie e os outros.

— O que tem eles?

— Você pareceu interessada.

— Eu estou.

— Nos relatórios do acidente e nos autos policiais, quero dizer.

— Ah — disse ela ao entender. — E?

— Eles estão aqui em casa — falou Ethan. — Meu tio tem o próprio auto principal. Está na escrivaninha dele.

— E daí?

— Daí que eu tenho a chave.

Dana olhou fixamente para o nada e ficou enrolando o fio do telefone no dedo.

— Ainda está aí? — perguntou ele.

— Sim.

— Quando o tio Frank estiver no trabalho amanhã — disse Ethan —, a gente podia... sei lá... talvez dar uma olhada?

— Sim — repetiu Dana, que se surpreendeu com a intensidade no tom de voz.

— Tem certeza?

— Absoluta. Mas e quanto aos seus pais? — perguntou ela.

Houve uma pequena pausa.

— A minha mãe foi embora e meu pai trabalha muito. Ele nunca está em casa.

— Ah — disse Dana, porque não parecia haver outra coisa para falar; o tom de Ethan não deixou espaço para comentários.

— Então, amanhã — falou ele. — Temos meio dia, mas consigo que o pessoal do clube de ciências espere um pouco. Se você quiser conhecê-los, quero dizer.

— Com certeza — garantiu Dana.

— Vamos nos encontrar no laboratório de química depois do último sinal. Não teremos muito tempo porque vão fechar a escola inteira, mas provavelmente a gente consegue mais ou menos meia hora para falar com o pessoal.

— Está bom — disse Dana. — Eu te encontro lá. E, Ethan...?

— Sim?

— Obrigada — falou ela.

— Pelo quê?

— Por não me tratar como uma espécie de aberração.

— Nem pensar — disse ele e desligou.

Dana voltou devagar para o quarto, pensando em tudo que aconteceu naquele dia. À noite, ela não sonhou com anjos ou diabos, porém, teve outro pesadelo.

Dana sonhou que o coração dela estava pegando fogo.

No sonho, ela estava deitada no piso frio e vazio de um prédio abandonado. Uma igreja. Os vitrais altos e arqueados estavam quebrados, e havia teias de aranha entre os restos destrocados de bancos de madeira. Dana estava deitada no chão com os braços abertos de ambos os lados e os tornozelos unidos. Por um momento horrível, ela pensou que estava prestes a ser crucificada como Maisie. Mas foi aí que Dana sentiu a queimadura no fundo do peito. Era incandescente e pesada, como se ela tivesse sido estocada por uma lança de pura luz ardente. O peso prendeu Dana no chão.

Ela sentiu o fogo ardendo por dentro, mas quando ergueu a cabeça, não havia fumaça, nem chamas visíveis. A blusa do pijama estava ileso, e não havia sangue.

Mas a dor...

Foi pior do que qualquer coisa que Dana sentiu na vida, desperta ou em pesadelos. Era tão grande, tão intensa, que ela nem sequer gritou. Nenhum grito teria sido suficientemente alto para expressar aquela agonia abrasadora. Ela ficou deitada ali, com os dentes trincados, músculos rígidos, a mente queimando junto com o coração.

E aí a sensação de queimadura começou a pulsar, a se expandir com a intensidade de um sol se tornando uma supernova. Aquilo a

dominou, a consumiu e queimou seus últimos pedaços até virarem cinzas quentes.

Ela irrompeu do sono, finalmente encontrou a voz e gritou de dor. Estava no chão ao lado da cama, com os lençóis enrolados nas pernas. A queimadura no peito ainda estava ali, ainda ardia muito. Dana chutou violentamente os lençóis até se livrar daqueles tentáculos, se levantou, correu para o banheiro e bateu a porta. Ela arrancou a blusa do pijama para ver a gravidade dos ferimentos.

Lá estava. Uma marca vermelha nítida como uma queimadura recente, no formato de uma estrela, com raios que se estendiam para fora. Parecia pulsar com calor, luz e dor.

Depois, a marca foi sumindo e desapareceu, levando com ela todas as sensações e quaisquer traços de carne queimada. Deixou para trás apenas pele lisa.

Lá estava Dana, com os quadris encostados na pia ao se inclinar para perto do espelho, a fim de examinar a pele.

E nada.

Ela se recostou e fraquejou contra a parede do banheiro. Escorreu por ela e se encolheu ali, arrepiada e tremendo.

— O que está acontecendo? — perguntou Dana para o ambiente vazio.

Ninguém respondeu a ela.

Dana levou muito tempo para ficar de pé e usou a pia e a maçaneta como apoio para as mãos. Ela lavou o rosto, cambaleou de volta ao quarto e se ajoelhou para rezar. Mas as palavras de cada prece que Dana tentou saíram erradas, atabalhoadas, interrompidas.

Ela se deitou na cama e implorou a Deus ou ao universo ou a qualquer um para que a deixasse dormir, rogando que não tivesse sonho algum. Nem mesmo os bons. Nada além de escuridão e paz.

E Dana realmente dormiu.

Mas sonhou novamente. Desta vez, sonhou que estava morta. Que morreu dormindo. Ela sonhou que flutuava como uma partícula de poeira no ar parado no quarto, assistindo, com horror impotente, à mãe entrando para acordá-la. Os gemidos que foram arrancados da garganta da mãe quando seus dedos tocaram a pele fria e flácida da filha foram horríveis de uma maneira indescritível.

Quando Dana acordou nos minutos frios e pálidos antes da alvorada, ela ficou ali, ofegante, se sentindo fraca e esgotada.

— Deus — arfou Dana. — Ai, meu Deus.



# CAPÍTULO 30

Residência dos Scully

4 de abril, 6h07

— Você parece que viu a morte — disse Melissa quando Dana entrou na cozinha.

Só estavam as duas irmãs ali. O pai chegara tarde e ainda dormia, a avó estava cochilando na poltrona dela, na sala de estar, e a mãe se encontrava no quintal, sentada e tomando chá. Era o que fazia quando queria ser deixada em paz. Era uma manhã fria e silenciosa na casa da família Scully.

— Obrigada — murmurou Dana ao esticar a mão para pegar uma faca a fim de cortar um pão.

A lâmina mostrou o reflexo dela e, por um momento, Dana ficou ali parada, olhando para o próprio rosto. Melissa estava certa: ela estava com uma aparência horrível.

— Você teve mais sonhos? — perguntou Melissa.

Dana evitou os olhos da irmã.

— Mais ou menos.

— Outra visão? — indagou Melissa, tirando os olhos da página de tiras de quadrinhos do jornal.

— Não — respondeu Dana, sem querer descrever aqueles sonhos.

— Coisas normais. Nada que eu queira repetir. Tem café?

— Você odeia café.

— Eu preciso de um pouco.

Melissa se levantou e preparou um bule novo. Dana colocou um pouco de creme no dela e começou a beber. Elas ficaram sentadas em um silêncio taciturno até quase acabarem de comer. A avó entrou arrastando os pés, sentou-se e deu um sorriso amável.

— Ah, olá, Margaret — disse ela para Melissa. — Quem é sua amiguinha?

Elas nem perderam tempo em responder. As garotas beijaram a avó, pegaram o material escolar e saíram.

As irmãs não notaram as cortinas se abrindo na janela do quarto de casal do segundo andar. Não viram o rosto do pai observando as filhas indo embora.



Dave e Eileen interceptaram as duas, e eles andaram até a escola como um grupo. Do sorriso que Dave deu para Melissa, Dana calculou que ele havia planejado “esbarrar” nelas. Dave deu para Melissa um sorriso mais luminoso do que o sol da primavera.

— Que blusa bonita — disse ele.

Melissa puxou a blusa, que era diáfana, mas a estampa vertiginosa de flores silvestres evitava que fosse totalmente transparente. Ela era decotada, porém, e Melissa estava com uma cor nova de batom.

— Obrigada — falou Melissa. — Eu só vesti a primeira coisa que encontrei.

Ela levou meia hora para escolher a blusa certa e calças jeans bem justas para combinar, e era óbvio para qualquer um de sangue quente que Melissa se planejou para aquele encontro. Especialmente uma vez que não estava quente lá fora, e ela devia estar congelando. Eileen captou o olhar de Dana, e ambas viraram os rostos para esconder os sorrisos.

— Por mais que eu goste de sair mais cedo da escola — disse Dave —, eu queria que não fosse para ir ao velório. Isso é uma merda. E um bando de gente conseguiu licença para faltar ao colégio amanhã para o funeral da Maisie.

Eileen olhou em volta.

— Vocês vão?

— Não — respondeu Melissa. — Eu não vou a velórios e nem a funerais.

Eileen olhou feio para ela.

— Não vai porque você não a conhecia?

— Não, porque a morte devia ser uma questão de renascimento e não de um bando de gente olhando para um cadáver em uma caixa. Isto é assustador.

Ninguém comentou a respeito, e o silêncio acompanhou os quatro por um quarteirão inteiro.

Eles atravessaram uma rua e viram Karen e sua amiga Angie. As garotas pararam para examinar Dana com olhos indecifráveis. Por reflexo, Dana acenou com a cabeça para elas e, após um momento, Karen respondeu ao cumprimento. Nenhuma palavra foi trocada, e as outras garotas foram em frente.

— O que foi aquilo? — perguntou Dave.

— A prima da Maisie e a amiga dela — respondeu Dana. — Nós conversamos ontem. Elas estão sofrendo mesmo.

Eles andaram em silêncio por dois quarteirões, e aí Dave falou:

— Nós falamos com o Ethan Hale ontem à noite. Ele perguntou de você.

— Ah...? — disse Dana, tentando parecer casual, mas Melissa e Eileen dispararam olhares para ela.

Melissa fechou a cara para Dave.

— O que ele estava perguntando?

— Nada demais — respondeu Dave. — Ele sabia que eu conhecia você e ele queria saber coisas sobre a Dana.

— Que tipo de coisas ele queria saber? — insistiu Melissa.

— Coisas. Onde moram. O que a Dana curte. Sabe, livros, filmes e música.

— Ah — disse Eileen, com um olhar astuto.

— Ah — concordou Melissa.

Dana estava envergonhada demais para dizer uma palavra. Uma das verdadeiras desvantagens de ser ruiva era que o rosto ficava muito corado com cada mudança de humor, e ouvir algo como aquilo a deixava como uma lagosta em uma panela. Quente e intensamente vermelha.

— O Ethan é bem gatinho para um nerd. O que você disse para ele? — perguntou Melissa, claramente se divertindo.

Dave deu de ombros.

— Tudo que eu sei é que ela gosta do colégio.

Dana apressou o passo, como se pudesse deixar o rubor para trás.

— Ei — falou Dave quando eles atravessaram a rua para chegar à escola. — Olhem todos aqueles policiais.

Havia duas viaturas do departamento de polícia e vários policiais uniformizados em um nó de gente, falando com o diretor, o sr. Sternholtz, e com o segurança da escola, um senhor de idade cujo nome Dana não sabia, mas que todos os alunos chamavam de Tex.

— Ouvi dizer que eles iam destacar um bando de agentes da divisão de entorpecentes para a FSK — disse Eileen.

— Claro — falou Dave —, nos tornamos um covil de escória e vilania.

— Isto é por causa da Maisie — contra-argumentou Eileen — e daqueles outros adolescentes. Talvez realmente haja um problema.

— Talvez — disse Dana baixinho. — Mas eu não acho que sejam drogas.

# CAPÍTULO 31

Estacionamento do Colégio Regional Francis Scott Key

7h21

O motorista de Gerlach tamborilou os dedos na parte de cima do volante.

— Ela te viu, você sabe — disse ele.

O agente Gerlach abriu o porta-luvas e procurou por um novo pacote de goma de mascar. Havia uma dezena de embalagens ali, a maioria vazia. Ele nunca jogava o lixo pela janela, por causa das impressões digitais. Gerlach encontrou o último pacote fechado atrás dos pentes de munição sobressalentes para a pistola automática que usava.

— Eu sei — respondeu ele.

— Isso vai ser um problema?

Gerlach desembrulhou uma goma e a dobrou para testar o frescor. Ela se partiu. A goma estava quebradiça e passada. Ele suspirou e a meteu na boca mesmo assim.

— Eu não tenho um rosto especialmente memorável — respondeu Gerlach.

— Tem certeza? — perguntou o motorista. — Eu li o perfil dela. A garota é esperta. Jovem, mas esperta.

Gerlach mascou a goma e não respondeu.

Os últimos estudantes desapareceram pelas portas grandes, a vizinhança caiu em um falso silêncio, e até parecia que não havia ninguém ao redor.

Até parecia que tudo estava tranquilo e pacato.

Até parecia...

# CAPÍTULO 32

Colégio Regional Francis Scott Key

7h28



Dana estava arrumando os livros escolares no armário quando Ethan pareceu se materializar do nada.

— Ei — disse ele, e Dana pulou uns trinta centímetros no ar.

— *Não* faça isso — falou ela ao empurrá-lo.

— Sinto muito — disse Ethan com o mesmíssimo tom de alguém que não sente muito. — Você ainda vai ao clube de ciências hoje?

— Claro — respondeu Dana. — Mas depois vamos olhar os arquivos do seu tio, certo?

Ethan olhou nos olhos dela.

— Se você tiver certeza de que quer.

Antes que Dana pudesse responder, a campainha de um anúncio especial tocou bem alto, e os dois automaticamente olharam para os alto-falantes montados no topo da parede. Houve um som de tapinhas de alguém testando o microfone, e depois a voz do sr. Sternholtz falou em um tom lento e pesado.

— Todos os alunos devem ir ao auditório para uma assembleia especial que será realizada no lugar da chamada. Por favor, dirijam-se para lá agora. A assembleia começará em quinze minutos.

Depois, silêncio.

— O que significa isso? — questionou Ethan. — Não, espere, entendi... Os agentes da divisão de entorpecentes. Você viu todos eles lá fora? Eles vão ficar no nosso pescoço a partir de agora.

Dana concordou com a cabeça, embora houvesse algo no tom no pronunciamento de Sternholtz que a incomodava.

Mesmo assim, ela olhou de lado para Ethan.

— Quer sentar junto?

Ele sorriu.

— Claro.

Os dois partiram, e quase imediatamente Ethan colidiu com um jovem que saiu de uma porta. Ele quicou no outro sujeito e quase caiu, mas o segundo garoto disparou o braço e o pegou. Foi um gesto incrivelmente rápido e veio com tanta força que deteve a queda de Ethan.

— Ei! Olhe por onde anda — rosnou Ethan ao soltar o braço.

O outro garoto era Angelo, da loja de Corinda.

— Você que esbarrou em mim, *ese*.

A camisa azul de serviço de Angelo estava meio desabotoada e revelou uma camiseta Henley por baixo. Os braços e rosto eram pardos, a não ser por algumas velhas cicatrizes rosas. “Sinais de uma vida interessante”, pensou Dana.

— Você saiu do nada e bateu em mim — reclamou Ethan.

Ele estava ruborizado, claramente envergonhado por ter sido derrubado e salvo no mesmo momento.

— Eu saí dali — disse Angelo, apontando para uma porta com a nítida plaquinha ZELADOR. — Se você estivesse prestando atenção aonde ia, em vez de seguir sua namorada aqui como um cachorrinho, talvez tivesse me visto.

— Eu não a estava seguindo como um cachorrinho; estava indo para a assembleia.

— Ele não é meu namorado — falou Dana rapidamente.

Ambos olharam para ela. Angelo sorriu; Ethan, não.

— Se você está indo à assembleia — disse Angelo calmamente —, então acho melhor correr.

Antes que Ethan pudesse responder, Angelo se voltou para Dana e ergueu um pouco o queixo.

— *¿Qué pasa, mai?*

Ela não sabia muito espanhol, mas conhecia a expressão por ter crescido no sul da Califórnia. *E aí, garota?*

Dana não respondeu. Ethan ficou parado ali, envergonhado e hesitante, aparentemente sem saber o que deveria dizer ou fazer. Angelo pareceu achar graça.

— Vejo você por aí, amigo — disse o zelador e foi embora.

Quando estava a alguns passos de distância, Angelo se virou e deu a Dana o mesmo tipo de olhar inexplicável que dera no Além do Além.

— Esquisitão — murmurou Ethan bem baixinho.

— Esquece — falou Dana. — Vamos.

Eles dispararam pelo corredor até o auditório, onde uns duzentos estudantes procuravam lugares para se sentar e aparentemente todos falavam ao mesmo tempo. Ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo, e todo mundo tinha uma teoria. Mas então o sr. Sternholtz subiu ao palco, seguido por um policial uniformizado. O

ambiente ficou em silêncio, embora Dana ouvisse algumas risadinhas e piadas, e três caras do time de golfe do colégio fingiram passar um baseado invisível de um lado para o outro.

O Diretor Sternholtz parou em frente a um microfone em um púlpito, olhou feio para todo mundo e disse:

— *Já chega.*

A voz saiu ríspida e autoritária, amplificada a dimensões divinas pelo sistema de som. Até mesmo os piadistas na multidão fizeram silêncio. A enfermeira da escola e outra mulher que Dana não conhecia se juntaram aos demais no palco. Ninguém parecia contente, e pelo inchaço vermelho no rosto, ficou evidente que a enfermeira tinha andado chorando.

Dana e Ethan trocaram um olhar preocupado. *O que está acontecendo?*, ele falou sem emitir som, mas Dana fez que não com a cabeça.

— Como todos vocês sabem — começou Sternholtz —, nossa escola e comunidade vêm sendo atormentadas por uma série de tragédias nos últimos seis meses. Três jovens do Colégio Oak Valley e dois do FSK morreram em uma série de terríveis acidentes de carro que poderiam, não, que *deveriam* ter sido evitados. Estes atos sem sentido resultaram na perda dessas vidas jovens e na destruição de todo o seu potencial. É uma cadeia desgraçada de eventos, e eu gostaria de poder dizer que ela acabou, que todos nós nos tornamos mais inteligentes, que aprendemos com nossos erros e avançamos para uma fase mais segura e sã de nossas vidas.

Ele fez uma pausa e olhou para o mar de rostos. Ninguém deu um pio. Nada. Era um silêncio imenso e gélido.

— Mas esta tragédia simplesmente não terá fim — continuou Sternholtz. — Nós nem sequer enterramos Maisie Bell, nem sequer começamos a lidar com a tristeza pela perda, e agora, hoje, eu sinto muitíssimo em contar que houve outra morte. Um terceiro aluno do FSK. Outro de nós.

Ethan pegou a mão de Dana e não soltou, como se ela pudesse evitar que ele deslizasse do assento. Sua mão estava gelada.

— Hoje eu soube que o veterano Todd Harris morreu na noite de terça-feira, quando seu carro varou uma barreira de proteção perto

da Estrada de Elk Hill. O carro foi encontrado no sopé do morro, submerso em um rio.

O silêncio durou até um ponto excruciante, quando foi interrompido por um grito. Todo mundo se virou para ver uma loura saindo correndo do auditório, seguida por outras três meninas.

— A namorada do Todd — disse Ethan. — Cruzes, eles nem se incomodaram em avisá-la primeiro? Isso é tão errado. Tão cruel.

Dana concordou com a cabeça, mas a mente não estava vivendo naquele momento. A notícia arrancou os pensamentos e levou para outro lugar. *Outra morte?* Um sexto adolescente. Um sexto acidente de carro?

— Não — falou ela.

— O quê? — perguntou Ethan.

Dana se aproximou dele e falou em um sussurro intenso.

— Não tem como isso ter sido um acidente. Você compreende, certo?

Houve um medo renovado nos olhos de Ethan, mas pouca dúvida.

— Acho que sim.

— Alguém está matando adolescentes — disse Dana, mas o que ela realmente quis dizer foi: *alguém está matando a gente.*

Ethan pareceu enjoado.

— Eu sei.

No palco, o sr. Sternholtz passou o microfone para a enfermeira da escola, que falou sobre os perigos das drogas. Depois, ela apresentou a outra mulher, uma psicóloga, que falou sobre gerenciamento do luto e os perigos das drogas e do álcool. A seguir, o policial uniformizado se apresentou como o Subxerife Driscoll, e falou sobre os perigos das drogas. Eles guardaram a bomba para o final.

O Diretor Sternholtz olhou feio para todo mundo.

— Hoje pela manhã, eu dei ordens para os funcionários do colégio ligarem para seus pais, a fim de pedir permissão para realizarmos exames de sangue. Agora, antes que vocês se levantem em protesto contra uma violação de suas liberdades civis — disse ele, em tom condescendente —, deixem-me lembrá-los de que todos vocês são menores de idade. Desde que tenhamos a permissão por parte de

seus pais ou responsáveis, nós podemos e *faremos* isso. A proliferação de narcóticos ilegais tem que ser detida. Se medidas extremas são necessárias, então esse será o rumo que tomaremos.

Alguns dos estudantes ficaram sentados, em silêncio atônito; outros rugiram e vaiaram. Sternholtz confrontou todos eles com o olhar.

— Não se enganem — falou o diretor com frieza. — Se qualquer um de vocês não deixar que nossa enfermeira e as voluntárias que vieram aqui hoje do hospital para coletar amostras de sangue mesmo com a permissão de seus pais, o aluno será suspenso e aguardará a consideração de uma possível expulsão.

Ninguém disse uma palavra.

— Tem havido muito falatório na imprensa sobre uma “guerra às drogas”. Até agora, parece que estamos perdendo essa guerra. — Os olhos brilharam, e Sternholtz deu um sorrisinho horrível. — Isso vai mudar. Essa é uma guerra que eu pretendo vencer. Agora, durante o dia, as enfermeiras passarão em cada sala de aula com uma lista dos alunos cujos pais escolheram cooperar com a nossa campanha para manter em segurança todos os estudantes do Colégio Regional Francis Scott Key. Dispensados.

Os alunos se levantaram, alguns furiosos, muitos abalados, todos surpresos e com medo.

Dana se aproximou e sussurrou para Ethan.

— Isto é uma confusão. Está errado.

Ele olhou para ela.

— Por que diz isso?

Dana balançou a cabeça.

— Não sei, mas todas as moléculas do meu corpo estão gritando que esta situação não é como eles dizem que é. Você também não está sentindo isso?

Ethan observou Dana por um longo tempo, depois concordou com a cabeça, devagar.

— É — disse ele. — Nós *temos* que olhar os arquivos do tio Frank depois da escola.

— Sim, temos — concordou Dana, e a ferocidade na própria voz a surpreendeu.

Ethan franziu os lábios, pensativo.

— Eu só tenho educação física e latim hoje, e depois mais nada. O que você tem?

— História e inglês.

— Ok, encontre comigo no laboratório de química assim que puder. Vamos conversar com os caras do clube de ciências antes que fechem a escola por hoje. Talvez eles sejam capazes de ajudar.

Com dez minutos da primeira aula de Dana, um funcionário apareceu com uma lista de nomes. O dela estava listado.

A sensação de traição doeu fundo, mas menos um pouco quando Dana descobriu que ela seria examinada no dia seguinte e que foi o pai, e não a mãe, que concordou com aquilo. Para ela e para Melissa.

# CAPÍTULO 33

Colégio Regional Francis Scott Key

11h43

Eles pareciam com um sapo, uma cegonha e um louva-a-deus.

Os outros três integrantes do clube de ciências estavam reunidos em volta da mesa e ergueram os olhos quando Ethan e Dana entraram na sala. Eles tinham exatamente a aparência que Dana esperava.

O sapo era um aluno do primeiro ano com olhos enormes, uma boca larga, orelhas pequenas e uma pancinha. Ele usava uma camiseta com estampa de Luke Skywalker e calças jeans que Dana tinha certeza de que tinham pelo menos cem anos de idade. O par de tênis parecia ainda mais velho. Ethan o apresentou como sendo Jerry Gomer.

— Ei — disse Jerry, que ficou coradíssimo ao falar.

“Não está acostumado a conversar com garotas”, pensou Dana.

A cegonha era uma menina. Sylvia Brunner era muito alta e muito magra, com um longo pescoço delgado e cheia de verrugas, que Dana achou que pareciam com uma constelação, embora não conseguisse lembrar qual delas. Sylvia tinha um rosto comum que não era bonito, mas era alegre e franco. Usava óculos com armação marrom espessa, sem maquiagem, e um coque desleixado segurava a massa de cabelos desgrenhados. Não havia nada absolutamente ameaçador a respeito de Sylvia e nenhum traço de crítica nos olhos verde-água.

— Meu primo Dave fala de sua irmã o tempo todo — disse ela. — Acho que está a fim dela.

— É, bem... — falou Dana, e elas sorriram mutuamente.

A louva-a-deus era uma garota negra com olhos que nunca pareciam piscar e que se movia com precisão lenta e controlada. Havia muita coisa acontecendo por trás daqueles olhos, pensou Dana; ela era uma daquelas pessoas que absorviam todos os detalhes, mas que raramente compartilhava seus pensamentos.

— Tisa Johnson — disse a garota para se apresentar.

— É um prazer — falou Dana.

De resto, a sala de aula estava vazia, e os integrantes do clube trabalhavam em um problema complexo de química usando pequenas bolas de madeira e pinos para criar modelos de moléculas orgânicas.



— Só para deixar claro, Dana — disse Sylvia —, todos nós ouvimos falar do que aconteceu no vestiário.

— Hã... ok.

— O Ethan diz que você não está maluca — falou Sylvia —, então não trouxemos uma camisa de força para o colégio.

— Ok. Obrigada...?

— Eu observei vocês na assembleia — disse Tisa. — Você e o Ethan.

— Ah?

— Você não acreditou no que eles tentaram nos dizer, não foi?

Dana olhou para Ethan, que lhe encorajou com um aceno de cabeça.

— Não muito, não.

— Qual é a sua teoria, então?

O trio olhou para ela com a intensidade de um júri em um julgamento de assassinato. Ou pelo menos essa foi a impressão que Dana teve.

Ela soltou a mochila pesada no chão e se sentou.

— Eu não sei o que está acontecendo — admitiu Dana. — Só sei o que vivenciei.

— Eu ouvi dez versões diferentes dessa história — disse Sylvia.

— Sussurros pelo corredor — concordou Jerry.

— Conte-nos a sua versão — pediu Tisa.

E foi o que Dana fez.

Eles ouviram a história. Quando Dana terminou, houve quase trinta segundos de silêncio, e ela notou os integrantes do clube de ciências se retraíndo, refletindo, cada um lidando com ela à sua maneira. Jerry ficou na beirada da cadeira e desenhou pequenos círculos na mesa com os indicadores, um no sentido horário, o outro no anti-horário, e em velocidades diferentes. Sylvia se reclinou para trás e olhou para o teto. Tisa encarou Dana fixamente com os olhos penetrantes e indecifráveis.

Foi Tisa quem rompeu o silêncio.

— Percepção extrassensorial é um aspecto válido da ciência — disse ela em uma voz controlada e precisa. — Tem sido estudada

pelas principais universidades do mundo inteiro. É estudada pelas Forças Armadas. Pelas nossas e de todo o mundo.

— É assustador — falou Sylvia —, mas também muito maneiro. Eu vi um cara na TV semana passada, em um dos programas de entrevistas. Esqueci o nome dele. O Estupendo Alguma Coisa. Não importa. Disseram que ele vem ajudando a polícia a encontrar os corpos de vítimas de assassinatos. Então... a polícia deve achar que há um valor nisso.

Jerry pigarreou.

— Eles dizem que todos os adolescentes que morreram estavam se drogando e morreram em acidentes de carro isolados.

— Eu não acredito nisso — disse Dana.

Ele a encarou com os olhos enormes de sapo.

— É uma improbabilidade estatística que isso aconteça em uma cidade tão pequena. Mesmo levando em consideração o número de pessoas no condado inteiro, as contas não batem.

Dana arfou.

— Espere, então vocês *acreditam* em mim?

Sylvia abriu um sorriso enorme para ela.

— O Ethan acredita em você. Você sabia de coisas sobre a Maisie que não teria como saber, a não ser que a tivesse conhecido.

— E você disse que nunca a conheceu — completou Jerry, concordando com a cabeça.

— Então — falou Tisa —, a não ser que você seja uma tremenda mentirosa, e por tremenda eu quero dizer com uma competência tremenda para mentir, então, sim, você vivenciou alguma espécie de fenômeno psíquico.

Dana sentiu um peso imenso sair de seus ombros.

— Obrigada — disse ela.

Mas Tisa ergueu um dedo.

— O problema é — falou ela — que não temos informações suficientes para formar algum tipo de teoria útil.

— Não — concordou Jerry.

— Nem um dado sequer — disse Sylvia.

— Que beleza — falou Dana, e se voltou para Ethan.

— O tio Frank?

Ele parecia aflito, mas concordou com a cabeça.  
— O tio Frank.

# CAPÍTULO 34

Residência dos Hale

13h19

— Você tem certeza de que ele não vai chegar e flagrar a gente? — perguntou Dana ao seguir Ethan até a varanda da casa do rapaz.

Não havia carros na entrada da garagem, nem na rua. A casa era um tipo de chalé alemão desgastado pelo tempo, com um jardim de cartão postal completamente dominado por um olmo retorcido que parecia algo saído de um livro de Tolkien.

Ethan pescou um molho de chaves do fundo da mochila e enfiou uma na fechadura maciça da porta de entrada.

— De jeito nenhum — respondeu ele. — Tio Frank está fazendo hora extra hoje por causa do Todd Harris e geralmente vai com o parceiro à lanchonete da autoestrada. É onde os policiais locais e alguns dos estaduais costumam ir.

Ethan fez uma pausa e depois acrescentou:

— Aliás, estou meio surpreso de ele não ter estado na escola hoje. Talvez o xerife realmente esteja convencido de que isso seja caso de drogas, bebida e má direção e não esteja acreditando em algo premeditado, como um assassinato.

Ele abriu a porta e ficou de lado para deixá-la entrar. “Um cavalheiro”, pensou Dana. “Uau. Eu achava que estavam extintos”. Era uma tirada da mãe.

— Você disse que sua mãe foi embora. Isso significa que seus pais são divorciados?

Uma sombra pareceu passar pelo rosto de Ethan.

— Minha mãe, ah, morreu quando eu tinha quatro anos.

— Ah... sinto muito.

— Tudo bem. Eu não me lembro muito dela. Ela esteve doente por uns dois anos. Câncer. Então nunca chegamos a passar muito tempo juntos.

Dana tocou no braço dele.

— Isso é horrível.

— Já passou — disse Ethan, de uma maneira que claramente demonstrou que não tinha passado. Não para ele.

Ethan fechou a porta e jogou as chaves em um prato em uma mesinha lateral. A sala de estar era pequena e escura, com as persianas e cortinas fechadas. Para uma casa de solteiros, não havia bagunça ou poeira óbvias, e Dana achou que isso era mais por

causa de Ethan do que de outra pessoa qualquer. Ele era um cara muito arrumadinho. A mobília era do tipo que se comprava em grandes lojas de departamento. Os quadros de paisagens na parede também. Do tipo que provavelmente já eram vendidos emoldurados. Não havia vaso de flores, nenhuma quinquilharia, nenhum toque pessoal.

— Como é o seu pai?

Ethan suspirou.

— Meu pai nunca está por perto, como eu disse. Está sempre trabalhando. Ele trabalha para o governo, mas não pode conversar a respeito. Não que ele algum dia esteja perto para *conseguir* conversar a respeito. Tio Frank diz que meu pai era diferente antes de minha mãe morrer, mas é só isso que conheço dele, entende? Sabe aquela expressão, “casado com o emprego”? É o meu pai. Tio Frank foi quem mais me criou.

“E você se criou”, pensou Dana. “Fez um bom trabalho também.”

— Meu pai consegue ser bem distante também — disse ela.

— Eu ouvi dizer — respondeu Ethan. — Capitão da Marinha, certo? Ele tem o próprio navio?

— No momento, não. Tinha quando a gente morava em San Diego, mas eles o transferiram para cá para um tipo de treinamento especial avançado de guerra naval, ou algo assim. Ele está dando as aulas, mas também não pode falar nada a respeito do que faz. Passa muito tempo fora, também, e quando está em casa, meu pai é muito enérgico. Fala com grosseria com a minha mãe e trata Melissa, Charlie e a mim como se fôssemos marinheiros que não sabem como escovar um convés. Todo mundo tem que ser o militar perfeito.

— Parece dureza.

Ela deu de ombros.

— O único de nós em quem meu pai não pisa em cima é meu irmão mais velho, Bill, que entrou para a Marinha. Ele quer ser igualzinho ao meu pai.

— Ai.

— Não é um problema, eu acho — disse Dana. — Minha mãe fala que meu pai está sob muita pressão no trabalho e que tudo isso vai

passar.

Ethan deu um sorriso astuto para ela.

— Tudo bem.

— É — respondeu Dana, concordando com a mentira porque era mais fácil do que desconstruir uma coisa que ambos sabiam que estava além da capacidade deles de remontar posteriormente.

— De todo modo, meu pai não vai nos importunar hoje. Ele está viajando por uns dias fazendo alguma coisa secreta. O lugar é todo nosso.

A intenção de Ethan era que o comentário soasse casual, mas obviamente havia uma história maior e possivelmente mais triste do que ele quis compartilhar. Ethan sorriu, mas pareceu um gesto sofrido, e Dana não fez mais perguntas.

Ethan a conduziu por um corredor pequeno até uma sala que claramente era a mistura de uma biblioteca com escritório. Havia uma grande mesa de carvalho, uma lareira pequena em que um aquecedor elétrico foi instalado, poltronas antigas puídas e prateleiras cheias de livros. Centenas e mais centenas deles. Dana quase arfou quando os viu, e por alguns momentos ela andou pelo cômodo, próxima às paredes, lendo os títulos. Os volumes estavam organizados alfabeticamente por assunto, descobriu Dana. Havia livros jurídicos e sobre procedimentos policiais, livros sobre a história da coleta de provas e sobre ciência forense moderna, livros sobre uma variedade de outras áreas científicas, indo da entomologia à psicologia anormal. Havia também livros sobre astronomia, matemática e física. Essas obras de não ficção preenchiam cerca de metade do espaço, e o resto era dedicado inteiramente à ficção, sendo a maioria livros de mistério e de detetives. Obras de Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle tinham destaques, bem como livros de Ed McBain, John D. MacDonald, Agatha Christie e muitos outros, alguns dos quais Dana havia ouvido falar e muitos que eram novidade para ela. A jovem se perguntou quem ali no lar da família Hale lia aqueles livros, ou se a leitura era uma coisa que todos eles tinham em comum. No geral, a casa parecia fria como uma pilha sem carga. Sem amor.

Aquilo lhe deu vontade de abraçar Ethan.

Dana não o fez, obviamente, porque até então em sua vida, os garotos foram amigos ou carrascos, não pretendentes. Não era como Melissa, que foi flagrada beijando meninos quando tinha nove anos.

— Está aqui dentro — disse Ethan, e a frase arrancou Dana da própria mente.

Ela o seguiu até a mesa e o viu tirar uma pequena chave do bolso e enfiá-la na fechadura da última gaveta.

— O tio Frank não sabe que mandei fazer uma cópia no ano passado.

— Por que você fez isso?

Ethan deu de ombros.

— Porque ele me deixou com raiva quando disse que eu não aguentaria ver fotos de acidente ou de autópsias.

Dana sorriu.

— Por mim, tudo bem.

A fechadura fez um clique ao abrir. Ethan puxou a gaveta e retirou dela uma pasta pesada que tinha pelo menos sete centímetros de espessura e era fechada por tiras largas de elástico.

— Uau — exclamou Dana. — Quando você disse que ele tinha os autos, eu pensei que era como eles mostram na TV. Umas duas páginas e algumas fotos.

— Este é o que ele mantém em casa — disse Ethan ao pousar a pasta na mesa. — Tio Frank falou que todos os autos combinados enchem três caixas de papelão. Ele fez uma espécie de auto principal resumido para si mesmo.

Em vez de remover os elásticos imediatamente, Ethan pegou um bloco de notas da gaveta de cima, que estava destrancada, e usou um lápis para fazer um esboço detalhado e preciso dos ângulos e cores de cada elástico, incluindo como e onde eles se sobrepunham.

— Apenas para o caso de o meu tio ter posto os elásticos de um jeito específico — explicou Ethan, e removeu as tiras, colocando-as sobre o diagrama. — Ele é muito detalhista e sabe que meto o nariz algumas vezes, mas não reconhece o meu mérito tanto quanto mereço.



— Obviamente — disse Dana, impressionada. — Mas você não me disse que tinha olhado essa pasta antes?

Ele sorriu.

— Talvez eu tenha dado uma olhadinha — admitiu Ethan —, mas não tive tempo de examiná-la para valer.

— Mas você olhou os outros autos do seu tio, certo?

Ele deu de ombros, mas não respondeu, o que já foi uma resposta suficiente.

Os dois levaram os autos até um par de cadeiras de couro em frente à lareira, e Ethan arrastou uma mesinha de centro entre elas e pousou a pasta pesada em cima. Então ele colocou a mão espalmada na capa e fez uma expressão séria para Dana, com a testa franzida.

— Tem certeza de que quer ver isso?

— O que você disse sobre seu tio não reconhecer o *seu* mérito?

Ele fez uma careta.

— Ok, desculpe.

A pasta continha vários autos individuais para cada morte. Os dois começaram a trabalhar lendo os relatórios. A maior parte do material era técnico, e o avanço de Dana foi emperrado pelo que Ethan chamou de “policialês”, a verbosidade cheia de acrônimos usada pela polícia. Após algumas páginas e um pouco de interpretação da parte dele, Dana conseguiu se situar. *CD* era “cadáver”, *CE* era “contato de emergência”, *PR* era “polícia rodoviária”, e *AVM* era “acidente com veículo motorizado”. Haviam acrônimos mais óbvios também, como *JUV* e *MNC*.

Quando eles chegaram à primeira pasta de fotos, Dana se preparou. Dizer que estava pronta para qualquer coisa e *realmente estar* eram coisas muito distantes. Ela tinha visto fotos de pessoas mortas na TV e em jornais, mas aquilo era diferente. Aquelas eram imagens de pessoas da idade de Dana e, ao contrário das fotos de jornais, aquelas eram nítidas, perfeitas e em cores brutais.

O nome na primeira pasta era Connie Lucas, do Colégio Oak Valley, que ficava logo após o limite do condado. Havia uma foto presa com clipe de papel na capa externa, uma foto de escola que mostrava uma menina bonita de cabelo curto, usando uma blusa

com estampa de girassóis, brincos e um amuleto preso a um colar de corrente delicada. Dana respirou fundo e abriu a pasta.

As primeiras vinte fotos foram tiradas na cena do crime. Uma perua atingiu uma árvore em uma velocidade muito alta, e a frente inteira do veículo abraçava o carvalho maciço. O carro estava tão danificado que era difícil dizer o ano ou modelo. Todos os pneus e as janelas foram estourados, e a motorista foi lançada para fora do veículo. Havia um corpo surrado caído no chão pedregoso, após ter rolado por uma encosta e se afastado do carro. Outras fotos mostravam Connie embaixo de um cobertor plástico, sob a luz implacável de refletores. Essas fotos foram tiradas para documentar a cena, e a intenção claramente não era de que elas fossem chocantes ou exploradoras, mas as imagens atingiram Dana como uma série de socos. Os pulmões dela se contraíram, e sua respiração ardeu e virou cinzas no peito.

Ela não fez comentários porque falar era simplesmente impossível.

Então Dana se voltou para o segundo conjunto de fotos. A iluminação era diferente e a vítima estava deitada em uma mesa de necrotério, feita de aço inoxidável. Havia instrumentos, ralos e máquinas. As roupas da garota haviam sido cortadas e estavam empilhadas ao pé da mesa. Ela estava deitada, nua e vulnerável, roubada de toda a dignidade, exposta sob o brilho cruel de luzes fluorescentes.

As próximas quarenta fotos eram um passo a passo aterrador da autópsia.

Dana sentiu o suor grudento descer por dentro das roupas e a sala pareceu anormalmente clara. Como, em nome de Deus, ela achou que estivesse pronta para aquilo? Quando se voltou para Ethan, Dana esperou vê-lo tão impassível como ele disse que estaria, mas o menino tinha lágrimas brilhando no canto dos olhos.

Os dois não se falaram. Nem uma única palavra. Não até terminarem aquele auto e seguirem para o próximo. Um garoto japonês, Jeffrey Watanabe, de 18 anos, e uma menina negra, Jennifer Hoffer. Juntamente com a garota branca, Connie Lucas, eles eram as três vítimas do Colégio Oak Valley.

As próximas duas pastas eram dos alunos do FSK, Maisie Bell e Chuck Riley, ambos brancos, assim como Connie.

Dana examinou os autos e depois voltou para as fotos de Maisie. Era ela. Era claramente a garota das visões. Havia uma foto de escola de Maisie, assim como todos os demais, mas nessa ela estava viva. Morta, Maisie parecia uma pessoa diferente. O corpo parecia... errado. Não era uma pessoa, de modo algum. Vazia. Abandonada.

Uma onda de tristeza atingiu Dana, e ela quis chorar, mas conteve as lágrimas. Mesmo assim, a dor estava ali. Ter visto Maisie no vestiário tornou a garota completamente real para Dana. Foi como se ela tivesse conhecido Maisie e perdido uma amiga de verdade.

Talvez essa fosse a sensação mesmo, pensou Dana. Afinal de contas, como Maisie era diferente dela? Ou de Melissa?

Dana olhou para Ethan.

— Onde está o auto do Todd Harris?

— Tio Frank ainda não trouxe para casa — respondeu ele. — Talvez seja recente demais. Mas eu o ouvi falando a respeito do caso ao telefone. Eu fui à cozinha e ouvi pela extensão.

— Que sorrateiro — disse Dana, com um olhar de aprovação.

Ethan deu de ombros.

— Eu odeio fazer isso com o tio Frank, mas... — Ele deixou o resto da frase no ar.

— O que você ouviu? — perguntou ela.

— Todd não foi crucificado, isso é garantido. Eu não sei muitos detalhes, mas tenho certeza de que o pescoço dele foi quebrado. Foi basicamente só isso que eu ouvi.

Dana concordou com a cabeça quando algo lhe ocorreu. Ela passou os olhos por uma página marcada como *Inventário*, querendo descobrir o que Maisie possuía quando morreu, e se deu conta de que estava procurando pelo pingente de eclipse que viu durante o estranho encontro com a garota. A joia não estava ali, mas havia uma anotação: *Corrente prateada, cinquenta centímetros. Quebrada a sete centímetros abaixo do fecho.*

Dana imaginou o que aconteceu com o pingente em si. Será que não encontraram a joia entre todos os destroços? Não havia como saber, e ela não achou uma boa ideia ir ao local da batida e dar uma

de Sherlock Holmes, então continuou explorando a pasta. Havia páginas de inventário para cada adolescente morto, e Dana vasculhou os autos, apenas pela remota possibilidade de que eles possuíssem pingentes similares, mas não havia nada do gênero. Lá se foi uma teoria embrionária. Havia pouca bijuteria de qualquer tipo, mesmo entre as garotas.

Em outra página, ela encontrou uma lista com anotações intitulada *Cicatrizes, Marcas, Tatuagens*. Nada ali que conectasse as vítimas, embora houvesse uma anotação de que os dois garotos, Jeffrey e Chuck, tinham indícios de “tatuagens que foram materialmente ocultadas por traumatismo”. Ela procurou as fotos de autópsia dos dois garotos, as examinou com atenção, resmungou e mostrou para Ethan.

— Olhe isto.

— Isso é nojento — disse ele.

— Não, é só que cada um deles tinha tatuagens nos braços, mais ou menos no mesmo lugar. Do mesmo tamanho, também. Está vendo, ali e ali? Dá para ver um pouco de laranja e preto.

— E daí?

— Daí que talvez os dois tivessem tatuagens de um eclipse.

— De novo... e daí?

— A Maisie estava usando um pingente de eclipse quando eu a vi. Só encontraram uma corrente de prata.

Ethan começou a dispensar a ideia, mas depois parou e mordeu o lábio por um momento.

— Hmm... uma vez que o departamento de polícia só encontrou a corrente e não o pingente, e que mexeram nas tatuagens, você acha que alguém está tentando esconder uma conexão?

— Talvez — disse ela.

Ele observou Dana.

— Você daria uma boa policial.

— *Nós dois.*

Os dois pesquisaram mais, porém não havia mais nada que apresentasse uma conexão com um eclipse, mesmo que de maneira remota. Então seguiram em frente. Havia uma página presa ao

relatório de cada vítima que resumia o exame de sangue. Ela leu todas e depois mostrou as páginas para Ethan.

— Viu isso? Os exames mostram que nenhum dos adolescentes bebeu.

Ethan leu o material.

— Níveis de alcoolemia normais? Em todos os casos? Eu deixei passar isso. — Ele olhou para Dana. — Ok, então nenhum deles bebeu. Disseram que os adolescentes estavam doidões.

— Mas doidões de quê? — perguntou Dana. — Só tem isso aqui.

Ela apontou para um comentário, que depois leu em voz alta:

— Presença de composto sintético que simula os efeitos de receptores agonistas 5-HT<sub>2A</sub> padrão. — Dana balançou a cabeça. — O que isso quer dizer?

— Não faço ideia — respondeu Ethan. — Talvez a gente descubra uma maneira de perguntar para o Dois Ternos.

Ela concordou e começou a fechar a grande pasta, mas parou, respirou fundo, depois voltou, abriu novamente na foto da autópsia de Maisie e examinou-a. A garota tinha sido muito destroçada e as feridas eram horrendas, mas Dana se forçou a olhar com atenção para elas. Presa com um clipe de papel à última foto estava a fotocópia de uma página que fora usada para tomar notas. Tinha o contorno genérico de um corpo humano feminino, com braços abertos nas laterais. Havia dezenas de Xs marcados no desenho e uma lista de ferimentos correspondentes, em uma caligrafia médica que Dana não conseguiu interpretar. Comentários como “foram observados hematoma subdural e fraturas cominutivas do osso occipital” e “as mucosas da epiglote, glote, seio piriforme, traqueia e grandes brônquios são anatômicas”. Pesquisar para que tudo aquilo fizesse sentido exigiria um dicionário médico e, apesar da quantidade de livros nas estantes, não conseguiram encontrar nenhum.

Mas aí algo ocorreu a Dana, e ela parou e olhou mais atentamente para o diagrama, depois remexeu a pasta e tirou as fotos da autópsia.

— Você tem uma lupa? — perguntou Dana rapidamente.

— Claro, por quê?

— Quero verificar uma coisa.

Ethan se levantou e buscou a lupa grande em cima da mesa, que ela pegou e usou para olhar cada ferida de forma isolada. O dano era tão vasto que foi difícil encontrar o que Dana procurava, mas estava ali.

Estava tudo ali.

O dano aos pulsos de Maisie, as perfurações em cima dos pés, os cortes menores que acompanhavam a linha do cabelo, e o corte mais profundo na lateral do corpo. A boca de Dana ficou subitamente seca, e mais uma vez foi difícil respirar.

— Não... — murmurou ela.

— O que foi? — perguntou Ethan

— Ai, meu Deus — disse Dana. — Rápido, pegue alguma coisa para desenhar.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Só faz o que estou dizendo — disparou ela.

Ethan correu até a mesa novamente e trouxe um bloco amarelo e uma lapiseira. Dana pegou o material sem dizer uma palavra, arrancou uma folha, colocou por cima do diagrama e desenhou o mesmo contorno feminino. Depois, removeu a folha com a cópia, observou e cuidadosamente desenhou apenas os ferimentos que viu, tanto no sonho, quanto na visão acordada. Quando terminou, ela mostrou para Ethan.

— Ok — disse ele. — E daí?

— Acho que foram estes ferimentos que realmente mataram a Maisie — respondeu Dana, que repassou as memórias.

— Como você sabe disso?

— Quando vi a Maisie no vestiário, tudo que consegui enxergar foi o que fizeram com ela.

Dana repassou o incidente no vestiário e depois explicou sobre o anjo negro no sonho de domingo à noite, em que Maisie fora assassinada.

— Espere, você viu mesmo esse... esse... *anjo*... cortá-la e estocá-la? — perguntou Ethan, consternado. — Isso é nojento.

— Não, não foi exatamente assim. O sonho é confuso. No vestiário, eu vi a Maisie com os estigmas. Vendo este diagrama, eu

acho, não, eu tenho *certeza* de que Maisie foi morta usando as feridas de Cristo e que o acidente de carro foi armado para esconder isso.

— Por quê? Por quem?

— Como *eu* vou saber?

Ethan deu um olhar cauteloso para Dana.

— Hã... você acha que um anjo *de verdade*...?

— Não seja idiota — disparou ela, e imediatamente disse: — Desculpe. Não quis dizer isso.

— Não, tudo bem. Eu só não sei o que dizer.

Dana deu um muxoxo de desdém.

— Fala sério.

Ethan sorriu para ela.

— Como você não está enlouquecendo depois de tudo isso?

— Quem disse que não estou?

Ele escolheu não responder; ao contrário, pigarreou e disse:

— Você tem certeza a respeito dos ferimentos dela? As, hã, feridas de Jesus, quero dizer?

Dana pegou o diagrama do esboço do corpo e desenhou uma série de linhas e ângulos retos como se o corpo da vítima estivesse diante de uma enorme cruz de madeira. Ela rabiscou uma coroa de espinhos e desenhou uma lança tosca com sua lâmina, espetando fundo. Ethan pareceu consternado, mas logo começou a concordar.

— Eu leio sobre assassinatos em massa, cultos e todas essas coisas o tempo todo — disse. — Há muita gente doida de pedra por aí que acha que Deus está mandando que eles matem pessoas.

— Eu sei. — Dana tocou o crucifixo sem perceber. — Acho que, seja lá quem tenha feito isso, está tentando passar um recado.

— Mas que diabos de recado isso tudo passaria?

Em vez de responder, Dana passou os próximos minutos desenhando o contorno das outras vítimas e marcando a localização de cada ferimento. No caso do menino japonês, Jeffrey Watanabe, o carro ficou tão detonado que ele chegou a ser decapitado. Jennifer Hoffer foi empalada pela coluna de direção quebrada do veículo. Connie Lucas atravessou o para-brisa. E havia dezenas de outros

ferimentos também, o que complicava tudo. Ethan assistiu com grande interesse.

— Bem... uma coisa é certa — disse ele quando Dana terminou. — Eles não estão fazendo a mesma coisa sem parar. Nem todos eles morreram como Jesus.

— Não, mas com certeza ele está passando algum tipo de recado. Uma *outra coisa* religiosa — Dana afirmou, ao pousar a papelada e se recostar. — Eu apostaria minha vida nisso.

As palavras pareceram pairar entre eles, atormentando os dois.



# CAPÍTULO 35

Craiger, Maryland

13h38

O anjo estava sentado de pernas cruzadas no chão, com suor escorrendo pelo corpo. Embora o tempo lá fora ainda estivesse ameno, dentro da sacristia a temperatura passava dos 38° C. Não havia caldeira no porão, nenhum aquecedor, nada que justificasse o calor.

A não ser o fogo de sua crença nos anjos vigilantes.

A não ser o fogo na própria pele. Não nas partes dele que ainda eram humanas. No resto. As partes que estavam se revelando como nefilim, como um gigante, não em tamanho, mas em poder, em glória, em compreensão.

O *Livro de Enoque* falava dos anjos vigilantes — que os antigos chamavam de Guardiões — e contava como eles saíram do céu para tentar controlar a humanidade, aquela raça de crianças malcriadas e errantes. Os gloriosos seres superiores até mesmo se casaram entre os humanos e produziram os nefilins, na esperança de que a própria grandiosidade se espalhasse como uma praga de grandeza através de gerações dos homens.

Aquilo foi uma coisa gloriosa.

O fracasso era mais sinal da fraqueza dos homens do que de qualquer defeito por parte dos Guardiões. Os homens, embora fracos no caminho do espírito, eram tão fortes quanto teimosos em relação à ambição, à lascívia. Eles construíram seus mundos com muralhas e torres e isolaram os anjos vigilantes. E a semente deixada para trás, a prole de nefilins, se tornou escassa e isolada até que não houvesse ninguém dotado de graça entre o rebanho humano. E os humanos, aqueles que não possuíam traço de sangue divino, trabalharam para destruir os nefilins, os taxaram de diabos, demônios e bruxas, e os caçaram à beira da extinção. Enojado e triste com o que os homens se tornaram, o último dos anjos vigilantes abandonou o plano mortal e fechou a porta ao sair.

Até agora.

Até *ele* ter nascido. Até ele ter despertado dentro da própria carne e compreendido sua natureza, sua missão, seu propósito.

Até ter percebido que era muito mais do que humano.

Até ter ouvido o pranto suave e tênue de outros como ele, presos dentro de cascas banais. Implorando por soltura. Implorando para

que *e/le* os libertasse.

Era seu dever sagrado atrair os nefilins para que recuperassem sua herança e então, juntos, arrombassem a porta que separava este mundo daquele para onde foram os Guardiões.

E aquele trabalho estava indo muitíssimo bem.

A pintura, porém, era um desafio. Levou anos para ele descobrir qual era o formato necessário da porta. Não era uma simples porta, não era uma janela quadrada ou retangular, mas, em vez disso, era a pintura de um anjo vigilante. Mas como fazer isso? Os Guardiões eram, em suas verdadeiras formas, amorfos. A natureza deles era a fornalha da vida, da transformação, da mudança magnífica.

Como pintar isso?

O anjo olhou para o que pintara. O anjo vigilante falava através dele, mas ainda não estava completo, e as palavras, as lições do outro lado, nem sempre eram claras. Aquilo ainda não era uma passagem.

Ele ainda não tinha sangue suficiente para completar a tarefa sagrada.

O pincel estava caído no chão, ao lado da pureza fria de sua faca.

Ainda havia tanto a fazer...

# CAPÍTULO 36

Residência dos Hale

15h37

Dana e Ethan passaram por tudo aquilo novamente, por cada página dos autos, cada foto terrível, cada linha dos prontuários médicos praticamente incompreensíveis.

Os dois acabaram exatamente no mesmo lugar.

— Veja bem — disse Ethan —, se a Maisie foi morta como Jesus, então talvez as outras mortes tenham sido feitas para parecer com mortes famosas. Talvez a gente só consiga ver as feridas de Jesus porque são mais conhecidas. As outras podem nem sequer ser religiosas.

— Talvez — ponderou Dana, em dúvida —, mas eu meio que acho que possam.

— Como? Por percepção extrassensorial ou...

— Não, apenas acho que sim.

Ethan suspirou.

— Só que isso não é muito científico. Precisamos conjecturar a partir de provas factuais, certo?

— É uma teoria — disse ela, na defensiva. — Teorias fazem parte da ciência.

— Claro, mas talvez a gente deva guardar essa ideia por enquanto — sugeriu Ethan. — Eu meio que queria dividir tudo isso com o clube de ciências.

— Ok, mas e se não puderem ajudar? Não é como se a gente pudesse levar os autos para eles examinarem — disse Dana, ficando um pouco exaltada.

— Então a gente... — começou ele, mas parou de falar, claramente sem saber para onde mais ir. — Não podemos conversar com meu tio a respeito, isto é certo.

— Não — concordou ela —, mas talvez a gente devesse ir à biblioteca. Lá haverá livros sobre como outras pessoas religiosas morreram. Como Moisés ou Daniel ou qualquer um deles morreu?

— É uma boa — disse Ethan concordando com a cabeça. — Mas acabei de pensar numa coisa. A coroa de espinhos e a lança na lateral do corpo foi como Jesus morreu, certo? Bem, a família da Maisie é judia.

— Assim como Jesus — contra-argumentou Dana. — Mas não acho que isso importe. Provavelmente o que se passa na cabeça do

assassino é mais importante.

— O anjo — corrigiu Ethan, e ela ouviu o ceticismo no tom de voz.

— Olha só — disse Dana com impaciência —, nós dois sabemos que ele não é um anjo. É um psicopata, um assassino em série, ou seja lá o que for.

— Porém, você o vê como um anjo em seus sonhos. — Ethan bateu os braços e depois desmoronou na outra cadeira. — Isso é bizarro. Estamos falando de anjos, psicopatas e da possibilidade de uma série de assassinatos feitos para parecer com mortes religiosas. Estamos imaginando tudo isso?

— Infelizmente — respondeu Dana —, acho que não. E isso me deixa morta de medo.

Ethan olhou para ela e, por um momento, quase houve um indício de sorriso em seu rosto. Mas não era um sorriso feliz.

— Dana... Nós temos *15 anos*.

— Eu sei, mas não somos pirralhos burros. Você é inteligente, eu sou inteligente, todo mundo no clube de ciências é bem inteligente.

— Claro, mas o Jerry, a Tisa e a Sylvia são tão detetives quanto nós.

— Eu sei.

— Nós nem deveríamos estar *fazendo* isso.

Dana olhou para a papelada no colo.

— Eu não pedi para ter esses sonhos, Ethan — disse ela, baixinho.

— Não pedi para ver a Maisie. Não pedi por nada disso.

— Ei, eu...

Dana ergueu a mão e disparou um olhar rígido e inflexível.

— Mas, seja lá por que razão, isto está acontecendo comigo. *Comigo*. Não sei por que, mas tenho que acreditar que haja um motivo para tudo isso.

— Por quê? Você não conhecia nenhum deles. O que te faz tão especial?

Ethan parou, como se percebesse como a última pergunta soou, tanto em tom quanto em significado.

— Espere...

— Esquece — retrucou Dana ao ficar de pé.

— Ei, me desculpe.

— Não, tudo bem. Mas eu tenho que ir.

— Quer que te leve até sua casa? — perguntou ele sem jeito, mas Dana balançou a cabeça.

— Eu não vou para casa. Vou à biblioteca.

Ethan também se levantou.

— Deixe-me guardar tudo isso.

— Você não precisa vir comigo — disse ela.

Ele sorriu.

— Preciso, sim.

# CAPÍTULO 37

Biblioteca Pública Abigail Smith

16h19



A Biblioteca Smith — conhecida informalmente como “Abby” por todo mundo — era uma das poucas coisas que Dana genuinamente gostava a respeito da cidade.

Ela era estranhamente grande para uma cidade tão pequena, resultado de uma enorme herança no testamento de uma escritora rica que viveu a vida inteira na região. O prédio, anteriormente, fora propriedade de Abigail Smith, mas a enorme região onde ele ficava agora era a cidade de Craiger. A mansão foi convertida em biblioteca e era um dos maiores prédios da cidade, perdendo apenas para o complexo combinado da prefeitura com a secretaria de obras públicas. Havia salas e mais salas com livros, e um corpo de funcionários de bom tamanho, bancado pelo espólio de Smith. Dana descobriu que havia se tornado um costume local que as pessoas doassem as bibliotecas particulares de familiares que morriam, e assim a coleção da Abby inchou. O prédio e suas alas se espalhavam por todas as direções, e eles encheram não somente dois subporões como também um sótão que, em um gesto de pura inspiração, recebia a coleção de ficção de horror clássico e moderno da Abby. Ao lado da Além do Além, era o lugar onde Dana e Melissa passavam a maior parte do tempo, nadando em oceanos de palavras e ideais, de poesia e prosa, de ideias novas e velhas.

Mas Ethan conhecia a disposição do antigo lugar melhor do que ela e conduziu Dana ao andar debaixo, até uma série de salas lotadas com livros de não ficção.

— Aqui — disse ele, apontando para uma fileira marcada com RELIGIÃO MUNDIAL.

Havia um monte de livros, e as fichas não listavam nenhum com títulos úteis. Nada que dissesse: *Mortes religiosas estranhas*. Nada como *O manual do assassinato em massa*.

Levaria tempo, e aqueles não eram tópicos sobre os quais eles pudessem chamar os bibliotecários para ajudar, especialmente a mulher de rosto encovado e antipático que supervisionava as coleções do porão e a quem todo mundo se referia como a Bruxa Má. A teoria de Melissa é que a Bruxa Má fora alocada nos porões para evitar que assustasse o grande público. E embora Dana achasse que aquilo era indelicado, ela tinha que admitir que só

faltava à bibliotecária a pele verde e o chapéu pontudo para torná-la uma boa escolha para uma refilmagem de *O Mágico de Oz*.

Então os dois pesquisaram o catálogo de fichas sozinhos. Dana encontrou o que procurava em menos de vinte minutos. Havia um livro chamado *Santos e anjos: um guia completo*, que tinha um índice bem detalhado.

— Aqui — disse ela, batendo com o dedo em um verbete.

Ethan dobrou o corpo para ler.

— “Mártires, páginas 172 a 201.” Cruzes — murmurou ele. — Realmente se encontra qualquer coisa em uma biblioteca. Imagino se consigo encontrar o nariz do meu antigo Sr. Cabeça de Batata. Perdi quando tinha oito anos.

Dana folheou até as páginas indicadas.

— Eu vou dar uma olhada nisso — disse. — Por que você não vê se consegue achar algo sobre aquele lance dos receptores agonistas 5-HT<sub>2A</sub>?

— Deixa comigo — disse Ethan, e desapareceu nas fileiras de biologia e química.

Dana se sentou em um sofá de couro, pegou as anotações com os desenhos que fez sobre os ferimentos de cada vítima e ficou feliz que tinha desenhos, e não fotos, para trabalhar. Saber que seus esboços representavam as mortes de pessoas com sua idade já era suficientemente ruim.

O livro, porém, não foi um alívio. Estava cheio de ilustrações em preto e branco e coloridas de xilogravuras, esculturas e quadros que datavam de centenas de anos antes. Aparentemente, todos os artistas da história passaram um bom tempo criando arte sobre mortes horríveis de pessoas importantes. E houve um monte de mártires. Centenas deles. Milhares, de acordo com as notas de rodapé, quando se levava em conta outras religiões, mas Dana confinou a pesquisa à história confusa e sangrenta da propagação do cristianismo. A perseguição era um tema. Tortura e execução pública eram estranhamente comuns, mesmo depois que o cristianismo se tornou a religião dominante, e muitos mártires foram mortos por outros cristãos. Dana já sabia daquilo, mas ainda ficava

furiosa. Ela sempre achou que a mensagem dos ensinamentos de Jesus era pacífica e bonita.

Quando se deu conta de que a mente estava divagando pelos assuntos errados e que a raiva estava crescendo, Dana parou, fechou os olhos, respirou fundo várias vezes como aprendeu no ioga, e reposicionou a concentração.

— Mártires — murmurou ela em voz alta.

Mais alguns minutos de leitura fizeram com que Dana percebesse que o tópico era grande demais, então ela recuou e decidiu abordar o tema em seções. Uma vez que Maisie foi morta com as feridas de Jesus, Dana pesquisou sobre as formas pelas quais os 12 apóstolos morreram. Era um ponto de partida. E foi o ponto certo.

Dana pescou um monte de moedas do bolso e levou o livro até a máquina de fotocópia do outro lado da sala. Fez questão de verificar se ninguém estava observando enquanto ela copiava as ilustrações dos apóstolos mortos.

# CAPÍTULO 38

Craiger, Maryland

16h51

Gerlach estava sentado com o corpo curvado no banco do carona do sedã preto, observando a entrada da Abby por debaixo da aba inclinada do chapéu. Estava claro lá fora, e ele usava óculos escuros para proteger os olhos claros. O maxilar abria e fechava enquanto mascava chiclete.

— Esses moleques ganham meio dia de folga da escola e vão para a biblioteca? — ponderou o motorista.

Gerlach simplesmente resmungou.

— Você acha que eles entraram pela frente e saíram de mansinho pelos fundos? — acrescentou o motorista.

O agente franziu a testa.

— Por que fariam isso? Eles não sabem que estamos vigiando.

— Talvez saibam, sim. Ela teoricamente tem alguns dons, certo? Talvez tenha pressentido a gente ou algo assim.

Gerlach resmungou novamente e se endireitou no banco.

— Por que você não sai e descobre?

— Eu?

— Você. Eu não quero que ela me veja.

O motorista deu um sorrisinho afetado.

— Por que não? Pensei que você tivesse dito que seu rosto não era memorável.

Gerlach se virou lentamente para observar o sujeito.

— Você gostaria de ganhar uma cicatriz muito memorável no rosto?

— Eu... — O motorista se deteve e não respondeu.

Gerlach sorriu.

— Vá lá ver o que aqueles moleques estão aprontando. Agora.

# CAPÍTULO 39

Biblioteca Pública Abigail Smith

16h56

— *Ethan!* — berrou Dana.

A cabeça dele surgiu por trás da estante de química, parecendo assustado.

— O que foi? Ainda estou procurando.

— Eu encontrei — disse ela com urgência.

Ethan correu até Dana, se encarapitou na borda do sofá e debruçou o corpo. Ela explicou tudo.

— Olhe — iniciou Dana, lutando para conter o nojo e a empolgação da voz. — Todos eles morreram de alguma forma parecida com a qual Jesus ou um dos apóstolos morreram. — Ela virou um desenho e o colocou em cima de uma página do livro que descrevia a morte de Tiago, filho de Zebedeu, também conhecido como Tiago, o Maior. — Jeffrey Watanabe foi decapitado, assim como Tiago.

— Certo — disse Ethan olhando o verbete. — Mas aqui diz que Tiago, o Maior, foi morto com uma espada.

— Foi. Os romanos cortaram sua cabeça.

— Ah.

Ela virou a página até a que exibia o desenho de Jennifer Hoffer.

— Ela foi empalada pela coluna de direção do carro. Tomé, o Incrédulo, o apóstolo que precisou tocar as feridas de Jesus antes de acreditar que Ele havia ressuscitado, foi transpassado por uma lança.

Ethan não disse nada.

A próxima foi Connie Lucas.

— Ela foi lançada do carro por uma ribanceira, e o auto do legista disse que a Connie morreu de lesão por ação contundente, resultado de vários impactos com o terreno rochoso. Tiago, filho de Alfeu, conhecido como Tiago, o Menor, foi espancado e depois apedrejado até morrer.

Ethan engoliu em seco.

— Nós já sabemos sobre a Maisie — disse Dana. — Chuck Riley teve os mesmos ferimentos de crucificação, mas foi encontrado pendurado de cabeça para baixo no carro capotado. Quando esteve prestes a ser executado, São Pedro pediu que fosse crucificado de cabeça para baixo porque não achava que era digno de morrer exatamente da mesma forma que Jesus.

— Nós não podemos estar certos em relação a essa teoria — desejou Ethan, em um tom de voz baixo e enojado.

Eles examinaram tudo sem parar, com Ethan tentando derrubar todas as hipóteses de maneira lógica. No entanto, era aquela mesma abordagem muito lógica que reforçava a teoria de Dana. Finalmente, os dois se sentaram em lados opostos do sofá, se entreolhando. Um grande relógio na parede acima deles fatiava segundos frios e deixava que eles caíssem no chão.

— Nós... nós temos que contar para alguém — disse Ethan.

— Quem? — perguntou Dana.

— O meu tio.

— Como vamos explicar o que sabemos?

A expressão de Ethan era de desânimo.

— Contamos a verdade, creio eu. O que significa que vou ficar de castigo até completar quarenta anos.

— Droga — suspirou Dana, e depois ela se animou. — Podemos contar para o Dois Ternos e... Espere... Não, ele vai querer saber como nós sabemos. A mesma coisa se contarmos para os agentes da divisão de entorpecentes ou para o sr. Sternholtz.

— Ou para qualquer pessoa — disse Ethan.

— Não importa para quem contarmos, vamos ter que explicar como sabemos. Vai tudo voltar ao fato de que você arrombou a escrivaninha do seu tio. O que significa que ele provavelmente vai ter problemas no serviço.

— Ele pode perder o emprego. — Ethan ficou de pé e se afastou alguns passos, depois se virou. — Mas que escolha a gente tem, Dana? Se não contarmos para alguém, o assassino vai continuar agindo. Se a questão é entre a nossa situação ou a vida de alguém, temos que fazer o que é certo. Não podemos ser covardes. Eu não quero viver assim. Bisbilhotar é uma coisa, mas não serei responsável por deixar uma pessoa morrer.

Dana olhou para as mãos, para os dedos que se contorciam e se uniam no colo. Ela ouviu a voz do pai na cabeça; era fácil imaginar a fúria e a decepção. Contar tudo isso para ele poderia romper a linha frágil que ligava Dana ao pai. Ela virou o corpo e olhou para o relógio.



— A Além do Além está aberta — disse Dana. — Vamos lá. A gente pode tomar chá e conversar a respeito.

Ethan balançou a cabeça.

— Não, tudo bem, vá sem mim. Eu não estou no clima para uma jornada astral ou uma xícara de chá de espanta-lobos.

— Não é assim — reclamou Dana, embora soubesse que *era* basicamente assim. — Nós deveríamos conversar com a Corinda. E minha irmã provavelmente está lá também. Eu preciso contar tudo isso para elas.

Ethan olhou para o relógio.

— Eu... não posso — disse. — Tenho uma montanha de deveres de casa.

— Está falando sério?

Ele pareceu arrasado.

— Sim, estou. Eu tenho uma redação de história para fazer que devia ter começado há três dias. Se não entregar amanhã, posso cair para nota nove. Além disso...

— O quê?

— Esse lance de percepção extrassensorial não pode colocar um criminoso atrás das grades. Tipo, eu sei que existe, mas não é possível medir ou depender disso da mesma forma que dá para fazer com a ciência tradicional. — Ethan pareceu incomodado. — Eu nem sei o que pensar a respeito disso, Dana. É demais, sabe? Assassínatos em massa, cultos religiosos e visões psíquicas? É... é...

Ele parou e balançou a cabeça.

— acredite, Ethan, eu compreendo. Também estou surtada. Mais do que você, porque está acontecendo *comigo*.

— Ei, eu sei, e não quis dizer que você estava...

Ele procurou pela palavra certa, mas não encontrou. Dana sorriu e tocou no braço de Ethan.

— Não, eu entendo. Tudo bem. Quer dizer, *não* está tudo bem, mas não estou chateada.

Ele pareceu aliviado.

— Preste atenção, eu acredito em você mesmo que não compreenda.

— Hum — disse Dana. — Isso na verdade me deu uma ideia. Eu preciso perguntar para alguém que possa compreender tudo isso.

— Quem? — indagou Ethan.

Ela não explicou. Dana dobrou os desenhos e deu um passo na direção da escada, mas Ethan pegou o braço dela.

— Olha só, Dana, se você está puta comigo — disse ele com delicadeza —, me desculpe.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Não estou chateada. Não com você, pelo menos. Estou assustada com toda essa situação e totalmente furiosa por existir alguém fazendo isso. Estou confusa e odeio estar confusa. Tem que haver uma resposta, e você está certo: a gente realmente não sabe o que está fazendo. Não podemos levar essa teoria para alguma autoridade porque, primeiro, você ficará de castigo para sempre por ter me mostrado esse material. Segundo, seu tio Frank pode perder o emprego. E terceiro, eles nunca acreditariam em nós. Você sabe que tenho razão.

— Ok, mas com quem nós falamos?

— “Nós”, não, Ethan. Eu. Tenho uma amiga que pode olhar em lugares que ninguém mais consegue. Talvez ela possa nos conduzir às provas que você quer.

Ele fez uma pausa.

— Quem?

— Corinda Howell. Ela é dona da...

— Além do Além — Ethan terminou de falar por ela. — Ela é aquela médium maluca, certo?

Ele manteve aquela postura por cinco segundos, depois suspirou, concordou com a cabeça e saiu do caminho.

— Me liga? — pediu Ethan. — Me conta o que ela disser?

Dana fez uma pausa e concordou com a cabeça.

— Claro.

Ela parou no pé da escada. Ambos começaram a dizer alguma coisa e pararam. O momento se prolongou, e Dana sentiu que algo deveria acontecer, mas não sabia o que era. Ethan pareceu pensar a mesma coisa, mas o sorriso dele estava se tornando uma máscara de plástico que parecia tão estranha quanto o próprio rosto de Dana

parecia estar. Será que Ethan estava começando a se inclinar um pouco para frente?

— Hã... a gente se vê — disse ela, dando um passo para trás, nervosa.

— Claro. Hã — murmurou ele. — Tchau.

— Tchau.

Dana ficou ali parada mais um momento, depois deu meia-volta e subiu correndo a escada, certa de que o rosto estava vermelhíssimo. Um homem de terno preto estava descendo e ficou de lado para deixá-la passar. Ela mal o viu.

Será que aquilo quase foi um beijo?

Sim.

Talvez.

Ela não sabia.

Se foi, ela estragou tudo.

— Idiota — disse Dana para si mesma.

Ela pensou no sorriso de Ethan por vários quarteirões.

# CAPÍTULO 40

Craiger, Maryland

17h31

Nuvens cobriam o céu, e já estava ficando escuro. Os postes de luz foram acesos mais cedo, e Dana se manteve no lado iluminado da rua principal, evitando as bocas negras abertas dos becos. Um mendigo vivia em uma das vielas, embaixo de um abrigo de papelão mofado, farrapos e tábuas quebradas. Ele erguia uma caneca e, embora Dana pudesse ter parado e lhe dado algumas moedas durante o dia, naquela noite ela disse “lamento” e seguiu em frente, apressada. O homem berrou alguma coisa quando Dana passou, e ela estava a meio quarteirão de distância até que a mente traduziu o som gutural embebido em vinho.

— Deus te proteja.

Aquilo deteve Dana, e ela se virou para trás. O homem estava sentado com o rosto nas mãos, balançando para frente e para trás.

— Obrigada — sussurrou ela.

Dana deu meia-volta e correu na direção da fachada de loja iluminada a dois quarteirões de distância, a Além do Além.

Alguns carros passaram pela rua, indo e vindo, e Dana apenas olhou de relance para eles. Ela não viu o sedã preto estacionado no lado escuro da rua. Não notou os dois homens que a observavam.

# CAPÍTULO 41

Além do Além

17h53

Corinda estava na loja, mas ocupada na caixa registradora com pessoas comprando o mais recente livro de astrologia de um autor best-seller do *The New York Times*.

Dana chegou à loja tarde demais para encontrar com Melissa, que já havia ido para a aula de ioga avançado. Aquilo a deixou ansiosa, porque ela precisava contar tudo para a irmã. Todos os detalhes.

Dana estava nervosa demais para se sentar e tomar chá, então ficou perambulando pela loja, matando tempo e se remexendo.

— *¿Qué pasa, mai?* — disse uma voz.

Dana se virou tão rápido que derrubou uma estátua do deus hindu Ganesha de uma mesa. Angelo se abaixou e pegou a estátua antes que caísse no chão. Foi um feito incrível, e Dana arfou.

— Uau! — exclamou ela.

Angelo endireitou o corpo, ergueu a pequena estátua na mão e a colocou impecavelmente e com cuidado no lugar dela. Depois ajeitou duas outras estátuas que ficaram tortas.

— Elas são caras — alertou Angelo. — Eu não queria que você tivesse que comprar, porque aqui tem aquele lance de “quebrou, levou”.

Ele tinha sotaque, mas a voz era suave e tinha um ritmo quase musical. Angelo não estava com o uniforme azul e, em vez disso, usava calças jeans e uma camiseta do FSK que parecia ser muito antiga. Os braços eram musculosos sem serem parrudos, e o rapaz parecia ser feito de mola, pronto para entrar em ação a qualquer momento. Dana notou que aquele era o estado natural de Angelo, embora a postura parecesse casual, até mesmo desleixada. Era o tipo de leveza que ela viu nos grandes felinos do zoológico de San Diego.

O sorriso dele também era lento. Era astuto, pessoal, divertido, despreocupado e, no entanto, havia interesse ali.

— Eu... eu te vi no colégio — disse Dana quando absolutamente nada lhe ocorreu.

— Eu trabalho lá — o rapaz respondeu. — Meio período.

— Mas ainda não estuda lá? Você parece do terceiro ano.

— Eu tenho 19 anos — disse Angelo. — Me formei no ano passado.

— Ah.

Ele se voltou para um carrinho de carga cheio de caixas de papelão. Angelo tirou um canivete do bolso, ajustou a lâmina pesada e depois abriu a caixa de cima. Ele fez aquilo com velocidade e leveza incríveis, e o gume prateado abriu um corte preciso e impecável na fita de empacotamento sem tocar o conteúdo no interior. Quando Angelo fechou e guardou o canivete, Dana olhou rapidamente para as cicatrizes nos braços e mãos dele. Será que foram adquiridas ao aprender a usar o canivete? Ou em brigas de faca? Umas pareciam antigas e algumas, graves.

— Tenho alguns empregos agora — explicou Angelo. — No colégio, aqui. Fazendo um pouco de manutenção no campo de beisebol depois do limite do condado, no Oak Valley, e fazendo alguns plantões de poucas horas de vez em quando, consertando para-lamas amassados na Mecânica Porter's.

— É muito trabalho.

Ele deu de ombros.

— Eu não me importo com trabalho. Gosto mais do lance da oficina. Eu curto carros, mas são só algumas horas por semana, porque o Porter emprega quase todos os caras em tempo integral. Ele me chama quando tem serviço demais. Dinheiro é dinheiro — disse Angelo —, e estou tentando pagar a faculdade.

— Faculdade?

O sorriso dele subitamente perdeu o brilho.

— É, o pobre moleque latino quer cursar a faculdade também. Que surpresa, hein?

— Não — exclamou Dana. — Não foi o que eu quis dizer.

— O que você quis dizer? — perguntou ele, com os olhos negros subitamente enérgicos. — Você me vê arrastando sacos de lixo pelo colégio e pensa que só presto para isso? Você ao menos *conhece* outros moleques latinos como eu?

— Eu nunca disse isso — reclamou Dana. — Eu conheço um monte de gente como você.

E o *como você* pairou no ar, tão desajeitado e embaraçoso quanto possível.



— E-eu que-queró dizer — gaguejou ela — que a gente morava em San Diego. Havia um monte de moleques mexicanos no colégio.

— Eu sou porto-riquenho — disse Angelo. — Ou você não sabe dizer a diferença?

Dana tentou formular uma resposta, mas infelizmente todos os pensamentos que vieram à cabeça pareciam tão ruins quanto os que já deixara escapar.

— Deixa a menina em paz, Angelo — ordenou uma voz por trás de Dana.

Ela se virou e viu um homem parado ali. Luz do Sol.

— Eu só estava zoando com ela — respondeu Angelo rapidamente.

— Ela não sabe disso — disse Luz do Sol. — Olhe para ela. Está prestes a desmaiar. Ou sair correndo.

Persianas pareceram se fechar com força atrás dos olhos de Angelo.

— Eu não tive intenção de fazer nada.

Luz do Sol colocou uma mão no ombro de Angelo e a outra no de Dana. O toque era surpreendentemente quente, e ela sentiu um arrepio, como se alguma espécie de descarga elétrica tivesse passado da mão dele para a pele dela. Dana estremeceu. Pelo sorriso divertido nos cantos da boca de Luz do Sol, a menina percebeu que aquele homem compreendeu o efeito e o reconheceu.

— Peça desculpas para a jovem — sugeriu Luz do Sol.

— Não — disse Dana rapidamente. — Foi tudo culpa minha. Eu falei uma besteira e sinto muito mesmo.

— Angelo...? — murmurou Luz do Sol. — Você vai deixar a moça assumir a responsabilidade por toda a negatividade no ar?

A linguagem corporal de Angelo mudou. Ele perdeu a leveza de gato e sua confiança e ficou parado ali, quase submisso. Ele era duas vezes mais musculoso do que Luz do Sol, mas parecia ter menos da metade de seu poder. A energia de Luz do Sol também era muito antiga, bastante adulta, e Angelo parecia intimidado.

— Desculpe — murmurou ele.

— Tudo bem — Dana disse, em tom apaziguador. — Sério.

Luz do Sol deu um tapinha no ombro de Angelo.

— Isto foi cortês da sua parte. Agora vá dizer para a Corinda que a senhorita Scully quer falar com ela.

— Como você sabe o meu nome? — perguntou Dana, surpresa.

— Como não saberia? — retrucou ele, achando um pouco de graça. — Uma das famosas irmãs Scully. Você e Melissa devem ser as maiores clientes da Corinda. Eu vejo vocês duas se reunindo na cabine atrás do balcão com muita frequência.

— Ah.

— E, nos últimos tempos, Corinda está fascinada por você.

Luz do Sul gesticulou e Dana virou o rosto para ver Corinda na caixa registradora conversando animadamente com uma mulher muito gorda e de aparência rica, com cabelo azul e um monte de joias.

Angelo retomou o serviço, retirando livros da caixa aberta e empilhando-os em uma mesa. Luz do Sol tocou levemente no braço de Dana, e eles se afastaram alguns metros.

— Eu peço desculpas por tudo que o Angelo possa ter dito para lhe ofender — disse Luz do Sol. — Ele é um pouco sensível.

— Não, está tudo bem. Ele não estava me incomodando — disse Dana. — Eu derrubei uma coisa e o Angelo pegou. Muito rápido, antes que pudesse cair. Eu nunca vi alguém se mover tão rápido assim.

— Ah, sim, ele é veloz — concordou Luz do Sol. — Mas seu temperamento também. Ele está acostumado a ser destrutado por causa da cor da pele e de sua situação.

— Situação?

— Angelo foi trazido para cá pela mãe com dez anos de idade, e ela morreu quando ele tinha doze anos. Ele foi para um orfanato, mas era um inferno lá, então ele fugiu e viveu nas ruas. Imagine isso, senhorita Scully, um menino vivendo em becos e invadindo casas abandonadas, e ainda assim frequentando o colégio e conseguindo um diploma. Ele está fazendo o melhor que pode com o que a vida lhe deu.

Apesar de provavelmente ser menos de dez anos mais velho do que Dana, Luz do Sol falava de uma forma que parecia que era vinte

ou trinta anos mais velho. Maduro, imponente e seguro de si. Ele tinha muito do que Melissa chamava de “poder pessoal”.

— A pobreza é uma coisa estarrecedora — continuou Luz do Sol, balançando a cabeça. — O fato de nós, no nosso atual estado de evolução como sociedade moderna, permitirmos que ela exista é imperdoável. Não concorda?

— S-sim, é claro.

— Quando eu conheci o Angelo, ele estava tentando viver de bicos em uma oficina, mas não era o suficiente para sobreviver. Não mesmo. Eu o acolhi, arrumei um serviço para ele aqui e o indiquei para o colégio, para que também pudesse trabalhar lá. Ele está economizando cada centavo para bancar a faculdade. É uma faculdade mais fácil, mas isso não importa. Me ofereci para pagar seus estudos, mas Angelo tem muito orgulho de estar pagando pelo próprio ensino.

— E deve sentir mesmo — disse Dana. — E eu me sinto como uma completa idiota, branca e privilegiada.

Luz do Sol concordou com a cabeça, em gesto de aprovação.

— Estar ciente das próprias limitações é uma coisa rara e maravilhosa. A maioria das pessoas dá respostas convenientes, se apoia em pontos de vistas culturalmente específicos, e jamais tem ciência de que essas não são verdades essenciais à própria existência. Isto é especialmente aplicável a pessoas que nasceram com certo grau de riqueza e conforto.

— Nós não somos exatamente ricos.

— Riqueza é relativa — ensinou Luz do Sol, e gesticulou para a cabine atrás da caixa registradora do café, que era a única vaga. — Vamos nos sentar por um minuto e conversar a respeito.

Dana o seguiu e entrou na cabine. Corinda estava atendendo a uma fila de clientes no caixa e disse que passaria ali assim que estivesse livre. Luz do Sol se sentou diante de Dana. Ele era um homem estranho, parecia não pertencer àquele século. Tinha um ar sobrenatural. Se Luz do Sol estivesse em um filme de Shakespeare, ele seria Oberon, o rei das fadas, ou talvez o feiticeiro Próspero. Ossos delicados, feições angulosas, a não ser pelos lábios grossos, e Dana jamais tinha visto olhos naquele tom esfumado de cinza das

brumas da manhã. Ela entendia porque Corinda e Melissa foram arrebatadas por ele. Sem dúvida um monte de garotas e mulheres eram enfeitiçadas por Luz do Sol. Dana sentiu também, apesar da diferença de idade entre os dois. Um simples desejo de estar na companhia dele e — como Melissa geralmente dizia — “compartilhar a energia”. Apenas olhar para seus olhos já era algo hipnótico.

— Riqueza — disse ele após os dois pedirem chá e um prato de frutas e queijos a um dos funcionários. — Estávamos falando sobre isso. Você disse que não era rica, mas, de várias maneiras, é. Você tem dois pais. Dois irmãos e uma irmã. Vive em uma bela casa em uma rua boa. Jamais sentiu fome, frio, ficou sem roupas, livros ou qualquer bem material.

Dana levou alguns segundos para absorver tudo aquilo, e depois se recostou, com a testa franzida.

— Como você sabe de tudo isso sobre a minha família? Ah... Melissa te contou.

Luz do Sol riu. Uma risada suave e agradável, sem indício de deboche.

— De maneira alguma, senhorita Scully.

— Então como...?

— Corinda me contou.

— Mas ela não sabe sobre meus irmãos ou onde a gente mora, sabe?

— Você conversou com Corinda. Diga-me como ela sabe o que sabe.

A comida e bebida chegaram. Dana pegou uma uva vermelha gorda do prato e comeu devagar, pensando no que Luz do Sol disse.

— Você está atormentada pela ideia de alguém se aproximando para olhar sua vida pelas janelas da sua alma — disse Luz do Sol, com o tom de voz brando. — É uma reação comum, mas, com o tempo, fica mais fácil de aceitar. Encare desta forma: se você tivesse nascido em uma sociedade subterrânea e nunca soubesse a respeito da existência do sol, imagine como sentiria medo e desconfiança ao ver, pela primeira vez, aquela grande bola ardente de gases superaquecidos dominando o céu. Porém, com o tempo, você passa a compreender que a luz do sol faz todas as coisas crescerem, que

aquece seu rosto e expulsa as sombras, e que sem ele nem mesmo sua civilização subterrânea jamais teria surgido. O mundo maior é assim, quando o encontramos pela primeira vez. Por quê? Porque as pessoas que nos ensinam sobre o mundo são aquelas que não acreditam ou não confiam nele, ou não o compreendem. Quer dizer, elas nos ensinam sobre sua percepção limitada do mundo. Elas acham que tudo que constitui o mundo pode ser pesado, medido, mensurado, quantificado e tocado. — Ele sorriu para Dana, com os olhos cinzentos fixos nos dela. — Mas nós dois sabemos que o mundo é muito maior do que isso, não é?

Dana pegou a xícara, tomou um golinho para experimentar o chá e concordou com a cabeça.

— Acho que sim.

No instante seguinte, Corinda deu a volta pela divisão e se sentou ao lado de Luz do Sol.

— Temos muito o que conversar — disse a mulher. — Na verdade, diga-me por que as palavras “laudo da autópsia” não param de surgir na minha mente.

# CAPÍTULO 42

A Sala de Observação

18h00

Danny destrancou a sala de observação e estendeu a mão para o interruptor, depois levou um susto e tentou pegar a pistola quando viu a silhueta de uma figura parada diante da parede de telas.

Meu Deus, será que era ele? Era o monstro? Será que o anjo veio matá-lo também?

Aqueles pensamentos cortaram a mente do técnico como navalhas. Gerlach havia lhe mostrado as polaroides dos horrores que o louco cometeu. As fotos já eram ruins o suficiente, e ele nunca quis conhecer o assassino pessoalmente. Nunca.

— Parado aí! — rugiu Danny, forçando a raiva na voz para que ela superasse o medo.

O técnico segurou a pistola com as duas mãos, mas o cano não tinha nem um traço da estabilidade que ele queria que tivesse.

— Mãos na cabeça. Obedeça agora ou te mato.

A figura não ergueu as mãos. Em vez disso, avisou:

— Abaixei a arma antes que eu a arranque de você e te force a comê-la.

O coração de Danny entrou em outro ritmo.

— Gerlach...?

O agente ruivo meteu a mão no bolso para pegar a caixinha de goma de mascar. Ele mastigou um pedaço e dobrou a embalagem laminada muito lenta e cuidadosamente.

— Não vou mandar de novo, moleque. Não gosto de gente apontando armas para mim.

Gerlach nem sequer estava olhando para ele.

Danny baixou a arma, mas o medo diminuiu apenas levemente. O agente Gerlach não era o mesmo tipo de monstro que o anjo, mas estava longe de um ser humano normal. Gerlach era um produto do Projeto Montauk, em uma base aérea de Long Island. O projeto no geral era dirigido pela Aeronáutica, mas se acreditava que havia todo tipo de departamento com orçamentos secretos enterrados embaixo das montanhas de burocracia, desinformação e véus de sigilo. O boato entre os agentes do Sindicato era que Gerlach era um entre as várias dezenas de homens que foram retirados de orfanatos com dez anos de idade e depois criados por cientistas e uma equipe brutal de treinadores.

A tortura física era apenas parte do processo geral de excluir os fracos — geralmente de forma fatal — e de transformar os sobreviventes mais fortes em uma espécie de supersoldado. Um pouco do que acontecia no Projeto Montauk vazou para as redes globais de teorias conspiratórias, o que obviamente distorcia a verdade — mas não tanto quanto as pessoas fora do Sindicato pensavam. Que Gerlach era um assassino eficiente e de sangue frio era óbvio para qualquer um que o conhecesse há mais de cinco minutos. O que era menos óbvio é que ele parecia saber de coisas que não poderia saber. Coisas que não estavam no relatório de vigilância.

Danny sabia que o anjo também veio do Projeto Montauk. Então havia essa questão também. Até onde Danny imaginava, por outro lado, apenas uma em vinte crianças que passavam pelo Montauk vivia para chegar à adolescência. Menos ainda estavam vivas hoje, na vida adulta. E aqueles que estavam vivos — tanto adolescentes quanto adultos — eram monstros. Nenhum era igual ao outro, mas nenhum deles era normal, sob qualquer hipótese.

— Você está tendo maus pensamentos — disse Gerlach do outro lado da sala.

Danny levou um susto e soltou um gritinho.

— O-o quê...?

O agente Gerlach se virou, e na tênue luz branca-azulada das telas de TV, ele parecia com um carniçal, como um daqueles mortos devoradores de carne do cinema. Como eram chamados agora? Zumbis? Isso mesmo. O termo caía bem.

— Temos uma longa noite à nossa frente, garoto — disse Gerlach. — Talvez fosse melhor você lavar o rosto, dar uma mijada, talvez tentar respirar fundo e se acalmar. Guarde a arma. Você não vai precisar dela. Ele não está aqui.

Danny voltou os olhos para a pistola que estava solta na mão. Ele baixou o cão, acionou a trava de segurança e a colocou de volta no coldre axilar.

— Desculpe — disse o técnico. — Eu não sabia que alguém estava aqui. Pensei que a porta estivesse trancada.

Gerlach mascou a goma por um momento.



— Estava.

Danny balançou a cabeça.

— Às vezes eu acho que você faz isso apenas para corresponder aos rumores.

— Que rumores?

— Os rumores sobre a gente. Quer dizer, você sabe do que estão nos chamando hoje em dia?

— Quem?

Danny foi à cafeteira e começou a fazer café fresco.

— Você sabe, os idiotas que escrevem livros de teorias conspiratórias. Aqueles no circuito de palestras. — Ele mexeu na lapela do paletó do terno. — Estão nos chamando de homens de preto. Que tal isso?

— Já fui chamado de coisa pior — disse Gerlach.

— Não, a questão é que eles conhecem a nossa aparência. Estamos sempre vestidos assim. Ternos pretos, camisas brancas, gravatas pretas, óculos escuros. — Danny pegou uma caneca de uma prateleira e a colocou ao lado da cafeteira. — É tipo um uniforme. Quer dizer, eu sei que deveríamos parecer com agentes do governo genéricos, mas...

— É um visual uniformizado.

— Foi o que eu disse — concordou o técnico ao colocar os braços nas mangas do paletó para vesti-lo.

— Não — corrigiu Gerlach —, nós não estamos *usando* uniformes; a intenção é parecermos uniformizados. As pessoas nos chamam de homens de preto porque se lembram do uniforme. Estão reagindo ao visual, mas não conseguem nos diferenciar. Podem olhar para cinco de nós e tudo o que se lembram são as roupas, os óculos escuros e o comportamento. Ninguém se lembra da *nossa* aparência. Essa é a questão.

Danny olhou para ele.

— Sério?

— Se todos nós usássemos chapéus de caubói em tom vermelho berrante, eles nos chamariam de chapéus de caubói vermelhos. É simples manipulação.

O técnico ergueu os braços e olhou para as mangas.

— Hum — disse ele. — Eu nunca encarei desta forma.

Gerlach sorriu e baixou o olhar para a cafeteira.

— Qual é a cor dos meus olhos?

— O quê? — perguntou Danny.

O agente serviu café na xícara.

— Qual é a cor dos meus olhos?

— Hã... verdes? Não, castanhos.

Gerlach olhou para ele.

— São azuis. Talvez você se lembre da cor do meu cabelo. Talvez você diria que sou ruivo; se esta for a verdadeira cor do meu cabelo e não uma tintura; ou talvez você parasse de olhar após notar o terno, mas você trabalha comigo há 17 semanas e não sabe a cor dos meus olhos, e provavelmente erraria por dez centímetros a minha altura e dez quilos o meu peso. Os ternos nos tornam invisíveis. Saímos todos do mesmo molde.

O técnico grunhiu.

— Isso é meio bacana.

— É eficiente.

— Creio que sim. — Danny olhou para as telas. — Então... onde está nosso garoto agora de noite? Tem certeza de que não está aqui na igreja?

— Tenho.

— Onde está ele?

Gerlach deu um sorrisinho.

— Trabalhando.

# CAPÍTULO 43

Além do Além

18h05

Angelo Luz tirou uma caixa de sachês de açúcar da despensa e a pousou em uma mesa vazia, pegou o canivete, abriu a lâmina e a caixa. A música que tocava nos alto-falantes instalados pela loja eram cantos gregorianos. Música de igreja. Triste, lenta, atormentada. A música conjurava imagens de anjos estranhos e santos moribundos e da luz passando por vitrais.

Ele foi de mesa em mesa repondo o açúcar nos porta-sachês. Enquanto trabalhava, os olhos não pararam de se voltar para a mesa atrás da caixa registradora do café, onde a branquinha bonita estava sentada com Luz do Sol e Corinda. Ela tinha um rosto tão adorável, um pescoço tão comprido e elegante, um cabelo ruivo tão flamejante.

A música lamuriosa preencheu a mente de Angelo.

# CAPÍTULO 44

Além do Além

18h09

— Como você *sabe* disso? — exclamou Dana. — Como você sabe alguma coisa sobre aqueles laudos da autópsia?

Corinda e Luz do Sol estavam sentados diante dela. Nenhum dos dois disse uma palavra, para deixar que Dana descobrisse.

A menina socou o tampo da mesa e fez as xícaras dançarem.

— Isso não é normal.

— Isso — disse Luz do Sol — é o mundo maior.

Dana sentiu o ambiente girar e espalmou as mãos na mesa para evitar que saísse rolando. Corinda, vendo a aflição da adolescente, pegou uma das mãos de Dana com as suas.

— É assustador agora — disse —, mas quanto mais você viaja pelo mundo dos espíritos, menos aterrorizante fica a experiência. Após algum tempo, é muito mais agradável e seguro do que o mundo físico.

— Mas como uma coisa dessas pode ser real? — disse Dana, quase puxando a mão de volta.

Foi Luz do Sol respondeu.

— A realidade em si é irreal. A realidade é uma percepção. Cada um de nós enxerga o mundo de determinada forma, e aquilo é a realidade para nós, mas nós todos não enxergamos da mesma maneira.

— Como isso é possível? Eu vejo esta mesa, estas xícaras, este cacho de uvas, e mesmo que você não os visse, se eu fizesse um desenho deles, você veria o que eu vejo.

— Nós compartilharíamos sua percepção deles — retrucou Luz do Sol. — E nossas percepções se sobreporiam muito. Às vezes, nós compartilhamos a percepção de uma coisa e há um acordo, ao nível da alma, de que é daquela forma que ambos nos lembraremos de tal coisa, porque isso permite que nos comuniquemos sem complicação desnecessária. Os humanos fazem isso o tempo todo. É uma das maneiras com que nos comunicamos no nível puramente físico, mas não é a única maneira.

— O que você quer dizer?

— Nossas mentes estão evoluindo mais rápido do que a forma física — disse Luz do Sol, pegando um morango e examinando-o por um longo momento antes de continuar. — A matéria orgânica tem

limitações impostas a ela, mas a mente e a alma, não. Elas têm o poder de se expandir e de se transformar exponencialmente. Não para todo mundo, porém, e não na mesma velocidade. As pessoas que chamamos de médiuns, sensitivos ou espiritualistas são aqueles que abraçaram essa mudança em vários níveis, e que, através de práticas como ioga, meditação e outras formas de aperfeiçoamento, encorajam a própria evolução espiritual.

Corinda ergueu a mão.

— E alguns de nós ouvimos a mudança chamando, então vamos correndo ao encontro dela.

Luz do Sol deu um sorriso carinhoso e tolerante para Corinda, e depois mordeu o morango. Mordeu devagar, saboreando o gosto, e depois lambeu uma gota de sumo do lábio. Dana teve que se forçar a desviar o olhar, especialmente por estar ciente de que Luz do Sol compreendia o efeito que tinha sobre ela. “E”, pensou Dana, “sobre qualquer outra mulher no planeta”.

— Eu não sinto que esteja evoluindo — disse ela. — Eu me sinto mais como se estivesse sendo atacada pelo que está acontecendo na minha cabeça.

— Talvez porque você esteja, sim — disse Luz do Sol.

Dana pestanejou.

— O quê?

— Eu vejo sua aura, consigo ver a forma, a cor e a textura da sua alma, e sei ler sua frequência. Sabe o que eu vejo quando olho para você?

Tudo que ela conseguiu fazer foi balançar a cabeça em negativa.

— Eu vejo poder — respondeu Luz do Sol. — Não fique tão surpresa. Você é uma pessoa muito poderosa, Dana Scully, e tem grande potencial. Sua mente é como uma fornalha, mas você está cheia de dúvidas e não sabe o que quer forjar nela. Parte de você quer fazer uma armadura para usar e se proteger e também se esconder do mundo. Parte de você quer fazer uma espada para que possa contra-atacar.

Dana não disse nada, mas a boca estava tão seca quanto areia.

— E outra parte de você quer construir instrumentos de grande poder e sofisticação. Vamos dizer que sejam um telescópio e um

microscópio. O telescópio é para que você consiga ver além dos limites do que seus olhos enxergam. Há um universo vasto e complexo lá fora, e está chamando a quem possa ouvir, nos convidando a observar, escutar, conhecer. E o microscópio porque você tem uma mente prática, organizada e muito faminta, uma mente que precisa compreender as coisas até chegar ao nível celular.

— Os olhos dela começaram a embaçar — disse Corinda, rindo.

— Um pouco — admitiu Dana. Ela bebeu o chá, que ficou morno, e comeu mais uvas, mas não sentiu o sabor delas. — E por mais bacana que seja tudo isso, não me ajuda com o que estou passando.

— Justo — disse Luz do Sol. — Mas aqui está longe de ser a atmosfera correta para algo mais preciso. Eu tenho meus próprios instrumentos psíquicos, e eles exigem algo mais similar a um ambiente de laboratório.

— O que isso significa?

Ele deu um tapinha na mão de Dana.

— Deixe-me mostrar a você.



# CAPÍTULO 45

A Sala da Crisálida

18h17

Luz do Sol conduziu Dana por uma porta em um canto do café, voltada para a sala usada pelos Alcoólicos Anônimos e para as aulas de meditação. Ela entrou na escuridão quando Luz do Sol fechou a porta e passou por Dana, mas ele não abriu as cortinas pesadas. Em vez disso, tirou um isqueiro do bolso e acendeu um grupo de velas baixas e grossas. Em pouco tempo, o ar foi tomado pela mistura de aromas de hortelã-pimenta, sândalo e jasmim.

O silêncio era grande.

Corinda foi até a sala com os dois, mas Luz do Sol a deteve na porta.

— Obrigado — disse ele ao impedi-la de entrar. — Ficaremos bem. Apenas mande o Angelo trazer um pouco daquele incenso novo para mim. Está acabando.

Dana pensou ter visto surpresa e mágoa nos olhos de Corinda. E talvez algo mais, mas esta emoção esteve ali e sumiu antes que ela conseguisse identificá-la. Agora, com a porta fechada e as velas acesas, Dana se sentiu imensamente sem jeito.

— Isso é normal — disse Luz do Sol, como se tivesse lido a mente dela.

Ou, talvez, como se estivesse *realmente* lendo seus pensamentos.

— O quê? — disse Dana, recuando meio passo.

Ele riu.

— Não, é sério, senhorita Scully, eu compreendo que você esteja assustada. Acontece muito comigo. É um efeito colateral de ser quem e o que sou.

— E o que é isso exatamente? — perguntou ela, ainda parada ao lado da porta.

Uma batida assustou Dana, mas a porta se abriu e Angelo entrou com um monte de varetas de incenso embrulhadas em papel de seda azul áspero. Ele deu uma olhadela rápida para Dana, mas não falou nada para ela.

— Corinda disse que você queria isso — disse Angelo, entregando o incenso para Luz do Sol. — Eles entregaram hoje de manhã para você.

— Obrigado, Angelo. Feche a porta ao sair.

O jovem permaneceu por um momento, olhou em volta da sala, deu um pequeno aceno de cabeça para Dana e saiu. Quando Angelo foi embora, ela repetiu a pergunta.

— O que você acredita que é?

— Eu sou um médium. Sou um médium muito bom; sou muito poderoso. Corinda diz que é um dom, e talvez seja, mas até agora tem sido em grande parte um pé no saco. Perdoe o linguajar. Vamos chamá-lo de “qualidade” em vez disso. Eu sou assim desde garoto e nunca ficou mais fácil, jamais se tornou algo instintivo, nunca permitiu que eu me enturmasse. Eu não preciso estar entre pessoas por muito tempo até que elas percebam que tem algo um pouco errado comigo. Elas estão certas. Eu sou “errado”, pelo ponto de vista das pessoas. Sou muito diferente. Por causa da reação das pessoas à minha diferença, eu tendo a me afastar delas. Quando era mais novo, meus pais me levaram a médicos que, é claro, descartaram qualquer possibilidade de eu possuir habilidades especiais. Em vez disso, eles me diagnosticaram como se eu tivesse “fobia social”. — Ele fez uma pausa e depois acrescentou: — Não é nada novo. Hipócrates uma vez a descreveu, e eu o cito: “com o chapéu ainda sobre os olhos, ele nem verá, nem será reconhecido por sua boa vontade. Não ousa vir acompanhado, por medo de ser explorado, desgraçado, de se perder em gestos ou discursos, ou adoecer; ele acha que todo homem o observa.”

Dana não falou nada, nem se afastou da porta.

— Eles pensaram que eu possuía essa fobia, essa neurose social, porque me afastava das pessoas, mas estavam muito errados. Eu me afastava porque não era uma delas. Não conseguia ter afinidade com elas e, com o passar do tempo, não queria ter. O que eu queria fazer era encontrar outros com qualidades similares. Passei grande parte da vida cultivando as próprias habilidades ao mesmo tempo em que também procurava outros da minha espécie.

— Outros médiuns? — perguntou Dana.

Luz do Sol não saiu de onde estava, e a luz das velas refletiram suavemente em seu rosto, esculpindo e enfatizando as expressões sutis.

— Sim. Embora até mesmo a palavra “médium” seja imprecisa. Talvez a gente precise inventar uma melhor para isso, mas deixo a questão com os linguistas. Por enquanto, eu vejo o mundo em uma espécie de preto e branco. Existem *e/les*, aqueles que não têm essas qualidades, e existem *nós*, aqueles que as possuem.

Dana concordou com a cabeça. Ela ainda estava nervosa por estar sozinha com ele, mas a apreensão estava diminuindo. Luz do Sol parecia muito sincero e um pouco triste.

— Porque nós somos poucos — continuou ele — e porque há muita informação falsa espalhada com boas intenções e muita informação falsa espalhada com *más* intenções envolvendo esse tópico, desde a época em que pessoas com essas qualidades eram queimadas vivas e chamadas de bruxas, qualquer encontro entre indivíduos como nós costuma ser embaraçoso.

— Como nós — repetiu Dana baixinho.

— Como nós — disse Luz do Sol. — Você tem talento de verdade, senhorita Scully.

— Pode me chamar de Dana.

— Dana, então — corrigiu-se, concordando com a cabeça. — Suas visões não são simples pesadelos. Você já deve saber isso, mesmo que não queira que seja verdade.

— Não quero — disse ela, enfaticamente. — Não quero mesmo.

— Não nos deram escolha — respondeu Luz do Sol, virando o rosto para olhar para as velas. — Nós somos quem somos e nos tornamos o que precisamos nos tornar.

— O que você quer dizer com isso? Precisamos nos tornar o quê?

— Darwin falou da evolução das espécies, mas existe outra forma de mudança. Metamorfose. É uma evolução da alma, de nossa própria natureza. Nós nascemos como uma coisa, mas alguns de nós, poucos e raros, rasgam a crisálida das próprias vidas e saem como outra diferente. Raros, lindos, poderosos. Nós deixamos de ser o que éramos e nos *tornamos* o que deveríamos ser.

— Eu não...

Ele se voltou para Dana e disse:

— Eu posso lhe dizer quando você começou a ter visões, e não preciso de poderes psíquicos para isso. Posso contar? Foi alguns

meses depois do início da puberdade. Não fique vermelha; não estou sendo grosseiro. Mas pense a respeito por um momento. A transformação de criança para adolescente envolve uma mudança bioquímica extremamente poderosa. O corpo passa por mudanças em todos os níveis. Físicas, psicológicas, químicas, intelectuais, emocionais. Surgem talentos, preferências mudam e se tornam mais refinadas, personalidades se alteram. Quando nos tornamos adolescentes deixamos de ser os mesmos que éramos quando crianças. Você não concorda?

— Acho que sim.

— Não — retrucou Luz do Sol, fazendo um sinal negativo com o dedo. — Essa é uma resposta imprecisa. Ou você concorda ou não. Tenha certeza, Dana. Não me venha com evasivas, nem se esconda atrás de truques de ofuscação.

Ela assentiu com a cabeça.

— Desculpe.

— Não se desculpe, também — disse ele. — Você veio aqui para aprender, e isto é uma lição. Jamais peça desculpas pelo que você não sabe. Não há vergonha nisso. A vergonha existe quando você *se recusa* a aprender ou quando finge não saber. Isso é ignorância proposital, e é desprezível.

Dana começou a se desculpar por ter se desculpado, se deteve e concordou com a cabeça.

— A maioria dos dons psíquicos começa a surgir na adolescência — explicou Luz do Sol. — Para alguns; para a maioria, na verdade; essas qualidades têm vida curta quando a própria puberdade se encerra.

— E quanto aos demais?

— Nós continuamos a nos transformar.

— Até você?

— Ah — disse ele em uma voz suave, quase imperceptível —, especialmente eu.

Dana não disse nada porque não fazia ideia de como reagir a isso.

Luz do Sol acenou com a cabeça, porém, e deu um sorriso triste para ela.

— Aqueles da nossa espécie tendem a ser esquisitos, excêntricos e enigmáticos. É preciso tempo para se acostumar conosco, mesmo mutuamente.

— Eu não quero ser grossa, senhor Luz do Sol, mas...

— É apenas Luz do Sol.

— Ok, Luz do Sol. Isso tudo é realmente fascinante, e não estou sendo sarcástica, mas não sei como isso me ajuda a compreender o que está acontecendo. Tenho certeza de que alguém está assassinando adolescentes e não sei o que fazer a respeito. Tenho medo de ir dormir e tenho medo de ficar acordada. Não acho que meus pais ou a polícia vão acreditar numa única palavra que digo.

— Eles provavelmente não vão.

— Então, o que posso fazer? Não posso simplesmente ficar aqui, parada, falando de percepção extrassensorial o dia todo. Eu *preciso* fazer alguma coisa.

— Sim — concordou Luz do Sol —, você precisa. E eu posso ajudar.

— Como? — implorou ela, dando um passo definitivo à frente.

— Ao lhe ensinar a usar suas qualidades, Dana. Neste exato momento, elas controlam você. Mas se aprender a controlá-las, você vai acelerar sua transformação. Vai se *tornar* algo muito mais poderoso do que possa imaginar. Então, e só então, você será capaz de focalizar suas visões como um laser. Mas uma coisa de cada vez. Corinda me disse um pouco do que está acontecendo com você. Eu mesmo *senti* um pouco disso.

Dana balançou a cabeça.

— Isso é tão esquisito.

Luz do Sol deu um sorriso triste para ela.

— Bem, para ser totalmente sincero, Dana, é esquisito para mim também.

Aquilo a fez rir.

— Eu sei a respeito dos sonhos, a respeito do anjo. Compreendo que algumas dessas coisas sejam vagas, que as memórias das visões sejam fragmentadas. Eu posso lhe ajudar a ganhar força e objetividade para enxergar por trás das máscaras usadas por esta criatura que se chama de anjo. Só então você será capaz de salvar

vidas. É isso que você quer, não é? Salvar vidas? Curar o mal que está sendo infligido aos filhos desta cidade?

— Sim... — murmurou ela. — Mas este anjo é tão poderoso...

— Poderoso? Sim, acredito que seja, Dana, mas isso não significa que seja onividente e onisciente. Todo mundo tem limitações, pontos cegos.

Dana olhou espantada para Luz do Sol.

— Eu... nunca pensei assim. Você... você acha que há coisas que ele *não* saiba?

— Certamente.

— Então isto significa que talvez possa haver uma maneira de tentar detê-lo? Alguma maneira que ele não preveja?

Luz do Sol concordou com a cabeça e gesticulou para a massa de almofadas que tomava conta do chão.

— Tudo é possível. Sente-se, Dana — disse ele. — Nós temos trabalho a fazer.

— Eu tenho minha aula de jiu-jítsu hoje à noite...

— Não se preocupe — disse Luz do Sol. — Isso não vai demorar. Aonde nós vamos, o tempo gira em uma velocidade diferente.

— O que isso significa?

O homem sorriu.

— Você verá.

# CAPÍTULO 46

Além do Além

18h20



— O que você está fazendo?

A pergunta foi sussurrada, mas ainda saiu aguda, quase estridente. Angelo se afastou da porta fechada, endireitou o corpo e se virou para ver Corinda parada a três metros de distância, com os punhos na cintura. Ela olhou feio para ele.

— Eu não estava fazendo nada — disse Angelo.

Corinda olhou para a porta da Sala da Crisálida de Luz do Sol. A entrada era proibida para qualquer pessoa enquanto ele estivesse lá dentro. Apenas alunos matriculados nas aulas de Luz do Sol ou pessoas tendo sessões individuais de aperfeiçoamento psíquico tinham permissão para entrar. Mesmo Corinda, que era coproprietária da loja com ele, raramente passava pelo batente da porta.

— Você conhece as regras, Angelo — ralhou ela. — Luz do Sol mantém um espaço de energia pura em volta desta sala. Ele não quer e não precisa de nada que macule essas energias.

Angelo enfiou as mãos nos bolsos detrás.

— Então por que eu te vejo passando de mansinho por aqui o tempo todo? Você está puta porque é ele quem detém o verdadeiro poder. Acha que *você* é o motivo de as pessoas virem aqui?

Corinda deu um passo furioso na direção dele.

— É melhor você ter cuidado com o que e para quem fala, mocinho. Você deveria estar feliz de sequer ter este emprego.

— Ah é? E por quê? Porque este é um lugar ótimo de se trabalhar?

— Porque o Luz do Sol e eu fizemos vista grossa para sua ficha suja.

— Você vai jogar isso na minha cara de novo? Quantos dias se passaram desde que você mencionou isso pela última vez? Ah, espere, não, você mencionou hoje de manhã. E ontem. Você está sempre pegando no meu pé sobre isso comigo.

— Eu não deveria? Depois do que você fez?

— Talvez você não sabia tudo sobre todas as coisas, senhorita Poderes Psíquicos — disse Angelo.

— E talvez você devesse ter cuidado com o que diz e se lembrar de quem assina seu contracheque. Você está em terreno perigoso.

Angelo deu um passo na direção dela.

— Perigoso? Você sequer sabe o que isso significa, *señora*? Acho que não.

— O que você quer dizer com isso?

Ele deu um muxoxo de desdém.

— Você não sabe? Engraçado, pensei que pudesse ler mentes.

Corinda deu um passo para trás.

— Eu posso ler a sua muito bem para saber que está pensando na Dana. Mantenha distância ou eu vou...

A expressão no olhar de Angelo deteve as palavras de Corinda tão subitamente como se ela tivesse levado um tapa no rosto.

— Ou você vai o quê...?

Ela não respondeu. Angelo acenou com a cabeça.

— *Mucho cuidado, mi hermana* — disse Angelo, e foi embora como um tigre faminto.

Corinda olhou feio para as costas dele até Angelo sumir na despensa. Ela estava furiosa, mas também com medo. Angelo sempre a assustava. Havia algo de errado com ele. Talvez algo de errado dentro dele. Uma escuridão que Corinda jamais foi capaz de penetrar. Ela o teria demitido há meses, mas temia uma retaliação. As pessoas contavam histórias sobre Angelo, sobre seu temperamento. Sobre seus acessos de violência. Como na semana antes do Natal, quando uma dupla de universitários bêbados jogou uma lata de cerveja vazia nele. Angelo espancou os dois até ficarem inconscientes e teria sido preso se Luz do Sul não tivesse passado por ali e interrompido a luta. Ele alegou para o xerife que os universitários atacaram primeiro, mas Corinda tinha lá suas dúvidas. E havia todas aquelas brigas em que Angelo se envolveu quando era mais jovem. Luz do Sol achava que ele tinha potencial, mas Corinda, não. Ela achava que Angelo não tinha conserto.

No entanto, Luz do Sol protegia o garoto. E embora Corinda admirasse a paixão e a generosidade dele, aquilo a colocava na posição de ter que trabalhar com um Angelo cada vez mais abusado.

E agora aquilo. Ela viu o garoto parado ali, com o ouvido encostado na porta, ouvindo escondido a sessão de Luz de Sol com Dana. Era um ultraje.

Corinda observou a porta da despensa por um minuto inteiro, mas Angelo não reapareceu.

A loja estava ficando vazia naquele momento por causa daquele lento intervalo entre os clientes da tarde e o começo das aulas noturnas. Ninguém estava olhando para Corinda.

Ela respirou fundo e encostou o próprio ouvido na porta.

# CAPÍTULO 47

A Sala da Crisálida

18h22

— Ouça o som da minha voz — disse Luz do Sol.

Dana estava sentada de pernas cruzadas no chão, com as mãos no colo, uma em cima da outra, de olhos quase fechados. A sessão começou de forma suave. Eles beberam uma xícara de chá de ervas enquanto Luz do Sol explicava o processo que usava para ajudar os alunos a se conectarem com o eu interior e permitirem que suas qualidades psíquicas se manifestassem sem interferência consciente.

— Tudo que queremos é ser quem realmente somos — disse Luz do Sol enquanto posicionava velas em um círculo em volta dos dois.

Algumas velas soltavam um cheiro mais pungente do que as primeiras que ele acendeu, e Luz do Sol explicou que perfumes eram usados nas velas comerciais, mas para realizar um trabalho psíquico difícil, outros elementos tinham que ser adicionados à experiência. Luz do Sol acendeu várias varetas de incenso, e novamente o cheiro era complicado, quase desafiador, porque não era exatamente agradável, embora também não fosse ofensivo.

Quando Dana perguntou se o incenso estava à venda na loja, ele fez uma careta.

— Corinda, pobrezinha bem-intencionada, vende um monte do que pode ser descrito, na melhor das hipóteses, como “incenso para turistas”. O mesmo vale para a maioria das velas. Elas são muito populares com o povo que orbita o mundo verdadeiro da expansão da mente, mas não são muito diferentes dos apanhadores de sonhos e bonecas indígenas *kanicha* que as pessoas compram para suas casas. Os não iniciados pensam que apenas por possuir esses itens estão fazendo o trabalho que é necessário de fato para sair do ponto de inércia espiritual para o lugar onde a alma corre solta. Você entende, Dana?

— Acho que sim.

— Não. Você entende ou não?

Ela sorriu e concordou com a cabeça.

— Sim — disse Dana com firmeza. — Eu entendo.

— E lá vamos nós. Os primeiros passos ficam mais firmes, e depois você pulará no ar e dançará.

Ela não sabia se aquilo tinha sido um elogio ou não, mas escolheu aceitá-lo como se fosse.

— E quanto a este incenso — acrescentou Luz do Sol —, ele não está à venda, mas vou te dar alguns.

Assim que a sala ficou arrumada da maneira que Luz do Sol queria, os dois passaram dez minutos juntos apenas aspirando o incenso, tomando o chá de ervas e relaxando. Após longos minutos de silêncio agradável, ele começou a falar para conduzir Dana mais fundo na meditação.

— Seu corpo é um veículo para um grande poder — disse Luz do Sol. — Conforme relaxa, conforme respira, você sentirá seu corpo mudar. A densidade que confina você à sua forma física diminuirá sem parar... até não ter mais o poder de aprisionar seu espírito. E então, com uma tomada de fôlego, você vai ascender e sair.

Ela inalou e exalou, suavemente, longamente e naturalmente, sentindo a fumaça estranha acalmá-la e lixar as arestas de sua ansiedade.

— Nada pode te machucar aqui — disse ele. — Você está segura. É poderosa. Você está *dentro* do seu poder e é *feita* de seu poder. Você é poderosa de formas tão maravilhosas... Diga, Dana, decrete. Você é poderosa.

— Eu sou poderosa — murmurou ela.

— Você está segura.

— Eu estou... segura. — Houve uma ligeira hesitação ali, mas Dana repetiu. — Eu estou segura.

— Você está segura — repetiu Luz do Sol. — Você é uma lagarta em uma crisálida. A forma e a natureza que definiram sua vida até agora disfarçam a forma que você se tornará.

A sala pareceu girar com a fumaça do incenso, balançando e se virando de maneiras que ela achou relaxante, em vez de perturbadoras.

— Deixe que seu espírito ascenda e se expanda, Dana — disse ele.

Quando começou a ir à Além do Além com Melissa, esse tipo de coisa teria feito Dana rir, ou no mínimo sentir muita vergonha. Mas as visões e as mortes, e os horrores nos autos do departamento de polícia de Frank Hale, mudaram alguma coisa nela. Aquele lance *new age* não parecia mais alguma forma benigna de magia de

mentirinha. Não eram cristais de cura, patuás de fadas ou cânticos. Parecia real.

Enquanto Luz do Sol falava, Dana realmente se sentiu mudando de algum jeito profundo e fundamental. Era como se o corpo dela fosse uma caixa envolta em correntes, faixas de metal e cadeados, e a cada momento esses cadeados fossem se abrindo, as correntes fossem se quebrando e caindo, as faixas se rompendo. Ela respirou mais fundo, e houve um estalo, como se um cabo que a mantinha dentro do corpo tivesse se partido, e então Dana subiu, sendo levada como um balão de hélio. Era suave, sem dor. Sem hesitação também. Parecia ser a coisa certa. Parecia ser mais certo do que qualquer coisa que Dana fizera na vida.

A menina sentiu o corpo como duas coisas separadas. Havia a forma física sentada ali, ligeiramente curvada como se músculos e ossos, sangue e pele dormissem. Aquilo era seu casco, seu casulo, mas não quem ela era. Dana compreendeu agora. O verdadeiro eu surgiu como uma borboleta daquele casulo. Ascendeu, tão intangível quanto fumaça, mas com uma forma definida. Ela ainda sentia os braços e as mãos, as pernas e os pés, o coração, a respiração e tudo mais, só que tudo parecia leve, fantasmagórico, carregado com uma estranha energia que zumbia como eletricidade.

— Abra os olhos da sua alma — disse Luz do Sol, e agora a voz pareceu que vinha do céu, grave e suave como o trovão de uma tempestade distante. Poderosa, mas de forma alguma ameaçadora. — Abra seu terceiro olho e permita que ele veja a verdade sobre o presente e o futuro.

Por mais impossível que aquilo parecesse como conceito, Dana se sentiu como se subitamente algo tivesse acontecido, como se sua mente e sua percepção tivessem se aberto de uma forma que nunca havia vivenciado antes. A sala se tornou muito iluminada, mas não de uma maneira ofuscante. Não, a sensação era que Dana simplesmente conseguia enxergar com dez mil vezes mais clareza, e com grande discernimento sobre aquilo que via. As velas mais próximas não eram simplesmente cera e chamas. Elas se tornaram algo muito maior, porque Dana conseguia enxergar seus componentes e diferenças. Havia uma mistura de coisas que

formavam a cera de cada uma delas. Era capaz de ver e identificar cada elemento, cada componente, não importava a raridade. Cera de abelha e sebo de gordura animal, derivados químicos do inseto *Coccus pella*, conserva de frutos de caneleira, extratos de frutos secos. Misturados segundo especificações precisas. Ela subitamente soube que as velas eram insolúveis em água, tinham baixa reatividade, baixa toxicidade, e mudavam do estado sólido para o líquido graças à termoplasticidade. Dana sabia daquilo, mas tinha certeza de que ninguém lhe dissera isso, nem lera a respeito. Aqueles fatos, porém, e muito mais, estavam na mente. Como se fossem óbvios, como se ela devesse saber tais coisas. Dana se aprofundou, e quando se voltou para olhar para a vela de parafina mais perto de onde Luz do Sol estava sentado, ela soube abruptamente que continha o traço químico de hidrocarboneto,  $C_nH_{2n+2}$ .

Quando inalou o incenso, Dana conseguiu ver a sálvia e o cedro de onde aquela vareta tirou sua forma. Enxergou os componentes de *makko* da árvore *Persea thunbergii*, e *Xiangnan pi*, feito da casca da árvore *Phoebe nanmu*, e *jigit*, um aglutinante baseado em resina usado na Índia. E mais. Componentes microscópicos, estruturas moleculares, traços químicos. Tudo. A informação invadiu a mente e foi registrada lá. Dana sabia — sabia com certeza — que guardaria aquela informação para sempre. De alguma forma. De uma maneira impossível, porém definitiva.

— Aceite as verdades que o olho da mente percebe — ordenou Luz do Sol. — Absorva e seja as verdades. O cérebro orgânico tem limites, mas a mente da alma é capaz de percepção e retenção infinitas. Seja o infinito, Dana. Não permita limitações. No mundo da energia de fonte espiritual, não há restrições, não há fronteiras. Todos nós queremos ofuscar a visão limitada do que o mundo acha que somos e revelar quem somos de verdade. Compreenda isso e seja essa verdade, Dana. Toda a verdade é sua para você possuir e compartilhar. Nade nela, Dana.

E assim ela nadou.



Em pouco tempo, a sala em si ficou para trás, e Dana sentiu seu corpo espiritual subir, atravessar o teto e chegar ao céu acima da Além do Além. Embora ainda conseguisse sentir os braços e as pernas, de alguma forma ela sabia que aquilo era apenas uma ilusão persistente, porque seu verdadeiro eu era uma bola luminosa que brilhava com luz dourada e intensa. Dana olhou para o céu e viu que ele estava entrecortado por uma rede de bastões cristalinos, como se a própria realidade fosse apenas um sonho dentro de sílica e diamante. Era lindo e ela quis chorar, mas quando irrompeu um soluço, ele saiu como um grito de pura e espontânea alegria.

Dana ouviu Luz do Sol falando, mas não estava mais no mesmo ambiente que ele. Ela nem estava certa de que estava no mesmo planeta. As palavras eram reconfortantes, orientadoras, mas a linguagem agora não fazia sentido. Não eram palavras de verdade, estavam mais para uma brisa que agita uma maré. Ela foi levada por aquela maré, se distanciando cada vez mais, até Craiger virar uma colcha de retalhos de casinhas e campos cultivados. E então mais alto. Maryland virou uma mancha de cenário verde, marrom e azul. Subiu mais alto ainda, até que a Terra, o mundo inteiro, girou abaixo dela, uma gema azul esfumaçada colocada sobre um pedaço enorme de veludo preto onde havia dez bilhões de diamantes espalhados. Pó de cristal foi espalhado pelo tecido, e Dana se deu conta de que era a Via Láctea.

Não havia dor, dúvida, medo, preocupação, ansiedade, receio, aflição, nenhum traço de negatividade.

Não havia nada além de paz.

Nada além de uma percepção que não parava de se expandir e que trazia junto uma compreensão de que ela — Dana Scully — era uma parte tão importante do Todo universal quanto qualquer outra pessoa. Tão importante quanto o sol quente. Tão importante quanto a matéria escura que mantinha o universo coeso. Tão importante quanto o amor. Tão importante quanto a vida.

Dana flutuou ali, bem acima da Terra, e percebeu uma coisa atrás dela. Ela se virou, esperando que fosse a lua.

E era.

Não algum pedaço morto e esburacado de destroços preso a uma órbita sincrônica com a Terra. A lua de alguma forma estava viva.

*Viva.*

Dana voou na direção dela, rindo alto, apesar da ausência de ar no vácuo do espaço. As montanhas da lua, as bordas recortadas de enormes crateras abertas por impactos, pareciam lindas para os olhos de Dana quando voava sobre elas. A voz de Luz do Sol estava sumindo, sumindo, enquanto Dana voava para além do controle dele, para além do alcance, transformando a jornada dele na sua.

Bem lá embaixo, Dana viu algo reluzindo como metal e se deu conta de que era alguma coisa deixada para trás por uma das missões *Apollo*. Ela viu as sondas *Surveyor 1* e *2*. Viu o jipe lunar da missão *Apollo 15* e o módulo de descida *LM-5 Eagle* da missão *Apollo 11*. Viu a bandeira que foi plantada pelos primeiros seres humanos a pisarem na superfície de outro mundo. Procurou pelas pegadas, mas ficaram obscurecidas. Havia destroços, porém. Provas de que os humanos estiveram ali. E aquilo fez Dana rir, porque ela era uma garota de 15 anos de idade, que levou apenas momentos para singrar o espaço até chegar àquele ponto. Sem foguetes, sem trajes espaciais. Nada além da força de vontade e da mente.

E então algo se moveu sobre a superfície poeirenta da lua.

Dana focalizou a percepção para ver o que era.

Havia algo na beirada de uma enorme cratera, exatamente em cima da borda, tocada pelo sol e reluzindo com fogo de prata.

Era triangular e enorme. Centenas de vezes maior do que quaisquer destroços deixados para trás pela NASA. Não estava ali fria e inerte como as outras máquinas. Em vez disso, luzes piscavam em cada uma das três pontas. Luzes brancas e intensas, e foram as primeiras que incomodaram Dana ao olhar. Eram intensas demais ou... talvez fossem intensas da forma errada. De uma maneira que não era harmoniosa com sua visão espiritual.

As luzes pareciam latejar, pulsar. Em um ritmo lento e pesado. Brilhavam e diminuía, brilhavam e diminuía, e brilhavam novamente. Dana entendeu que aquilo era uma máquina, uma nave de alguma espécie, mas o ritmo era o de um coração sonolento. Então a pulsação mudou, acelerou, ficou mais urgente.

De repente, Dana percebeu que aquela coisa, aquela nave, realmente esteve dormindo, e agora que ela voou para perto do objeto, ele começou a despertar.

Com um grito assustado, ela deu meia-volta e disparou pelos ventos solares de volta à Terra. De volta para o corpo. Dana voou cada vez mais rápido, enquanto atrás dela as luzes pulsavam e brilhavam e se aproximavam de despertar.

— Não! — berrou Dana, porque todos os instintos, todas as partes de sua percepção ampliada sabiam que aquilo era errado, que ela cometera um erro terrível.

Um erro perigoso e mortal.

Ela voou para baixo, sem parar, precisando escapar de volta para o mundo comum e secular. Dana pensou ter ouvido a voz de Luz do Sol chamando-a, mas passou voando por ela e mergulhou na atmosfera, na direção de Maryland, na direção da cidadezinha de Craiger, na direção do centro da cidade e do telhado da Além do Além. Dana irrompeu pelo telhado, sentiu o alcatrão do revestimento, a madeira e o gesso, metal e tijolo, fiação elétrica, e tudo aquilo que constituía o prédio.

Então Dana estava na sala e seu corpo se encontrava ali, assim como o de Luz do Sol. Ambos os corpos pareciam vazios, vulneráveis. Mortos.

Mas também havia algo muito errado ali.

Uma figura estava parada entre os dois corpos vazios.

Alto, imensamente poderoso, o corpo cheio de músculos e estalando com fogo vivo. Ele também era lindo. Tinha um rosto mais perfeito do que qualquer homem ou mulher que Dana viu na vida. Mil vezes mais bonito do que qualquer estátua do Antigo Egito, da Grécia ou da China. Altivo, majestoso, sensual, entretido. E, no entanto, havia algo conhecido em relação a ele. Quase como se aquele rosto estivesse superposto em cima de outro. Dana tentou enxergar o rosto sob toda aquela beleza e teve um vislumbre.

Apenas um vislumbre.

Então o vislumbre sumiu. O anjo ficou parado ali, vestido em farrapos de luz, olhando para ela. E pela abertura em V da camisa branca, Dana viu uma enorme tatuagem desenhada diretamente em

cima do coração. Um disco de um preto profundo cercado por uma coroa de fogo. O sinal do eclipse.

“O sinal *dele*”, disse Dana tinha certeza.

Atrás das costas largas, um par de asas magníficas se desdobrou e se abriu tanto que as pontas roçaram nas paredes de cada lado.

As asas não eram feitas de penas brancas.

Elas eram enormes, de couro negro.

O anjo Lúcifer ergueu o olhar para ela e disse uma única palavra. Era a coisa mais aterrorizante que ele poderia dizer.

O anjo Lúcifer falou:

— Dana...

# CAPÍTULO 48

A Sala da Crisálida

18h48

Dana berrou até acordar.

Ela caiu, bateu o ombro no chão, bateu a cabeça, mordeu a língua e se encheu de dor.

O carpete embaixo dela era frio e áspero.

Mas era só carpete.

Dana não conseguiu enxergar as fibras; o carpete não sussurrou sua fórmula química para ela. As moléculas que o compunham não se revelaram. Era um tapete, e Dana estava deitada sobre ele. Velas normais a cercavam e o ar estava tomado pela fumaça de incensos sem nenhum esplendor em especial.

Dana estava de volta ao mundo. Ao mundo real.

Era menor, mais feio, menos esplendoroso.

Mais seguro.

Um gemido atraiu sua atenção, e ela se voltou para ver Luz do Sol sentado com o rosto nas mãos e ombros curvados. Ele parecia tão atordoado quanto Dana.

— O quê...? — começou ela, mas não conseguiu construir qualquer pergunta além daquilo.

A fala fez Luz do Sol erguer o olhar. O rosto estava contorcido e fatigado, e levou um momento para os olhos dele focalizarem a adolescente.

— Dana?

— O que aconteceu?

Luz do Sol esfregou os olhos e se sentou, mas pareceu um gesto doloroso.

— Aquilo foi... fora de série.

— Você viu o que eu vi?

Ele concordou com a cabeça.

— Acho que sim. — Luz do Sol fez uma pausa e ponderou. — Na lua? Uma nave?

— Sim, mas não foi o que quis dizer. — Ela ficou de pé, cambaleando. Era como se o corpo não coubesse direito, como se Dana tivesse vestido a pele no escuro e a abotoado errado. — Eu o vi.

— Quem?

— Eu vi o anjo — disse ela.

Luz do Sol se empertigou.

— O quê?

— Você não o viu? Ele estava bem aqui — falou Dana apontando para a área entre os lugares que os dois estiveram sentados.

Luz do Sol também se levantou e pareceu tão cambaleante quanto ela.

— Era um anjo?

— Não apenas um anjo qualquer — disse ela. — Acho que vi sua verdadeira face. Era como se ele estivesse usando uma máscara.

Aquilo fez Luz do Sul arfar. Ele foi até ela, pegou Dana pelos ombros e olhou firme em seus olhos.

— Você o viu? — exigiu ele. — Você realmente o viu?

— E-eu acho que sim.

— Me conte. Todos os detalhes — berrou ele. — É importante.

Dana tentou se lembrar de todos os detalhes, mas quanto mais ela permanecia no próprio corpo, mais a memória se afastava dela. Dana conseguiu se lembrar melhor da máscara e descreveu o objeto e também as vestes de luz e as asas de couro. Luz do Sol a soltou e andou pela sala, pensativo. Parou ao lado de uma mesinha em que havia uma tigela com frutas e uma faca. Ele pegou a faca, selecionou uma pera madura e a descascou sem comentários. Depois cortou ao meio e levou a fruta para Dana.

— Aqui, coma isto.

— Não estou com fome.

— Experiências psíquicas cobram um preço alto do corpo físico. Peras têm água, vitaminas C e K, cobre e fibras. Ela vai te ajudar a se acomodar de volta. — Ele sorriu. — É um truque bem velho.

Dana pegou a fruta e comeu. A pera estava deliciosa e tirou um gosto metálico da boca que ela mal tinha percebido. Luz do Sol também comeu seu pedaço.

— Você sabe quem é Lúcifer? — perguntou ele.

— Ele era a Estrela da Manhã — respondeu Dana, mastigando. — Foi um anjo importante que se rebelou contra Deus.

Luz do Sol concordou com a cabeça.

— Ele era o reluzente, o portador da luz. É um erro confundir Lúcifer com Satã, Dana, porque eles não são a mesma criatura. Satã

é a alma do mal, o exemplo infinito da corrupção e do pecado. Lúcifer é um anjo, e um anjo tem conhecimento perfeito de Deus, do Todo universal. Um ser com tamanha consciência não pode, por definição, ser mau. Isto é uma impossibilidade, porque conhecimento perfeito e amor perfeito são dois lados da mesma moeda.

— Mas na igreja nos dizem que Satã *era* Lúcifer.

— Claro que dizem — falou Luz do Sol —, porque eles não entendem. Lúcifer era o portador da luz, ele era um libertador, um guardião dos iniciados e uma luz guia que conduzia as pessoas à verdadeira compreensão. A conexão equivocada de Lúcifer com Satã é em grande parte obra de poetas e escritores. *Inferno*, de Dante Alighieri, *Lúcifer*, de Joost van den Vondel, e *Paraíso Perdido*, de John Milton, juntos, sujaram o nome do anjo cujo dom é o conhecimento e a compreensão.

Dana deu um passo para se afastar dele.

— O que você está dizendo? Que é certo que este anjo esteja matando pessoas na minha escola?

Luz do Sol pareceu genuinamente surpreso.

— O quê? Não, claro que não. Desculpe, Dana. Ainda estou meio abalado também. O que eu quis dizer é que, se você realmente viu Lúcifer, então não viu a criatura responsável por esses assassinatos trágicos.

— Então...?

— É por isso que quero que você se recorde do rosto que viu *por trás* da máscara do anjo. Suspeito que alguém esteja projetando a imagem de Lúcifer tanto para confundir você, quanto para esconder o verdadeiro rosto.

— Projetar? Como?

Luz do Sol ergueu os braços para indicar a Sala da Crisálida.

— Da mesma forma que nós voamos para o espaço sideral, Dana. Quem quer que esteja fazendo isso é igual a nós. Ele é um médium poderoso.

Aquilo atordoou Dana por cinco segundos completos, mas depois ela começou a concordar com a cabeça. Fazia sentido, mesmo que de uma forma tortuosa e complicada. O chão ainda parecia inseguro,



e embora a pera tivesse ajudado um pouco, o cérebro parecia estar cheio de algodão doce, abelhas enraivecidas e espinhos afiados. Ela imaginou que essa deveria ser a sensação de estar bêbada e decidiu naquele momento que não queria participar de nenhuma desorientação real. A bizarrice da meditação já era demais, muito obrigada.

— Olha só, tem uma coisa que não te contei — disse Dana —, mas acho que sei de algo a respeito dos assassinatos que até mesmo o departamento de polícia não sabe.

Luz do Sol estreitou os olhos.

— Como?

— Não importa — respondeu ela —, mas eu acho que Maisie Bell foi morta de uma forma que deveria reproduzir as feridas de Cristo.

Dana explicou sobre os pulsos, pés e outros ferimentos. Luz do Sol pareceu sério.

— Eu... não sei o que dizer a respeito disso — falou ele.

— Mas o que isso significa? — perguntou Dana. — Por que alguém iria querer fazer algo assim?

Luz do Sol balançou a cabeça lentamente.

— É difícil dizer. Talvez ele não entenda o que está fazendo.

— Não — insistiu Dana. — Acho que ele sabe exatamente o que está fazendo, mas eu não sei o motivo. O que ele ganha imitando a maneira como Jesus morreu? É uma espécie de blasfêmia?

— Não — disse Luz do Sol com firmeza. — Não, o motivo mais provável é que esta... pessoa... acha que tem uma conexão de grande importância com Jesus Cristo. Que, talvez, ele seja como Jesus de alguma maneira. Quem sabe, talvez ele até acredite que esteja respeitando suas vítimas ao lhes dar as mesmas feridas de Cristo.

— Isto é doentio.

— Provavelmente não de acordo com o mundo da forma como ele o enxerga. Você consegue se lembrar do rosto dele? — perguntou Luz do Sol. — Ainda consegue vê-lo?

Dana fechou os olhos e quase que imediatamente perdeu o equilíbrio. Ela cambaleou, e Luz do Sol a segurou com uma mão

esguia, mas surpreendentemente forte. Aos poucos e relutantemente o chão se estabilizou.

— Quase — respondeu Dana. — Eu quase consigo vê-lo...

— Tente — insistiu ele.

Ela tentou para valer. Dana deixou que Luz do Sol a equilibrasse enquanto ela fechava os olhos novamente e se forçava a reabrir aquela página da memória recente. Dana viu o rosto bonito do anjo e, apesar de tudo o que Luz do Sol disse, a criatura ainda a aterrorizava, mas ela aguentou firme porque precisava saber que rosto estava escondido sob a imagem de Lúcifer.

Dana tentou sem parar.

Mas quanto mais tentava agarrar a memória, mais ela recuava completa e certamente para a escuridão.

Dana abriu os olhos e suspirou. E, por um momento, apoiou a cabeça no peito de Luz do Sol.

— Desculpe — sussurrou ela.

Luz do Sol passou a mão no cabelo de Dana do jeito que o pai às vezes costumava fazer quando ela acordava de um pesadelo. O gesto a fez se sentir segura, protegida. Dana não conseguiu imaginar que Luz do Sol permitisse que alguém ou alguma coisa lhe fizesse mal.

— Está tudo bem, Dana — disse, ao empurrá-la delicadamente para fora do abraço e encará-la. — Nós podemos tentar novamente outra hora.

Lágrimas, inesperadas e ardentes, rolaram pelas bochechas dela.

— Mas... mas eu *tenho* que tentar novamente agora. Vamos recomeçar. Eu não posso simplesmente parar. Não quando estou assim tão perto de saber quem é o assassino. Não posso.

— Sinto muito — falou ele —, mas esse tipo de coisa drena a pessoa. Você ficará fora de órbita por umas duas horas. Deve ir para casa se deitar. Eu vou mergulhar em uma banheira, depois comer alguns quilos de proteína. — Luz do Sol deu uma risadinha. — Esses trajes de carne e osso podem ser só vestimentas, mas o corpo tem limitações. Precisamos respeitar isso. Então, não, por mais que nós dois queiramos saber a verdade, simplesmente não é possível neste

exato momento. Ambos estamos exaustos, e isto torna a busca pela verdade altamente perigosa.

— Mas...

— Vá para casa, Dana. Espere, aqui, leve isto — disse Luz do Sol, e pegou seis varetas daquele incenso especial, embrulhou em um lenço de seda, e deu para ela. — Esses incensos vão ajudá-la a se concentrar. Acenda um e medite, ou apenas acenda e durma. É melhor do que chá de camomila para acalmar os nervos. Ande, pegue. Ótimo. Agora, vamos deixar como está. Não podemos fazer o que não podemos fazer.

E foi só isso.

Dana pegou a mochila da escola de onde tinha jogado no chão, perto da porta, e foi embora, cambaleando enquanto o mundo balançava relutantemente em rodas barulhentas.

No corredor, Dana viu Corinda entrando no banheiro feminino e foi atrás dela. Uma porta de cabine se fechou quando ela entrou, e Dana foi até pia para lavar o rosto com sabonete e água fria. Quando olhou para o próprio reflexo, ficou surpresa ao ver como estava ruborizada. E as pupilas estavam enormes. Tudo por ter flutuado no...

No quê?

Não no espaço sideral de verdade. Aquilo era loucura.

Na imaginação? No mundo espiritual? Dana se deu conta de que não fazia ideia de como categorizar o que acabara de acontecer, mas achou que finalmente poderia começar a entender Deus. Como Ele podia ser onividente, onisciente e ligado a todos os seres. Será que aquilo era parecido com o êxtase religioso sobre o qual ela leu a respeito nas histórias de certos santos?

O som da descarga tirou Dana dos pensamentos, e Corinda saiu da cabine.

— Ei — disse ela. — Não sabia que era você aqui fora. Como foi a sessão com o Luz do Sol? Ele é sensacional, não é?

— Isso nem começa a descrever como foi.

Corinda foi para a pia lavar as mãos e depois aceitou uma toalha de papel que Dana pegou do toalheiro. Enquanto secava as mãos, ela examinou Dana.

— Não me odeie por dizer isso, querida, mas você está um lixo.

— Obrigada. Eu me sinto um lixo.

Corinda estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo ruivo do rosto de Dana.

— Você viu alguma coisa, não foi?

— Eu...

— Eu posso *ver* — disse Corinda baixinho. — Você viu o rosto do assassino, não foi?

— Acho que sim — respondeu Dana, a própria voz baixa e assustada. — Mas não estava nítido. Não consegui ver exatamente quem era. Estou tão perto, mas eu simplesmente... não consigo.

O rosto de Corinda estava sério, e o olhar, penetrante.

— Talvez — falou ela — eu consiga.

# CAPÍTULO 49

A Sala de Observação

19h01

— Ele está aqui — disse Danny.

O agente Malcolm Gerlach geralmente respondia a comentários com uma mistura de irritação, indiferença e ameaças leves. Não dessa vez. Levantou-se de supetão, vestiu o paletó azul e ajeitou a gravata.

— Ok — disse, nervoso. — Pode trazer.

O técnico saiu e voltou em menos de um minuto. Ele manteve a porta aberta para três pessoas entrarem na sala. Dois eram agentes vestindo ternos pretos idênticos, com fones nas orelhas e rostos impiedosos. O terceiro homem era alto, corpulento, bochechudo, tinha cabelo grisalho ondulado e olhos impiedosos. Estava imaculadamente vestido com um terno azul-acinzentado, com gravata de seda pintada à mão e tinha um ar de poder imenso. Danny, que estava acostumado a ser intimidado pelo agente Gerlach, agora viu o ruivo ficar irrequieto como uma colegial nervosa quando os homens entraram na sala. Danny não fazia ideia do nome daquele sujeito. Quando mencionado, o que era raro, Gerlach ou algum dos outros agentes principais se referiam ao homem como o Primeiro Ancião. Nenhum nome de verdade jamais lhe foi dado, e Danny era esperto demais, mesmo jovem, para fazer perguntas.

— Sente-se, senhor — disse Gerlach, gesticulando para uma cadeira de couro confortável que fora trazida naquela manhã do antigo gabinete do padre.

Agora a cadeira estava limpa e encerada, colocada ao lado de uma mesa com um bule de café fresco e alguns bolinhos caros.

O Primeiro Ancião olhou para a cadeira e contorceu a boca em uma expressão de desdém, mas se sentou mesmo assim. Gerlach serviu café em uma xícara de porcelana e se afastou de costas, quase dando a impressão de que estava se curvando. Em qualquer outra circunstância, Danny teria ficado envergonhado pelo agente. Não agora. Não com aquele homem. Nem pensar. Danny ficou afastado de Gerlach, com as costas voltadas para a parede de monitores, mas desejava estar em qualquer outro lugar do mundo, menos ali.

— Nós tivemos uma reunião na semana passada — disse o Primeiro Ancião sem preâmbulos. — Houve uma longa discussão

sobre esta operação.

Gerlach ficou rígido como um poste. Danny notou suor reluzindo na testa e no lábio superior do agente. Gerlach não disse nada.

— Podemos dizer que não estamos tão entusiasmados com o avanço da Iniciativa Craiger quanto você parece estar nos relatórios de campo — falou o Ancião.

Ele tinha uma voz aguda, porém rouca. Não tocou no café ou nos bolinhos.

— Estamos indo com a velocidade que a cautela nos permite — disse Gerlach.

— Isso soa mais como uma desculpa do que como uma explicação.

O olho esquerdo de Gerlach tremeu.

Os olhos do Primeiro Ancião eram tão frios que quase pareciam mortos.

— Talvez você ache que, por nosso jogo ser demorado, temos tempo ilimitado. Não é o caso. Em sua avaliação preliminar, você falou muitíssimo bem de seu agente, este “anjo”, como ele se chama. Você fez certas previsões em relação a um cronograma que jurou que conseguiria cumprir.

Gerlach não disse nada.

— Nós estamos jogando um jogo muito perigoso, agente. Muito perigoso. Estamos arriscando uma traição da confiança de todas as partes. Quando este projeto começou, todos sabíamos que estávamos nos colocando em risco. Que estávamos colocando o mundo em risco. Você nos convenceu de que o anjo seria capaz de cultivar as habilidades dessas crianças. Disse que elas formariam o núcleo de um exército de elite que nos colocaria no páreo contra nossos... — Ele fez uma pausa e considerou a melhor palavra, depois encerrou com: — Mestres.

— É isso que estamos fazendo — falou Gerlach.

— E, no entanto, você está perigosamente perto de perder seu próprio prazo.

— Senhor... Este é um território novo para nós. Para qualquer um — insistiu Gerlach. — Não é uma ciência exata.

— Isso é problema seu, agente — disse o Primeiro Ancião. — Você fez promessas que nós levamos a sério. Esperamos que você entregue os agentes prometidos.

— Sim, senhor.

O Primeiro Ancião avaliou Gerlach com o tipo de olhar que Danny vira em pessoas selecionando uma lagosta dentro de um tanque em um restaurante de frutos do mar.

— No seu memorando mais recente, você pediu uma extensão a fim de lidar com algumas complicações imprevistas. Por favor, explique o que constitui uma “complicação”, no seu modo de ver.

— É o anjo — respondeu Gerlach. — Desde o início ele é a questão.

— E o que exatamente lhe preocupa?

Gerlach pigarreou.

— Ele é inconstante, instável, psicótico e perigoso.

— Sim — falou o Ancião de maneira arrastada —, esse foi exatamente o ponto essencial pelo qual o recrutamos para o Projeto Montauk. Queríamos agentes perigosos, e ele é muito perigoso.

— Perigoso, sim — concordou Gerlach —, mas também instável. Ele é imprevisível. Seus, *hã*, *métodos* estão colocando em risco o programa inteiro.

— Porque ele está matando crianças?

— Bem... Sim... Essa é uma preocupação enorme. Ele matou seis dos...

— Não nos importamos com quantos caixões enterramos — interrompeu o Primeiro Ancião ao se levantar pesadamente. Ele suspirou e começou a andar na direção da porta. — Precisamos de resultados. Precisamos de uma arma, ou vamos perder esta guerra.

— Eu pensei que já tivéssemos perdido.

O Ancião parou diante da porta.

— O futuro não é uma verdade absoluta, agente Gerlach. A chave para a sobrevivência é estar preparado para quando a oportunidade surgir. Para isso, nós precisamos que ele faça pressão.

— O anjo *está* fazendo pressão.

— Mande que faça mais pressão. Aumente a amplificação — disse ele. — Aumente até o final.



Gerlach respirou fundo.

— Até com a filha do Scully?

— Especialmente com ela.

— E se o anjo a matar?

— William Scully tem quatro filhos — falou o Primeiro Ancião. —  
Ele nos deve um.

E então saiu, com os guarda-costas a tiracolo. Eles não se incomodaram em fechar a porta.

# CAPÍTULO 50

Além do Além

19h03

Dana e Corinda estavam sentadas juntas. Não na mesa de sempre, mas em uma cabine com cortina na outra extremidade da grande loja, longe da maior parte do movimento de clientes.

— Sente-se — disse Corinda ao fechar as cortinas.

Elas eram translúcidas, com uma estampa de planetas rodopiando, entremeados com símbolos astrológicos. Corinda se virou e olhou para Dana, depois franziu a testa.

— Você está chapada?

— Chapada? — exclamou Dana, quase rindo. — Meu Deus, não! Por que você faria uma pergunta dessas?

— Você parece chapada. Suas pupilas estão dilatadas e você está ruborizada.

— Eu estou surtada e passei a última hora em uma sala escura.

Corinda mordeu o lábio inferior por um momento.

— Ok, deve ser isso.

Ela puxou uma cadeira e se sentou. A cabine era apertada, com uma mesinha redonda, duas cadeiras de cozinha com almofadas e um pequeno armário com três gavetas. As cadeiras eram pintadas com linhas coloridas serpenteantes que davam a volta nas pernas e explodiam no espaldar. Cobrindo a mesa havia uma toalha pesada, decorada com brocados e bordada com alguns símbolos místicos que Dana não tinha certeza de que reconhecia. Ela achava que fossem símbolos alquímicos, mas não tinha certeza. O gaveteiro era pintado de azul, mas cada gaveta tinha um tom diferente de roxo. Os puxadores eram de latão, no formato de tartarugas. Em cima da mesa havia uma única vela gorda com três pavios, apagada. Corinda cruzou os braços e inclinou a cabeça para o lado enquanto avaliava Dana.

— Por favor — disse Dana —, se você tem algo para me dizer, vamos conversar. Mas chega de viagens psíquicas e leituras de mão ou elos mentais vulcanos, ou seja lá o que você e o Luz do Sol parecem curtir. Já estou a ponto de perder a cabeça completamente. Quero ir para casa e me esconder no meu quarto. Quero encontrar quem quer que esteja fazendo isso e... e...

Ela parou, sem querer colocar em palavras os pensamentos violentos que preenchiam o cérebro confuso.

— Não se preocupe — interrompeu Corinda. — Não estou aqui para fazer nenhum jogo mental.

— Que alívio.

— Eu consegui perceber que você teve outra visão assim que te vi no banheiro. Eu senti, Dana. E deve ter sido realmente poderosa, porque o ar em volta de você estalava com energia espiritual. Mesmo agora eu consigo ver fagulhas disparando de você.

Dana olhou para as mãos e os braços.

— Eu não vejo nada.

Corinda sorriu ao ouvir aquilo.

— Nós temos dons diferentes, querida. Parece que enxergar na escuridão é o seu destino. O meu é ver a luz. Quando olho para você, vejo sua aura. É como ver uma caixa de distribuição elétrica que está recebendo energia demais. Sei que isso está te prejudicando e acho que posso ajudar.

Dana agarrou as mãos e apertou.

— *Como?* Nem o Luz do Sol pôde ajudar. Nós fizemos um lance esquisito de projeção astral e aquilo detonou os dois.

— Ah — disse Corinda.

— O quê?

— Veja bem, eu não quero dizer o que não devo e não falaria uma palavra contra o Luz do Sol. Ele é sensacional. Mas... As pessoas acham que ele é mais importante do que é de fato. É aquela pinta de deus do amor pós-hippie que o Luz do Sol tem. Todo mundo se enfeitiça e acha que ele pode caminhar sobre as águas.

Dana ficou surpresa.

— Você não diria isso se tivesse estado conosco na sala agora mesmo.

— Ah, não me entenda mal — disse Corinda, rapidamente. — Não estou dizendo que ele não *tem* poder, mas o Luz do Sol não é um mestre evoluído ou coisa do gênero.

— Pensei que vocês dois fossem amigos — disse Dana.

— Somos, somos sim. Só acho que é importante compreender as coisas como elas são. A perspectiva faz parte de como abraçamos a verdade real.

— A verdade?

— A verdade é tudo — explicou Corinda. — Tudo o que faço aqui, tudo o que acontece na Além do Além, tudo faz parte da busca pela verdade. Você não sabia? Meditação, ioga, astrologia, adivinhação, tudo isso tem a ver com a revelação de informações que normalmente estão escondidas de nós. Temos que aprender a ver de maneira diferente e aprender de maneira diferente, estar abertas a caminhos para a verdade que são diferentes daqueles que ensinam na escola ou pregam na igreja. Verdades essenciais são cósmicas, e quando somos suficientemente corajosos para aceitá-las e segui-las, nós nos libertamos para...

Dana ergueu as mãos.

— Por favor! Eu não aguento mais essas coisas. Não hoje. Minha cabeça vai explodir. Eu só preciso saber quem matou a Maisie.

— Desculpe — disse Corinda. — Você realmente deve estar sobrecarregada. Luz do Sol consumiu você com os jogos dele, e agora estou te intimidando ainda mais.

Dana limpou os olhos, esperando encontrar lágrimas, mas não havia nada. Mas os olhos ardiavam e a sala — até mesmo agora — parecia oscilar. As luzes eram intensas demais e os barulhos martelavam e irritavam seus ouvidos.

— Se você sabe quem é o anjo, então me diga — implorou à vidente.

— Sinto muito, Dana, mas não é tão fácil assim — replicou Corinda. Ela abrandou o tom e segurou as mãos de Dana, massageando-as como antes. — Não é como se eu recebesse um rosto, um nome e detalhes de vida. O que eu recebo é uma série de impressões. Um vislumbre de um rosto e algumas imagens soltas, enigmáticas.

Os ombros de Dana desmoronaram.

— Ah.

— Mas é algo certo — garantiu Corinda. — Eu sei que é.

Dana insistiu novamente.

— Por favor, me conte.

— Farei o possível — prometeu ela —, mas este anjo é forte. Ele sabe quem eu sou e tem medo de mim. Esconde o rosto de mim.

— Pode tentar?

Corinda fez uma cara de desprezo.

— Não tenho medo dele. Eu possuo defesas psíquicas que o anjo sabe que não consegue romper. Agora... Respire lentamente e relaxe. Imagine uma porta. Ok, agora finja que essa porta leva à sua mente interior, e que estou parada do outro lado. Quero que você se veja esticando a mão para a maçaneta, girando-a e abrindo a porta. Pronto. Agora dê um passo para trás e me deixe entrar. Deixe-me tirar as visões de você para que eu possa decodificá-las. — Corinda fechou os olhos e levou um longo tempo respirando fundo e devagar, e então começou a falar em um sussurro parecido com o de alguém em transe. — Vejo uma faca. Ela brilha como prata. Faz um clique. Não é uma... faca de caça. É menor. Algo dobrável.

Dana prestou atenção, praticamente sem respirar.

— Eu vejo uma faca de prata em uma mão forte. Vejo cicatrizes. No nó do dedo... anelar. Na lateral da mão. Uma ferida antiga. Ele... se machucou... consertando um carro. Uma chave inglesa escapuliu. Metal afiado. No ano passado? Sim.

Dana murmurou:

— É ele?

— É o anjo — respondeu Corinda, lentamente e distante.

— Ele tem uma tatuagem? Um eclipse?

— Sim — disse Corinda.

— Ele é um monstro.

— Ele é humano — corrigiu Corinda. — Uma pessoa. De carne e osso.

— Mas...

— Mas ele tem poder. Um grande poder. O anjo projeta... ele mente ao plantar... rostos... nas mentes de pessoas como ele. O anjo usa máscaras... usa o rosto de Lúcifer como máscara. O anjo não é o diabo, porém, mas é a voz dele que usa. Fala por ele. O anjo é mau.

— É ele! — berrou Dana. — Você consegue ver o rosto? O rosto de verdade?

Os músculos faciais de Corinda relaxaram quando ela penetrou mais fundo na visão.

— Ele esconde o rosto. É tão forte, tão esperto. Sabe como se esconder, mas está perto, Dana — murmurou ela. — Tão perto. O

anjo... vê você. Não, ele *viu* você. Falou com você.

— O quê?

— E você... viu o anjo. *Falou...* com ele.

— Quando?

Corinda balançou a cabeça e fez uma careta como se uma batalha titânica se alastrasse dentro da mente.

— Você sabe o nome dele... acho. Sim. Você sabe o nome. Ele vai matar novamente — sussurrou ela. — Em breve. Ele precisa. Ele quer. Já selecionou a próxima vítima. Ai, Deus! Ai, Deus... não!

— O que foi? — gritou Dana, que se levantou rapidamente.

Os olhos de Corinda se abriram de supetão.

— É *você*, Dana. O assassino está vindo atrás de você.

Dana recuou e esbarrou no pequeno gaveteiro, que bateu na parede da cabine.

— Não. Quem é ele? Por que está fazendo isso? Por que está atrás de mim?

A expressão nos olhos de Corinda era estranha e complexa. Havia medo, admiração e dúvida ali. Ela passou as mãos no rosto, como se o gesto pudesse desconectar a mente da visão à força. Depois, desmoronou para trás, balançando a cabeça, esgotada e tremendo.

— Ele... ele é forte — arfou Corinda. — Mais forte do que pensei.

— Qual é o nome dele? — implorou Dana. — Você tem que me contar.

Mas Corinda continuou balançando a cabeça.

— Ele não me deixou ir tão longe assim. Tudo que sei com certeza é que o assassino tem cicatrizes na mão e uma faca que sempre carrega. — Ela olhou para Dana. — Se ele está vindo atrás de você, então você tem que encontrá-lo primeiro. Precisa descobrir quem entre as pessoas que você conhece se encaixa nessa descrição. Você tem que encontrá-lo primeiro.

# CAPÍTULO 51

Craiger, Maryland

19h19



Dana saiu da Além do Além abaladíssima.

Ela não conseguiu extrair mais nada de Corinda e, além disso, a médium parecia estar à beira de um colapso. Luz do Sol já havia ido embora e apenas Angelo e outro funcionário estavam por lá, mas aquele não era o momento de discutir esse tipo de coisa com nenhum dos dois. Como o único telefone público da loja estava sendo usado, Dana saiu e foi até a cabine telefônica do lado de fora da lanchonete da esquina. Ao fechar a porta, a luz do teto se acendeu. Ela tirou algumas moedas do bolso e ligou para casa, querendo encontrar Melissa.

Foi o pai que atendeu.

— Starbuck? — disse ele. — Onde você está?

Ela nunca contaria para o pai qualquer coisa sobre o que estava acontecendo. Ele era todo certinho e teria rido de qualquer coisa que envolvesse fenômenos psíquicos. Teria rido e talvez mandado que ela voltasse imediatamente para casa.

— Eu, hã, tenho aula de jiu-jítsu hoje à noite — respondeu Dana rapidamente, e depois se deu conta de que aquilo não era mesmo uma mentira.

Todas as aulas de Dana — jiu-jítsu e ioga — estavam listadas no calendário de parede na cozinha. Às vezes ela ia à aula das cinco e meia e às vezes à sessão das sete e meia.

— É mais inteligente ir à aula mais cedo — disse o pai.

— Eu sei, mas já que tivemos só meio período hoje, eu decidi ir à biblioteca. Quis me adiantar nos trabalhos de inglês que tenho que escrever.

— Bem, então está certo.

Foi o tipo de argumento correto para usar com o pai.

— Melissa está aí? — perguntou Dana. — Eu queria, hã, perguntar para ela sobre o dever de casa.

Aquilo foi uma mentira, e o pai percebeu na hora.

— *Você quer que a Melissa te ajude no dever de casa?*

Dana teve que pensar rápido.

— Um trabalho de poesia para a aula de inglês.

— Ah — disse o pai.

Poesia, música e arte eram os únicos temas em que Melissa se garantia mais do que Dana. Ela era como a mãe nesse caso. Voltada para a arte, em vez daquelas que o pai chamava de matérias “práticas”, como matemática, história, ciências e educação física.

— Sua irmã está na casa de uma amiga — informou o pai. — Eileen Minder-alguma coisa.

— Minderjahn. A Melissa está na casa da Eileen?

— Foi o que ela disse. E é melhor que esteja mesmo lá.

Apesar de tudo, Dana teve que sorrir. Havia uma chance em dez trilhões de Melissa estar na casa da família Minderjahn para ficar de papo com Eileen. As chances eram muito maiores de que Eileen não estivesse em casa, mas Dave, sim. Dana não contou isso para o pai.

— Ok. Eu vou ligar para ela lá.

— Se ligar — falou o pai —, lembre sua irmã que vocês duas têm de estar em casa às nove e meia, e que isso não significa 21h31. Estamos entendidos?

— Sim, sim, capitão Ahab.

Houve uma pausa, e, com uma voz mais suave e gentil, o pai disse:

— Cuidado aí fora.

— Sempre — falou Dana.

Foi a maior mentira que ela contou na vida para o pai.

— Eu amo você, Starbuck — disse o pai, o que a surpreendeu.

Ele raramente dizia algo assim. Antes que Dana pudesse responder, a linha ficou muda.

A menina se encostou na parede de vidro da cabine telefônica, se sentindo estranhamente perdida, como se, de alguma forma, tivesse sido abandonada por todo mundo. Aquilo não era verdade, obviamente, mas a sensação era tão poderosa e persistente que Dana testou a porta dobrável para garantir que estava completamente fechada. Melhor ficar trancada em uma cabine de vidro do que lá fora, exposta, vulnerável.

Aquele também era um pensamento irracional. Ela era um alvo dentro de um aquário, e Dana percebeu que segurança era um conceito incrivelmente subjetivo. Segurança era o que as pessoas faziam dela em dado momento. Aquela não foi uma conclusão

reconfortante. Dana olhou para a rua escura, para os carros passando e para um e outro pedestre, e não viu ninguém que reconhecesse. Não de início. Então ela viu Angelo sair de um beco ao lado da Além do Além. Ele usava um casaco escuro de manga comprida com capuz que fazia com que o garoto se misturasse quase que completamente às sombras atrás dele. Olhou para os dois lados da rua, claramente procurando por algo ou alguém. Dana puxou o trinco da porta dobrável e a abriu para dentro até que a borda da porta de metal soltasse o botão que acionava a luz. A cabine se apagou no exato segundo antes de Angelo olhar para o outro lado da rua. O olhar do garoto foi na direção da cabine telefônica, pareceu parar por um momento, e depois seguiu adiante. Então puxou o capuz do casaco, enfiou as mãos no bolso e atravessou a rua correndo, se afastando do ponto onde Dana ficou tremendo.

Ela permaneceu ali no escuro, observando aquela figura desaparecer noite adentro.

*Por que me escondi dele?*

*Por que estou com medo dele?*

As perguntas arderam na mente de Dana, mas ela não tentou respondê-las. Não ali fora, sozinha no escuro, confusa e ainda abalada pelo que quer que tivesse acontecido na Sala da Crisálida de Luz do Sol. Não depois de tudo que Corinda lhe disse.

Ela colocou outra moeda na ranhura e discou um número. O telefone tocou cinco vezes antes de Ethan atender.

— Eu preciso ver você — disse Dana, com a voz urgente e sem fôlego.

— Uau, espere, você está bem? Algo errado?

— Tudo está errado — respondeu, mas depois tomou fôlego. — Olha só, posso passar aí? Eu preciso conversar sobre algumas coisas com alguém que entenda.

— Entenda o quê?

Era uma boa pergunta, e Dana levou alguns segundos para descobrir como responder.

— O caso — disse ela finalmente. — Eu tenho mais informações, mas não sei se são reais ou não. Na verdade, não sei mais se

qualquer coisa é real. Minha cabeça está uma zona neste exato momento.

— Uma zona como? — perguntou Ethan.

— Eu conto quando te ver. Conto tudo. Posso passar aí?

— Quando?

— Agora.

Ethan fez uma pausa e baixou a voz para um sussurro.

— Acho que o Tio Frank trouxe os autos do Todd Harris para casa. Eu o vi colocando a grande pasta na escrivaninha, e ela parecia mais grossa. Mas a questão é que meu tio ainda está aqui. Ele deveria fazer um turno extra hoje, mas disse que não estava se sentindo bem e ligou avisando que estava doente. Mas, depois de tirar uma soneca, meu tio disse que estava se sentindo melhor e que ia trabalhar, no fim das contas. Falou que provavelmente foi apenas o excesso de comida apimentada da lanchonete ontem à noite, mas ele só vai sair daqui a uma hora. Eu estou fazendo o jantar primeiro. Meu tio queria mingau de aveia para acalmar o estômago. Você pode passar aqui depois? Por volta das oito?

Dana pensou a respeito. Ela estava com vontade de ir para casa e se esconder embaixo das cobertas no quarto, mas ficou com medo do que os pais diriam, especialmente se as pupilas ainda estivessem dilatadas como efeito do que seja lá que tenha acontecido com Luz do Sol. A última coisa que Dana precisava era que os pais pensassem que andava se drogando. Até parece. Mas com tudo mundo em Craiger falando a respeito de adolescentes burros que ficavam chapados e depois morriam, Dana nunca seria capaz de persuadir os pais de que aquilo era efeito de meditação e projeção astral. É, aquilo não era algo de que ela conseguiria convencê-los. Dana nem sabia se ela mesma acreditava naquilo.

No entanto, se não fosse para casa, ela teria muito tempo. Dana olhou pela rua principal na direção do *dojo*.

— Ok — disse ela. — Eu passo aí depois da minha aula, mas tenho hora para chegar em casa, então não poderei ficar muito tempo.

— Ótimo — falou Ethan, parecendo aliviado. — E Dana...

— Sim?

— Tome cuidado, tá? — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Eu acabei de te encontrar. Não me faça te perder tão rápido.

Dana levou tempo demais tentando decidir como responder. Ethan desligou.

Ela ficou parada na cabine escura, olhando fixamente para o telefone.

E sorriu.

# CAPÍTULO 52

Dojo Kakusareta Taiyou

19h35

Dana chegou atrasada para a aula, mas entrou logo no aquecimento. A regularidade das flexões, dos abdominais e dos polichinelos ajudou a acalmar seu cérebro confuso. E lhe deu outra justificativa para o coração disparado e o suor. A seguir, eles começaram os exercícios. Os alunos ficavam enfileirados, todos vestindo *gis* impecavelmente brancos e faixas coloridas; a *sensei* Miyu Sato e seu assistente, Saturo, usando *hakamas* pretas e engomadas, as tradicionais calças de pregas dos samurais. Enquanto Saturo contava em japonês, os alunos entravam em ação juntos, praticavam jogo de pés e posturas, desvios e ângulos de ataque, enquanto a *sensei* Miyu andava de um lado para o outro e os avaliava com olhar crítico.

Terminados os exercícios, todos formaram pares para o *uchikomi*, um exercício para praticar habilidades de ataque contra um oponente passivo. Havia um número ímpar de alunos no *dojo* naquela noite, então Dana se viu — para sua tristeza — formando par com Saturo. O exercício sempre começava bem devagar para permitir que os alunos tivessem certeza de que todos os detalhes técnicos estavam corretos. Eles começaram com *tsukuri*, a preparação para uma derrubada, e repetiram vinte vezes. Na última repetição, a derrubada deveria ser executada com mais velocidade e com tanta precisão quanto fosse possível.

Havia muitos componentes em uma boa derrubada, incluindo a interceptação do ataque do oponente, conseguir o melhor ângulo e o mais correto, provocar desequilíbrio, estabelecer um ponto de apoio para o movimento de alavanca com pé, perna, cintura ou ombro, gerar força suficiente através de velocidade e torção e depois a derrubada em si, seguida por uma imobilização, um ponto de pressão ou um golpe final. O objetivo, de acordo com a *sensei*, era fazer cada técnica individual pelo menos dez mil vezes para dominá-las de verdade, como um mestre. Como havia centenas de técnicas no jiu-jítsu, Dana não esperava se tornar uma mestra tão cedo.

No entanto, a abordagem prática, mecânica e regular daqueles exercícios acalmaram Dana. Nada era místico no jiu-jítsu. Era tudo física e fisiologia, causa e efeito, lógica e técnica. Ela estava longe de ser a melhor aluna da turma, mas aprendia rápido e adorava

desconstruir cada gesto para compreender como eles funcionavam. Pontos de vantagem, ângulos de deslocamento de massa, velocidade e equilíbrio. Era como uma máquina funcionando, a melhor parte dela, e conforme a aula se desenrolava, Dana conseguiu sair dos lugares estranhos e amorfos para onde sua mente tinha ido.

Quando os alunos completaram as repetições, a *sensei* Miyu mandou que todos se sentassem de pernas cruzadas em volta da grande área coberta por tatames no centro da sala.

— Eu sei que esta não é a parte favorita de todo mundo — disse a *sensei* —, mas o *randori* é importante para o desenvolvimento de uma autodefesa confiável.

Alguns alunos gemeram, e Dana teve que conter a própria apreensão. O *randori* era um treino livre, onde uma pessoa atuava como o agressor e a outra tinha que se defender, mas sem saber qual ataque viria. Ela não se importava de atuar como o *uke*, o agressor, embora isso significasse ser chutada, derrubada, travada ou imobilizada. Mas era tudo controlado. O que Dana não gostava era de estar fora da zona de conforto quando era o *tori*, o defensor, porque então deveria ser a pessoa a chutar, derrubar, travar e imobilizar. Ela se saía muito bem contra alunos do próprio nível, mas as coisas nunca davam certo quando era o par de Saturo. Dana não tinha conseguido se defender sequer uma vez de seus ataques rápidos como um raio. E Saturo era inflexível. Nunca pegava leve. A filosofia dele era simples: se você não quer ser derrubado, seja um lutador melhor.

Fácil dizer, mas como um faixa preta, Saturo era o demônio que todos eles temiam.

— Dana, Saturo — disse a *sensei* Miyu —, vocês podem começar para nós.

Saturo sorriu. Dana suspirou.

Eles foram ao centro do tatame e se curvaram para o cumprimento. Dana, sendo a menos graduada dos dois, foi primeiro o *uke*, e veio com uma série de golpes, tentativas de agarrão e chutes. Todas as vezes Saturo parecia virar um borrão, e então ela voava pelo ar e caía no tatame. Uma vez após a outra.



Dana mal tinha certeza de quais técnicas ele usava contra ela. Tudo que via era o rosto sorridente de Saturo, as caretas nos rostos dos outros alunos, e o tatame vindo a cinquenta quilômetros por hora para recebê-la.

— *Mate!* Parem — mandou a *sensei* Miyu.— Troquem.

Dana ficou de pé, se curvou para cumprimentar a *sensei*, se curvou novamente para Saturo, e fez uma postura de combate receptiva, com pés abertos, joelhos dobrados, peso distribuído nos calcanhares, mãos abertas e erguidas, palmas ligeiramente viradas para fora. Agora ela era o *tori*, e seu dever era controlar o confronto e derrotar qualquer ataque. Saturo, no papel do *uke*, começou a andar em círculos, lembrando o que fez durante o exercício de faca. Ele adorava andar em círculos, porque confundia os oponentes e dificultava que previssem o momento ou o ângulo exato do ataque. Quando avançou contra Dana, Saturo foi ainda mais rápido, o que parecia impossível, e deu chutes que pararam a um centímetro do joelho, coração e nariz dela, e ainda soltou um golpe com a mão aberta em sua direção com a velocidade de um chicote.

Ele atacou cinco vezes e acertou cinco vezes.

Seis.

Sete.

Dana estava começando a entrar em pânico. A cabeça ainda não estava bem por causa da viagem mental, e ela estava um pouco enjoada, como se aquela luta estivesse ocorrendo no convés de um navio em águas bravas. Dana cambaleou para trás algumas vezes, tropeçou e caiu de bunda uma vez, e quase foi na direção de um soco dado com as costas da mão. Em vez de aliviar a barra, Saturo pareceu ir mais rápido, sem tentar machucá-la, mas certamente levando Dana ao limite da capacidade, tentando lhe mostrar como ela estava vulnerável. Ele não deixou que Dana parasse, nunca deu uma chance para que recuperasse o fôlego, não lhe deu folga alguma. Ela queria correr, se esconder, chorar.

E então uma coisa aconteceu.

De repente o mundo inteiro pareceu mudar, virar para a direção errada. Em vez de ver Saturo avançando contra ela com um poderoso chute rodado, Dana se viu parada no caminho do chute.

Era como se tivesse entrado na mente de Saturo por um momento visto o que ele viu, até mesmo pensado o que ele pensou.

“Vou dar um susto tão grande nessa garota burra que o vermelho do cabelo dela vai sair.”

Esse foi o pensamento na mente de Saturo quando ele deu o chute, mas, de alguma forma, o golpe saiu errado. O chute diminuiu de velocidade abruptamente a ponto de cruzar o ar tão devagar quanto se Saturo tivesse chutado enquanto estivesse submerso em água até o queixo. O golpe ainda veio, e Dana sabia que tudo aquilo era uma espécie de alteração bizarra da percepção, e, no entanto, ela estava dentro da bolha de tempo vagaroso.

A seguir, Dana voltou ao próprio corpo e o chute estava indo na direção dela. Ainda lentamente, ainda se movendo como se o tempo pertencesse a Dana e ela tivesse tempo de sobra. A raiva surgiu no peito dela e depois se espalhou pelos braços e pernas, queimando como turbinas a jato. Dana avançou, deu um passo para o interior da curva do chute, diminuiu a distância, o que anulava a potência do ataque, e moveu as mãos ao mesmo tempo, atacando Saturo na coxa, no estômago e no rosto. Ela viu o sangue voar como pequenos rubis, viu os olhos dele se arregalarem com surpresa e dor. Ela ouviu um som ao longe, o grito distorcido de comando e alerta quando a *sensei* Miyu mandou que Dana parasse.

Então, como o choque de uma explosão, o tempo real alcançou Dana. *Bang*. Tudo ao mesmo tempo.

Saturo caiu para trás, com as mãos no nariz e um grito arrancado da garganta ao desabar com muita força. A *sensei* Miyu agarrou o ombro de Dana e jogou a garota para trás, fazendo seu corpo girar e empurrando-a para longe de Saturo, que continuava caído. A *sensei* gritou com ela. Estava furiosa. E assustada, também.

Dana cambaleou um pouco para trás e mal se equilibrou na beirada do tatame. Ela se virou para ver a *sensei* ajoelhada ao lado de Saturo, falando com ele com calma forçada, afastando suas mãos para que pudesse examinar o estrago.

Mesmo a cinco metros de distância, ficou óbvio para Dana e para todo mundo que o nariz de Saturo estava gravemente quebrado. Havia sangue por toda parte, e ele tinha lágrimas nos olhos.

— Ai, meu Deus, me desculpe — disse Dana.

Ela deu um passo à frente, mas a *sensei* sibilou.

— *Fique sentada.*

Todo mundo estava olhando para Dana. Olhos chocados, bocas abertas. Dúvida, preocupação e até mesmo um pouco de desprezo.

— Desculpe — falou Dana outra vez.

Ela se curvou para Saturo e repetiu o pedido de desculpas sem parar.

Finalmente, Saturo fez um esforço para se levantar. O sangue descia até o queixo e caía pelo peito, manchando o *gi* branco com vermelho-escuro. Ele olhou para Dana com olhos repletos de dor.

Porém, disse:

— Ok.

Apenas isso.

Ela se curvou novamente.

Saturo concordou com a cabeça. Era o melhor que podia fazer.

Ela deu meia-volta, disparou para o vestiário, trocou de roupa o mais rápido possível e depois saiu correndo do *dojo* antes que eles pudessem vê-la chorando.

— Dana — chamou a *sensei* —, espere...

Ela não esperou. Ela correu.

# CAPÍTULO 53

Residência dos Hale

20h47

— Cruzes — disse Ethan quando abriu a porta —, você está horrível.  
Dana passou por ele e entrou na casa.

— Seu tio não vai voltar, vai? Não vai sair mais cedo porque está doente?

— Não, estamos seguros — respondeu Ethan enquanto fechava a porta.

Dana olhou para ele.

— Tranque a porta.

— O quê? Por quê? Ele tem a chave.

— Não. Só... só tranque, ok?

Ethan obedeceu, depois fez uma pausa e também passou o ferrolho.

— Obrigada — falou ela, muito aliviada.

Dana o acompanhou até a cozinha, onde ele serviu um copo de achocolatado de uma garrafa de dois litros para os dois. Ethan entregou um copo para ela.

— Minha tia Louise sempre disse que chocolate era a primeira linha de defesa contra qualquer caso de nervosismo, e parece que nervosismo é o que não falta em você.

Ele sorriu e depois procurou o olhar de Dana. O sorriso se transformou em uma testa franzida.

— Você está chapada — disse Ethan.

— Não, não estou — disparou Dana. — Eu nunca usei essas coisas.

Ela viu a dúvida na expressão dele.

— Então o que foi? — perguntou Ethan. — Você está doente? Você está com uma cor péssima e seus olhos estão estranhos. Vermelhos e injetados, e as pupilas estão enormes.

— Quantas vezes vou ter que dizer? — rosnou Dana. — Eu. Não. Estou. Chapada.

— Ok, ok, fica calma. Eu sou seu amigo, lembra?

Dana virou o rosto e olhou pela janela da cozinha para a noite escura.

— Foi um dia bem ruim, está bem?

— Não — disse ele —, não está bem. Você precisa me dizer o que está acontecendo.

Ethan a levou a um pequeno escritório, e os dois se sentaram nas cadeiras estofadas, apoiando os copos nos joelhos. Ele também fechou a porta daquele cômodo e, pela primeira vez no dia inteiro, Dana se sentiu segura. Ou pelo menos o mais segura possível.

Ethan vestia uma camiseta preta e calças jeans, e a roupa de alguma forma fazia com que parecesse mais velho. Mais forte. Mais sólido, o que era importante, porque o resto do dia pareceu ter sido composto de várias camadas diferentes de imagens transparentes e viajantes. Nada parecera muito real até então.

Dana tomou um gole do achocolatado, depois pousou o copo e esticou a mão. Após apenas uma levíssima hesitação, Ethan pegou a mão dela e segurou firme. Os dedos dele eram quentes e reais.

Ela contou tudo que aconteceu. Levou muito tempo, mas ele não soltou a mão de Dana em nenhum momento.

# CAPÍTULO 54

Rua Sycamore

20h59

Uma figura solitária estava parada na completa escuridão, com as mãos nos bolsos, embaixo dos galhos pesados de um bordo.

A rua estava vazia, a não ser por um cachorro amarelo que seguia um caminho tortuoso de jardim em jardim, parando de vez em quando para urinar, como se respondesse a mensagens deixadas por amigos. Quando o cachorro chegou ao bordo, ele travou, depois recuou lentamente, rosnando. O vulto embaixo da árvore não disse nada, não se mexeu, apenas esperou que o animal desse meia-volta e fosse embora correndo.

No céu, as nuvens se aproximavam, escondiam as estrelas e intensificavam a escuridão.

Todas as casas da rua Sycamore estavam com as luzes ligadas. De algumas vinham os sons baixos e abafados de televisores ligados. Na casa diretamente em frente ao grande bordo, do outro lado da rua, pela janela vinha a luz acesa em um cômodo lateral no primeiro andar. Era aquela janela que a figura observava com olhos escuros e intensos. Ele viu as silhuetas de dois adolescentes — um garoto alto e uma garota baixa.

Quando um vento frio soprou das nuvens tempestuosas, a figura sentiu um arrepio, mas não se afastou. Ele mal se movia, a não ser pelo gesto lento de abrir e fechar o canivete no bolso.



# CAPÍTULO 55

Residência dos Hale

21h35

A hora de voltar para casa havia passado quando Dana terminou de contar a história, e ela e Ethan ficaram sentados em silêncio por quase cinco minutos, absortos nos detalhes. Enquanto o rapaz ainda estava pensando, ela foi até à cozinha para ligar para casa e se desculpar por estar atrasada, mas foi Melissa quem atendeu.

— Ei, que gentileza da sua parte ligar para nos avisar que não morreu.

— Não brinque. Foi um dia muito, muito esquisito. Eu conto quando chegar em casa.

— Onde você está agora? — perguntou Melissa.

— Na casa do Ethan e...

— Aaaaaah. Que beleza.

— Não é nada disso, Missy, e você sabe — disse Dana.

— Infelizmente, eu sei. É difícil ser irmã da Dana, a Luz Pura da Virtude.

— Ah, cale a boca e invente uma mentira por mim, Missy. Diga para a mamãe que ainda estou no *dojo* ou algo assim.

— Até tarde assim?

— Diga que é alguma espécie de treinamento antigo samurai e que chegarei em casa às dez. Não, dez e meia. Diga que a *sensei* vai me dar carona.

Melissa riu com desdém.

— Ah, claro, isso parece plausível.

— Qual é, eu já menti por você.

— É, é, ok — falou Melissa.

— Você é a melhor.

Melissa fez uma pausa.

— Tome cuidado, Dana — disse ela. — E não estou falando do Ethan.

— Eu sei — falou Dana e desligou.

Quando ela voltou, Ethan havia pegado os autos do tio Frank, e Dana notou que a pasta estava mais grossa do que antes. Ela viu Ethan fazer o esboço dos elásticos e removê-los cuidadosamente, um por um. Ele levou a pasta para o sofá.

— As coisas do Todd estão aí dentro? — perguntou Dana ao se sentar ao lado dele.

— Sim. Também são muito horríveis — respondeu Ethan.

— Depois de hoje — disse ela —, eu aguento qualquer coisa.

Era uma mentira das grandes e ambos sabiam, mas foram suficientemente espertos para não falar nada.

Dana abriu a porta e olhou o que fizeram com Todd Harris.

Era tão ruim quanto Dana imaginava que seria. E era estranho. Quando o carro teoricamente bateu, Todd foi lançado pelo para-brisa, mas o colarinho do casaco pesado ficou preso em um pedaço quebrado do capô amassado. Nas fotos da cena do crime, o carro batido estava empoleirado em um par de pedras no pé de um morro íngreme, e Todd estava suspenso, com os dedos dos pés centímetros acima do solo. Era grotesco e parecia com as fotos que Dana vira de criminosos enforcados.

Dana fechou os olhos por um momento enquanto a sala girava. A tontura anterior ainda estava com ela, e ver aquele tipo de horror não ajudou.

— Você está bem? — perguntou Ethan.

— Não — falou Dana.

— Eu também não.

Havia muitas fotos no arquivo de Todd. Como o carro rolou morro abaixo, os criminalistas precisaram fotografar todos os pedaços de destroços. Ela folheou mais de oitenta fotos, passando rápido por aquelas que mostravam um fragmento da lanterna traseira ou um pedaço estourado do pneu. Ela parou em uma foto que registrava o solo embaixo dos pés de Todd. O flash registrou a superfície reluzente de um monte de moedas que estavam espalhadas entre as ervas daninhas arrancadas. O fotógrafo tirou três fotos das moedas. Dana parou ali, capturada pela imagem sem saber o motivo. Uma anotação que acompanhava a foto forneceu um inventário das moedas. Quinze moedas de cinco centavos, onze moedas de dez, três moedas de 25 e um dólar de prata.

— O que foi? — perguntou Ethan, ao se debruçar para ver que fotos chamaram a atenção de Dana.

— Nada, eu acho.

Ela colocou as fotos no lugar e examinou o resto da pasta. Quase fechou a capa, depois parou, franziu a testa e voltou para as fotos

de provas e destroços encontrados na cena. Dana se debruçou e examinou uma foto em especial, e o sangue congelou instantaneamente.

— Ethan! Olhe isto.

Ele se aproximou mais.

Ela entregou a foto para o garoto. Na imagem se via pedaços de vidro quebrado, alguns estilhaços de metal, parte de uma lanterna de freio laranja e várias moedas espalhadas por um pedaço de chão pedregoso abaixo do corpo pendurado.

— Está vendo o que encontraram no chão, embaixo dos pés dele?

— O quê?

— *As moedas* — disse ela, batendo na foto com o dedo.

Ethan levou um momento para responder.

— Sim, algumas moedas caíram do bolso dele.

— Não — insistiu Dana. — Eu acho que essas moedas foram colocadas ali.

— O quê? Por quê?

— Conte as moedas.

— Ok, quinze moedas de cinco centavos, onze moedas de dez, três moedas de 25, e um dólar de prata. — Ethan fez uma conta rápida. — Três dólares e sessenta centavos? Três e seis? Vai me dizer que é uma referência bíblica? Capítulo e versículo, algo assim?

— Não — respondeu ela. — quinze, onze, três e um. Some tudo.

Ele somou.

— Trinta moedas.

Dana balançou a cabeça.

— Não, trinta peças de prata.

Ethan a observou, espantado.

— O quê...?

— Como Judas morreu? — perguntou Dana.

Ethan pegou o diagrama dos ferimentos de Todd Harris e passou o dedo pela linha que foi traçada na garganta.

— Judas “foi e se enforcou” — murmurou ele, repetindo a citação bíblica, uma das poucas na vida que grudaram em sua mente. — Ai, cara...

— Tudo se encaixa — disse Dana ao fechar os autos.

Ethan pegou o arquivo da mão dela, devolveu à grande pasta, recolocou os elásticos e trancou-a na gaveta.

Os dois ficaram sentados juntos, e desta vez Ethan pegou a mão de Dana. O sorriso de Ethan era gentil, e ele entrelaçou os dedos com os de Dana. Existem momentos para conversar e momentos para não dizer nada. Aquele era um momento para deixar o silêncio envolvê-los. Os dois estavam atrás de portas trancadas, em segurança dentro da casa, juntos, e todas as tempestades e a escuridão estavam do lado de fora.

Quando ela finalmente se levantou para ir embora, Ethan disse:

— Eu deveria acompanhá-la até sua casa.

— Não — disse Dana rapidamente. — Não é longe. Eu estou bem.

— Ninguém está bem.

A imagem de Saturo esparramado no chão do *dojo* com o nariz quebrado tomou conta da mente de Dana. Recordar aquilo não a encheu de orgulho, mas fez com que se sentisse como um animal. Mas um animal bravo, pelo menos.

— Sério — falou ela —, eu sei me cuidar. Além disso, se eu for vista passeando com um cara, meu pai vai nos matar.

— Mas ele vai ficar tranquilo se você for sozinha até sua casa?

— Eu vou dizer que ganhei carona até a esquina — disse Dana. — Sério, estou bem.

Na porta, Ethan falou:

— O que faremos com tudo isso? Com essas visões, com o arquivo? Quero dizer, nós dois achamos que tem alguém lá fora fingindo ser um anjo e matando pessoas. Nós sabemos, mas não podemos provar nada. O que faremos?

Ela apoiou o ombro no batente da porta. Dana ainda segurava a mão de Ethan e olhou para elas, para a forma como os dedos se entrelaçavam. Era uma sensação boa. De segurança. E de algo mais do que isso. Aquele momento foi interrompido, porém, porque Dana achou que deveria dizer alguma coisa e, obviamente, Ethan também. Mas nenhum dos dois parecia saber o que dizer.

Ele acenou com a cabeça.

— E quanto ao que aquela mulher lá, Corinda, disse? O que você acha daquilo?

— Eu não sei o que achar. Tipo, não posso acreditar que conheço alguém que faria algo assim.

— Ele tem que entender de algumas coisas — falou Ethan. — Tem que entender dessas coisas de religião. Tem que entender de carros. Não pode ser fácil falsificar todos aqueles acidentes tão bem a ponto de a polícia pensar que *são* acidentes.

— E ele tem que entender de anatomia.

— Por quê? — perguntou Ethan, completando depois: — Ah, claro. Para ser capaz de fazer os outros ferimentos parecerem que aconteceram em acidentes.

— Ele é inteligente — falou Dana.

— Ele é um animal.

— Com certeza — disse ela —, mas animais podem ser inteligentes.

Ethan olhou para a noite atrás de Dana.

— Tem certeza de que não vai me deixar te acompanhar até sua casa?

Ela sorriu.

— Tenho.

Então, sem pensar a respeito, Dana ficou na ponta dos pés e beijou Ethan. Nenhum dos dois esperava que aquilo fosse acontecer, mas aconteceu mesmo assim. Ela subitamente percebeu o que estava fazendo e recuou no mesmo instante, chocada, envergonhadíssima e levantando a mão para esconder a boca.

— Ethan, eu sinto... quero dizer, eu... — Dana começou a dizer, mas antes que conseguisse completar alguma frase, ele se inclinou à frente e a beijou.

Um milionésimo da mente de Dana tentou fazer com que ela recuasse. O resto se entregou. Dana não era especialista no quesito beijo, mas tinha certeza de que aquele era um beijo muito bom, e ele durou bastante.

Quando os dois finalmente se afastaram, eles sorriram um para o outro como se o mundo fosse um lugar feliz e não estivessem lidando com assassinato, conspirações e horrores.

— Bem — disse Dana sem fôlego —, acho que é isso aí.

— Hã, é — falou ele.

Os dois ficaram ali parados, envergonhados e inseguros. Depois se beijaram novamente. E mais uma vez. Depois dos beijos, Ethan parecia confuso e tinha os olhos vidrados. Aquilo fez Dana rir. E também fez se sentir bem por dentro.

— Tchau — disse ela, e então sumiu na noite.

Quando Dana olhou para trás, a meio quarteirão de distância, Ethan estava parado exatamente onde ela o deixara. Aquilo também a fez sorrir.

# CAPÍTULO 56

Residência dos Scully

22h17



A luz da varanda estava acesa, e ela foi em frente como um navio perdido atraído pela luz de um farol.

O dia começou assustador, foi ficando surreal e agora estava péssimo, e Dana não tinha muita certeza sobre quem ela era. Ou *o que* ela era. Após sair da casa de Ethan, a menina andou feliz por quase três quarteirões, mas depois a tontura voltou e com ela todas as dúvidas e os medos que pareciam definir sua vida ali em Craiger. Aqueles medos trouxeram com eles uma tristeza enorme, estranha e complicada que a dominou e tornou cada passo tão difícil quanto se estivesse andando na lama. Toda a felicidade se escoou e foi embora.

Nada mais em relação a Dana parecia se encaixar direito. Desde que a família se mudou, vinda de San Diego, a sensação era a de que ela estava perdendo o vínculo com sua própria identidade. Dana costumava ser uma pessoa disciplinada. Boa aluna, sempre pontual, não andava com a galera que aprontava, ia à igreja. Rezava. Pacote completo.

Agora ela estava tendo sonhos psicóticos, caçando um assassino em série, entrando em viagens astrais e espancando pessoas.

Aquela ainda era ela? Ainda era Dana Katherine Scully?

Ou Luz do Sol estava certo, e ela estava se transformando em alguém e *algo* diferente? Se fosse o caso... no quê?

A luz da varanda era esplêndida, convidativa e passava segurança. Então Dana parou ao ver uma figura sentada ali.

— Pai... — murmurou ela.

Dana estava a trinta metros da casa, sob a sombra de uma árvore grande do outro lado da velha igreja, observando o pai. Ele era um homem grandalhão. Parrudo e maciço, com uma cabeça redonda e um pescoço curto e forte. O pai parecia tão durão quanto era. Mas agora ela o via em um momento de guarda baixa. Ele estava sentado no balanço da varanda, com a cabeça baixa, lendo um livro. Sem ser durão. Sem ser o capitão William Scully, da Marinha dos Estados Unidos. Sem ser nada além de um homem de meia-idade relaxando em uma noite de primavera. Vestindo uma camisa de flanela macia, a vermelha e preta de que tanto gostava. Era velha e gasta, e Dana sabia de cada lugar onde ela tinha sido remendada e

costurada, que o pai não deixava a mãe jogá-la fora. Não aquela camisa. Era conhecida, e ele adorava usá-la quando queria se despir do trabalho e das responsabilidades. O pai usava aquela camisa em tantas das melhores lembranças de Dana. Viagens de família para acampar. O dia em que o pai a ensinou a andar de bicicleta, e quando ele a levou à loja de sorvete no hotel grande e antigo em Coronado, após Dana ter quebrado o braço ao cair de uma árvore. Ele estava com a camisa no dia em que trouxeram Charlie do hospital para casa, um bebê tão pequenininho. Usou a camisa na primeira noite em que os dois começaram a ler *Moby Dick* juntos, quando Dana tinha nove anos de idade.

Aquela camisa.

O pai.

Ela ficou parada ali, enfiou o rosto nas mãos e começou a chorar.

— Dana...? — disse uma voz.

O pai. Ela olhou entre os dedos e o viu sair da varanda.

— Dana, é você? — rosnou ele. — Melissa disse que você estava estudando, mas passou mesmo dos limites, mocinha. Já passa das dez. O que você estava pensando? Com tudo o que está acontecendo na cidade, acho que precisamos conversar sobre seu juízo e bom senso.

Ela queria fugir naquele mesmo instante. Em vez disso, Dana correu para o pai, disparou pelo resto do caminho até a casa, e o pai desceu os degraus e andou rápido de braços abertos, para recebê-la. Ele hesitou por uma fração de segundo, e depois a puxou para si em um abraço, com seus braços fortes, beijando o cabelo da filha enquanto Dana se agarrava a ele, soluçando incontrolavelmente.

— Papai... Ah, *papai*.

William Scully abraçou firme a filha como se ele fosse a âncora que a prendia ao mundo. Parou de dar bronca e não perguntou o que havia acontecido. Não estragou o momento com perguntas. Aquilo viria depois. Em vez disso, o pai a abraçou e sussurrou seu nome secreto e especial.

— Starbuck — disse ele, e também houve o peso de lágrimas na voz do pai.



Mais tarde, os dois estavam sentados no balanço do alpendre. Ela estava de suéter e com a cabeça apoiada no peito dele. O silêncio era um amigo dos dois e foi bem recebido por ambos.

Foi apenas quando estava ficando tarde que o pai falou.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa — disse ele, gentilmente.

Dana não falou nada.

— É um garoto?

— O quê? Não.

— O colégio?

— Não.

Ele ficou em silêncio um momento.

— Dana, são os jovens que andam morrendo? — Quando ela não respondeu, o pai suspirou, profunda e pesadamente. — Eu sei que foi difícil para você quando aquela professora morreu lá em San Diego.

Dana afastou a memória.

— Aquilo foi triste, mas isso...

*Isso é diferente.*

— Eu não vou deixar nada acontecer com você — falou o pai.

— Eu sei.

No jardim, um grilo solitário cantou. De repente, um segundo se juntou a ele. Os dois cantaram fora de tom e aos poucos entraram em harmonia. Foi bacana. Aquilo apertou de volta um dos parafusos soltos no maquinário do mundo.

— Ahab?

— O que foi, Starbuck?

— Eu sei que é tarde, mas podemos ler um pouco? Não fazemos isso há um tempão.

Dana sentiu um espasmo no peito do pai, como se o pedido o tivesse magoado de alguma forma. Mas ele respondeu:

— Claro. Vá pegá-lo. Está na mesa de centro.

Ela entrou na casa e trouxe o antigo exemplar encadernado em couro de *Moby Dick*. O pai colocou os óculos de leitura e abriu o livro no ponto onde eles pararam há muito tempo. Não era a primeira vez que liam o livro. Eles conheciam a história de cor, mas não era por isso que os dois voltavam a ela. Era algo que os ligava, e Dana às vezes se perguntava se o livro era tanto uma linha condutora da vida do pai quanto era para ela. Havia uma tristeza a respeito do pai que Dana nunca entendeu, e ela suspeitava que sua frieza era tanto um mecanismo de defesa, quanto fazia parte de ser um militar de carreira. Dana tinha certeza de que um coração batia dentro daquele peitoral de urso.

Ela queria descobrir alguma maneira de libertá-lo de verdade. Imaginou se o pai era diferente em alto mar. Gostava de pensar que ele ansiava por navegar pelas ondas, perseguindo baleias e se guiando pelas estrelas — e que sua aspereza vinha de estar preso no solo, e não por estar preso em terra firme com a família. Mas Dana nunca perguntou, porque talvez descobrisse a verdade, e aquilo a magoaria demais, porque às vezes a verdade não é libertadora.

Eles leram o livro e os grilos cantaram um para o outro na grama e, por enquanto, pelo menos, as sombras se mantiveram longe.

# CAPÍTULO 57

Craiger, Maryland

23h03

O anjo pensou no agente Gerlach e em seus senhores no Sindicato. Pensou no que queriam dele, no que precisavam dele e no que pensavam sobre ele.

Eles achavam que o anjo era um louco, que estava fora de controle e se tornando um perigo para seus planos. Eles trabalhavam para salvar o mundo. Alguns deles realmente acreditavam naquilo. Gerlach parecia acreditar. Mas eles estavam abordando a questão da maneira errada. A Iniciativa Craiger era boa e até poderia lhes dar a arma que eles precisavam.

Talvez, mas o anjo não acreditava naquilo. Ah, ele acreditava que o que estava fazendo para o Sindicato criaria armas, até mesmo armas incrivelmente poderosas, mas o inimigo que todos enfrentavam era muito mais poderoso. Nenhum exército de crianças médiuns teria chance de se opor a ele. Não, o anjo acreditava que o Sindicato perderia o planeta inteiro.

Ele, por outro lado, não perderia. O anjo tinha uma ideia diferente de como lutar contra o futuro.

Com os anjos vigilantes e seus filhos, os nefilins.

Que chance teria qualquer frota de invasores de vencer uma horda de anjos e gigantes?

Ele tentou explicar aquilo para Gerlach, mas a conversa não foi a lugar algum. O anjo percebeu a dúvida, o deboche e o medo nos olhos do agente.

O anjo sentia pena dele.

Sentia pena de todos que fracassavam na fé. Quando o quadro na parede estivesse completo, quando mudasse de sangue, cabelo, gordura e suor para um portal, então os infiéis queimariam no mesmo fogo que os inimigos deste mundo.

# CAPÍTULO 58

Residência dos Scully

23h43

A casa estava em silêncio e até os grilos lá fora pararam de cantar.

Dormir parecia impossível. Dana acendeu o incenso especial que Luz do Sol lhe dera e tentou meditar, mas não conseguiu. Tentou ioga e também não conseguiu. Finalmente, foi para a cama e ficou deitada olhando para o teto, tentando forçar o cérebro a mudar de reação emocional para análise lógica. Havia uma frase de uma história de Sherlock Holmes que ela leu uma vez e que realmente parecia servir para a situação, e Dana falou em voz alta para que o som das palavras reforçasse a verdade da observação. Era do curto romance *O signo dos quatro*.

— Quando se elimina o impossível, o que restar, por mais improvável, deve ser a verdade.

“Certamente”, pensou ela. “Mas o que é a verdade?”

Dana tentou recapitular os fatos, atualizando um arquivo mental tão imparcial e preciso quanto os autos do tio Frank.

Ponto Um: Houve seis mortes de adolescentes em Craiger, Maryland.

Ponto Dois: Todas aquelas mortes *aparentavam* ter acontecido por causa de acidentes de carro.

Ponto Três: Nenhuma das vítimas bebeu.

Ponto Quatro: Cinco delas tinham algo no sangue chamado receptores agonistas 5-HT<sub>2A</sub>. Uma vez que o tio Frank ainda não tinha os resultados toxicológicos de Todd Harris, Dana não sabia se ele também possuía aquela substância no sangue, mas era provável.

Ponto Cinco: Ela estava sonhando com a morte de Maisie Bell. Será que Dana era mesmo alguma espécie de médium sensível como Corinda e Luz do Sol pareciam pensar que era? Em caso positivo, por que ela?

Ponto Seis: Corinda e Luz do Sol disseram que seus “dons” podiam ser calibrados. Será que era verdade? Em caso positivo, era uma coisa boa ou ruim para ela? Será que Dana poderia viver com mais visões ainda na cabeça? Ela duvidava. Só a ideia já dava vontade de vomitar.

Ponto Sete: Tanto Luz do Sol quanto Corinda disseram que o assassino estava projetando a imagem de um anjo negro para



esconder sua verdadeira identidade, de alguma forma. Então quem era ele?

Ponto Oito: Maisie falou algo a respeito de uma Idade Vermelha. O que era uma Idade Vermelha? Será que ela estava envolvida com algum culto religioso? Os ferimentos pareciam berrar que isso era verdade, mas como descobrir com certeza?

Ponto Nove: O anjo era homem.

Dana pensou a respeito disso. Ele era homem em seus sonhos e era homem nos trechos das visões que Corinda e Luz do Sol vislumbraram. Será que isso significava que ele realmente *era* homem? Ou Dana estava impondo esta condição ao anjo por causa do grau de violência? Será que uma mulher poderia ter cometido esses crimes? Talvez. Uma mulher forte. Por outro lado, será que o anjo podia ser "vários" em vez de "um só"? Será que haveria mais de uma pessoa fazendo isso? Não separadamente, mas trabalhando juntos. Não era impossível. Afinal de contas, certa vez Dana viu um documentário sobre dois caras que trabalharam juntos para cometer assassinatos nos anos 1920. Leopold e Loeb. Aquele mesmo programa falou sobre outras duplas de assassinos. Ela procurou se lembrar dos nomes. Ian Brady e Myra Hindley, assassinos de crianças da Inglaterra na década de 1960. E Charles Starkweather e Caril Ann Fugate, que provocaram uma onda de mortes nos anos 1950. Então, claro, era possível. Ela acreditava que era isso que estava acontecendo ali? Talvez, mas o argumento era de pura praticidade. Providenciar os acidentes de carro e garantir que os ferimentos das vítimas combinassem com o acidente parecia uma coisa que exigiria planejamento, força física e esforço. Será que uma única pessoa conseguiria fazer isso sem parar? Especialmente durante um período de tempo tão curto? Dana achou difícil de acreditar.

Ponto Dez: Corinda disse que o assassino era alguém que Dana conhecia. O que aquilo significava? Será que era alguém que ela conheceu casualmente? Alguém do colégio? Alguém de algum outro lugar ali em Craiger? Desde que se mudou para lá, ela conheceu um monte de gente, do carteiro aos professores do colégio, mas será que algum deles dava a impressão de ser um psicopata assassino?

“Não”, pensou Dana. “Nenhum.”

Ela continuou listando pontos, mas logo descobriu que estavam ficando ralos, com Dana forçando lógica sobre pura suposição — uma coisa que seu pai disse certa vez ser uma maneira ruim de organizar o raciocínio estratégico.

Então, sem mais fatos a considerar, ela fez algumas perguntas a si mesma, embora soubesse que elas não tinham respostas ainda. Mas fazer as perguntas era importante; era o que o instinto lhe dizia. Aquelas perguntas lhe dariam uma direção, lhe dariam concentração.

Pergunta: Por que alguém ia querer matá-los?

Pergunta: O que as vítimas tinham em comum além de serem adolescentes ali em Craiger?

Pergunta: Será que tudo aquilo era sobre drogas?

Pergunta: Se aquilo era um culto, será que era um culto religioso? (Será que a Idade Vermelha era alguma espécie de referência religiosa? Ao crucifixo ou ao sangue dos mártires?)

Pergunta: Quem era o anjo?

O incenso era tão calmante quanto Luz do Sol prometera. Reconfortante, fez com que Dana se sentisse segura e grogue. Ela ficou à beira do sono.

Pergunta: Estou apenas enlouquecendo?

— Não — disse ela em voz alta para que aquilo também fosse real. — Não, não estou imaginando. Isso está acontecendo. Isso é real. A verdade está lá fora. Eu vou encontrá-la.

Dana acreditava naquilo, mas ao mesmo tempo sabia que tinha que tomar uma decisão sobre como reagir e em que acreditar. O lance psíquico era assustador, esquisito e confuso, e talvez fosse verdade. Ela com certeza não poderia desconsiderá-lo prontamente, porque muitas das coisas de suas visões apareceram nos autos. Então, ok, percepção extrassensorial era verdadeira.

— E daí? — perguntou Dana para a noite.

Não havia para onde ir com aquelas coisas. Ela não podia provar nada do que viu.

Dana pensou sobre aquilo por muito tempo. Não queria ser a garota que tinha visões. Nem pensar. Nem agora, nem nunca. Nada

que fosse tão assustador e perturbador quanto aquelas visões podia ser bom para ela.

Que outra opção sobrava então?

Ethan. Com ele, tudo se resume à ciência. Coletar provas concretas e analisá-las. Será que esse era o caminho dela?

Talvez. Mas não exatamente.

Era mais próximo, porém. Dava a impressão de ser um lugar mais seguro de se ficar.

Muito mais seguro.

Ela se levantou e saiu de mansinho para o corredor, prestou atenção em potenciais ruídos, mas não ouviu nada. Então pegou o receptor do telefone e ligou para o número de Ethan. O telefone chamou oito vezes até ele atender, e ficou claro que ela o havia tirado do sono profundo.

— Alô...?

— Sou eu — disse Dana, mantendo a voz baixa.

— Você está bem? — perguntou Ethan, e o sono desapareceu de sua voz.

— Sim — respondeu ela rapidamente. — Escute... eu quero ver o Luz do Sol e a Corinda em algum momento amanhã. Você pode ir comigo?

Ele levou um longo tempo para responder.

— É isso mesmo que você quer?

— Sim — disse Dana.

— Então ok.

— Obrigada — disse. — De verdade... obrigada. Sei que não acha que isso vai ajudar, mas eu realmente queria você presente. É pedir muito?

— Dana... Olha, você pode pedir qualquer coisa e eu vou fazer. — Ethan fez uma pausa. — E espero que isso não soe brega.

— Não — disse Dana. — É bacana.

A casa rangeu como se estivesse se mexendo durante o sono.

— Eu te vejo amanhã — falou ela.

— Ok — respondeu Ethan. — Bons sonhos.

Foi a coisa mais doce que ele poderia ter dito, e a menina se agarrou àquilo como um talismã. Dana levou as palavras para a

cama consigo e se deitou com elas, sorrindo ali, à beira do sono. A seguir, juntou as mãos e fez uma rápida prece. Pediu por orientação. Pediu por proteção. E quando os olhos se fecharam, ela caiu da beirada para dentro do poço do sono.

# CAPÍTULO 59

A Sala de Observação

23h57

— ... *A verdade está lá fora. Eu vou encontrá-la.*

O agente Gerlach estava sentado ao lado de Danny, olhando a filha de Scully no monitor. Ele estendeu a mão, tocou no botão de *rewind*, parou e apertou o botão de *play*.

— *A verdade está lá fora. Eu vou encontrá-la.*

Danny lhe deu um olhar nervoso.

— É — disse Gerlach respondendo à pergunta não verbalizada. — Isso vai ser um problema para nós.

# CAPÍTULO 60

Residência dos Scully

5 de abril, 01h22

Dana sentiu uma presença no quarto com ela, e aquilo a tirou de um sonho profundo, no qual se encontrava em uma pequena ilha com um homem que não conhecia, cercada por bruma e escuridão. Em algum ponto das trevas, algo grande, pesado e fora do normal se movia nas águas.

E aí Dana acordou, se sentou de supetão, foi puxada de volta ao mundo, ao presente e à escuridão do quarto. Um raio caiu lá fora e revelou uma figura parada ao pé da cama. As sombras dos galhos de árvore lá fora pintaram a figura com linhas irregulares e nítidas em preto e branco. Dana se encolheu, um grito surgiu nos lábios, mas ela o segurou, o conteve e o prendeu dentro de si.

Quando ela falou, saiu um sussuro.

— Vovó...?

A avó estava parada ali, vestida em uma camisola clara, com o cabelo grisalho solto, e olhos completamente pretos na pouca luminosidade.

— O anjo está procurando por você — disse a avó.

— O quê?

— Todos os pensamentos dele estão voltados para você — falou a avó. — A mente dele é uma fornalha.

— Vó, como você sabe disso?

Os raios caíram duas vezes, mas não houve um trovão acompanhando-os. O mundo estava estranhamente silencioso.

— Preste atenção, garota — disse a avó. — Há teias e teias, camadas sobre camadas, e você precisa ter muito cuidado. Continue procurando, mas saiba que a verdade também está ao seu redor... Você tem que se virar e olhar em volta. A verdade pode estar parada atrás de você.

— Eu não compreendo.

Houve outro raio, desta vez acompanhado pela explosão monstruosa de um trovão que sacudiu o mundo e fez Dana gritar. Foi tão alto, tão claro, que ela virou o rosto e cobriu a cabeça com os braços.

Quando Dana olhou de novo, a avó havia sumido. O quarto estava vazio, a porta, fechada e trancada. Do lado de fora, as nuvens



tempestuosas diminuíram e se abriram, e a lua brilhava límpida entre as árvores de abril.

# CAPÍTULO 61

A Sala de Observação

02h08

— Agente Gerlach! — berrou Danny.

O medo na voz do jovem tirou Gerlach de um cochilo. Ele acordou com um espasmo e se levantou correndo de onde estava esparramado, um sofá puído.

— O que aconteceu?

— Acho que estamos encrencados. — Danny apontou para uma das telas.

Na tela de número 11, uma menina magra, de pele olivácea, estava se debatendo na cama com tamanha violência que eles ouviram as molas do colchão estalando como se fossem cordas de uma guitarra a todo volume. A cama inteira estava quicando, erguendo as pernas da frente e de trás como se mãos fortes levantassem e esmagassem o móvel de volta para o chão. Gerlach ouviu as batidas de punhos cerrados e os gritos desesperados dos pais da garota, mas a cômoda deslizou pelo piso e se imprensou contra a porta, imóvel. O abajur da mesinha de cabeceira piscava como se fosse uma luz estroboscópica, e vapor saía da boca aberta da garota, que gritava.

— O que ele está *fazendo* com ela? — Danny exigiu saber.

Gerlach secou o suor frio do rosto.

— Aumentando a amplificação — respondeu ele, repetindo a ordem do Primeiro Ancião.

— Ele vai matá-la.

Gerlach não disse nada.

De repente, a garota foi arremessada da cama com uma força incrível. Ela caiu no chão e se contorceu como um verme no asfalto quente de verão. Depois ficou de pé de supetão, se agachou como um animal selvagem, com um olhar ensandecido e feroz ao olhar em volta, claramente não reconhecendo nada. Então, com o uivo de um cão selvagem, a garota correu para a janela, irrompeu pelas cortinas e pelo vidro, e sumiu noite adentro. Após um momento estarrecedor, houve um barulho suave e horrível do corpo batendo no jardim dois andares abaixo.

— Au... cruces — disse Danny. — Ela parece bem mal.

Gerlach praguejou baixinho e a seguir pegou o telefone, discou um número e esperou chamar três vezes.

— Xerife — disse —, você vai receber uma ligação de emergência em alguns minutos. Não, ninguém morreu desta vez. Vai ser um caso de alguns ossos quebrados e talvez um traumatismo craniano. Maria Sanchez, de 11 anos de idade. Ela vai se comportar de maneira irracional. É melhor colocar no caso um agente que saiba ficar de boca fechada. Um especialista estará no hospital dentro de quatro horas. Eu estarei com toda a papelada pronta. Eu preciso que você garanta que ele seja bem recebido e que ninguém o atrapalhe. O especialista supervisionará o tratamento dela. Isso mesmo. Obrigado, xerife. Como sempre, pode esperar por um envelope no porta-luvas do seu carro.

Gerlach pousou o telefone e soltou um longo suspiro de cansaço. Danny lhe deu um sorriso esperançoso.

— Ei — disse o agente mais jovem —, pelo menos ele não matou essa aqui.

Gerlach desembulhou um pacote de chicletes.

— O dia é uma criança, garoto.

# CAPÍTULO 62

Colégio Regional Francis Scott Key

12h18

As aulas do dia seguinte passaram se arrastando, indistintas. Dana tinha certeza de que não aprendera nada. Ela foi chamada pela enfermeira no intervalo para fazer o teste. O rosto da mulher ficou impassível enquanto amarrou um torniquete de borracha em volta do braço de Dana, passou o algodão com álcool, enfiou a agulha e coletou um frasco de sangue. Cinco voluntárias trabalhavam como enfermeiras com ela. Seis estudantes de cada vez. Enxague, repita. E tudo aquilo sob um silêncio assustador. Ao sair de lá, Dana procurou por Ethan e finalmente o encontrou no refeitório com o restante do clube de ciências. Os dois contaram para os demais os últimos acontecimentos.

Quando terminaram, Tisa Johnson girou sua cabeça de louva-a-deus para Ethan e Dana, depois voltou à posição normal e disse:

— Eu andei lendo sobre percepção extrassensorial. Os soviéticos andavam fazendo muita pesquisa sobre espiões médiuns. Minha tia Sallie trabalha para o governo. Alguma coisa no Departamento de Defesa, e nós vamos visitá-la no sábado. Vou ver o que ela sabe.

Os outros disseram que também estavam pesquisando o assunto, mas nenhum deles tinha nada específico.

— Nós vamos nos encontrar com os médiuns da Além do Além — disse Ethan.

Tisa concordou com a cabeça, mas Sylvia revirou os olhos.

— Existe a pesquisa de verdade e existem devaneios.

— É o que temos — falou Ethan. — Além disso, Dana diz que eles são bem inteligentes.

— Vale a tentativa — disse Jerry, piscando os grandes olhos de sapo.

Então ela e Ethan se viram na mesa cativa de Dana na Além do Além, meia hora depois da última aula. Luz do Sol estava sentado diante dos dois, mexendo o chá, de olhos semicerrados e lábios franzidos, sem dizer nada. Ele escutou tudo o que Dana e Ethan tinham para dizer, interrompeu às vezes para fazer algumas perguntas esclarecedoras, e depois ficou em um silêncio longo e pensativo.

Ethan parecia uma estátua de pedra ao lado de Dana, mas ela não conseguiu evitar se remexer de nervoso. Em volta deles, o

movimento normal da loja continuava, como se o mundo não tivesse ficado mais sombrio e estranho. Atrás da divisã, Dana ouviu Corinda recebendo o pagamento dos clientes do café, conversando com eles, às vezes rindo. Como se a vida fosse normal. Dana estendeu a mão por debaixo da mesa, pegou a mão de Ethan e a apertou, tanto dando apoio, quanto se segurando com todas as forças.

Finalmente, Luz do Sol se recostou e entrelaçou os dedos sobre o tampo da mesa.

— Isso é ruim.

Dana e Ethan não falaram nada.

— Eu tive vislumbres disso ontem, Dana — continuou Luz do Sol.

— E entendo o motivo pelo qual você bolou esta teoria.

— Não é apenas uma teoria — ela começou a dizer, mas Luz do Sol ergueu um dedo para silenciá-la.

— Ah, eu acredito em você — disse ele. — Tudo se encaixa. Por mais horrível e bizarro que seja, tudo se encaixa.

— Eu não sei se fico aliviada ou choro — admitiu Dana.

— O que você deveria fazer — disse Luz do Sol — é tomar muito, muito cuidado, porque eu acredito que esse caso é maior do que você pensa.

— O quê? — perguntou Ethan. — Maior do que seis adolescentes serem mortos por alguma espécie de psicopata religioso?

— Sim. — Luz do Sol olhou ao redor e baixou o tom de voz. — Se esses assassinatos foram tão bem orquestrados assim, então qual é a probabilidade de o anjo estar agindo sozinho?

— Foi o que pensei — falou Dana. — Talvez haja dois deles. Como Leopold e Loeb.

— Tudo é possível — disse Luz do Sol. — Também pode ser uma única pessoa extraordinária e algumas menos importantes como ajudantes.

— Como ajudantes? — perguntou Ethan. — Quem faria isso?

— Uma pessoa carismática pode exercer controle sobre outras. Pergunte ao Charles Manson. E eu não ficarei nada surpreso ao descobrir que é isso o que temos aqui.

Ethan pareceu não estar convencido.

— Isto é um palpite ou essa teoria lhe ocorreu em alguma espécie de visão?

— *Ethan* — disse Dana baixinho.

Luz do Sol sorriu e dispensou o comentário com um gesto.

— Tudo bem se você não acreditar. Eu venho lidando com esse tipo de reação a minha vida inteira. Pessoas que não possuem qualidades psíquicas consideram muito difícil aceitar que essas qualidades existam em alguém. É compreensível. Há o medo, é claro, e uma ausência de compreensão. Há algum ciúme também. Não apenas em você, Ethan, mas em qualquer um que esteja do lado de fora da experiência psíquica. É uma reação natural. No entanto, deixe-me perguntar uma coisa para você: quando Dana lhe disse que viu Maisie Bell no vestiário da escola, você acreditou?

Dana se virou para observar o rosto de Ethan e viu uma sucessão de expressões diferentes ir e vir. Os olhos dele se encontraram rapidamente com os dela, depois fugiram. Aquilo a magoou, porque Dana viu a dúvida, viu a luta dele para acreditar e compreendeu como tudo aquilo ia contra a ciência pura que ele amava tanto. Ela continuou segurando a mão de Ethan, mas agora os dedos do garoto estavam gelados.

Finalmente, respondeu:

— Eu quero acreditar.

Foi exatamente o que Dana disse para a irmã há alguns dias. *Eu quero acreditar*. Aquilo tirou um pouco da dor daquele momento, mas era muito, muito longe de dizer *eu acredito*.

— Já é alguma coisa — disse Luz do Sol, tentando salvar o momento. — É um sinal de uma mente aberta e, talvez, de um coração aberto.

Ethan pigarreou.

— Eu não acredito em muita coisa — revelou ele. — Tudo isso se resume a alguém tentando imitar assassinatos religiosos, mas eu não acredito em Deus ou qualquer coisa assim.

— Eu poderia dizer algo batido como “Deus não precisa que você acredite” — disse Luz do Sol —, mas isso não vem ao caso. Alguém *está* fazendo isso, e essa pessoa *acredita*. Isso não muda nosso ponto de vista, nem nos impede de tentar uma reação apropriada.



Ethan pensou a respeito e concordou com a cabeça.

— Eu nem acredito em tudo isso — admitiu Dana. — Sempre tive que lutar contra essas coisas. Quero dizer, eu vou à igreja e acredito em Deus, mas tem um monte de coisas nas quais não sei se acredito. E tem coisas nas quais não tenho certeza se *consigo* acreditar, e um bando de coisas nas quais não quero acreditar.

— Isso é sinal de uma mente saudável e de um intelecto ainda mais saudável, Dana — disse Luz do Sol. — E é parte de sua evolução pessoal, sua transição para um estado superior de compreensão. Só agora você está tendo vislumbres do que se tornará.

Ethan baixou os olhos para o copo de refrigerante e não fez comentários.

— O que a gente faz agora? — perguntou Dana.

— Não — falou Luz do Sol. — Antes de falarmos sobre isso, temos que voltar ao que eu comecei a falar. Sobre tomar cuidado.

— Nós estamos tomando cuidado.

— Não — disse ele —, não estão. Você está olhando para as próprias visões como se fossem imagens em uma tela de TV. Não é assim que funciona. Talvez quando se tem visões de pessoas comuns, mas não quando se trava um contato profundo com outro médium.

— Como assim?

— Você já ouviu falar do filósofo alemão Friedrich Nietzsche?

— Já ouvi falar — respondeu ela.

— Ele é frequentemente citado por escritores, políticos e outros. Uma citação dele se aplica muito bem às suas visões e deveria funcionar como um alerta rigoroso para você. Para qualquer um com qualidades psíquicas. Ele diz: “Quando você olha para um abismo durante muito tempo, o abismo também olha para você.” Você compreende o que isso significa?

Dana sentiu o rosto gelar.

— Meu Deus...

— Espere, o que isso significa? — exigiu saber Ethan.

— Significa, rapaz — disse Luz do Sol — que assim como Dana veio a conhecer e a compreender o anjo, da mesma maneira o anjo

vem aprendendo sobre ela.

— Ah, não — arfou Dana.

— Ah, sim. E como está muito claro para mim que o anjo é um médium bem mais poderoso, é muito provável que ele saiba muito sobre você, Dana. E talvez sobre você também, Ethan. O anjo provavelmente sabe quem vocês são, seus nomes, onde estudam, e possivelmente até mesmo onde moram. Eu não ficaria nada surpreso se ele já não estivesse planejando como ir atrás de vocês. E não se enganem; o anjo *irá* atrás de vocês, porque agora vocês são um perigo claro para ele.

A loja inteira pareceu sustentar um silêncio esmagador. Tudo que Dana conseguia ouvir eram as salvas de artilharia dos próprios batimentos cardíacos.

No entanto, Luz do Sol ainda sorria.

— Agora que eu assustei vocês dois para valer — disse —, deixem-me dizer como podemos dar um jeito nisso.

— Mas é possível dar um jeito? — perguntou Ethan, com a voz rouca e baixa. — Já não é tarde demais?

— Há outra expressão que eu, particularmente, gosto muito — respondeu Luz do Sol. — “Onde há vida, há esperança.”

— O que podemos fazer? — implorou Dana.

— Vocês? Por enquanto, nada. Vão para casa, fiquem em casa. Não falem com ninguém a respeito disso. Quanto a mim, sou bem conhecido em Craiger. Apareci na TV e em programas de entrevistas. Todo mundo sabe o que sou, ou pelo menos eles pensam que sabem. Sabem o suficiente para aceitar que sou um médium bem conhecido. — Luz do Sol deu de ombros. — Até ajudei o departamento de polícia uma ou duas vezes em casos de pessoas desaparecidas. Em cada caso, os corpos das crianças que sumiram foram encontrados. As famílias puderam ter um pouco de paz. Digo isso porque significa que tenho certo relacionamento com o departamento de polícia municipal e estadual. Talvez possa ter uma conversa discreta com eles a respeito do caso.

— Você faria isso?

Luz do Sol se recostou e franziu os lábios.

— Eu preciso pensar em qual é a melhor maneira de falar com a polícia. Tem que ser feito de tal forma que mantenha vocês dois completamente fora do caso.

Ethan concordou com a cabeça.

— Ah, por favor — disse Dana.

— Por enquanto, porém — falou Luz do Sol —, vocês dois precisam parar de investigar isso. Chega de fuçar os autos do tio Frank. Chega de falar sobre o caso com qualquer pessoa. Dana, se você tiver outra visão, venha me contar. Quero vocês dois fora disso.

— E quanto ao anjo? — perguntou Ethan. — Se você estiver certo e ele souber a respeito dela, como a gente vai manter a Dana a salvo?

Luz do Sol concordou com a cabeça.

— Essa é uma boa pergunta. Dana, você precisa começar a tomar mais cuidado. Chega de voltar para casa andando sozinha à noite. Chega de aulas de jiu-jítsu. Chega de visitas aqui que terminem tarde. Não saia depois de escurecer de maneira alguma. Não sozinha. Consegue fazer isso?

Sem querer, Dana olhou rápido para Ethan.

— Eu...

— Dana? — disse Luz do Sol em tom de alerta. — Você é uma garota inteligente. *Seja* inteligente. E Ethan, seja um cavalheiro. Se Dana quiser te ver, então visite-a na casa dela. Jamais deixe que ela volte para casa andando no escuro novamente.

Ethan ficou pálido.

— Sim, senhor.

Luz do Sol acenou com a cabeça e estendeu uma mão para cada um. Eles hesitaram, depois pegaram nas mãos de Luz do Sol. A pele do médium era muito quente.

— Nós vamos sobreviver — disse Luz do Sol. — Eu prometo. Deixem que cuida de tudo.

Uma sombra caiu sobre a mesa, e Corinda estava ali.

— Ah, ei! Não vi todos vocês aqui. Estive tão ocupada que vocês passaram direto por mim. Está tudo bem, Dana?

— Sim — respondeu Dana, apertando a mão de Luz do Sol pela última vez. — Talvez esteja.

# PARTE TRÊS

## A IDADE VERMELHA

A perfídia dos demônios não é nada comparada à traição de um anjo.

— Brenna Yovanoff

# CAPÍTULO 63

Craiger, Maryland

17h11

Ethan e Dana estavam na rua, de mãos dadas, ambos tremendo. Eles pareciam vibrar em cem frequências diferentes.

— Aquilo foi... — começou Ethan, mas ele fez uma pausa, sem saber como terminar.

— Esquisito? — sugeriu Dana.

— Mais do que isso. Diferente, estranho, assustador, bizarro. Talvez eu fique sem adjetivos.

— O Luz do Sol é um pouco difícil de absorver — disse ela.

— Um pouco? — Ethan balançou a cabeça. — O plano dele é uma loucura. Mal posso esperar para contar para a galera do clube de ciências sobre isso.

— Você está debochando do Luz do Sol?

— Não. É só que, se todo esse lance *new age* for real, então tem que fazer parte da ciência. A Tisa, o Jerry e a Sylvia parecem achar que há um fundo de verdade na percepção extrassensorial e em tudo isso. Tenho que admitir que ainda não sei qual é a minha opinião. Eu confio em você, Dana, mas isso ainda é difícil para a minha mente aceitar. Quero conversar mais com o pessoal do clube de ciências. Talvez a gente consiga descobrir uma forma de amarrar tudo isso em algo que a gente possa... sei lá... medir? Estudar? Entender?

Dana não disse nada por um minuto.

— De qualquer forma — admitiu —, eu me sinto melhor tendo o Luz do Sol do nosso lado.

Ethan concordou com a cabeça.

— Toda ajuda possível é bem-vinda.

Os dois começaram a andar. Ele morava mais perto da rua principal, e a casa dela ficava a mais ou menos um quilômetro em linha reta depois da residência de Ethan, e a dois quarteirões para o lado. O sol caía para o oeste e parecia arrastar o calor do dia com ele. O vento tinha cheiro de maresia. As árvores em ambos os lados da rua estavam cheias de pássaros barulhentos. Corvos e iráunas pareciam dominar a chilrada, com suas asas negras reluzentes e os olhos pretos sempre alertas e vigilantes.

— Então, o que faremos agora? — perguntou Ethan, depois de andarem por alguns quarteirões. — Vamos apenas fingir que não

estamos envolvidos de forma alguma?

— Foi o que o Luz do Sol disse.

— Será que podemos?

— Será que não podemos? — contra-argumentou Dana.

Ethan fez uma careta.

— Não, eu quis dizer *como* nós podemos? Somos parte disso. É nosso.

Ela parou e o encarou.

— A questão não é colher os louros, Ethan.

— Eu não quis dizer isso.

— Então o que você quis dizer?

Ele levou tempo demais para responder, e Dana ficou boquiaberta.

— Você está falando sério? Você *quer* colher os louros por desvendar o caso? — exigiu saber. — É isso, não é? Tudo se resume a você querer ser um cientista forense. Você quer resolver o grande caso.

— Não — respondeu Ethan, mas não houve ênfase suficiente na voz. — Nós resolvemos isso juntos.

— “Nós”? — disparou Dana. — Que eu me lembre, foi a *minha* teoria sobre o lance religioso que nos ajudou a resolver tudo.

Ethan fechou a cara.

— Então, é *você* quem quer colher os louros. Você não pode ser arrogante comigo e dizer que tudo se resume à minha vontade de ser um cientista forense quando está agindo como se fosse a grande detetive, descobrindo tudo.

— Eu *descobri* tudo — berrou ela.

— Só porque eu te mostrei os autos, Dana. Não vamos esquecer que eu corri um baita de um risco com isso.

— Como se eu não corresse riscos toda vez que fecho os olhos — disse Dana. — Como se eu não corresse riscos ao sair pela porta de manhã.

— Eu nunca disse que você não corria riscos.

— Ah — falou ela —, mas você está correndo o maior de todos, é isso?

— Eu também não disse isso — reclamou Ethan, alterando a voz para o mesmo tom dela. Das árvores, os pássaros ralharam com os

dois, mas nenhum deles notou ou se importou. — Eu só quero saber por que a gente tem que ser deixado completamente de fora do caso.

— Porque a gente ficaria de castigo até termos oitenta anos — disparou Dana. — Você mesmo falou. Além disso, você acha que alguém, em algum momento, confiaria em você para ficar com provas, se foi o cara que roubou os autos do próprio tio?

— Ei, eu não roubei nada. Deixei tudo no lugar, exatamente como encontrei.

— Como se fosse fazer diferença ao se candidatar a um emprego.

— E imagino que seu pai não vai te deixar de castigo? — questionou Ethan. — Pelo que ouvi, ele é bem severo.

— Não ouse falar do meu pai.

— Só estou dizendo...

— Não. Você não fala dele. Nem de ninguém na minha família. Você não conhece meu pai, minha família ou qualquer coisa do gênero.

— Dana — disse Ethan, tentando recuar daquele momento —, eu não quis dizer nada.

Ela deu meia-volta e foi embora pisando firme.

— Opa! — berrou Ethan, e foi atrás de Dana. — Você não deve ir a lugar algum sozinha.

Quando ele a alcançou, Dana virou para o garoto e meteu o indicador com força no peito dele.

— Chega! Eu não preciso de você para me proteger, Ethan. Posso cuidar muitíssimo bem de mim mesma, muito obrigada.

— Você é só uma garota e... — começou ele, mas depois engoliu o resto.

Dana se colocou cara a cara com Ethan, no máximo que a altura dela o permitiu. Ela o encarou com a expressão furiosa.

— Eu sou só uma garota e *o quê?*

— Não... não — gaguejou ele. — Eu não quis dizer...

— Sim, você quis — reclamou Dana, dando um passo para trás, e foi como se desse um passo para um abismo. — Sim, você quis — repetiu.

Ela deu meia-volta e foi embora.



# CAPÍTULO 64

Colégio Regional Francis Scott Key

17h32

O caminho de Dana a faz passar pelo colégio.

Estava silencioso ali, as janelas às escuras, o estacionamento vazio, tudo banhado no brilho laranja dos postes de luz de vapor de sódio. Dana passou pelo prédio, depois parou e foi para a lateral da construção, onde havia arquibancadas acima do campo de futebol. Ela subiu até a quinta fileira, que foi exatamente até onde teve energia para subir, e depois se sentou com força e olhou para o nada.

Dana queria gritar. Provavelmente se sentiria bem, mas não havia um lugar em uma cidade tão pequena assim onde alguém pudesse simplesmente extravasar. Ela estava assustada e furiosa demais para chorar. Então, ficou sentada com o maxilar trincado e os punhos cerrados.

Tudo na vida de Dana parecia estranho, complicado e explosivo, e agora ainda tinha aquela confusão com Ethan. Aquilo realmente a magoou, porque ela gostava mesmo dele, e agora Ethan fazia aquilo. Ele mostrou que não era diferente de qualquer outro garoto, de qualquer outro homem. Dana era uma garota, e aquilo significava que ela era inferior. Foi o que Ethan tentou não dizer, mas foi o que saiu. O mundo não foi feito para garotas ou mulheres. Foi feito por homens que não queriam compartilhar nada. Nem o poder, nem o dinheiro, nem as vantagens, nada. Aquilo a deixou furiosa. Afinal de contas, era 1979. Tudo isso já não deveria ter sido resolvido àquela altura?

— *¿Qué pasa, mai?*

Dana tirou o rosto das mãos e baixou o olhar para ver Angelo parado na base da arquibancada. Ele estava vestido com o uniforme de zelador, com um trapo azul amarrado na testa.

— Vá embora — disse ela.

— Não — falou ele —, acho que não.

— Olha, eu só quero ficar sozinha, ok?

— Ok — respondeu Angelo, mas não se moveu.

— Você me ouviu?

— Claro — disse ele —, eu ouvi. Mas você está sentada sozinha no escuro, com cara de quem quer estrangular alguém.

— Não é da sua conta.

Angelo colocou o pé no primeiro banco da arquibancada e apoiou os braços cruzados no joelho, olhando para ela. Os antebraços e as mãos eram bem bronzeados, a não ser por algumas cicatrizes cor-de-rosa e uma faixa mais branca onde ele geralmente usava um relógio de pulso.

— Talvez não, *chica*, mas estou aqui mesmo assim. Assim como você. Se algo está errado, talvez eu possa ajudar.

— Não pode.

Angelo sorriu.

— Como você sabe? Sou um bom ouvinte.

— Você é um homem — falou Dana.

— Desde a última vez que eu vi, *sí*.

— Então não, obrigada.

— Ah — disse ele, endireitando o corpo e subindo os degraus.

Quando Dana ficou tensa, Angelo mudou de rumo para se sentar bem longe dela.

— Não estou tentando criar problemas, *chica*. Eu te vejo sempre na Além do Além. Você anda falando muito com *La Bruja*.

— Quem?

— Corinda. A bruxa.

— Ela não é uma bruxa.

— Eu sei, eu sei. Ela é uma médium. Eu trabalho lá. Entendo. — Mesmo assim, ele balançou a cabeça. — Ela acha que sabe de tudo, mas não sabe muita coisa. Não da forma que diz. Ela é...

— Ela é minha amiga.

Angelo respirou pelo nariz, depois exalou lentamente.

— Ok. Entendi. Guardar minhas opiniões comigo. O que eu sei, afinal de contas? Sou apenas um imigrante chicano trabalhando em dois empregos por salários de merda. Quem sou eu?

— Não diga isso.

— Isso o quê?

— Essa expressão.

— Imigrante chicano? — Angelo deu um muxoxo de desdém. — Não é a pior coisa de que já me chamaram. Todo mundo tem um termo diferente para mim. Preguiçoso, *cucaracha*, mexicano, imigrante ilegal, escolha o seu.

— Eu nunca digo nada do gênero — falou Dana.

Ele concordou com a cabeça e deu um sorriso leve.

— Você é mais educada do que a maioria.

— Eu não tenho preconceitos.

— Todo mundo tem — disse Angelo. — Nem todo mundo admite para si mesmo.

— Isso não é verdade — falou ela.

— Você me mandou vazar porque eu era homem.

— Isso é diferente — disse Dana.

— É? Por que os homens estão na sua listinha de ódio hoje?

Ela não respondeu. Um carro preto passou devagar, e ambos se voltaram para olhá-lo.

— Muitos gatunos por aí — falou Angelo.

— Quem?

— Homens — disse ele, rindo.

— Fala sério.

— Homens de preto — esclareceu Angelo. — Caras assustadores em ternos pretos dirigindo carros pretos.

— Provavelmente são agentes disfarçados da divisão de narcóticos.

— Não — falou ele. — Não são.

— Então quem são eles?

Angelo deu de ombros.

— *No lo sé*. Mas estão circulando muito por aí recentemente.

Ela limpou o nariz e amassou o lenço de papel.

— Você mudou de assunto.

Ele deu de ombros novamente.

— Não era um bom assunto. Estávamos falando de você odiar os homens, e eu sou um homem. Não vi uma maneira de sair por cima daquela conversa.

— Por que você se importa?

Angelo puxou um fio solto no joelho da calça do uniforme. Dana observou os músculos da mão e do antebraço se flexionarem embaixo da pele morena. Ela pensou sobre as cicatrizes de Angelo. Saturo tinha cicatrizes como aquelas, mas não as mesmas. E não na...

*Mão.*

De repente, Dana ouviu a voz de Corinda ecoando na mente.

*Vejo uma faca. Ela brilha como prata. Faz um clique. Não é uma... faca de caça. É menor. Algo dobrável. Eu vejo uma faca de prata em uma mão forte. Vejo cicatrizes. No nó do dedo... anelar. Na lateral da mão. Uma ferida antiga. Ele... se machucou... consertando um carro. Uma chave inglesa escapuliu. Metal afiado. No ano passado? Sim.*

— Angelo...? — disse Dana em uma voz miúda e contida.

— *Sí?*

— Essas cicatrizes na sua mão. No nó do dedo do anular. Como você ganhou essas cicatrizes?

Ele grunhiu de surpresa e olhou para a mão.

— Essas? Não são nada. Eu estava consertando o carro de um amigo no ano passado e a chave inglesa escapuliu. Cortei em algum pedaço de metal. Você não acreditaria em como esses pequenos cortes sangram horrores. Eu cortei meu braço também, viu?

Ele recolheu a manga para mostrar uma cicatriz bem mais comprida. Deve ter sido um ferimento muito feio, e a cicatriz cortava uma tatuagem pequena e redonda bem no meio.

Dana olhou espantada.

Era a tatuagem de um eclipse.

— Onde você fez isso? — perguntou ela com a voz inexpressiva.

Angelo deu uma olhadela para a tatuagem e rapidamente baixou a manga.

— Eu fiz antes do acidente na oficina. Há mais de um ano. O que isso importa?

Dana ficou de pé.

— Acabei de lembrar — disse ela. — Tenho que voltar para casa agora mesmo.

— Ei — disse ele, também se levantando. — Espere... o que foi que eu disse?

— Não. Está tudo bem — disse Dana ao erguer a mochila e segurá-la em frente ao corpo. — Eu tenho que ir neste exato momento. Meu pai está me esperando. Estou atrasada.

Ela desceu correndo os degraus, cruzou o campo e foi para a calçada, enquanto dava olhares aterrorizados para trás.

Angelo estava parado na arquibancada. Olhou para a mão e depois para ela. Será que ele franziu a testa? Ou os olhos brilharam com uma compreensão súbita? Dana não soube dizer.

Ela correu o mais rápido possível.

# CAPÍTULO 65

A Sala de Observação

17h41

— Ela sabe.

O agente Gerlach se voltou para encarar o anjo.

— Como assim ela *sabe*? Sabe o quê?

— Ela viu meu rosto — respondeu o anjo.

Os dois estavam no corredor do lado de fora da sacristia da velha igreja. Pela porta aberta, Gerlach viu o quadro estranho em que o anjo vinha trabalhando no último mês. Era nojento. Não na forma — uma vez que parecia ser uma série de manchas aleatórias que não tinham o objetivo de formar um desenho específico —, mas por causa do material utilizado. Sangue, suor, lágrimas e cabelo. Gerlach foi informado que certos tipos de indivíduos gostavam de colecionar troféus.

“Coisa doentia”, pensou. Matar era uma coisa, e talvez se divertir um pouco durante uma execução rendesse certo tipo de entretenimento. Gerlach não se permitia aquele tipo de coisa, mas entendia. Ele já havia matado pessoas antes, de maneiras que deram tipos diferentes de satisfação. Mas não daquela maneira. Aquilo passava dos limites. Aquilo era perverso.

Se dependesse de Gerlach, ele meteria duas balas atrás da cabeça do anjo e enterraria o corpo onde jamais seria encontrado. Prático e organizado.

No entanto, não dependia dele. O Primeiro Ancião e os mandachuvas no Sindicato davam as cartas e eles queriam que o anjo mostrasse resultados. Se isso significava dar alguma liberdade ao psicopata na forma como ele se divertia, não era da alçada de Gerlach puxar sua coleira.

Por outro lado, a liberdade de ação tinha que ser conquistada.

— Opa, espere aí, campeão — rosnou Gerlach. — Eu achei que você tivesse dito que eles só podiam ver seu rosto onírico. Agora você me diz que deixou que ela visse seu rosto *verdadeiro*?

A dúvida, uma coisa rara, passou pelo rosto do anjo.

O agente deu um passo na direção do assassino.

— Várias coisas podem desabar se tivermos que tirá-la de cena. Você compreende o que estou dizendo?

O anjo não disse nada.

Gerlach colocou a mão em concha no próprio ouvido.



— Foi mal, não ouvi direito.

— Eu compreendo tudo o que está acontecendo e que está prestes a acontecer — falou o anjo. — Eu compreendo o que vai acontecer quando o portal se abrir.

Gerlach passou por ele, entrou na sacristia e parou diante do quadro. Tirou alguns pedaços de chiclete de uma embalagem e mascou durante um minuto longo e silencioso. O anjo veio e ficou parado com ele.

— Você não acredita, não é? — perguntou ele para o agente.

Gerlach mascou.

— Você não sabe o que eu sou — continuou o anjo —, não é?

Sem se virar, o agente respondeu:

— Você é um monstro.

O anjo riu alto.

— Somos *todos* monstros. Você é tão demoníaco quanto eu. Talvez seja pior. Você é o verdadeiro bicho-papão.

O agente Gerlach mascou o chiclete e examinou a imagem dos anjos vigilantes, ou o que quer que aquele maluco acreditasse que fosse, e não respondeu.

# CAPÍTULO 66

Craiger, Maryland

17h45

Dana se sentiu perdida, embora estivesse andando para casa.

Não parecia que a casa lhe ofereceria algo além de um quarto para se esconder e uma porta para trancar.

Angelo.

*Angelo?*

Será que ele era o monstro?

As cicatrizes na mão de Angelo batiam com o que Corinda disse. Será que aquilo significava que ele era o anjo?

Será que ele *podia* ser um monstro?

Dana não sabia como responder àquela pergunta, então tentou catalogar o que sabia sobre Angelo. Ele possuía uma faca — isso era certo. Um canivete com uma lâmina que travava ao ser aberta e que ela viu Angelo acionar com um gesto preciso e depois usar para abrir caixas na Além do Além. Ele entendia de carros, também, e trabalhava meio período em uma oficina mecânica, consertando avarias. Avarias de *acidentes*. Também trabalhava em ambos os colégios, o que significava que podia ter conhecido todas as vítimas.

E o nome dele era Angelo.

“Anjo” em espanhol.

Tudo se encaixava.

Todas as peças do quebra-cabeças se encaixaram. Quase todas. Dana não entendia por que ele estava fazendo tudo aquilo. Não entendia por que alguém o faria. Não entendia como ele conseguia visitá-la nos sonhos. Será que ele também possuía qualidades psíquicas? Luz do Sol achava que sim. Ele disse que o anjo era poderoso.

Será que isso significava que ele tinha olhado para a mente de Dana lá atrás, nas arquibancadas? Será que sabia que ela sabia?

— Ah, meu Deus — murmurou ela e deu uma olhadela terrível para trás.

E o viu.

*Ele.*

Angelo estava um quarteirão atrás de Dana, vestido com a roupa do serviço, mas com o casaco encapuzado por cima, e o capuz puxado para tentar esconder o rosto. No entanto, ela sabia que era

ele. As mãos estavam nos bolsos. Será que estava segurando o canivete, pronto para puxá-lo? Pronto para...

— Não! — gritou Dana, e a seguir deu meia-volta e saiu correndo.

— Espere — berrou Angelo. — Eu quero falar com você.

Ela disparou. A casa ainda estava a seis longos quarteirões e mais uma esquina de distância. Parecia que eram quinze quilômetros. Longe demais. Longe demais para sempre. A mochila batia na coluna a cada passo, mas Dana não queria perder os dois segundos que levaria para arrancá-la.

Ela não conhecia ninguém naquele quarteirão, e todas as casas pareciam escuras e silenciosas. Angelo apressou o passo, de uma caminhada para uma leve corrida.

Dana correu com todas as forças. Atrás dela, Dana ouvia o *slap-slap-slap* do sapato de Angelo.

“Corre, corre, corre!”, berrou ela dentro da mente.

Os passos estavam se aproximando, mas Dana não ousou dar mais uma olhada.

Ela cortou para a esquerda pelo jardim de uma casa em formato de chalé alemão, zigzagueou em volta de um par de bicicletas caídas, pulou por cima de uma bola de futebol, virou à esquerda novamente e correu pelo beco entre aquela casa e a cerca do vizinho, virou o corpo para passar entre os balanços de um conjunto de brinquedos novos, escancarou um portãozinho, passou por ele correndo e entrou no quintal da casa, atrás da entrada de carros compartilhada. Um pequeno cachorro começou a latir furiosamente contra Dana, mas ela ignorou o animal. Então um cão bem maior, um husky, avançou contra Dana e teria lhe dado uma bela mordida se não tivesse levado um solavanco pelo fim da corrente. Os dentes se fecharam e erraram a coxa de Dana por menos de quinze centímetros. Ela saiu daquele quintal em uma velocidade ainda maior e disparou por mais dois quintais antes de entrar em outro beco para voltar à rua, e então berrou e pulou para o lado quando um carro apareceu do nada, com os pneus cantando e a buzina berrando. O motorista, um velho de camisa xadrez, meteu o pé no freio e fez o carro derrapar, soltando fumaça, a 25 centímetros de Dana. O velho colocou o corpo para fora da janela e berrou para ela.

— Socorro — implorou Dana. — Ele está atrás de mim.

O motorista estava surpreso, furioso e confuso. Ele se virou para ver para onde ela estava apontando.

A rua estava vazia.

Não havia nenhum sinal de Angelo. Nada.

— Muito engraçado — rosou o velho. — Por que você não vai para casa e cresce?

Ele engatou o carro e pisou no acelerador com tanta força que deixou um metro e meio de borracha fumegante para trás.

Dana ficou parada ali, ofegante, escorrendo suor, de olhos arregalados e com a boca abrindo e fechando, como uma truta enalhada. Ela viu um galho rachado, pendurado na parte baixa de um salgueiro a poucos metros de distância, então correu até ele, pulou, segurou e arrancou o galho. Ainda estava verde e devia ter se quebrado em uma das tempestades recentes. Dana arrancou as folhas moribundas e ergueu o pedaço de madeira. Tinha cerca de meio metro e era tão grosso e afilado quanto um taco de sinuca. A ponta quebrada era irregular, mas a madeira verde não era suficientemente afiada para usar como uma faca. Mesmo assim, ela tinha certeza de que, se Angelo viesse atrás dela, com ou sem canivete, Dana faria algum estrago. Ela já tinha usado espadas e bastões de madeira no jiu-jítsu, e ter uma arma a fez se sentir mais segura.

Apenas uns 10% mais segura, mas se isso era tudo o que o dia estava oferecendo, ela aceitaria.

Segurando firme em sua arma, Dana começou a voltar para a rua de casa. O sol estava mergulhando atrás do arvoredo naquele momento, e as sombras rolavam como uma maré escura na direção dela. Sua casa ainda estava a alguns quarteirões de distância. Dana parou na esquina e olhou para o caminho por onde veio.

— Não — disse ela em voz alta.

Talvez Angelo ouvisse. Talvez não. De uma forma ou de outra, ter dito aquilo lhe deu alguma força. Apenas um pouco, mas ela aceitou aquilo também.

Dana deu meia-volta e correu pelo meio da rua na direção de casa.

# CAPÍTULO 67

Alameda Sandpiper, 313

18h01

Só que a noite não havia terminado com Dana, ainda.

A menina ainda estava a dois quarteirões de casa quando viu uma garota cruzar a rua a cinquenta metros à frente. Ela parecia conhecida. Era bonita e magra. As argolas do brinco balançavam enquanto a garota andava, e o brilho do poste de luz reluziu no metal de um pingente pendurado em uma corrente de prata. Usava um casaco de time de colégio, mas não com o azul e branco do FSK. Dana levou um momento para reconhecer o casaco, e ao reconhecer, percebeu quem era a garota.

— Não... — sussurrou Dana ao parar. — Não... isso é impossível.

As cores no casaco eram o verde e amarelo de um colégio local após a fronteira do condado. Colégio Oak Valley. A garota que o trajava era Connie Lucas.

Dana tinha certeza daquilo, embora a única vez na vida em que vira o rosto de Connie tivesse sido em uma pilha de fotos tiradas no lugar em que ela morreu.

O medo deixou Dana paralisada, mas o nome surgiu em seus lábios como uma pergunta.

— Connie...?

A garota parou, olhou para Dana e sorriu. Foi um sorriso tão discreto, triste e ciente que magoou Dana.

Então, sem dizer uma palavra, Connie Lucas atravessou a rua até a calçada do outro lado e seguiu por um pequeno trecho de lajotas que levava à varanda de madeira de uma casa onde nenhuma luz estava acesa. Será que era a casa dela? Não, não poderia ser. Se Connie tivesse vivido ali em Craiger, teria frequentado o FSK. Ela só podia morar no outro lado da fronteira do condado. Então de quem era aquela casa? Dana não fazia ideia, mas Connie entrou sem hesitação, e foi então que Dana notou que a porta estava aberta. Ela apressou o passo e parou na rua, ainda segurando pedaço de pau com firmeza. A porta continuava aberta, e dentro havia apenas um vazio escuro.

— Connie? — chamou Dana novamente.

Silêncio.

Ela ficou parada ali, tentando se lembrar se tinha ido dormir e se aquilo poderia ser um sonho. Ou será que ela ainda estava

alucinando na Sala da Crisálida? O que era real? Será que alguma coisa era real ou sua mente simplesmente foi quebrada em tantos pedaços que nenhum deles jamais se encaixaria novamente?

Ah... e como ela teria certeza sobre qualquer conclusão em que chegasse, fosse naquele momento ou em qualquer dia? Era aterrorizante. Era como estar perdida no mar por tanto tempo que a terra firme em si se tornava mais uma fantasia do que uma memória.

Dana deu alguns passos hesitantes na direção do jardim, mas ainda não conseguia enxergar lá dentro. A casa permanecia às escuras. Será que era *realmente* Connie Lucas? Caso contrário, por que a menina que morava ali não havia ligado as luzes?

“Dê meia-volta e saia daqui”, disse uma voz na cabeça dela. Seu eu lógico. “Isso é errado. Não se envolva.”

Dana percorreu metade do caminho de lajotas.

— Connie, está tudo bem?

“Corra. Angelo pode estar aí dentro.”

Dana balançou a cabeça, como se discutisse com o próprio bom senso. Angelo não poderia ter chegado tão à frente dela assim. Nem pensar. Além disso, ela estava com o pedaço de pau, e não entraria na casa.

Foi o que Dana disse para si mesma quando ergueu o pé para pisar no primeiro degrau da varanda.

“Você nem conhecia essa garota.”

Dana também não conhecia Maisie, mas sonhou e depois falou com ela. Dana subiu os três degraus bem lentamente.

— Connie? O que está acontecendo? Você está tentando me dizer alguma coisa?

Ela estava na varanda agora. Diante da porta aberta.

Veio uma brisa lá de dentro. Fria e úmida, como a lufada de ar de um frigorífico. Tinha o mesmo cheiro também. De carne. Não de carne viva, mas de algo mais antigo, sem vida. Preservado.

Esses pensamentos batiam dentro da cabeça dela, quebravam mobília, atacavam sua coragem.

“Corra antes que ele te veja.”



A voz interior estava implorando agora, e Dana a ouvia claramente, como se uma irmã gêmea estivesse ao lado dela e sussurrasse em seu ouvido. Ela sabia que deveria dar meia-volta e ir embora, sem dúvida. Não havia sentido no que Dana estava fazendo. Nenhum. Sem lógica, sem plano, sem vantagem. Era errado de todas as maneiras possíveis. Ela tinha plena consciência daquilo. E, no entanto, os pés traidores continuavam indo em frente. Era a mesma sensação que Dana tinha quando entrava em um sonho. Havia a lógica da mente sonhadora testemunhando e registrando as ações, mas o corpo se mexia de acordo com a própria vontade ou segundo uma coreografia predefinida aprendida a nível subconsciente.

E, por um momento, Dana indagou a si mesma se, de fato, estava sonhando. Será que tudo aquilo era real? Ou alguma parte? Será que ela sequer foi à Além do Além com Ethan? Ou encontrou com Angelo no campo de futebol? Ou foi perseguida? Algum daqueles acontecimentos era provável na vida que Dana levava? Talvez tudo aquilo não fosse nada mais do que alguma espécie de sonho prolongado, um pesadelo. Sempre diziam que sonhos eram bastante curtos, mesmo que parecessem reais. Será que tudo a respeito do anjo, de Maisie, de Corinda, de todas aquelas coisas, não era só uma fantasia complexa que se desenrolava enquanto ela dormia na própria cama, durante uma tempestade de primavera?

O piso da varanda parecia muito macio, como se Dana não estivesse em pé sobre ele com todo o seu peso. Não era exatamente a mesma sensação de quando ela fez a projeção astral com Luz do Sol, mas também não era real. Dana quase flutuava. Quando respirou, o fedor de frigorífico trouxe com ele o mesmo cheiro de incenso da Sala da Crisálida.

Foi quando ela decidiu que não estava em casa sonhando.

Aquilo ainda era parte da viagem espiritual com Luz do Sol.

A ideia provocou um sobressalto na mesma medida em que a acalmou. Tudo aquilo fazia parte da mesma experiência extracorpórea.

— Luz do Sol? — murmurou Dana, e a voz soou como se tivesse gritado em um enorme estádio vazio. — Me ajuda.

— Ele não pode te ajudar — disse uma voz.

Era uma voz masculina, bem atrás dela. Dana gritou e pulou, virando o corpo ao pousar, deixando cair a mochila e erguendo as mãos, pronta para a luta.

Não era Angelo quem estava atrás dela. Era o garoto asiático, e ao lado dele estava a garota de cabelos castanhos com olhos cor de noqueira. Como Connie, ambos usavam casacos do Colégio Oak Valley.

Como Connie, estes eram adolescentes que Dana só conhecera por fotos.

Jeffrey Watanabe e Jennifer Hoffer.

Adolescentes mortos.

Parados bem atrás dela.

Dana ouviu o arrastar suave de um sapato e deu meia-volta outra vez, o que fez com que visse outros fantasmas. Connie estava parada na parede dos fundos, e havia dois garotos com ela. Chuck Riley e Todd Harris.

E aí alguém saiu da sala adjacente. Outra garota.

Maisie.

Dana estava cercada pelos mortos.

# CAPÍTULO 68

Alameda Sandpiper, 313

18h09

Eles ficaram parados ali, encarando Dana com olhos repletos de sombras, as bocas sorrindo com tristeza.

— Não — disse, ofegante. — Por favor... não...

Connie ergueu a mão e tocou no pingente que usava. Era um disco preto de ônix cercado por chamas vermelho-douradas que se contorciam. O sinal de um eclipse completo. Maisie tinha o mesmo pingente. Jennifer usava brincos com o mesmo símbolo.

Chuck, Jeffrey e Todd retiraram os casacos e recolheram as mangas até o ombro para mostrarem as tatuagens nos braços.

O eclipse.

Em todos eles.

— Eu entendi — disse Dana. — Mas... mas o que isso significa?

— A Idade Vermelha está chegando.

Foi Maisie quem falou. Depois todos os outros repetiram a frase ao mesmo tempo. Todos eles, em um coro perfeito.

— Eu não sei o que isso significa — reclamou Dana.

Maisie ergueu os braços para os lados como fez no vestiário. Instantaneamente, sangue vermelho brilhante começou a fluir da cabeça, da lateral do corpo, e dos pulsos e tornozelos.

— Ele vai ascender — disse ela, falando sozinha desta vez. — Ele vai ascender e o mundo vai cair.

— Quem?

— Eles pensam que o controlam — disse Maisie.

— Ele acha que se controla — disse Connie.

— Há uma escuridão ainda maior que o anjo — disse Jeffrey.

— E vai consumi-lo ao mesmo tempo em que ele consome o mundo — completou Chuck.

As vozes eram de adolescentes, mas as palavras e a estrutura não eram. Parecia uma litania perversa em uma igreja saída de um pesadelo.

Então Connie apontou para Dana.

— Ele está vindo atrás de você, Dana.

Dana cambaleou para trás e quase caiu.

— O-o quê?

— Ele está vindo atrás de você — avisou Todd — e nós faremos com que você seja dele.

- A voz dele — disse Jennifer.
- A cúmplice dele — falou Jeffrey.
- O apóstolo dele — disseram todos.

Dana olhou ao redor, à procura de uma saída, mas a porta parecia ter derretido e sumido de vista, se tornando nada mais do que uma mancha em formato de porta na parede. A janela estava sumindo também, mas ainda havia um pouco de luminosidade entrando, vinda do poste de luz.

- Ele vai tomar outros — falou Connie.
- O garoto vai morrer em breve — disse Chuck.
- A garota vai morrer primeiro — falou Jeffrey.
- E então você se juntará a nós no mundo das sombras — disseram todos os fantasmas ao mesmo tempo.

Houve uma pequena abertura entre Connie e Chuck, e Dana disparou pela passagem, determinada a se jogar pela janela da sala de estar. Ela mergulhou e irrompeu em meio a um jato de vidro, mas o som de quebra não foi nada parecido com vidro. A janela quebrou com o som de uma dezena de sinos de vento — barras, sininhos e bambu oco —, todos tilintando como se tivessem sido soprados por uma lufada de ar frio. Dana fez um rolamento ao cair na varanda, mas depois sentiu o corpo subir e voar por cima do corrimão, como se alguém a tivesse pegado e arremessado longe. Ela caiu na grama, colidiu com ela em um solavanco de tremer os dentes, rolou, deu cambalhotas e finalmente parou esparramada, em um turbilhão de dores e fogos de artifício.

Dana gemeu e tentou se levantar, pois precisava fugir correndo daquele lugar.

Mas o corpo parecia quebrado, e ela desmoronou no chão.

A porta da frente era uma porta novamente.

A janela estava intacta.

A noite pareceu parar de esperar, ansiosa. Os grilos começaram a cantar — com hesitação, tomando cuidado — e, nas árvores, houve o agito de pés de pássaros e o crocitar suave de um corvo nervoso.

Dana se sentou muito, muito lentamente e olhou para os braços e pernas, esperando vê-los retalhados pelo vidro da janela.

Nada. Não havia sangue, nem dor. Nada. As roupas não estavam rasgadas, nem ensanguentadas. Não havia nada de errado. A mente parecia um frágil bule de chá na beirada de uma mesa, que caiu e se quebrou.

Aí ela viu o pedaço de madeira que ela planejara usar como arma contra Angelo. Um pedaço de cinquenta centímetros de madeira verde, grosso em uma ponta e fino na outra, apoiado em uma das ripas do corrimão. A mochila estava ao lado dele, com todos os fechos e zíperes fechados.

Quem colocou aquelas coisas ali?

— O quê? — disse Dana.

Mas a noite manteve seus segredos e não respondeu. Ela olhou mais uma vez para a casa. O número estava nítido: 313, e aquela era a alameda Sandpiper.

Quem morava ali?

Será que aquela era a casa da Maisie?

Dana pegou o pedaço de pau e virou completamente. O jardim estava vazio, a rua estava vazia. Ela colocou a mochila nas costas, segurou o pedaço de pau com firmeza e correu até a própria casa. Quando chegou, foi para o segundo andar e se trancou no quarto.

# CAPÍTULO 69

Residência dos Scully

19h37

Quando alguém bateu à porta, Dana não atendeu. Não de primeira. Ela se sentou no canto da cama mais afastado da porta, com um abridor de cartas apertado na mão e joelhos recolhidos. Dana esteve assim pela última meia hora.

Outra batida.

E então:

— Ei, me deixa entrar.

Melissa.

Dana se levantou muito lentamente e cruzou o quarto de mansinho. Havia um vão de meio centímetro ao lado do batente em que ficavam as dobradiças, onde a porta foi mal instalada, e ela espiou pela fresta, viu cabelo ruivo e encostou a cabeça no batente por um momento para soltar o fôlego contido. Dana baixou o abridor de cartas, abriu a porta e puxou Melissa para dentro do quarto.

— Uau! O que deu em você? — reclamou Melissa, puxando o braço para se soltar e esfregando-o. — Eu mal te vejo há dois dias e agora você quase arranca meu braço. Qual é?

Dana fechou e trancou a porta, depois imprensou uma cadeira embaixo da maçaneta. Melissa assistiu à cena e depois observou a irmã. O rosto da garota ganhou uma testa franzida de preocupação.

— Ok — disse ela —, o que aconteceu? O que está rolando?

— Coisas demais — respondeu Dana, e recuou para o canto da cama.

Melissa se aproximou e se sentou.

— Conte-me o que aconteceu.

Dana repassou a história toda e informou à irmã todos os detalhes dos quais conseguiu se lembrar. As feridas dos apóstolos, o alerta de Corinda, ter levado Ethan para conhecer Luz do Sol, o clube de ciências, ter sido perseguida por Angelo, os fantasmas. A história toda.

— Ok — falou Melissa —, eu estou oficialmente assustada.

— Nem me fale. Eles disseram: “o garoto vai morrer em breve”, “a garota vai morrer primeiro”, e depois que eu vou morrer.

— É, bem, se ele vier atrás de você, mana — disse Melissa com um brilho de coragem nos olhos —, ele vai ter que vir para cima de um par de bruxas ruivas, e as irmãs Scully não fazem prisioneiros.



Dana concordou com a cabeça e tentou sorrir, mas não se sentiu tão confiante quanto Melissa.

— Ok... mas que garota e que garoto?

— O Ethan, talvez? — sugeriu Melissa, e Dana quase teve um ataque cardíaco.

— E se você estiver certa? — choramingou ela. — Talvez o anjo de alguma forma saiba que o Ethan está trabalhando no caso comigo e esteja vindo atrás de nós!

— Será que o Ethan vai surtar se você contar para ele o que aconteceu naquela casa?

— Provavelmente. Quem não surtaria? Embora eu não ache que ele realmente acredite muito neste tipo de coisa.

— O problema é dele. O tio do Ethan é um detetive do departamento de polícia, certo? Mesmo que ele não acredite, ainda vale a pena alertá-lo. Talvez o tio consiga arrumar proteção policial. — Melissa franziu os lábios, pensativa. — Então quem é a garota? Eu não acho que seja eu, porque eles teriam dito “ele vai atrás de sua irmã”, certo? — Ela olhou para Dana. — Essa casa era real ou só um sonho?

— Suficientemente real, creio eu. O endereço era alameda Sandpiper, 313.

Melissa se empertigou.

— Acho que eu...

Ela parou, ficou de pé de supetão, tirou a cadeira do caminho e foi até o telefone do corredor. Fez uma ligação, e Dana se aproximou para escutar.

— Dave? — perguntou Melissa quando a ligação foi atendida. — Coloque sua irmã na linha. Não, é sério. Ótimo. Ah, ei, Eileen... Você conhece a Karen Allenby? É, a prima da Maisie. Conhece? Ótimo. Ela mora na Sandpiper? Qual é o endereço mesmo? Foi o que pensei. Ok, qual é o telefone dela?

Melissa estalou os dedos para Dana, que correu e pegou um bloco e caneta. A irmã pegou tudo e anotou um número.

— Obrigada — disse ela, e desligou.

Dana tentou fazer uma pergunta, mas Melissa fez outra ligação, que foi atendida na quarta chamada.

— Alô, senhora Allenby? Aqui é a Melissa Scully, do colégio. A Karen está? O quê? Ah, sim, sinto muitíssimo pela sua sobrinha... Sim, todos nós gostávamos dela. Não, também não acredito que o departamento de polícia esteja certo. A Maisie não era o tipo de garota que usava drogas. Ela era uma grande garota. De nada. Ok, eu espero.

— O que você está fazendo? — sussurrou Dana.

Melissa cobriu o bocal.

— A Karen Allenby é a prima da Maisie, lembra? É a garota que você conheceu no colégio, de quem me falou. É a Karen que mora naquela casa. Acho que aqueles fantasmas estão tentando te alertar que a Karen é a próxima vítima. A mãe acabou de me dizer que ela estava na sala de estar assistindo à TV. Ah, espere. — Ela tirou a mão do bocal. — Oi, Karen, é a Melissa. Scully. Sim, da aula de matemática. Certo. Olha só, isso vai parecer meio esquisito, mas você conhece a minha irmã, Dana, certo? Aham. A maluca. Exatamente. Você lembra que ela pensou ter visto a Maisie no vestiário? Isso, você falou com ela a respeito. Bem, a Dana estava voltando a pé para casa hoje à noite e sentiu uma vibração esquisita sobre você, e ela achou ter visto alguém no seu jardim. Acabou que não era nada, mas talvez você devesse, tipo, ficar de olho.

Houve uma pausa enquanto Melissa escutava. Depois ela ralhou.

— Sim, estou falando sério. A Dana sente vibrações. O que tem de esquisito a respeito disso? Você pareceu acreditar nela no colégio... Ei, olha só, cuidado com essa língua, ok? É a minha irmã. A Dana só quis ajudar. Se você não quiser, o problema é seu. Foi mal por tentar te manter viva, merda. É, bem, vai você também.

Melissa bateu o telefone e disse alguns palavrões com grande ênfase. Depois deu de ombros e riu.

— Algumas pessoas só se atrapalham, sabe?

— Ela não acreditou em você? — perguntou Dana.

— Eu não sei. A Karen também é um pouco esquisita. Eu a vejo na Além do Além às vezes. Ela faz ioga e algumas das aulas do Luz do Sol e... ei... ela até fica de papo com o Angelo algumas vezes. — Ela olhou espantada para o telefone. — Você acha que eu deveria

ter contato para a Karen a respeito dele? Sobre a tatuagem e tudo mais?

— Eu...

Melissa pegou o telefone e ligou de novo. Quando Karen voltou à linha, Melissa disse:

— Ei, escute, foi mal, eu não quis te deixar surtada. Mas com tudo que vem acontecendo e... é, então, estamos de bem? Ótimo. Eu queria falar mais duas coisas. Não desligue até eu contar, ok? Sim? Ótimo.

Melissa explicou sobre Angelo ter agido de forma sinistra e perseguido Dana, sobre a tatuagem de eclipse que ele tinha e como aquilo tinha conexão com as bijuterias ou tatuagens de cada uma das vítimas. Melissa subitamente fez uma careta e afastou o telefone da orelha.

— O que aconteceu? — perguntou Dana.

— Ela desligou na minha cara. Bem alto. É capaz de ter quebrado o telefone.

As duas voltaram para o quarto de Dana e se sentaram no chão, com as costas apoiadas na cama. A cadeira voltou a ficar imprensada na porta. Melissa se remexeu e examinou o rosto da irmã.

— O quê...? — perguntou Dana.

— Que vergonha do Ethan — disse Melissa. — Nunca pensei que ele fosse um babaca machista.

Dana sentiu um aperto no coração. Ela estava muito puta com Ethan, mas ao mesmo tempo queria conversar com ele. Dana não queria falar sobre aquilo com Melissa, então mudou de assunto.

— E se o que eu vi foi uma visão do que vai acontecer? Talvez não hoje à noite, mas em breve. Se o anjo estiver indo atrás da Karen e ela não der ouvidos, será que eu tenho uma responsabilidade de fazer algo mais, não importa o que aconteça comigo ou com o Ethan?

As duas irmãs ficaram sentadas ali, ouvindo o vento soprar entre as árvores lá fora.

— Cara, eu nem sei o que dizer sobre isso — falou Melissa.

— A gente tem que fazer *alguma coisa* — insistiu Dana.

Lá embaixo, eles ouviram a porta da frente bater da maneira que sempre batia quando o pai entrava em casa.

Melissa sorriu.

— Acho que a gente precisa convocar a artilharia pesada.

# CAPÍTULO 70

Residência dos Scully

20h22

Elas se sentaram à mesa da cozinha com o pai e a mãe. Charlie estava no jardim perseguindo os duendes e as fadas que a avó disse que estavam se escondendo ali. A TV estava ligada na sala de estar, mas ninguém assistia.

A mãe fez chá e serviu alguns biscoitos. Ninguém tocou em nada a não ser o pai que, aos poucos, devorou uma dúzia de barras de figo enquanto escutava. Ele não interrompeu nenhuma vez, o que Dana considerou um bom sinal.

Melissa falou muito pouco, a não ser para concordar com o que Dana dizia.

Enquanto contava tudo, Dana minimizou a importância das visões e enfatizou todas as provas concretas.

Primeiro, ela contou o sonho que teve com Maisie, o encontro estranho no vestiário e o que aparentavam ser os ferimentos de Jesus. Dali, passou para os autos e detalhou as feridas dos apóstolos e como eram citados nos laudos da autópsia, mas que aqueles ferimentos estavam escondidos pelo estrago maior infligido pelos acidentes de carro. Ela mostrou as cópias que fez na biblioteca e apontou as feridas equivalentes.

Depois, Dana mostrou para eles um esboço do símbolo do eclipse que estava anotado nos laudos da autópsia e na coleção de registros de provas.

Os pais estavam sentados tão imóveis e inexpressivos quanto as grandes cabeças de pedra da Ilha da Páscoa. Quando Dana lançou um olhar para Melissa, a irmã deu um sorrisinho fraco, porém encorajador.

Dana continuou firme e forte e falou dos laudos toxicológicos e que eles desmentiam a ideia de que qualquer uma das vítimas estivesse dirigindo bêbada, mas também mostravam que havia algo no sangue delas. Uma substância que ela ainda não descobrira o que era.

Nenhuma reação por parte de ninguém à mesa.

Dana contou sobre Luz do Sol, embora tenha evitado a parte da projeção astral. Disse que ele estava pensando em falar com o xerife, mas que ainda não tinha feito isso. Ela insistiu que eles não

podiam esperar, que alguma coisa precisava ser feita naquele momento.

Nenhuma reação.

Dana voltou ao símbolo do eclipse como forma de acusar Angelo Luz. Ela falou das cicatrizes na mão do anjo que Corinda notou na visão e como elas eram iguais às cicatrizes na mão de Angelo.

Contou sobre ter sido perseguida. Essa foi a primeira vez que a mãe esboçou alguma reação. Ela começou a esticar o braço pela mesa para pegar a mão de Dana, mas foi detida pelo pai com um leve gesto. A mãe recolheu o braço, e Dana notou que ela desligou-se e se fechou, cobrindo o sofrimentos em seus olhos com um véu.

Quando terminou, Dana contou mais do que queria. Desnudou a alma e, ao fazer aquilo, notou como a história parecia esquisita. Ter quinze anos não ajudou.

No momento em que Dana concluiu sua história, a mãe olhou para as duas irmãs e depois para o pai. Ela não dissera uma palavra durante aquele tempo todo.

O pai terminou de mastigar a última mordida da barra de figo, ajudou-a a descer com um longo gole do chá frio, pousou a xícara com muito cuidado e precisão, e depois entrelaçou as mãos em cima da mesa de jantar.

— Bem — disse, calmamente —, esta é uma história e tanto.

A cozinha estava tão silenciosa que eles conseguiram ouvir Charlie fazendo uma pergunta para a avó sobre os duendes das árvores e a claqué de uma comédia na TV.

— Precisamos ligar para o departamento de polícia hoje à noite — alertou Melissa. — Não podemos deixar passar mais um minuto.

— Certo — concordou Dana. — Algo ruim pode acontecer com o Ethan ou a Karen.

— Algo ruim pode acontecer com a *Dana* — falou Melissa, e aquilo fez o olhar da mãe tremer.

— E precisamos fazer a polícia prender o Angelo.

— Chega — disse o pai, com o tom bem suave.

— Mas nós... — começou Dana, mas de repente o pai se levantou e deu um tapa na mesa com tanta força que pareceu o disparo de uma escopeta.

Todas recuaram, as xícaras dançaram e uma delas derramou chá sobre a mesa.

— *Eu disse chega!* — rugiu o pai.

O rosto, que esteve plácido até então, ardeu em um tom vermelho colérico, e ele ficou parado ali, com o corpo inteiro tremendo.

— Bill — começou a mãe, mas ele disparou um olhar tão intenso e desmoralizador que ela se encolheu como se o marido tivesse erguido a mão contra ela.

O pai apontou um dedo para as filhas, primeiro para Dana e depois para Melissa, estocando o ar com ele.

— Já chega dessa baboseira. Quem vocês duas pensam que são? Quem vocês pensam que *eu* sou? Você vem aqui e me diz tudo isso. Fala sobre invadir a escrivaninha de alguém e ler documentos confidenciais. Mente sobre ver garotas mortas. Faz sabe-se lá o que com hippies e pervertidos naquela loja. Tenta me convencer de que algum garoto está te perseguindo. O que você acha que eu sou? É assim com a molecada hoje em dia? Você se acha tão esperta, tão *descolada*, que qualquer um acima de uma determinada idade é um tolo que vai acreditar em quaisquer mentiras que tente contar? Como você ousa? Vocês duas... como *ousam*? Cadê o seu bom senso? Vocês têm algum? E cadê a decência e o respeito de vocês?

As palavras atingiram Dana e Melissa como um bombardeio de tiros de canhão e fizeram com que as irmãs se encolhessem nas cadeiras, ardendo na pele, doendo como golpes de verdade. Foi preciso tanta coragem da parte de Dana para falar... A voz dela parecia perdida, parecia que tinha fugido assustada e deixado apenas o silêncio mudo. E, no entanto, Dana lutou para se defender.

— Você tem que acreditar na gente, papai — disse ela.

— Eu não *tenho* que acreditar em nada que você diz, Dana. Estou indignado. Estou chocado com vocês duas.

— Bill — disse a mãe ao ficar de pé —, você está assustando suas filhas.

Ele se virou para a esposa.

— Assustando *minhas filhas*? Estou assustado *por* elas. Eu deveria ser capaz de confiar nas minhas próprias filhas, e aí elas vão e



fazem isso? Na minha própria cara? Na minha própria casa? Estou humilhado.

— Papai, por favor — começou Melissa, mas ele rosnou para ela.

— Eu espero esse tipo de baboseira vinda de você, Melissa. Você sempre teve a cabeça nas nuvens, desde que nasceu.

Melissa afundou na cadeira, com lágrimas nos olhos, e Dana sabia que o pai não teria conseguido machucá-la mais nem mesmo se tivesse dado um tiro no coração da irmã. Mas então ele virou seu foco para Dana.

— E você, Dana — disse o pai, com o rosto indo do vermelho para o roxo —, eu tinha esperanças para você. Você pelo menos tentava andar na linha. Fazia o dever de casa, tinha bom senso. E agora isso? Você é ainda pior.

— Pai...

— Quem você pensa que é? Investigando um crime? Você não é uma investigadora treinada. Há *homens* importantes e altamente treinados cujo trabalho é prender criminosos, e eles não precisam da ajuda de duas meninas.

Havia tanta coisa naquela declaração que a magoou, a diminuiu, a ridicularizou...

— Tenho vergonha de você, Dana — disse o pai, virando o rosto.

— Tenho vergonha de vocês duas.

O silêncio que caiu tinha um peso esmagador. A mãe ficou sentada ali, intimidada a ficar calada, como frequentemente acontecia, lágrimas lhe enchendo os olhos, mas ficando ali, como se não ousassem cair. Melissa chorava abertamente, o corpo tremendo como se estivesse levando uma série de choques elétricos. Dana não sabia o que pensar ou como se sentir, e não parecia haver ar suficiente no ambiente.

— Vocês duas estão de castigo — disse o pai. — Deus sabe por quanto tempo. Eu trancaria vocês nos seus quartos, se pudesse. E podem dizer adeus para seus amigos do colégio e para aquela loja estúpida de astrologia. Sem telefone, sem TV, sem rádio, sem visitas. Sem garotos. E a partir de segunda-feira vocês duas terão consultas com o doutor Kingston para fazerem uma avaliação

psiquiátrica. Talvez isso seja algum tipo de histeria causada pelas mortes. Talvez exista algum remédio para isso, sei lá.

Ele parou e se voltou repentinamente para ver a avó parada na porta. Ela estava com um risinho frio, e o olhar vidrado havia sumido.

— Você está berrando, Billy — falou a avó.

— Mãe — disse o pai baixando a voz —, este é um assunto particular. Volte a assistir TV.

— Eu sei o que é isso, Billy. São seus próprios fantasmas voltando para assombrar você.

O rosto do pai ficou pálido e ele se voltou contra a esposa.

— Diga para sua mãe ir se sentar. *Agora mesmo.*

Em vez disso, a avó se voltou para Melissa e Dana.

— Vocês deveriam vir assistir à TV. Alguém que vocês conhecem está dizendo coisas que vocês deveriam escutar.

Antes que alguém pudesse perguntar o que significava aquilo, Dana ouviu o som de uma pessoa falando, usando o tom e o ritmo de alguém sendo entrevistado. A voz era conhecida.

— ... foram assassinatos e não acidentes — disse Corinda Howell.

— Aquelas crianças mortas falaram comigo em visões.

Dana disparou da mesa. Melissa hesitou por meio segundo, depois seguindo, contornando o pai e a avó. Na TV grande da sala, Corinda estava diante da Além do Além, cercada por uma dezena de microfones de noticiários e com as palavras ÚLTIMAS NOTÍCIAS grudadas na parte inferior da tela. Ela usava maquiagem e um lindo vestido tingido em batique, além de muitas joias cor de turquesa.

— Foi Maisie Bell quem falou comigo primeiro — falou Corinda. — Ela veio a mim em um sonho e disse que tinha sido assassinada.

As perguntas não paravam e foram respondidas por Corinda, que detalhou como começou a ter visões dos assassinatos e viu a face do assassino em sua mente.

— De início, ele se disfarçou — explicou Corinda — ao projetar a imagem de um anjo vigilante e depois a de um nefilim, o descendente de um anjo que se casou com uma humana na antiga Canaã. Então eu compreendi imediatamente que essas projeções eram parte dos delírios do assassino, que era como ele *se via*.

Psicóticos são assim, sabe. Com o tempo, porém, eu consegui romper suas defesas, arrancar a máscara e ver seu verdadeiro rosto. Foi aí que eu soube que teria de vir diretamente à delegacia a fim de evitar que este louco prejudique mais as lindas crianças de nossa comunidade.

— Ela está... — sussurrou Melissa ao agarrar a mão de Dana — ela está assumindo a culpa por você... por tudo.

— E isso me levou a considerar outras maneiras em que a mania religiosa do assassino pudesse ter se manifestado em seus crimes — continuou Corinda. — Maisie Bell apareceu em uma visão para uma garota no colégio, e ficou imediatamente claro para mim que ela recebeu as feridas de Jesus, que o assassino tentou simular as chagas de Cristo. Eu extrapolei para as outras mortes e falei para a polícia procurar por ferimentos que correspondessem às mortes dos apóstolos, especialmente Tiago, o Maior, Tiago, o Menor, São Pedro, Tomé, o Incrédulo, e até mesmo Judas.

A imagem cortou para o âncora do telejornal no estúdio.

— Voltaremos a falar com Corinda Howell, proprietária da loja Além do Além na Rota 302A, que é a avenida Central em Craiger. A senhorita Howell é uma médium profissional que entrou em contato com as autoridades hoje para ajudá-las a investigar o caso da série de mortes trágicas de adolescentes. E isto acabou de chegar — anunciou o âncora, que se virou para aceitar uma folha de papel amassado. — Fontes do departamento de polícia de Craiger informam que foi expedido um mandado de prisão para Angelo Luz, um jovem latino de 19 anos. Luz é procurado por ligação com as mortes daqueles seis adolescentes.

— Ai, meu Deus... — sussurrou Dana.

# CAPÍTULO 71

Residência dos Scully

6 de abril, 0h18

Melissa entrou de mansinho no quarto de Dana após a meia-noite. Ela fechou a porta, subiu na cama da irmã, ficou embaixo das cobertas com ela puxando-as sobre as cabeças, do jeito que faziam quando ambas eram crianças. O resto da casa estava em silêncio agora que o pai havia parado de gritar, e ele gritou muito e por muito, muito tempo. Após, ele exilou as irmãs aos quartos e houve promessas rosnadas de consequências futuras. A mãe tentou interferir, mas aquilo se transformou em uma guerra mais particular por trás da porta do quarto dos dois e o trovão abafado da briga tomou conta da casa por quase quarenta minutos.

Agora Dana e Melissa estavam deitadas com as cabeças no mesmo travesseiro e os rostos separados por centímetros, falando baixinho no escuro.

— Por que ela fez aquilo? — perguntou Dana. — Por que Corinda faria aquilo?

— Aquilo o quê? — disse Melissa.

— Mentir daquele jeito.

Melissa balançou a cabeça.

— Foi assim que você interpretou, mesmo? Porque eu, não. Achei o que ela fez inteligente e corajoso.

Dana se apoiou no cotovelo.

— Inteligente? Corajoso? Como?

— Ela tirou o máximo possível do caso de você.

— Certo, fez tudo se resumir a ela. O Luz do Sol ia falar com o xerife. Corinda deve ter roubado a ideia dele.

— Isso é ridículo. E o que importa *quem* contou para a polícia? Isso é exatamente o que queríamos que acontecesse — insistiu Melissa. — Por que importa para você quem falou com o xerife? Você não é a *dona* dessa história toda, Dana. Este é o mundo real. Luz do Sol teria feito da mesma forma, o que significa que teria deixado você de fora também.

— Luz do Sol teria feito sem os repórteres e sem ser o centro das atenções. A maneira que Corinda escolheu foi mesquinha. Foi um “olhem para mim”. Tudo se resumiu a ela colher os louros por tudo.

— Louros? Como assim?

— Corinda deu a entender que *ela* estava resolvendo o caso — disse Dana batendo no colchão com o punho fechado.

— Bem, desculpe, mas desde quando você é policial? Sinto ter que te informar, irmãzinha, mas você tem 15 anos. Você não é da polícia, você não é do FBI, você não é o Sherlock Holmes.

— Mas eu descobri um monte de coisas do caso.

— Certo, e quem acreditaria em *you* se fosse à polícia? Ninguém. O que aconteceria, na verdade, é que todo mundo olharia para você como a garota esquisita que vê gente morta. E sabe quem mais ficaria de olho em você? O assassino.

— O Angelo já sabe que eu sei. Ele me perseguiu, lembra?

— Claro, mas ele não sabe o que *mais* você sabe. Corinda está se deixando ser o alvo em vez de você. Da mesma forma como Luz do Sol teria feito. Ou talvez ela seja mais inteligente porque não esperou para ter uma conversa discreta com o xerife. Corinda se antecipou e falou para todo mundo. Isso tira toda a atenção de você. Por que não entende isso? Ela fez isso para te *proteger*.

— Acho que ela fez isso para ficar bem vista.

Agora Melissa também se apoiou no cotovelo.

— Você é realmente mimada, Dana. Corinda nunca faria uma coisa dessas. Ela é maior do que isso. Para ela, tudo se resume a ajudar as pessoas.

— Será mesmo?

— É claro que sim. E ela tem dons incríveis. Você os viu pessoalmente. Corinda é capaz de olhar dentro da sua cabeça e ler a verdade. Quer dizer, veja tudo o que ela sabia sobre essa história toda. Sabia a respeito de suas visões, sobre o que aconteceu na escola, sobre os laudos, sobre tudo.

— Ela não sabia o que aconteceu na casa da Karen. Tipo... quando eu tive a visão de que estava lá dentro com todo mundo que foi assassinado. Corinda não mencionou nada disso no noticiário — lembrou Dana — e isso me incomoda.

Melissa olhou para a irmã como se ela fosse maluca.

— *Como* te incomoda?

— Eu... não sei, mas se ela é tudo o que alega ser, então por que não sabia disso?

— Ninguém sabe tudo, Dana. Mas a Corinda sabia de muita coisa. Sabia sobre o Angelo.

Dana afundou na cama.

— Acho que sim.

As duas ficaram deitadas em silêncio, escutando os dois grilos cantarem na grama.

— Esse lance todo do Angelo é bizarramente assustador — disse Melissa após um tempo. — Pensar que *conhecemos* um assassino. Que falamos com ele.

— Eu sei — falou Dana. — Mas, mesmo agora, é difícil acreditar que tudo isso seja culpa dele.

— Por quê? Pelo que ouvi, ele se envolve muito em brigas e tem aquele canivete. O Angelo te *perseguiu*, Dana. E tem todas aquelas cicatrizes na mão que Corinda notou na visão. E a tatuagem de eclipse.

— Eu sei, eu sei, mas nos meus sonhos o anjo não fala como o Angelo. Ele é tipo um professor universitário ou algo assim. Bem preciso, e sabe de muita coisa.

— Nem tudo em visões é exatamente da mesma forma que é no mundo real — disse Melissa.

— Mais um pouco da sabedoria da Corinda?

— Sim, e não fale mal dela. Ainda acho que ela fez a coisa certa, e talvez seja por isso que você não esteja em um reformatório juvenil neste exato momento. Ou em um hospício.

— Obrigada — agradeceu Dana, com amargura. — Isso está muito errado. Corinda nunca deveria ter colhido os louros...

Melissa fez um som de revolta e ficou de pé.

— Qual é o seu *problema*? Qual é a dessa porcaria de “colher os louros”? Será que você olha tanto para o próprio umbigo que não percebe quando alguém está se arriscando para te ajudar? Corinda é o máximo, e você está sendo muito esnobe em relação a ela.

Dana também ficou de pé.

— Por que você está defendendo a Corinda, Missy?

— Porque minha irmã maluca não para de atacá-la — rosnou Melissa e, antes que Dana pudesse responder, apontou o dedo para ela. — Você acha que é tão especial, Dana, porque *você* tem visões

e *você* tem dons, e agora que outra pessoa tem os mesmos dons, e melhores, tudo o que *você* quer é derrubá-la. Se eu tivesse esses mesmos dons, não estaria agindo assim, toda ciumenta e mesquinha. Eu os usaria para ajudar as pessoas como a Corinda está fazendo. Meu Deus! Às vezes eu não consigo acreditar que somos parentes.

E, dito isso, ela foi embora num rompante.



# CAPÍTULO 72

Residência da família Scully

6h17

O pai havia levantado e saído antes que Dana entrasse na cozinha vazia. Ela estava sem apetite e se serviu de uma xícara de chá.

Depois viu duas coisas deixadas para ela sobre a mesa.

A primeira era um bilhete na caligrafia precisa e forte do pai.

Venha direto para casa depois do colégio.

Ela suspirou e olhou para o jornal em cima do qual o bilhete fora colocado. Havia uma foto e uma manchete que transformaram Dana em um bloco de gelo.

A manchete dizia:

### **AVISO DE MÉDIUM LEVA À PRISÃO EM CASO DE ASSASSINATO DE ADOLESCENTES**

A foto mostrava dois detetives do departamento de polícia, um branco e uma negra, flanqueando um Angelo Luz algemado e sangrando. A mulher estava identificada como Nora Simpson e o parceiro era Frank Hale. O tio Frank!

Melissa entrou, viu que Dana estava ali e deu meia-volta sem dizer uma palavra.

Dana desmoronou em uma cadeira e leu a reportagem, que incluía muitas citações de Corinda e depois fornecia detalhes chocantes da caçada e captura de Angelo. Ficou óbvio pelas fotos que ele não desistiu facilmente. O supercílio estava aberto e sangue escorria pelo rosto. Embora a foto fosse em preto e branco, Dana pôde imaginar a cor claramente.

Ela tentou entender o motivo de estar com tanta raiva de ter sido Corinda a pessoa a levar todo aquele caso à polícia quando Luz do Sol ia fazer a mesma coisa. Será que era somente porque Corinda o fez de maneira tão espalhafatosa? E se Melissa estivesse certa e a atitude chamativa da médium tivesse sido simplesmente uma jogada para tirar toda a atenção possível de Dana a fim de protegê-la? Ela não sabia. No entanto, Dana achava que ali tinha coisa, e achava que estava enlouquecendo por não ser capaz de descobrir o que era.

— O que estou deixando de ver? — perguntou Dana para a cozinha vazia.

Fosse o que fosse, parecia importante, mas ela simplesmente não sabia para onde olhar a fim de encontrar uma resposta. O relógio tiquetaqueava alto e o mundo parecia sair do prumo da segurança.

# CAPÍTULO 73

Colégio Regional Francis Scott Key

07h39

Ir para a aula foi uma péssima ideia.

Dana soube disso assim que chegou a um quarteirão do grande prédio. Todo mundo a encarava. Ninguém lhe dirigiu palavra, mas várias vezes Dana viu garotas se juntando para dizer algo que ela não conseguia escutar. A risada, porém, Dana conseguia ouvir. Todos eles sabiam que ela era a tal “uma garota no colégio” que Corinda mencionou no noticiário.

O agente Driscoll, o policial da divisão de narcóticos da escola, lançou para Dana um olhar frio e longo, cheio de desconfiança. Não, era mais do que isso. Ele a olhou com o tipo de desprezo que alguém como o agente sentiria pelo tipo de pessoa que prendia.

Na hora da chamada, o professor nem sequer olhou para ela, nem quando chamou o nome de Dana. Ninguém se sentou ao lado dela.

Havia uma palavra que Dana lera certa vez. *Pária*. Era usada para descrever um proscrito, e era assim que ela se sentia, mas não entendia realmente o motivo. Nada daquilo era culpa de Dana. Ela não fez nada de errado.

“É porque eles precisam odiar alguém”, Dana disse para si mesma. “E é fácil odiar uma aberração.”

Mas então por que ela se sentia culpada?

Perto do fim da chamada, a porta se abriu e o agente da divisão de narcóticos chamou o professor. Ambos lançaram olhares para Dana. Ela viu o professor se empertigar e depois concordar com a cabeça.

— Senhorita Scully — pediu o professor. — Por favor, venha ao corredor.

Todos os pares de olhos da sala se voltaram imediatamente para Dana. Alguns concordaram com a cabeça, como se o que estivesse acontecendo fizesse sentido em relação ao que haviam pensado sobre toda aquela situação. Alguns sorriram para ela quando Dana pegou a mochila e passou pelas fileiras de carteiras. Nenhum dos sorrisos foi encorajador, nenhum foi gentil.

No corredor, o agente arrancou com violência a mochila dos ombros de Dana.

— Para a diretoria — disse ele. — Agora.

O professor retornou à sala e fechou a porta.

— O que está acontecendo? — perguntou Dana.

— A melhor coisa que você pode fazer, mocinha — rosnou o policial — é manter a boca fechada.

Ele a acompanhou até o gabinete, e Dana imediatamente se deu conta de que uma manhã ruim havia piorado. O pai estava lá, com o rosto tão vermelho quanto na noite anterior. O senhor Sternholtz se encontrava atrás da mesa, com o rosto frio e sisudo. A enfermeira da escola também estava lá, assim como os dois detetives cujos rostos Dana viu no jornal, Nora Simpson e Frank Hale. Ela se encolheu, assustada pelo que veria nos olhos do tio Frank. Será que ele sabia sobre Ethan e a pasta com os autos? Será que era disso que aquela reunião se tratava? O sangue dela virou neve semiderretida.

— Pai — começou Dana, dando um passo na direção dele, mas o pai se afastou dela.

— Sente-se, Dana — ordenou ele.

Ela desmoronou em uma cadeira, arrasada e aterrorizada.

O detetive Hale estava à esquerda. Ele era um homem alto e magro, vestido com um blazer azul-marinho sobre calças bege e uma gravata sem graça, com listras azuis e beges. Qualquer um diria que era parente de Ethan porque Frank tinha o mesmo corpo seco do sobrinho, os mesmos olhos inteligentes. No entanto, o olhar dele tinha uma insensibilidade e também uma tristeza, como se o trabalho tivesse obrigado Frank a ver coisas ruins em excesso e ele tivesse alcançado uma espécie de limite pessoal em relação a horror e sofrimento.

Do outro lado estava Nora Simpson, que usava um *tailleur* verde feito sobre medida sobre uma blusa creme. Sapatos práticos de salto baixo. Ela era alguns anos mais nova que o tio Frank, e também havia um pouco da mesma tristeza, mas que ainda não tinha preenchido todo o olhar. Ainda havia traços de otimismo na expressão da detetive.

— Senhorita Scully — disse o detetive Hale —, o teste sanguíneo conduzido pela enfermeira da escola foi concluído e minha parceira e eu obtivemos os resultados.

— Hum... oi?

— Seu sangue contém elementos de uma substância controlada chamada Helios 5, que é a marca comercial para uma versão sintética do receptor agonista 5-HT<sub>2A</sub>. É um alucinógeno experimental desenvolvido para o tratamento de esquizofrenia. Anda aparecendo nas ruas com o nome de Eclipse.

Dana olhou espantada para o silêncio absoluto do momento. Aquele era o mesmo composto que ela e Ethan viram nos autos. Como ela tinha a mesma droga no organismo que os estudantes mortos?

— Como a quantidade de droga encontrada em seu sangue é mínima — continuou o tio Frank —, não ficou claro se você começou a usá-lo recentemente ou não. Nós precisaríamos de mais exames médicos para determinar a extensão do seu vício.

— Não — disse Dana. — Isso é impossível.

— O teste é bem preciso, Dana — disse a Detetive Simpson. — O juiz provavelmente mandará que um laboratório independente também faça o exame.

— Não — disse Dana. — Isso não é possível.

— Dana — disse o pai suavemente. — A melhor coisa que você pode fazer por si mesma agora é abrir o jogo. Conte tudo para esses detetives. Como você conseguiu a droga. Quanto tomou. Quem lhe deu. Tudo.

— Mas, pai, eu nunca tomei nada.

— Não minta para mim — alertou, e Dana notou pelo tom de voz como o pai estava inconsolável. — Você tem que dizer a verdade.

— Eu não uso drogas — insistiu Dana. — Você *sabe* disso. Eu jamais faria algo assim.

— Quem lhe deu o Eclipse? — perguntou Simpson.

— Não, vocês não entendem, todo esse lance de eclipse faz parte dos meus... meus sonhos. O pingente que Maisie tinha, a tatuagem... — Ela saiu falando tudo que sabia sobre o símbolo do eclipse. — É o símbolo *dele*. Do anjo. Se outras vítimas tinham no exame de sangue, então ele deu a droga para elas.

— É isso que eu estava lhes dizendo, detetives — disse o diretor Sternholtz. — Ela acha que está tendo “visões”. É o assunto do momento no colégio.

O tio Frank concordou com a cabeça, mas não seguiu com aquele assunto. Em vez disso, ele se agarrou a algo que Dana falou.

— O que lhe faz achar que as vítimas tinham Eclipse no sangue?

— Eu... — começou ela, e se deu conta de que estava perigosamente perto de revelar o segredo de Ethan.

Embora estivesse com raiva dele, Dana sabia que aquilo o destruiria. Ela respirou fundo e disse:

— Todo mundo está dizendo que eles estavam drogados. Eu simplesmente supus que fosse a mesma coisa.

— Pare — implorou o pai. — Pare de mentir e conte a verdade para eles.

— Nós vamos lhe ajudar se você concordar em nos ajudar — disse Frank Hale. — Nós podemos receber uma denúncia anônima. Você é menor de idade e se possuir alguma informação que possa nos ajudar, então você precisa nos contar. Embora você não tenha uma quantidade suficiente da droga no seu organismo para justificar uma prisão, se você conhece os responsáveis por fornecer Eclipse para os estudantes aqui no FSK, então você precisa se manifestar. Se estiver envolvida, mas decidir nos ajudar, o promotor público pode oferecer um acordo. Imunidade processual. Temos muita margem de manobra a esta altura, Dana, mas só se você nos ajudar.

Dana bateu com os punhos cerrados em cima das coxas. Doeu, mas também canalizou a raiva crescente.

— Olha só, vocês são todos surdos? De quantas maneiras eu posso dizer? Eu. Não. Uso. Drogas. Nunca usei. Se tem algo no meu sangue, então não sei como chegou lá. Verifiquem o refeitório do colégio. Verifiquem a água do reservatório da cidade. Verifiquem o bule de café lá em casa. Como eu saberia de onde a droga veio? Tudo o que sei é que nunca fiquei doidona e jamais ficarei e tudo isso é uma palha...

— *Chega!* — rugiu o pai, e ficou de pé. — Dana, esta baboseira já passou dos limites. Eu esperava mais de você.

Havia um peso tão grande de decepção e raiva na voz que esmagou Dana até ela se curvar e virar o rosto.

— Pai, me desculpe, mas eu realmente preciso que o senhor acredite em mim.



— Acreditar em você? Dana, você não fez nada além de mentir para mim. Para todo mundo.

— Capitão Scully — disse Sternholtz, decisivamente —, por mais que me doa fazer isso, eu não vejo opção a não ser suspender a Dana até a completa revisão do caso.

Ficou claro que não lhe doeu em nada. O diretor era a única pessoa ali que parecia estar se divertindo.

Após tudo o que aconteceu nos últimos minutos, uma suspensão deveria ter sido fichinha. E ainda assim arrasou Dana.

— Não... — começou a falar, mas não sabia mais o que dizer ou como reagir.

— Dana — disse o pai —, você vai para casa e para o seu quarto e ficará lá. Agradeça que não haja mais desta substância no seu organismo para ser presa por esses detetives. Eu mesmo te levaria, mas tive que sair de uma reunião importante para vir aqui resolver isso. Tenho que voltar para a base. Vá para casa. Me dê sua palavra de que você fará pelo menos isso.

— Pai...

— Por favor, Starbuck — disse, e a voz grossa cedeu. — Por favor.

Dana esticou a mão para pegar a do pai, mas ele recuou. Recuou da filha. Ficou fora de alcance. Ficou a quinze mil quilômetros de distância, naquele gabinete apertado.

— Vá para casa — disse o pai.

Ela era uma coisa destruída, um inseto pisado. Não era nada.

O diretor estava sentado de maneira afetada atrás da mesa, com dedos entrelaçados e um sorriso que quase se revelava na boca. Os detetives usavam expressões de policiais, que não demonstravam nada. A enfermeira enxugava as lágrimas dos próprios olhos.

O rosto de Dana ardia como o sol, mas a sala estava fria. Então seria assim. Ela saiu da sala e fez questão de bater a porta ao sair com o máximo de força possível.

# CAPÍTULO 74

Craiger, Maryland

08h10

Dana estava a meio caminho de casa quando a raiva passou e foi substituída por uma grande tristeza. Os pássaros nas árvores se calaram e as sombras cobriram o sol como se ele também estivesse com vergonha de olhar para ela. Como se também tivesse abandonado Dana.

Ela parou em uma esquina e ficou lá por alguns momentos, tentando encontrar sentido na situação, tentando localizar o momento exato no qual tudo desmoronou.

Será que tudo realmente começou quando eles se mudaram para Craiger?

Toda a análise lógica de Dana colidiu em seus pensamentos. Os autos do caso, o catálogo mental, o que ela sabia e o que vivenciou. Corinda e Angelo.

Dana não queria ir para casa. Seria muito parecido com ir para a prisão no primeiro dia de uma pena de prisão perpétua. O pai a odiava agora — tinha certeza disso. Melissa estava encarcerada também.

Por outro lado, fugir não era realmente uma opção. Às vezes dava a *impressão* de ser um plano, mas não havia como fazê-lo dar certo. Ela não tinha dinheiro. Era menor de idade. Era uma *garota*. Não tinha lugar para onde fugir. Não havia ninguém que fosse correr o risco de abrigá-la. E o pai a encontraria. A polícia a encontraria.

Talvez o anjo a encontrasse.

E aquela foi uma ideia esquisita, pois Angelo estava preso.

Será que aquilo significava que as visões parariam? Afinal de contas, como as barras de ferro impediriam Angelo de entrar nos sonhos de Dana? Será que ele a atormentaria? Será que Angelo se concentraria em Dana e tentaria destruí-la? Melhor dizendo, tentaria destruir o que sobrou da vida dela?

A esquina estava vazia, e ninguém saiu de trás de uma árvore para oferecer respostas ou soluções.

— Ethan — Dana falou em voz alta, e se surpreendeu por dizer o nome dele. E depois, disse: — Luz do Sol.

Os dois ainda estavam lá fora. Claro que Ethan foi um babaca, mas ele era um amigo. Talvez mais do que isso. Será que Ethan a ajudaria? Não, decidiu Dana, provavelmente não. Seu tio Frank era

quem comandava a investigação. Pedir ajuda a Ethan seria cruel e injusto. Iria forçá-lo a tomar decisões que só poderiam prejudicá-lo.

Sobrou Luz do Sol.

Dana virou na direção da avenida Central. Ela pensou em ir à Além do Além, mas aí se deu conta de que Corinda também estaria lá, assim como um monte de repórteres, provavelmente. Mesmo assim, Luz do Sol era inteligente e o médium mais poderoso da área. Se alguém poderia ajudá-la, seria ele.

Ao pensar em como estava perdida, Dana transformou um pouco do medo e da mágoa em raiva. Aquilo não era justo. Nada daquilo era justo. Ela não pediu por nada daquilo.

E não fazia sentido. Todo mundo vinha perguntando recentemente se ela estava se drogando e dizia que seus olhos estavam esquisitos. Dana também se viu no espelho, mas supôs que os olhos estranhos eram causados por tudo que ela vinha passando. Afinal de contas, Dana realmente não usou drogas. Só a ideia de tomar alguma coisa que retirasse um pouco de controle que fosse sobre seus pensamentos e ações era ao mesmo tempo assustadora e repugnante. Ela gostava de estar no controle. Era por isso que Dana não achava que algum dia fosse querer realizar mais daquela projeção astral que fez com Luz do Sol. Ela imaginava que ficar doidona era algo parecido com aquilo e não queria fazer parte daquela experiência.

Aquilo não explicava o exame de sangue. Não explicava o Eclipse.

Como aquela droga entrou em seu organismo? Sério, como ao menos seria possível? Dana exigiu que a mente decifrasse aquele mistério. Ela repassou tudo o que comeu ou bebeu nos últimos dias. As únicas coisas que Dana não podia garantir que não foram manipuladas eram a comida no colégio e o que ela consumiu na Além do Além. Dana voltou a andar, sem andar para qualquer direção específica, desde que não fosse "para casa".

Se fosse a comida no colégio, isso justificaria que algumas das vítimas tivessem a droga no organismo. Mas se fosse a comida do refeitório, todo mundo não estaria exposto? Como seria possível atingir alunos específicos? Angelo trabalhava lá, mas não na

cafeteria. Por outro lado, os zeladores do colégio iam a todos os lugares e tinham chaves para todas as portas.

Se tivesse acontecido na Além do Além, então faria mais sentido. Angelo também trabalhava lá, e teria sido muito fácil adulterar um saquinho de chá ou um bolinho. Melissa não foi drogada, até onde Dana sabia. Ela só bebia café. Então isso significava que era o *chá*?

O chá.

Sim. Ela bebia chá toda vez que ia à Além do Além. Toda vez.

Dana sentiu uma onda de empolgação. Será que ela conseguiria entrar lá e pegar alguns dos saquinhos de chá? Se chegassem às mãos do tio Frank, ele poderia fazer algum tipo de teste.

Dana apertou o passo e começou a andar com mais determinação na direção da loja de Corinda.

# CAPÍTULO 75

Craiger, Maryland

08h10

— Lá está ela — disse Danny.

Ele era o motorista de Gerlach hoje porque o sujeito de sempre faltou alegando estar doente novamente. Assim como o sujeito novo. Estava virando moda com qualquer um que passasse muito tempo com o agente ruivo. Danny entendia. Ninguém estava doente; eles apenas estavam com medo de Gerlach. Os rumores entre os agentes de baixo escalão era que Gerlach às vezes entrava em suas mentes. Danny sabia disso por experiência própria e, embora aquilo o assustasse, ele podia levar na boa. Talvez se os outros agentes estivessem ali para assistir aos monitores e ver o que o anjo estava fazendo, eles não ficariam com tanto medo de Gerlach.

— Estou vendo — murmurou o agente Gerlach.

Ele estava de chapéu, com a aba tão baixa que se apoiava nos pequenos binóculos poderosos.

— Qual é a ordem? Vamos pegá-la?

— Eu ainda não me decidi.

— Mas não temos que ir? Ela é capaz de identificar o nosso garoto.

Gerlach observou Dana Scully sair a passos largos do Colégio Regional Francis Scott Key. Ele ficou sentado mascarando chiclete, sem dizer nada.

— Ela está andando — disse Danny.

— Estou vendo.

— Mas não está indo para casa.

— Também estou vendo isso — concordou o agente Gerlach.

— Eu pensei que esse fosse o plano. Ela vai para casa e nós a pegamos.

Gerlach fez que não com a cabeça.

— Era uma contingência possível. Essa situação ainda pode se desenrolar de várias maneiras.

Os dois observaram Dana ir embora.

— Eu posso meter uma bala nela daqui — sugeriu Danny enquanto estendia o braço para trás a fim de dar um tapinha no rifle de precisão, dentro do estojo no banco traseiro. — Um tiro e a gente encerra o caso dela.

— Talvez — disse Gerlach. — Essa é outra contingência.

— Então... o que devemos fazer?

— Vamos segui-la e ver o que está aprontando.

Danny ligou o carro.

— E, chefe... o que faremos em relação ao Angelo Luz?

Gerlach pensou um pouco sobre o assunto.

— Esse é um problema completamente diferente.

— Nós, hã, temos contingências para esse caso?

O agente ruivo sorriu.

— Nós sempre temos contingências, moleque.

O sedã preto seguiu a um quarteirão e meio atrás de Dana Scully, se movendo tão silenciosamente quanto uma sombra.



# CAPÍTULO 76

Além do Além

09h13

— Dana — disse Corinda, um sorriso surgindo no rosto ao levantar os olhos do balcão. — Estou surpresa de te ver aqui tão cedo. Você não tem aula hoje?

Dana foi a passos largos até o balcão e bateu com as duas mãos nele, o que provocou um susto na médium. Havia apenas um punhado de clientes no lugar, todos vestidos para fazer ioga e indo para os fundos, com os tapetes de borracha enrolados embaixo dos braços. Eles olharam para Dana, claramente percebendo a fúria e tensão nos traços retesados de sua postura. Ela os ignorou, se inclinou à frente e praticamente disparou a resposta para Corinda.

— Eu fui *suspensa*.

— Suspensa? Por quê?

— Você é a grande médium. Achei que já soubesse.

O sorriso de Corinda sumiu.

— Ok, você está nitidamente chateada. Sua aura está estalando com energia negativa.

— Minha aura vai bem — disparou Dana. — Minha vida está desmoronando e a culpa é sua.

— Minha? — Corinda pareceu realmente surpresa. — Como é minha culpa você ter se encrencado no colégio?

— Como? *Como?*

— Pare de gritar.

— Você foi à polícia. Apareceu em todas as emissoras de TV. Seu rosto está nos jornais. Acho que você sabe.

Corinda saiu correndo de trás do balcão, pegou Dana pelo braço, e meio que a conduziu, meio que a arrastou para a mesa do outro lado da cortina.

— Você precisa se sentar e se acalmar, Dana.

— Por quê? Porque você não quer que as pessoas saibam que tipo de babaca egoísta você é?

— Não, porque este é um lugar sagrado do espírito e há uma aula de ioga começando. Tenha respeito.

Dana baixou a voz, mas não a intensidade. Ela se sentou com a costas voltadas para a divisória, mas se inclinou sobre a mesa para confrontar Corinda.

— Luz do Sol ia falar com o xerife.

— Eu sei.

— Então por que você foi?

— Porque ele estava pensando a respeito, e eu achei que não podíamos nos dar ao luxo de esperar mais. Eu realmente tentei encontrá-lo, mas ele estava fora. Esperei até quando deu e aí fui de carro ao gabinete do xerife.

— Você resumiu o caso todo a você — disse Dana. — Você resumiu tudo isso à grande e poderosa médium Corinda Howell.

Corinda franziu os olhos.

— O que você queria que eu fizesse, exatamente? Contar para todo mundo que uma garota de 15 anos estava vendo anjos e demônios? Que os mortos falavam com você?

— É a verdade.

— Sinto muito por te informar, queridinha, mas a verdade nem sempre é o melhor caminho. Se eu contasse a verdade absoluta, então eles teriam te colocado na berlinda. Que chance você teria de *algum dia* levar uma vida normal? Eles já acham que sou esquisita. Sou a estranha que administra aquela loja bizarra na cidade, lê cartas de tarô e fala com o mundo espiritual. Essa sou eu e essa é quem eu já sou. Se as pessoas pensarem que sou alguma espécie de maluca, não será exatamente uma novidade. Mas, Dana, você é nova aqui na cidade. Ainda é uma criança. Eu sei como é ser estranha no colégio. Fui debochada e zombaram de mim a vida inteira. Nunca tive a chance de ter uma vida normal. Nunca. Você ainda tem. Eu posso fazer com que a coisa que aconteceu com você no vestiário tenha sido causada por influência minha. Posso convencer as pessoas disso. O foco não será em você, e após um tempo as pessoas nem se importarão com isso. Nem mesmo a galera na escola. A história já é tão maior do que sua visão da Maisie que você nem é mencionada nos jornais. Você está com raiva de mim porque estou colhendo os louros do caso? Claro. Fique com raiva, tudo bem. Mais tarde, quando você for capaz de fazer amigos no colégio, conhecer garotos, ir aos bailes e ter uma vida normal, talvez você tire o ego do pedestal e perceba que o que eu fiz foi por empatia e compaixão por você.

Dana ficou sentada ali, tão chocada que se calou.

Corinda estendeu as mãos e pegou as de Dana.

— Eu sou sua amiga, querida. Sempre serei. Eu me importo tanto com você que posso lidar com a sua raiva e até seu ódio neste momento. Isso não vai mudar o que eu sinto e não vai me afastar.

Dana estava tão confusa com a onda de emoções conflitantes no seu coração e na sua mente que não conseguiu dizer nada. Corinda fez carinho nas mãos dela e depois saiu para pegar chá e um brioche para Dana.

Ela serviu a bebida e a comida e depois foi receber o pagamento de alguém no caixa.

Dana olhou para o pequeno porta-saquinhos de chá e, ao fazê-lo, o medo e a raiva voltaram. Mais amenos, porém. Ela pegou um tipo de chá que normalmente bebia. Na pequena etiqueta se lia ALÍVIO. Dana cheirou o chá, olhou em volta para garantir que ninguém estava olhando e o enfiou rapidamente na mochila. Havia mais três saquinhos de Alívio. Ela pegou um segundo, arrancou a etiqueta, guardou o saquinho juntamente com o outro, depois pegou um terceiro normal, de uma marca comercial comum, retirou a etiqueta, amarrou à outra escrita ALÍVIO na cordinha e mergulhou o saquinho na xícara. Dana afastou o porta-chás.

# CAPÍTULO 77

Além do Além

10h04

Dana estava prestes a se levantar para ir embora quando viu Luz do Sol sair da Sala da Crisálida. Ele usava calças pretas folgadas, do tipo que um dançarino moderno usaria, e uma camisa azul de tecido aveludado enfeitada com sóis e planetas girando. Luz do Sol viu Dana, veio rapidamente em sua direção e se sentou no banco em frente a ela. O rosto bonito estava vincado em preocupação.

— Eu odeio plagiar uma frase de filme — disse ele —, mas eu sinto um distúrbio na sua Força.

— É bem por aí.

— É por causa da reportagem?

— Mais ou menos. Por que você deixou a Corinda ficar com todos os louros? Eu queria que você falasse com o xerife.

Luz do Sol sorriu.

— Ela se alimenta de atenção, Dana. Eu, não.

— Mas...

— Reconheça o que a Corinda fez. Ela te manteve de fora da situação.

— Ah, é, eu estou *super* fora da situação.

Ela contou sobre o exame de sangue e a suspensão. O sorriso de Luz do Sol não esmoreceu.

— Não se preocupe com isso, irmãzinha — disse ele. — Eu tenho plena confiança de que tudo vai se ajeitar. Você ficará bem. Eu ainda tenho a intenção de conversar com o xerife e também conheço o senhor Sternholtz. Posso ter um papo discreto com ele.

— Você o conhece?

— A cidade é pequena, Dana, e eu pago muitos impostos. Isso me abre um espaço para, digamos assim, discussões francas.

— Ah. Bem... isso é...

Ele balançou a cabeça.

— Tenha calma, Dana. Este assunto terrível está chegando ao fim e você ficará bem.

— E quanto ao Angelo?

— Ah, pobre Angelo. — Luz do Sol balançou a cabeça. — Eu raramente erro em relação a uma pessoa, mas errei no caso dele. Todos nós aqui erramos.

— Como? — perguntou ela. — Se você e a Corinda têm todos esses superpoderes psíquicos, como vocês não souberam que era ele?

— Você se lembra que eu disse que o anjo também tinha qualidades poderosas? Foi isso que eu quis dizer. Ele claramente possui a capacidade de bloquear percepção psíquica. Esse é um grande dom, e é muito triste que ele o tenha usado para os objetivos errados.

Dana balançou a cabeça lentamente.

— Eu sei que ele é o anjo, mas ainda não consigo acreditar.

— Esta é a natureza das personalidades carismáticas, Dana. Elas conseguem te convencer de que são anjos ou santos ou pessoas merecedoras de confiança. Líderes de cultos e políticos vêm usando o poder do carisma há milhares de anos. É preciso ter muito medo de um médium com controle sobre o próprio carisma. Mal posso imaginar o que acontecerá durante o julgamento dele. O Angelo é sem dúvida suficientemente poderoso para influenciar as mentes do promotor, do juiz e até mesmo do júri. Nosso sistema legal não foi estruturado para lidar com uma pessoa como ele.

— O que você está dizendo? Que o Angelo será solto?

— É possível. E é por isso que você precisa continuar a desenvolver suas próprias qualidades. Eu posso lhe ensinar técnicas de defesa psíquica.

Dana tomou um gole do chá, mas não respondeu.

— Isso tudo deve lhe causar muito sofrimento — disse Luz do Sol gentilmente. — Eu não preciso ser médium para ver a dor nos seus olhos. Você gostava do Angelo, por mais áspero que ele fosse.

— Eu gostava de um assassino, que beleza. Pelo menos até ele me perseguir pela rua. Isso diz muito sobre mim.

— Você demonstrou compaixão e gentileza por alguém que viveu uma vida difícil. Pegue esta parte e reconheça seu valor. Ela diz muito sobre seu caráter, Dana. Ser enganada e ser alvo de mentiras diz muito sobre o dele.

Ela concordou com a cabeça.

— Obrigada.

— Eu imagino que não vá te ver por um tempo — disse Luz do Sol.

— Isso mesmo, porque eu fui suspensa.

— Mas a suspensão não vai durar para sempre, e até mesmo seu pai não manterá você de castigo até que tenha idade para se aposentar.

— Ele vai tentar.

— Não vai — garantiu Luz do Sol. — Agora... preste atenção. Eu vou te ajudar a resolver essa situação. Você é uma das *minhas* agora. Você pertence à minha família espiritual, e nós protegemos os nossos. Posso não ser tão perigoso quanto o Angelo Luz, mas de vez em quando eu acerto. Tenho minhas qualidades. E não há nada que eu não faça para proteger a minha família.

— Eu... não sei nem como...

Ele balançou a cabeça.

— Você está perigosamente perto de queimar alguns fusíveis importantes, Dana. Eis o que você precisa fazer. Vá para casa. Deixe seus pais gritarem com você. Concorde com a cabeça, pareça arrependida e prometa que vai ser uma boa menina. Diga o que quer que eles precisem ouvir para que o ataque verbal cesse. Jogue o jogo da maneira deles e deixe que vençam esta rodada. Depois, quando as coisas se acalmarem, seus pais vão lhe recompensar por ser uma filha boa e obediente que claramente aprendeu suas lições, e vão suspender as proibições que fizeram. A mesma coisa com o colégio. Então você voltará aqui e começaremos a trabalhar. Vou ensinar tudo que eu puder para torná-la o mais poderosa possível, e sei que você possui um potencial incrível. Juntos, nós vamos aplicar nossas qualidades no que está acontecendo nesta cidade. Se Angelo realmente for o anjo, então arrumaremos as provas que tornarão impossível, mesmo para ele, ganhar a liberdade através de manipulação. Vamos descobrir quem está vendendo Eclipse em Craiger e acabar com o negócio deles. Quando nos *tornarmos* as versões mais poderosas de nós mesmos, vamos mostrar para todo mundo do que as pessoas como nós são capazes. Não apenas lendo mãos e prevendo o futuro, mas sendo verdadeiras forças do bem em



um mundo conturbado. Isto é o que eu ofereço, Dana. — Ele esticou a mão. — O que acha?

— Parece... maravilhoso.

Dana aceitou a mão estendida, o cumprimentou e, pela primeira vez, as nuvens que se reuniram sobre sua vida pareceram se abrir e deixar passar a luz do sol límpida e pura.

— Seja forte e paciente — aconselhou Luz do Sol.

Ele deu um último aperto na mão de Dana, saiu da cabine e foi embora da loja.

Dana observou Luz do Sol sair e sentiu o peito inchar de admiração por ele. Luz do Sol era como seu mentor, obviamente, mas era mais do que isso. Muito mais. Por que seu próprio pai não lhe ofereceu aquele tipo de amor, confiança e apoio?

Os pensamentos foram interrompidos pela voz de Corinda falando com um cliente do outro lado da divisória.

— Sim, fico contente em ajudar o departamento de polícia da maneira que puder.

Dana meio que se virou no banco para ouvir. O cliente estava falando entusiasmado sobre como era maravilhoso que Corinda estivesse usando seus dons para ajudar a cidade. Corinda estava se regozijando. Então algo ocorreu a Dana que fez o sangue gelar. Ela conseguia ouvir *tudo* que era dito na caixa registradora do café. A divisória, afinal de contas, não era mais do que um pedaço de lona colorida em um estrutura de madeira. E se ela podia ouvir a conversa de Corinda, o que Corinda podia ouvir da cabine atrás dela?

Dana lembrou das vezes que ela e Melissa estiveram ali e tudo o que conversaram. As visões de Dana, o anjo, ter visto Maisie em sonhos e na escola, a reação dos professores e dos outros estudantes...

Praticamente tudo.

Absolutamente.

Tudo.

Antes de se dar conta, Dana já tinha saído da cabine. Ela só faltou empurrar o cliente da caixa registradora e apontou um dedo acusador para Corinda.

— Você mentiu! — berrou Dana.

— O quê? Baixe a voz — exigiu Corinda.

— Você é uma fraude — reclamou Dana, com o tom de voz aumentando. — Você não é médium, você não viu nada. Você é uma farsa e uma mentirosa.

— Dana, eu pedi para baixar a voz.

As pessoas na loja estavam olhando com olhos arregalados, boquiabertos diante do acesso de raiva, estarecidos com a cena que Dana estava fazendo. Mas Dana não se importou. Ela queria pular por cima do balcão e socar Corinda.

— Você *ouviu* as minhas conversas com Melissa. É por isso que sabe tanto. Você é tão médium quanto um rato morto. Meu Deus! Como é que eu fui acreditar em alguém como você? Você espiona e ouve escondida, e depois você finge que as coisas lhe vieram em *suas* visões. Que piada! Você é uma egoísta repugnante, uma traíra...

— *Cale a boca!* — rugiu Corinda com uma força que fez Dana se calar por causa do susto. — Cale a boca agora mesmo e saia da minha loja. Saia. Não, não diga mais uma palavra. Fora. *Fora!*

Ela deu a volta no balcão e empurrou Dana na direção da porta lateral. Corinda era alta, forte e estava tomada por uma raiva furiosa.

— Você é uma garota estúpida que não sabe do que está falando. Ande. Saia daqui e nunca mais volte.

E então Dana estava na calçada, vendo Corinda fechar a porta. Ela observou pela vitrine os clientes no interior da loja irem correndo oferecer apoio a Corinda e lançar olhares de ódio para Dana, lá fora.

# CAPÍTULO 78

Craiger, Maryland

11h21

E então Dana foi para casa.

Casa.

Deveria ter sido um farol de esperança que prometia um oásis de tranquilidade e aceitação. Até parece. Ela caminhou penosamente pela rua, arrastando os destroços de muitas coisas. Apesar das palavras encorajadoras de Luz do Sol, Dana tinha que pensar sobre tudo o que aconteceu na Além do Além.

Que ela estava certa a respeito de Corinda ser uma farsa parecia ser inquestionável. Tudo o que a médium dissera na TV e para ela nas “sessões” podia ter saído de coisas que Dana falou na loja. Talvez houvesse algumas coisas da sessão de Dana na Sala da Crisálida mas, a esta altura, Dana não descartava que Corinda tivesse grampeado a sala de Luz do Sol. Talvez esse fosse todo o lance de Corinda — roubar informações e ideias das pessoas que confiavam nela. Corinda estava sempre fofocando na loja. Será que era assim que ela captava detalhes sobre os fregueses habituais?

Todas as forças de Dana gritavam *sim*.

Aquilo a entristecia na mesma medida em que a enfurecia. Ela confiou em Corinda e confiou nas habilidades de Corinda como uma verdadeira médium. Agora tanta coisa era mentira...

“Nem tudo”, sussurrou sua voz interior. “Luz do Sol é real. Acredite nele.”

Dana acreditava, mas mesmo aquilo pareceu frágil como uma fibra de vidro.

A meio caminho de casa, ela viu uma figura correndo em sua direção. Mesmo a três quarteirões de distância, Dana reconheceu aquela corrida, reconheceu o rabo de cavalo crespo e agitado, que balançava.

— Missy — murmurou ela, com um nó na garganta.

Dana disparou para encontrar a irmã, sabendo que, de alguma forma, as duas iriam desfazer qualquer emaranhado de nós que as prendera na noite anterior. Mas, ao se aproximarem, Dana notou que havia algo errado. Melissa não estava sorrindo. Aquela não seria uma reunião feliz. Estava com a cara amarrada. O rosto estava contorcido em uma máscara de pura raiva e indignação.

— Qual é o seu *problema*? — berrou Melissa a meio quarteirão de distância.

Dana parou de supetão.

— Do que você...?

— Ela ligou para a mamãe e estava chorando no telefone, Dana — respondeu Melissa com uma fúria de verdade enquanto diminuía o passo. — Como você pôde fazer isso com ela? Como pôde dizer aquelas coisas?

— Corinda ligou lá para casa? — perguntou Dana, chocada com a notícia.

— Claro que sim. Ela se importa com você e está preocupada que você vá fazer alguma estupidez.

— Tipo o quê? Contar para todo mundo que ela é uma farsante e uma mentirosa?

— Não, ela tem medo que você perca o controle e talvez se machuque.

As duas irmãs ficaram se encarando, ambas enrubescidas e com raiva, de punhos cerrados e olhos brilhando.

— Ela é uma mentirosa — repetiu Dana.

— E você é uma idiota. Não tinha direito de dizer aquelas coisas horríveis para ela na frente de seus clientes. Corinda ficou perturbada demais, e a mamãe teve que acalmá-la. Foi horrível. Eu nunca pensei que você pudesse ser assim tão cruel.

— Você vai aceitar a palavra dela em vez da...

— Em vez da sua? É, acho que sim. Quem não aceitaria? Eu soube de seu exame toxicológico, Dana. Não acredito que você não me contou. Depois de tudo isso, quem acreditaria em alguma coisa que você diz? — Melissa apontou para casa. — Você tem sorte de ter sido mamãe que atendeu à ligação e não o papai. Você deveria ter vindo direto para casa ao sair do colégio. A mamãe ligou para a diretoria, e eles me tiraram da aula para procurar por você. Você tem sorte se a suspensão não virar uma expulsão completa. Mamãe quer que eu te leve para casa mesmo que tenha que te amarrar e te carregar.

Dana abriu a boca.

— Eu não quero saber — disparou Melissa. — Mamãe disse que não vai contar para o papai se você for para casa imediatamente.

E pronto. Sem opções, sem saída. E sem aliados, nem mesmo a própria irmã.

Melissa deu meia-volta e começou a ir para casa, de punhos ainda cerrados, os ombros rígidos de raiva. Dana seguiu como uma prisioneira indo para a guilhotina.

# CAPÍTULO 79

Residência dos Scully

11h35

A mãe chorou horrores. Ela fez as mesmas perguntas que todas as outras pessoas fizeram para Dana, que repetiu as mesmas respostas, mas agora era como se repetisse as falas em um roteiro. A mãe a mandou para o quarto. Sem telefonemas, sem nada.

Mais tarde, porém, houve uma batida na porta, e quando Dana abriu, viu uma bandeja de comida no chão e ouviu os passos da mãe na escada, recuando rapidamente para não interagir com ela. Foi horrível.

Dana bateu a porta ao ver a bandeja e ficou sentada na cama o dia inteiro, até a noite. O pai chegou em casa, mas não subiu. Charlie brincou sozinho com espaçonaves de brinquedo no jardim embaixo da janela de Dana. Melissa ligou o som e tocou músicas muito trágicas, muito alto.

Quando Dana ouviu a porta de entrada ranger ao ser aberta, ela prestou atenção e escutou a mãe e o pai conversando baixinho na varanda. A mãe soluçava de vez em quando.

Aquela era a oportunidade que Dana estava esperando. Ela abriu a porta muito silenciosamente e foi de mansinho para o corredor. A música de Melissa estava suficientemente alta para dar uma boa cobertura quando Dana pegou o receptor do telefone e discou um número.

Ethan atendeu no sexto toque.

— Eu preciso falar com você — disse Dana.

— É, eu calculei que você ligaria, com tudo que está acontecendo — respondeu ele. — Mas terá que ser rápido, porque o tio Frank acabou de ir ao mercado. Ele voltará a qualquer momento.

— Ethan, eu...

— Não, me deixa falar primeiro — disse Ethan. — Primeiro, eu sinto muito mesmo pelo que aconteceu. Eu não falei a coisa certa.

— Tudo bem — falou Dana.

— Não — disse ele —, não está. Eu não sei falar com garotas e realmente gosto de você. Desculpe ter te ofendido.

Dana pigarreou.

— Eu também gosto de você, Ethan, e *está* tudo bem.

— Obrigado. Escute, só espero que você saiba que não é culpa sua.



— Não, a culpa é da Corinda.

— Hã? — falou ele.

— De ter ferrado com o que a gente estava fazendo. Ela me ouviu conversando com a Melissa e foi de lá que tirou todas as coisas para falar.

— Dana, não estou falando disso. Estou falando sobre o que aconteceu hoje à noite. Achei que esse fosse o motivo da ligação.

— O que você quer dizer? Estou confusa. Eu... eu estou com medo e... queria ter certeza que você estava bem e saber se seu tio deu bronca em você. Então... você está bem?

— Eu? — disse Ethan. — Espere, você não me ligou sobre a Karen?

— Não, por que eu ligaria? A Karen está segura agora. O Angelo está na cadeia e...

— Dana, você não está vendo nem o noticiário?

— Do que você está falando?

— É assunto geral. Deram a notícia há uma hora. Encontraram Karen Allenby no campo de futebol do colégio. Dana... Ela foi assassinada.

# CAPÍTULO 80

Residência da família Scully

20h35

Dana bateu o telefone e correu para a porta de Melissa. Ela bateu, mas como não houve resposta, Dana tentou a maçaneta, e a porta abriu. A irmã estava na cama com os pés apoiados na parede e os tornozelos cruzados. Ela virou a cabeça com uma grande demonstração de desinteresse.

— Vá embora — disse Melissa.

— Ouça — vociferou Dana. — Alguém acabou de matar Karen Allenby.

Melissa tirou as pernas do alto e ficou de pé, com os olhos arregalados.

— *O quê?*

— É verdade, está no noticiário. O Ethan me contou.

— Como? Espere aí, você ligou para ele?

— Sim, liguei. E daí? A Karen está *morta*. Você não entende o que isso quer dizer?

— Eu...

Dana agarrou Melissa pelos antebraços.

— Se o Angelo está na cadeia, então não pode ter sido ele. O que significa que Corinda estava mentindo. Significa que isso é culpa da Corinda. Ela fez a polícia prender o Angelo em vez de procurar pelo verdadeiro assassino. Deus, como pude ter sido tão estúpida? Eu deveria ter feito algo a respeito disso.

Melissa parecia confusa em excesso, como se tivesse sido atingida por uma arma de efeito moral.

— Foi outro acidente de carro?

— Não — respondeu Dana. — Ela foi esfaqueada no campo de futebol.

O horror da cena — tanto a forma como Karen foi assassinada, quanto *o lugar* onde foi assassinada — arrancou todo o ar do ambiente.

— Temos que ligar para Corinda — arfou Melissa. — Talvez o Angelo tivesse um cúmplice e ela consiga descobrir quem é. Ela vai nos ajudar e...

— Argh, você é inútil — rosnou Dana.

Ela empurrou a irmã de volta para a cama, deu meia-volta e saiu correndo do quarto. Dana estava descendo no meio da escada

quanto se deu conta que os pais ainda estavam na varanda. Então uma figura saiu das sombras do recuo da escada. A avó. Dando aquele sorriso estranho e distante.

— Você costumava gostar de andar de bicicleta, minha querida Margaret — disse a avó. — Por que não anda mais de bicicleta?

Dana pestanejou.

— Bicicleta? Grande ideia. Obrigada, vovó.

Ela deu um beijo na avó e um passo na direção do quintal, mas a velha pegou seu braço e o segurou com uma força surpreendente.

— Cuidado, Dana Katherine Scully. Tantas pessoas te amam. Tantas pessoas precisam de você. Até mesmo algumas que você ainda não conheceu.

— O quê?

A mão que agarrava Dana perdeu a força e a avó deu um sorriso vazio.

— Você sempre adorou sua bicicleta.

Ela soltou a neta e voltou para o recuo escuro da escada. Dana queria perguntar o que ela quis dizer com aquilo, mas não havia tempo, então rumou para a porta dos fundos, pegou um agasalho pesado com capuz pendurado ao lado da porta, retirou a bicicleta do lugar em que estava encostada, no barracão de ferramentas, e foi empurrando o veículo rapidamente pelo portão e beco dos fundos. Ela montou quando chegou à transversal, deu impulso e disparou noite adentro.

Não levou muito tempo para chegar à avenida Central, virou para a direita e seguiu rapidamente por entre o trânsito. Passava das nove horas e havia apenas alguns carros. Ela viu a placa da Além do Além adiante. As luzes da vitrine estavam apagadas, o que desanimou Dana, mas quando parou a bicicleta, ela viu Corinda no interior da loja, parada embaixo de uma única luz, fazendo o balanço da caixa registradora da entrada. Dana largou a bicicleta no meio da calçada e abriu a porta com um solavanco.

— Desculpe, estamos fechados — disse Corinda sem erguer os olhos.

— acredite — falou Dana —, eu não estou aqui para uma leitura de aura.

Corinda levantou o olhar.

— O que  *você*  está fazendo aqui?

— É o que vim te perguntar — disparou Dana. — Você soube da notícia?

— Que notícia? Você foi falar com o povo da TV que tudo se resume a você e que eu não sou nada além de uma fraude? Não é essa a história que está contando para as pessoas?

— Eu quero te socar agora mesmo.  *Não* . Eu me refiro à notícia sobre Karen Allenby.

Corinda suspirou impaciente.

— O que tem ela?

Dana se debruçou no balcão e berrou na cara de Corinda.

—  *A Karen está morta!*  Foi assassinada por alguém e não foi o Angelo Luz, porque ele está na cadeia, graças a você.

— Não... — disse Corinda em uma voz contida. — Não, isso é impossível.

— Por quê? Porque você é esta grande médium infalível? Porque você é Corinda Howell e não pode estar errada? Ora, quer saber? Todo esse lance psíquico é pura baboseira e você sabe disso. Você não é nada. Não, estou errada. Você é responsável pela Karen. Por sua causa, a polícia parou de procurar a pessoa que realmente matou todo mundo, e agora a Karen está morta e a culpa é  *sua* .

— Não, não, contei para eles o que eu sabia... Isso está errado. Não pode ser verdade.

— O que te deu tanta certeza de que o culpado era o Angelo, afinal de contas?

— Todos os sinais apontavam para ele, Dana.

— Sinais?  *Sinais?*  E quanto aos fatos? E quanto às provas?

— Convicção não exige provas — respondeu Corinda em tom professoral —, não diante da intuição verdadeira.

— Você está doida?

— Você não compreende...

— Compreende o quê? Você está dizendo que realmente não precisava de provas para dizer que o Angelo é o assassino? Você disse para a polícia que ele era. Convenceu os policiais de alguma forma.

— E o que ele fez? Saiu correndo. Acho que isso é prova suficiente.

— Não, não é! — rugiu Dana. — Tudo o que você faz é mentir, dar desculpas e prejudicar pessoas, Corinda. Qual é o seu problema? Você está escondendo mais alguma coisa? É isso? — Ela socou o balcão. — Esta é a questão? É *você* quem está auxiliando o assassino? Ou é você quem está vendendo aquela porcaria de Eclipse? Foi isso que você colocou no meu chá para eu surtar? O que o Angelo fez para você? Ele soube que você estava vendendo drogas aqui e você mentiu sobre ele para retirá-lo do caminho? Aposto que é isso.

— Não, não, não, não, não, *não!* — balbuciou Corinda.

— Você está vendendo drogas aqui? Deu Eclipse para mim em segredo?

— Não diga um absurdo desses.

— Estou falando muito sério, Corinda. Eles encontraram Eclipse no meu sangue, e agora eu me pergunto se você usou a droga para batizar meu chá.

— Eu nunca faria algo assim, Dana, eu juro — disse Corinda, recuando de forma que os ombros bateram na divisória com força suficiente para arrancá-la dos ganchos.

A cortina caiu no chão, expondo a cabine atrás dela. Dana pensou que aquilo era uma grande afirmação sobre a maneira como Corinda realizava todo o golpe psíquico.

— Eu peguei alguns daqueles saquinhos de chá hoje — relevou Dana — e vou entregá-los à polícia. Aí eles virão aqui para te levar presa e manter assim para sempre.

— Eu jamais te dei drogas. Meu Deus, eu jamais faria algo assim. Você é apenas uma criança.

— Assim como Karen. Assim como Maisie, Todd, Jeffrey, Chuck e os outros. Todos nós éramos crianças e você nos destruiu. Talvez você não tenha segurado a faca, mas é tudo culpa sua. E você tentou culpar o pobre do Angelo.

— O Angelo é um monstro — disparou Corinda. — Estava sempre bisbilhotando. Sempre ouvindo atrás de portas ou metendo o nariz onde não era chamado. Ele conhecia cada um dos jovens que

morreram. Você sabia disso? Não, aposto que não. Todos eles vinham aqui para ter aulas, e eu vi o Angelo conversando com cada um deles, uma vez ou outra. Era assim que ele os marcava. Ele estava usando esta loja, *meu* lugar sagrado, para escolher suas vítimas. Se alguém te deu Eclipse em segredo aqui, foi ele. O Angelo *tem* que ser o responsável por isso.

— Ele está na *cadeia*.

De repente, as luzes da loja se apagaram e o lugar inteiro mergulhou na escuridão. Dana e Corinda gritaram.

A seguir, houve um barulho atrás delas, e um vulto saiu da escuridão do fundo da loja, com o rosto iluminado pela luz fraca que entrava pelas janelas. Ele era largo e musculoso, e as roupas estavam sujas de sangue.

— Angelo...? — sussurrou Corinda ao sair de trás do balcão.

Angelo deu mais um passo à frente, e a luz refletiu no canivete afiado que ele segurava em um punho ensanguentado.

# CAPÍTULO 81

Além do Além

21h19



— Corinda, corra! — berrou Dana, empurrando a mulher mais alta na direção da porta da frente.

— Não faça isso — ordenou Angelo.

Dana pegou no balcão um pote pesado de gorjetas, arremessou-o e acertou Angelo na bochecha. O vidro estourou e ele recuou com uma mão para o alto para proteger os olhos. Corinda se encolheu contra a parede. Dana ficou presa em um momento de indecisão terrível, e aquilo a imobilizou no lugar.

Angelo estava ali, o que significava que ele havia escapado da cadeia.

Karen estava morta.

Angelo estava coberto de sangue e com um canivete.

Dana se sentiu como a maior idiota do mundo, mas em vez de incapacitá-la com autodepreciação, sua fúria cresceu e se voltou como um laser contra o monstro que destruiu sua vida inteira.

Ela sabia que não podia ter esperanças de vencê-lo.

Era uma estupidez.

Aquele pensamento passou por sua mente enquanto avançava contra Angelo. Ele ainda estava desequilibrado. Ela bateu nele com as mãos esticadas e o derrubou em cima de uma mesa de cristais. Angelo bateu na mesa, passou por cima dela e caiu feio, com uma dezena de cacos terrivelmente afiados de cristal rutilado chovendo em cima dele. O canivete prateado foi embora rodopiando para o fundo da loja. Dana pulou sobre a mesa e tentou cair sobre o estômago dele com os dois pés, na esperança de tirar o fôlego de Angelo, mas ele se contorceu e escapou. Os pés de Dana bateram no piso ao lado dele, e um dos saltos pisou na mão esquerda de Angelo. Ele gritou de dor e a atacou com a canela, dando uma rasteira que derrubou Dana de bunda no chão com força. A dor disparou do cóccix até a cabeça, e ela caiu de lado. Angelo ficou de pé atabalhoadamente, sangrando de um monte de cortes no rosto e no corpo.

— Pare — berrou ele, mas depois cambaleou quando Corinda surgiu do nada e o atingiu na parte inferior das costas com um grande berrante australiano, que era mais comprido e pesado do que um taco de beisebol. Ela golpeou de maneira atabalhoada, mas

com muita força, e Angelo saiu voando para cima de outra mesa e caiu com exemplares de livros de astrologia se espalhando em volta dele.

Dana esticou a mão a fim de encontrar algo para arremessar, porém a mesa mais perto dela estava cheia de bugigangas e estátuas tribais de fertilidade, cuja maioria pesava menos de duzentos gramas. Mesmo assim, Dana começou a lançá-las o mais rápido possível quando Angelo, mais uma vez, lutou para se levantar.

Apesar de estar baqueado e cheio de cortes, ele se levantou rapidamente e começou a desviar as estátuas no ar com uma das mãos.

— Parem. Com. Isso — disse ele, pontuando cada palavra com um tapa forte.

— Eu cuido dele — berrou Corinda, e golpeou com o berrante de novo, mas desta vez Angelo estava pronto.

Ele entrou no meio do golpe, pegou o instrumento com a mesma mão que usou para desviar das estatuetas, e arrancou o berrante da mão de Corinda. Angelo rosnou e jogou o troço no meio da loja, onde bateu em um amontoado de sinos de vento.

Dana mergulhou na direção de um dos maiores cacos de cristal, mas Angelo chegou antes dela e tirou-o do caminho com um pontapé tão hábil quanto um goleiro de futebol defendendo um chute.

— PAREM! — rugiu ele, com tanta força que congelou as duas. Angelo ficou parado ali, ofegante, balançando a cabeça. — Isto não é o que vocês pensam.

— Você matou todos eles — disse Dana. — Você é um monstro.

Angelo olhou para Dana com um olhar que não era nada como ela esperava. Em vez de triunfo, ódio ou desprezo, o rosto dele estava contorcido em uma máscara de dor. De sofrimento. Lágrimas brilhavam nos cantos dos olhos.

— Não — falou Angelo. — Eu nunca matei ninguém.

— Você matou Karen Allenby — disse Dana.

Angelo pareceu chocado.

— A Karen está morta?

— Não banque o inocente. Você a matou. É o sangue dela no seu corpo inteiro. Você fugiu da cadeia e matou a Karen.

— Você está *loca, chica*. Eu fugi da cadeia para matar alguém, mas não a Karen. Nem pensar. Ela era uma das boazinhas. Eu nunca a machucaria. Escapei da cadeia porque ninguém acredita em mim, e se eu não desse um jeito na situação, eles me colocariam na cadeira elétrica.

— Você é um mentiroso e um psicopata — acusou Corinda.

— Você me chama de mentiroso? *Eso es gracioso* — disse ele. — Isso é muito engraçado, vindo de você.

— Sério? — rosnou Dana. — Você é um maluco, Angelo. Você teria me matado ontem à noite se eu não tivesse fugido de você.

— Fugido de mim? Você é realmente *loca* — riu Angelo. — Após você ter surtado no colégio, eu te segui para tentar explicar. Perdi você por um momento e depois te vi deitada na grama do lado de fora daquela casa. Eu observei do outro lado da rua até você se levantar. Segui cada passo seu para garantir que ninguém fosse te machucar. Acha que *eu* queria machucar você? Se é o que pensa, então você é doida.

— Nem tente — alertou Dana, erguendo um pedaço afiado de cristal. — Eu descobri que aquela é a casa da Karen. Foi por isso que a escolheu, por ter me visto no jardim dela?

— Aquela era a casa da Karen? — perguntou ele, parecendo estar surpreso. — Eu... não sabia disso.

— Não minta. Você estava com aquele canivete e está coberto com o sangue dela.

— Sangue dela?

Angelo olhou para as próprias roupas e depois para o ombro direito. Tentou erguer aquela mão, mas ela apenas se contraiu, e Dana percebeu que, durante a briga inteira, Angelo só usou a mão esquerda. Ele umedeceu os lábios.

— Eu...

Então as pernas subitamente cederam e ele caiu com força de joelhos.

Corinda aproveitou aquele momento para agarrar outro berrante e ergueu o instrumento para golpear a cabeça de Angelo, mas Dana

berrou:

— *Não!*

Ele desmoronou e caiu deitado de costas. Dana se aproximou de mansinho.

— Não — alertou Corinda. — É um truque.

Mas Dana seguiu devagar. Havia luz suficiente entrando pela vitrine para que ela visse o buraco aberto no ombro do macacão de prisão laranja de Angelo. O sangue, escuro como petróleo naquela luminosidade, vertia fraco da pele embaixo da roupa. Dana se abaixou e viu o que era. Compreendeu o que era.

Angelo havia levado um tiro.

Ela olhou para ele, e Angelo acenou com a cabeça.

— Não fugi... ileso. Os guardas... não acertaram uma artéria... creio eu. Mas... dói. — Ele tentou sorri. — Vocês, malucas, não ajudaram.

Dana se ajoelhou ao lado dele, mas manteve o pedaço de cristal de prontidão, caso tivesse que golpeá-lo.

— Você falou que fugiu para dar um jeito na situação... O que quis dizer com isso?

— Eu quis dizer que... não fui eu... — respondeu ele, com a voz mais fraca do que havia sido há um momento. — O pessoal da imprensa... eles entrevistaram um policial... e ele disse que estavam tentando... ligar os assassinatos... àquela droga.

— Que droga? — perguntou Dana. — Você quer dizer o Eclipse?

Ele concordou com a cabeça em um gesto fraco e falou:

— Eclipse nunca... deveria ter chegado às ruas.

Angelo estava começando a respirar de maneira estranha, e o sangue se acumulava embaixo dele. Se o ferimento de bala estava ruim antes, então a briga só o piorou.

— Era apenas para... ajudar pessoas. É por isso... que só foi dado... para pessoas como... nós...

— O quê? O que você quer dizer? Que pessoas?

Os olhos de Angelo se tornaram vidrados, mas ele olhou para Dana e para o interior dela.

— Pessoas... como você... e eu. *Personas com qualidades, chica.*

— Ele tossiu, e sangue manchou seus lábios. — É só... se sentar e...

deixar entrar. Ser levado pela... fumaça... tão fácil. É o que ele... prometeu. Sem... vício... sem onda ruim... nada ilegal... é só deixar as visões... chegarem...

E foi quando tudo fez sentido para Dana. Ela encarou Angelo enquanto as peças do quebra-cabeças saíram do arranjo errado e entraram nos lugares corretos com uma compreensão perfeita e cruel. Então Dana se voltou lentamente para Corinda. A mulher alta baixou o berrante.

— O incenso...? — murmurou Dana.

Corinda mordeu o lábio por um instante, parecendo preocupada, parecendo que queria correr.

— O incenso deveria ajudar a aflorar qualidades psíquicas — disse ela.

— Ai, meu Deus — ofegou Dana. — Não é o chá. Eu estou respirando a droga desde que comecei a vir aqui para fazer ioga, não é? Há *semanas*. Você vem me drogando há semanas. Por que faria isso?

— Ela, não — disse uma voz. — O incenso era apenas para alunos especiais.

Dana deu meia-volta de supetão quando um homem andou lentamente na direção delas, vindo dos fundos da loja. Ele usava calças pretas folgadas e uma camisa azul de tecido aveludado enfeitada com sóis e planetas girando. O sujeito se abaixou e pegou o canivete de Angelo.

— Uma bela arma. — Ele jogou fora e sacou uma faca da barra da camisa. — Mas eu prefiro a minha — disse Luz do Sol.

# CAPÍTULO 82

Além do Além

21h36

E o mundo, que estava se segurando em sua última dobradiça retorcida, se soltou e caiu.

Dana olhou horrorizada.

Corinda tapou a boca com a mão, como se tentasse conter o tipo de grito que a destroçaria. No chão, Angelo tentou se levantar, com o corpo se contorcendo em espasmos, mas desmoronou para trás e ficou imóvel, com braços e pernas espalhados.

Parado no limite das sombras, Luz do Sol olhou de uma para a outra e depois de volta para Dana.

— E agora, meu bem, você compreende?

Dana não disse nada.

— Você está pronta, Dana, para me ajudar a limpar este mundo do pecado, da fraqueza e da impureza?

Os lábios dela se mexeram, e Dana se ouviu repetindo as palavras.

— Limpar? Como?

— Com sangue, é claro — respondeu Luz do Sol, dando pequenos passos à frente. — Essa é sempre a maneira. Sangue é vida. Não, deixe-me ser mais preciso: sangue é o caminho para a vida. Todos nós nascemos ensanguentados, não é? Nascemos ensanguentados e com dor, chegamos a este mundo berrando. Isso não é diferente. A Idade Vermelha está se aproximando, e nós, os poucos consagrados, vamos ajudá-la a chegar. Seremos as parteiras do nascimento de um mundo melhor que está por vir.

— Você é... você é...

— A palavra que você está procurando é “profeta” — disse ele. — E todo profeta tem que ser louco pelos padrões do mundo comum, pois eles enxergam um mundo diferente que está além da visão dos cordeiros. Por milhares de anos, as pessoas como nós, sim, como *nós*, têm sido caçadas, apedrejadas, crucificadas e queimadas vivas porque enxergamos um mundo maior do que o resto do rebanho humano jamais verá. E em cada era do mundo, quando um profeta surge para pregar a vinda de um mundo melhor, ele é assassinado. Seu próprio sangue é derramado como um sacrifício à estupidez, ao medo e às mentes tacanhas. O Cristo de sua fé foi espancado, chicoteado e pregado a uma árvore por ter falado sobre a vinda de

um mundo melhor. Houve muitos mais. Isso termina aqui, comigo, conosco, na noite de hoje.

— Não — resistiu Dana, mas estava quase hipnotizada pelas palavras de Luz do Sol.

Ele falou suavemente, em tom baixo, sem histeria ou força. Falou de forma sensata, como se ambos compartilhassem aquele lugar e aquele destino. Dana se sentiu agarrada àquelas palavras.

— Não dê ouvidos a ele, Dana — alertou Corinda, mas a voz soou como se estivesse a um milhão de quilômetros de distância. Fraca e sem sentido.

— Eu falei para você sobre pessoas com qualidades, Dana — continuou Luz do Sol, se aproximando cada vez mais. — Eu tive meu rebanho, meus apóstolos. Você os viu aqui, indo e vindo das sessões de aperfeiçoamento psíquico. Eles eram os mais fortes dentre aquelas pessoas como você. Como nós. Cada um tinha dons especiais. Cada um estava no processo de *transformação* em algo diferente, de se livrar da casca do *era* e entrar no estado do *será*. Você compreende?

Dana se sentiu concordando com a cabeça.

— Eu selecionei cada um e os guiei, cultivei-os como as flores raras que eram. E quando ficaram suficientemente fortes, eu os apresentei aos segredos da Idade Vermelha. Mas... — E aqui Luz do Sol pareceu genuinamente triste. — ... nem todo mundo foi feito para entender conceitos superiores. Nem todo mundo tem a coragem, a grande compaixão ou a visão para fazer o que é necessário para salvar o mundo de si mesmo.

— E você os matou?

— Claro que sim. Eu os libertei de suas fraquezas e os despachei para voar no éter, na direção de uma próxima encarnação, que espero que seja melhor, na qual mais de suas origens como nefilins brilhem. Suas mortes alimentaram a passagem que nos levará à Idade Vermelha.

— Ah, meu Deus... — choramingou Corinda.

O berrante caiu da mão dela e fez barulho no chão. Ninguém ao menos notou.



— O Eclipse foi desperdiçado neles — falou Luz do Sol. — É tão raro, tão difícil de obter, de refinar. A química é complicada, mas os efeitos são sublimes. Para os comuns, as ovelhas, é uma onda barata que dura algumas horas e vai embora sem efeitos colaterais. Sem vícios, sem deterioração de tecidos. Ah, mas para aqueles com qualidades, há uma reação química completamente diferente. O Eclipse penetra fundo e vive no sangue. Ele *canta* no sangue. E acende todas as luzes até que a mente resplandeça como os raios de um sol brilhando por trás de uma lua que o obstrui. Uma luz que não pode ser escondida. Que delicada, que linda.

Ele deu outro passo e agora estava bem perto de Dana.

— Você sentiu, não foi, meu bem? Sua mente esteve fechada e agora está aberta. Gloriosa e maravilhosamente aberta. Queime um incenso por dia, todos os dias, e em breve suas qualidades vão aflorar exponencialmente. Dana, você pode se tornar tão poderosa quanto eu. Pode compartilhar o poder comigo. Pode me ajudar a salvar o mundo, transformá-lo, *governá-lo*.

— Sim — murmurou ela, e agora foi Dana que deu um passo na direção dele.

O pequeno crucifixo pendurado embaixo da blusa pareceu subitamente queimar contra a pele dela.

Luz do Sol sorriu para Dana, e havia tanto amor em seus olhos... Como o amor de um pai deveria ser. Como qualquer amor deveria ser. Completamente tolerante, completamente receptivo. Um amor que permitia que ela fosse quem era. Que a encorajava a se tornar o que quer que ela quisesse ser.

— Você é o meu anjo — disse ele ao afastar uma mecha de cabelo ruivo da bochecha de Dana. — E juntos nós daremos a luz a uma nova era de anjos e gigantes. Juntos, nós banharemos este mundo em sangue.

— Sim — disse ela. — Sangue.

E foi então que ela acertou Luz do Sol com um pedaço de cristal do tamanho de um punho com toda força que tinha.

O pedaço de cristal entrou na bochecha, rasgou pele e acertou osso, fez Luz do Sol sair cambaleando, e seu sorriso se desintegrou na boca que berrava.

Dana foi atrás dele, dando golpes com a pedra com uma força selvagem enquanto um grito indescritível irrompia do fundo do peito. Luz do Sol cambaleou, caiu em um joelho só e ergueu um braço para se defender do ataque. Dana acertou e afastou aquele abraço, e continuou golpeando sem parar, acertando ombro, cabeça, queixo e peito. Ele girou o corpo e esfaqueou Dana, que sentiu uma linha, quente como lava, ser aberta nas costelas. Ela gritou ainda mais alto e tentou esmagar a mão que empunhava a faca.

Luz do Sol estava ferido, mas era rápido.

Muito rápido.

Ele se abaixou quando o próximo golpe se aproximou, socou Dana no estômago com a mão esquerda e depois tentou enfiar a faca no peito dela. Mas Dana se lançou para trás e para baixo, tentando um rolamento que aprendeu no jiu-jítsu, errou, rolou como um pneu furado e colidiu com uma mesa cheia de patuás e bijuterias, que choveram em cima dela. Luz do Sol se levantou, ainda desequilibrado, e começou a ir na direção dela, mas parou com um solavanco. Ele olhou para baixo e viu, surpreso, Angelo, mais do que meio morto, agarrando seu tornozelo com uma mão ensanguentada.

Luz do Sol deu um olhar de desprezo para ele.

— Você também poderia ter sido um de nós, garoto. Tanto poder. Tanto potencial. Tanto desperdício.

Ele ergueu o outro pé e pisou no ombro baleado do garoto. Angelo começou a urrar, mas depois desmoronou abruptamente. Inconsciente ou morto, Dana não sabia dizer.

Então ela arremessou o pedaço de cristal em Luz do Sol e atingiu o homem bem no meio das costas. O golpe lançou Luz do Sol à frente, derrubando-o em cima de outro par de mesas expositoras, onde desmoronou e foi atingido por livros e mais cristais no chão.

Mas novamente ele se levantou e afastou os destroços com um gesto furioso da mão.

— Chega! — rugiu Luz do Sol.

O rosto era uma massa de sangue, e um olho estava começando a fechar de tão inchado. Ele ficou agachado com a faca na mão, o gume reluzindo em fogo prateado.

— Eu te dei um grande dom, garota, e corri um sério risco ao fazer isso. Eu deveria te entregar para os homens que coordenam o pequeno projeto de ciências que é essa cidade. Você acha que sou um monstro? Eles são bem piores. — Luz do Sol sorriu com dentes ensanguentados. — Você não tem ideia do que te espera. Ou... do que te esperaria. Você jamais descobrirá. Eu vou te mandar gritando para a escuridão.

Luz do Sol atacou Dana com a faca, e ela sentiu a ponta desenhar uma linha ardente — quente como fogo — no estômago. Dana cambaleou para trás vários passos. A dor era incrivelmente intensa e, por um momento, ela baixou o olhar e viu o sangue que se acumulava, saindo do corte comprido através do tecido rasgado.

— Deus... — murmurou Dana, meio que uma declaração de choque, meio que uma prece.

Luz do Sol riu, ergueu a faca, avançou contra ela e deu um golpe cortante na direção da garganta de Dana.

— Não! — berrou Corinda.

Ela pegou uma mesinha e arremessou em Luz do Sol, com as bijuterias e tudo o mais. A mesa atingiu o homem no lado da cabeça e o derrubou. A seguir, Corinda agarrou o pulso de Dana.

— Vamos — gritou ela, puxando Dana na direção da porta.

Dana resistiu de início, com vontade de terminar com aquilo tudo, mas Luz do Sol já estava se levantando. Será que nada poderia detê-lo? O que *era* ele?

O homem arreganhou os dentes como um lobo e começou a se mover na direção das duas.

Dana e Corinda correram e pularam sobre mesas caídas enquanto lutavam para chegar à porta. Dana não fazia ideia da gravidade de seus ferimentos, mas ainda conseguia andar. Ainda estava viva.

Apesar de tudo, Corinda empurrou Dana para fora e se virou para bloquear a passagem de Luz do Sol. A faca reluziu, e ela caiu com um grito tão agudo e alto quanto o de uma gaivota. Mas, mesmo ao cair, Corinda abraçou a cintura de Luz do Sol para tentar atrasá-lo.

— Corra... — ofegou ela. — Dana... *corra*.

Dana correu.

Com o coração partido, mas ela correu.

Dana queria ficar e lutar, vencer aquele homem, esmagá-lo. Matá-lo. Mas ela não achava que Luz do Sol pudesse ser vencido.

Então ela correu. Sentiu o sangue escorrendo por debaixo das roupas.

Dana ouviu o homem correndo atrás dela.

Rápido. Apesar de tudo, muito rápido.

Luz do Sol estava alcançando Dana antes mesmo de ela cruzar metade da rua. Na vitrine da loja apagada do outro lado, Dana viu o reflexo do próprio corpo correndo e o homem atrás dela, muito perto, esticando uma mão para agarrá-la, segurando a faca ensanguentada com a outra.

De repente, Dana foi ofuscada por faróis e viu um carro surgir. Bem ali. Buzina aos berros. O motor rugindo, mas sem som de freios guinchando. O carro estava acelerando na direção dela.

Dana ouviu a batida horrorosa.

Mas não foi o corpo dela que foi erguido e arremessado para o alto. Dana cambaleou, rolou, caiu. Esparramada na rua, a centímetros do meio-fio, com o corpo inteiro em uma massa de dor, ela se virou e viu Luz do Sol ser jogado contra os carros estacionados do outro lado da rua. Viu o carro que o atingiu finalmente frear, derrapar e colidir com um dos veículos parados.

Dana conhecia aquele carro.

Não fazia sentido algum, mas ela conhecia.

Dana ouviu as portas se abrirem e viu silhuetas recortadas pelos faróis. Um contorno magro saindo do banco do motorista, um contorno parrudo surgindo do lado do carona. Um contorno menor saindo do banco traseiro.

Eles correram em direção a ela.

— Dana! — gritou Melissa.

— Ai, meu Deus! — berrou a mãe.

— Não, não, não — gemeu o pai quando os três a cercaram, a recolheram, a abraçaram em segurança.

Na porta, do outro lado da rua, estava Corinda com uma mão segurando a lateral do corpo, que sangrava. No chão, esparramado como um espantalho, estava Luz do Sol. Os dedos abriam e se fechavam, abriam e se fechavam. Ainda vivo.

Mas não estava se levantando.

Então surgiu um novo som. Uma sirene. E luzes. Vermelhas e azuis. Pessoas. Mais rostos. Dana ergueu os olhos e viu o tio Frank e a detetive Simpson. Viu outros policiais. Viu pessoas. Bem acima da rua, viu raios brilhando no céu e pintando as bordas das nuvens tempestuosas com fogo branco.

A mãe lhe deu um abraço apertado, o pai se abaixou para beijá-la na testa, e Melissa segurou sua mão.

# CAPÍTULO 83

Residência dos Scully

10 de abril, 17h11

Ela ficou enrolada em cobertas no sofá, dia após dia.

Estava com pontos no joelho, no abdômen e na testa. Não fazia ideia de onde saíram. Não importava.

Dana não precisou ir ao colégio. O colégio foi até ela. O senhor Sternholtz e a enfermeira a visitaram. Trouxeram flores. Pediram desculpas. Dana falou pouco com os dois, e eles foram embora.

O tio Frank Hale veio com a parceira. Os detetives disseram que encontraram Eclipse no incenso. Tinham os testemunhos de Angelo Luz e Corinda Howell. Ninguém acreditava que Dana tivesse usado drogas por vontade própria. Ela falou pouco com os dois, e eles foram embora.

O colégio enviou um psicólogo. O hospital, também. Eles disseram que suas visões não eram visões de forma alguma, mas simplesmente o resultado da droga Eclipse. De início, Dana reclamou e discutiu, mas a cada dia ficou mais fácil acreditar que tinha sido apenas aquilo. Ela fora drogada, e nada do que viu, sonhou ou se lembrava era confiável. Havia tantas mentiras e traições entrelaçadas com Luz do Sol, Corinda e Eclipse que Dana desejava que fosse possível arrancar tudo aquilo da cabeça.

Os psicólogos pareciam contentes com o ponto de vista recém-descoberto por Dana. Eles sorriram para ela. E, com o tempo, pararam de visitá-la.

Corinda estava no hospital, mas também no noticiário. Em todos os canais e jornais. De alguma forma, ela se tornou aquela que deteve um louco que se chamava Luz do Sol.

Angelo também apareceu no noticiário. Uma referência pequena e passageira sobre a retirada das acusações. Ninguém o entrevistou. Ele estava no hospital e ficaria lá por semanas, e os médicos não tinham certeza se ele resistiria. Perda de sangue, estado de choque e lesões graves empurraram Angelo até a beira do precipício. Aquilo magoou Dana. Ela rezava por ele todas as noites, agarrada à cruz dourada.

Ethan a visitava e ficava sentado com Dana todos os dias após o colégio. Ele trazia flores, chocolates e livros. Os dois ficavam de mãos dadas e não falavam muita coisa. Haveria tempo para isso, porém.

— Qual é o seu veredito? — perguntou ele numa tarde.

— Sobre o quê?

— Todo aquele lance psíquico. Percepção extrassensorial, transformação, tudo aquilo. Todo mundo no clube de ciências está insistindo para que eu pergunte o que você realmente acha. Agora, eu quero dizer. Após tudo isso. Faz sentido para você?

— É um lance de confiança — respondeu Dana, após pensar muito e com seriedade sobre a pergunta.

— Confiança? — perguntou Ethan. — Como assim?

— Todo mundo mentiu para mim a respeito daquilo. Foi tudo... — Ela parou e balançou a cabeça. — Eu nem consigo pensar a respeito sem me sentir mal. Eu *confiei* neles. Abri meu coração para eles, e eles simplesmente me fizeram de idiota.

— É, mas qual é o resultado para você? Não deveria ter percepção extrassensorial?

— Quem sabe? Eu estava sendo drogada o tempo todo. Caso tenha, quero desligar esse dom. Não é como se estivesse fazendo algo de bom para mim. Todo mundo que conheço se prejudicou por causa dele. — Dana balançou a cabeça novamente.

— Está me dizendo que nada daquilo foi real? — perguntou Ethan. — Suas visões acertaram tudo.

Ela demorou a responder.

— Eu... não sei. Há algumas partes que eu acho que não consigo explicar. As visões que eu tinha antes de a gente se mudar para cá. E como eu vi Maisie tão claramente, com tantos detalhes. Se Eclipse me fez ter visões, então por que eu a vi? Como uma droga pode ter me feito saber tanta coisa a respeito dela? Quer dizer, o que foi aquilo? E se foi apenas o poder da influência, pegando detalhes das histórias da Bíblia e do noticiário?

— A Tisa insiste que a percepção extrassensorial é real — disse Ethan — e ela é muito difícil de ser convencida em relação a qualquer coisa estranha ou assustadora. Tisa acha que é apenas uma parte da ciência que ainda não descobrimos como medir ou testar.

— Talvez. Nesse caso, vou esperar até que a gente *possa* medir. Até lá, não posso confiar em percepção extrassensorial.



— Então, no que você confia, Dana? — perguntou Ethan.

— Na ciência — falou ela. — Todo este caso se resumiu a isso. Química, psicologia, ciência forense. Isto é tudo que essa situação realmente é e, sendo assim, então posso lidar com ela. Então... é, ciência. Eu gosto de ciência. Posso confiar em ciência.

— Então isso quer dizer que você também quer ser uma cientista forense?

Dana pensou em Angelo, à beira da morte no hospital. Ela tocou o crucifixo.

— O Angelo ainda pode morrer — disse Dana. — Eu queria poder ajudá-lo. Quando ele estava lá sangrando, me deu um branco. Eu deveria ter aplicado uma compressa. Podia ter feito alguma coisa, mas não fiz.

Ela ficou sentada calada por um momento.

— Uma vez, eu segurei uma serpente-de-garter enquanto ela morria nas minhas mãos.

Ethan ergueu as sobrancelhas, mas não insistiu.

— Eu jamais vou permitir que isso aconteça novamente — jurou Dana. — Se puder ajudar alguém assim, eu quero.

Ela pensou a respeito e balançou a cabeça.

— Não, você pode ficar com a ciência forense, Ethan. É bacana e tudo mais, mas é distante demais das pessoas.

— E o que sobra para você fazer?

— Eu não sei — disse Dana, dando de ombros. — Talvez medicina.



Após Ethan ir embora, Melissa se sentou no sofá, na ponta mais longe de Dana. Elas se entreolharam, e levou um bom tempo antes que qualquer uma das duas falasse. Melissa usava um novo colar de cristais em volta do pescoço, um que Dana nunca tinha visto antes. Uma compra recente ou um presente? De uma forma ou de outra, Dana sabia de onde o colar viera.

— Você está errada a respeito dela — disse Melissa.

— Sobre a Corinda? — Dana deu um muxoxo de desdém e balançou a cabeça. — Ora, vamos, Missy, você não pode ficar aí sentada e me dizer que ainda acredita nela.

— *Claro* que acredito. Ela salvou sua vida, Dana.

— A Corinda mentiu sobre tudo.

Melissa balançou a cabeça.

— Ela contou a verdade todas as vezes.

— A Corinda mentiu sobre o Angelo.

— Ela é humana — disparou Melissa. — Todo mundo pode cometer erros. Além disso, foi o Luz do Sol que impediu a Corinda de enxergar toda a verdade.

— Então qual é a resposta? — exigiu Dana. — Ela cometeu um erro ou a culpa foi do Luz do Sol?

— Ambos. A Corinda está fazendo tudo o que é possível para te ajudar, para ajudar todo mundo nesta cidade. Se não fosse por ela, você estaria morta, e os assassinatos jamais parariam. Você já pensou nisso?

Dana fitou a irmã com surpresa.

— Eu... eu nem sei como responder.

— É porque você sabe que estou certa.

Dana virou o rosto e olhou para a parede.

— Não, não é isso que eu sei.

Melissa não disse nada. Quando Dana olhou alguns minutos depois, a irmã havia saído. Ela não ouviu Melissa ir embora.

Mas sentiu.



A família passou pela crise como pessoas que se recuperavam de um furacão ou um tornado. Eles voltaram às suas rotinas. O pai passava muito tempo no trabalho. A mãe e Charlie voltaram às vidinhas reservadas. A avó era a avó.

Melissa estava lá, mas havia algo diferente em relação a ela. Ou talvez fosse em relação a como elas eram juntas. Melissa ainda acreditava em Corinda, nos poderes e intuições dela. Dana, não.

O que ela acreditava era que Luz do Sol era um louco. Corinda era uma mentirosa.

E Dana sentiu que seu coração mudou. Ele não chegou a se partir, mas ficou frio. Ela sentiu aquilo acontecer. O mundo ficou mais frio, também. Ele se encolheu do mundo maior para algo que fazia mais sentido, mesmo que fosse uma coisa mais feia.

Dana pensou muito sobre Deus e o diabo. Sobre o bem e o mal. Durante a vida inteira, Dana aceitou o "mal" como uma parte do mundo, sem parar para levar em consideração o que ele realmente era. Ou o que significava. Agora ela não tinha escolha a não ser encará-lo como algo que ia além de um conceito do catecismo, como algo vivo no mundo. No mundo dela.

Dana viu o mal. Olhou nos olhos dele.

Ela, no entanto, não o compreendia. Será que o mal era algo que o diabo colocava nos corações e mentes dos seres humanos? Essa seria a resposta simples.

Mas não era uma resposta suficiente. Não para ela. Não mais.

Dana se perguntou se o mal foi algo que os humanos inventaram. Aquilo era horrível, mas também fazia mais sentido lógico para ela.

Significava que as pessoas, as boas e as más, tinham que ser responsáveis pelo que eram e pelo que faziam.

Luz do Sol era mau. Dana tinha certeza daquilo.

Mas por quê? Será que era doente? Será que foi traumatizado por algum tipo de abuso? Era o que os jornais estavam dizendo. Os repórteres não paravam de falar sobre isso, sobre "natureza" e "aprendizado". Sobre o que era responsabilidade de sua própria biologia e sobre como ele foi moldado pelas influências na vida. Se aquilo fosse verdade, então ele era mau ou doente?

Mas... e se não fosse verdade? Havia um monte de gente que sofria abusos. Apenas uma fração minúscula dessas pessoas algum dia fazia mal a alguém. Não era uma desculpa que fizesse sentido para Dana. Não era lógico.

Natureza? Aprendizado?

Aquilo não era uma definição do mal. E enquanto Dana pensava sobre o assunto no meio de uma noite solitária, ela se deu conta de que para alguma coisa daquele caso fazer sentido, para *Luz do Sol* fazer sentido, teria que haver uma terceira opção.

Natureza.

Aprendizado.

E escolha.

Aquilo, pensou ela, era o mal.

Fazia sentido. O raciocínio se encaixava na lógica, se enquadrava na ciência. Mas também assustava tanto Dana que ela ficou acordada a noite inteira. A menina sabia que, como todas as verdades, agora que a conhecia, era impossível desconhecê-la.

Para algumas pessoas, o mal era uma escolha.

# EPÍLOGO

– 1 –

Rua do Condado, 63

Perto da fronteira de Craiger

10 de abril, 23h11

O policial que dirigia a patrulhinha desligou a sirene assim que cruzou a fronteira da cidade, mas deixou as luzes vermelhas e azuis piscando ao dirigir para o interior. Ele e o parceiro estavam sentados em um silêncio tenso.

A noite era imensa, com montanhas de nuvens reveladas em clarões de relâmpagos da tempestade que se aproximava. O vento cortava e moldava as nuvens, de maneira que a parede frontal da tempestade se parecia como morros gigantes que se erguiam milhares de metros acima de Craiger. Os raios dentro das nuvens revelavam rachaduras e veias, como se o céu inteiro pudesse se romper e desabar sobre a cidade.

Não havia trânsito naquele ponto tão distante. O motorista acendeu o farol alto ao procurar pela estrada vicinal de terra que levava a uma pedreira abandonada nos anos 1960.

Adiante, um par de faróis acendeu e se apagou, acendeu e se apagou.

O policial parou a dez metros de distância, e os pneus amassaram brita velha e ramos de videira morta. Os carros ficaram ali por meio minuto com nada se mexendo, a não ser os faróis. As portas do sedã preto se abriram. A pintura enceradíssima e reluzente do carro era tão intensamente preta quanto os ternos dos dois homens que saíram dele. Eles andaram devagar até o carro do departamento de polícia. Um dos homens girou um dedo para indicar que eles deveriam baixar a janela. O motorista obedeceu.

— Vamos logo com isso — disse o mais baixo dos dois homens de terno preto, cujo cabelo vermelho parecia quase preto no clarão de luzes vermelhas e azuis.

Os policiais se entreolharam, mas não se mexeram. O agente Gerlach meteu a mão no bolso do interior do paletó e retirou um envelope. Ele fingiu dá-lo para o motorista, puxou-o de volta, riu e depois entregou o envelope.

— Não banque o engraçadinho — disse o policial atrás do volante.  
— Nós fizemos por merecer.

— Claro — concordou Gerlach.

Os policiais espiaram dentro do envelope, e o segundo usou o polegar para folhear o maço de notas de cinquenta dólares. Havia muitas notas. Eles fizeram gestos positivos com a cabeça um para o outro, e o policial no banco do carona guardou o envelope no porta-luvas. Ambos saíram. O segundo policial sacou o revólver enquanto o parceiro acionava a maçaneta para abrir a porta traseira. Ele meteu o braço lá dentro e puxou o prisioneiro para fora. Luz do Sol caiu pesadamente no chão e gemeu de dor. O rosto estava sujo de sangue, os olhos inchados e fechados, uma orelha praticamente arrancada. Ele rolou, ficou de joelhos e cuspiu sangue na terra. Havia pequenos fragmentos de dentes naquela sujeira. As mãos estavam firmemente algemadas atrás das costas.

— Ele está um lixo — disse Danny, que era o motorista do sedã preto.

— Acho que ele se meteu com a garota errada — riu um policial.

— Acho que sim — concordou Gerlach.

Todos estavam rindo quando Malcolm Gerlach sacou a pistola automática e atirou nos dois policiais. Duas vezes no corpo e uma vez na cabeça. Seis tiros rápidos, precisos e eficientes.

O motorista virou o rosto rapidamente, respirou fundo, acenou com a cabeça para si mesmo e puxou Luz do Sol para colocá-lo de pé. O assassino ficou ali, balançando, apenas semiconsciente.

Gerlach deu a volta na viatura até o lado do passageiro, enfiou o corpo pela janela, abriu o porta-luvas e retirou o envelope de dinheiro. Ele tirou uma nota de cinquenta e se agachou, enfiando o dinheiro parcialmente embaixo da perna de um dos policiais. Gerlach deixou outras duas serem levadas pelo vento até os arbustos, depois foi até lá e as enfiou com mais firmeza entre os galhos de algum arbusto à beira da estrada.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou o parceiro.

— Vai confundir as coisas — respondeu Gerlach. — As notas são de um assalto a banco em Reno há quatro anos. Nenhuma prisão foi feita. Eles vão enlouquecer tentando ligar aquele crime a este.

Luz do Sol assistiu àquilo tudo, com os olhos inchados atentos e o corpo tenso pelo que fosse acontecer a seguir.

— Então, qual é o seu plano para mim? — perguntou ele, com a voz grossa pela dor e ausência de dentes. — Eles vão me encontrar na estrada, morto enquanto tentava escapar?

Gerlach e Danny se entreolharam e depois caíram na gargalhada. Foi uma risada curta. Brutal. A seguir, Gerlach tirou uma chave de algemas do bolso e soltou as de Luz do Sol.

— As pessoas investiram muita grana em você, campeão — disse Gerlach. — Só porque você fez merda não significa que parou de trabalhar para o Sistema. O projeto tem que continuar.

— Eu quero...

— Não — falou Gerlach. — Isto aqui não é uma conversa. Entre no carro. Há um avião esperando.

Luz do Sol avaliou Gerlach por um bom tempo. Depois concordou com a cabeça, virou e andou na direção do sedã que os aguardava. Danny ficou com Gerlach no espaço entre os dois agentes mortos do xerife. A estrada ficava em um morro, e lá embaixo eles viram as pequenas luzes de Craiger com as nuvens gigantes que cresciam acima da cidade. O ar úmido distorcia a imagem de maneira que Craiger inteira parecia tremer, sentindo uma expectativa terrível.

— Então, qual é a nossa próxima providência? — perguntou Danny. — Tentamos uma abordagem nova com a filha do Scully?

— Não. Dana Scully é um beco sem saída — respondeu Gerlach.

— O pai ficará feliz.

O agente ruivo mascou a goma por um momento antes de responder.

— Nosso trabalho não é deixar o Bill Scully feliz, moleque. Ele obedece às ordens que recebe porque sabe o que vai acontecer caso não obedeça.

Danny concordou com a cabeça.



— O que faremos com o quadro do Luz do Sol na igreja? Um incêndio criminoso criativo ou...

— Não. Sabe aqueles dois motoristas que viviam alegando que estavam doentes? Coloque-os para resolver o problema. Lixar as paredes, se livrar de todas as provas. Limpar tudo.

— Com todo aquele sangue e tudo mais? Eles vão odiar.

— É meio que por isso mesmo.

Danny sorriu e concordou com a cabeça novamente. Eles olharam para as luzes da pequena cidade.

— Ok, e o que faremos agora? — perguntou Danny.

— Agora — disse Gerlach —, nós vamos para o Plano B.

— 2 —

Residência dos Scully

16 de abril, 02h26

Passaram-se dez dias desde a luta na Além do Além. O médico do hospital ligou para dizer que Angelo Luz estava fora de perigo.

Dana adormeceu um pouco depois das duas da manhã. A mãe e o pai disseram que ela podia ficar em casa em vez de ir ao colégio pelo tempo que quisesse. Isso foi bom, porque tudo o que Dana queria fazer era dormir.

E dormir foi o que ela fez.

Completamente, profundamente e, pela primeira vez desde que a família Scully se mudou para Craiger, sem sonhos.

Sem sonhos, sem visões, sem pesadelos.

Dana sorriu ao dormir.

– 3 –

Sede do FBI

Washington, DC

16 de abril, 23h48

O agente Delbert Albritton ergueu os olhos quando a porta de seu gabinete se abriu. As pessoas raramente iam até aquele canto remoto do prédio, e geralmente só porque se perderam ou

receberam más indicações de caminho. Ele não conseguia se lembrar da última vez que alguém fora visitá-lo. E nunca assim tão tarde. Era por isso que Albritton preferia trabalhar durante as altas horas.

O homem que entrou em seu gabinete era alto e usava um terno cinza simples e uma gravata discreta. Estava sem crachá, mas Albritton sabia quem ele era. Ele ouvira histórias sobre aquele homem, e algumas delas o assustavam mais do que os casos que Albritton investigava naquela divisão de um homem só e carente de recursos.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou Albritton.

O homem alto baixou os olhos para a pasta que chegara à mesa de Albritton há menos de uma hora. Ela estava aberta e mostrava fotocópias de documentos oficiais do departamento de polícia de Craiger, e fotos de vigilância de várias dezenas de pessoas, incluindo uma bela garota ruiva. O homem avaliou seu conteúdo; depois, estendeu a mão, passou uma unha pela beirada da pasta e a fechou.

— O que o senhor está fazendo? — perguntou Albritton.

O homem lhe deu um sorrisinho frio.

— Este caso está encerrado. Não será necessário tomar mais nenhuma providência.

— Mas eu acabei de recebê-lo.

O homem alto tirou do bolso do paletó um maço de cigarros Morley, sacudiu-o para que um saísse, acendeu-o na chama de um isqueiro de aço e tragou demoradamente.

— Perdão — disse Albritton —, eles não nos deixam fumar aqui embaixo. A ventilação é ruim.

O homem exalou fumaça azul.

— Nós podemos mandar consertar a ventilação, agente.

Ele baixou o olhar para a pasta fechada.

— Nós nos vemos por aí.

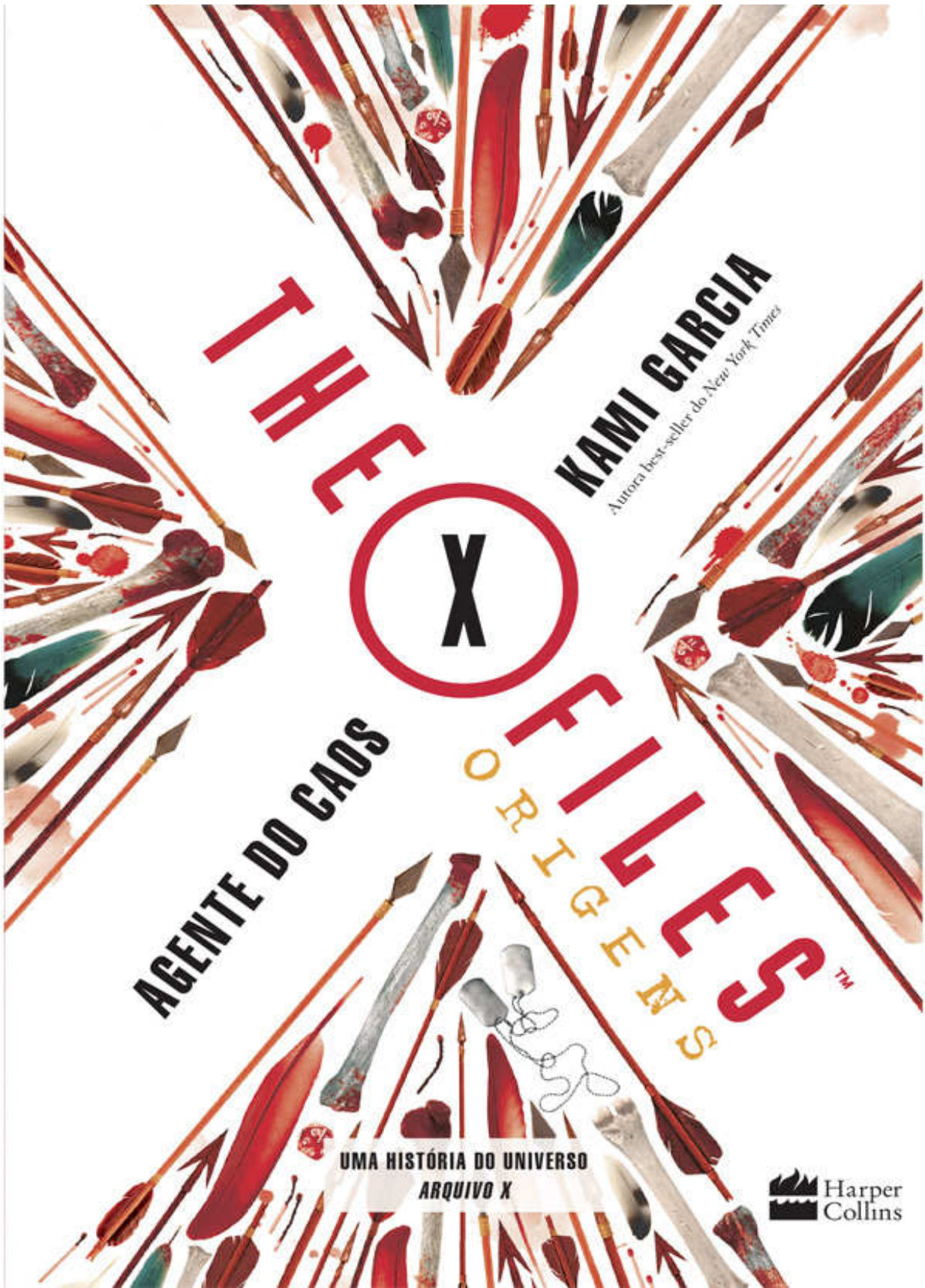
E o homem saiu, deixando sair fumaça pelas narinas como um dragão.



# AGRADECIMENTOS

Obrigado a Chris Carter, Gillian Anderson e à equipe de *Arquivo X*. Obrigado a Josh Izzo, da Fox, por me ajudar a atravessar os campos minados. Um agradecimento especial ao meu editor Erin Stein e à minha colega cronista de *Arquivo X*, Kami Garcia. Obrigado a Ted Adams da IDW Publishing por me convidar para brincar nesse mundo de alienígenas, monstros e conspirações. Obrigado a Ashleigh Ammari pelas traduções do japonês.

# CONHEÇA A HISTÓRIA DE FOX MULDER EM



**THE**

**KAMI GARCIA**  
*Autora best-seller do New York Times*

**X**

**AGENTE DO CAOS**

**FILES**  
**ORIGENS**

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO  
ARQUIVO X

**Harper  
Collins**

PUBLISHER  
Omar de Souza

EDITORA  
Giuliana Alonso

COPIDESQUE  
Taissa Reis

REVISÃO  
Rafael Surgek  
Jacira Lima



DESIGN DE CAPA E MIOLO  
Ellen Duda

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira

PRODUÇÃO DO EBOOK  
Ranna Studio

# Table of Contents

[Relatório de Campo](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[PARTE UM | ANJOS E DEMÔNIOS](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[PARTE DOIS | O MUNDO MAIOR](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[PARTE TRÊS | A IDADE VERMELHA](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça a história de Fox Mulder](#)

[Ficha técnica](#)